



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Sociologia

Tese de Doutoramento

**A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e
identidade na província de Malanje (Angola)**

Samuel Varela Spínola

Orientador(es) | Noémi Marujo

Rosalina Pisco Costa

Évora 2021



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Sociologia

Tese de Doutoramento

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

Samuel Varela Spínola

Orientador(es) | Noémi Marujo
Rosalina Pisco Costa

Évora 2021



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Maria da Saudade Baltazar (Universidade de Évora)

Vogais | Eduardo Jorge Esperança (Universidade de Évora)
José Carlos Gaspar Venâncio (Universidade da Beira Interior)
Narciso Félix Nhulilivali (ISPI- Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, Departamento de Ciências Sociais)
Nardi Abraão Dias de Sousa (Universidade de Santiago, Cabo Verde)
Rosalina Pisco Costa (Universidade de Évora) (Orientador)

Et si alternum pedem in tumulus heberem, non pigeret aliquid adiscere!

Mesmo que esteja com um pé dentro do tumulo, não tenha vergonha de assumir que está aprendendo!

Pompónio, 78 anos, prestes a render o espírito!

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à família que construí.

À minha esposa Isolina Martins Spínola pelo apoio, compreensão e carinho durante o período da feitura da tese. Por momentos da força quando transmitia cansaço ou prenúncio da desistência.

À minha filha Elmusa Maria Martins Spínola, pela ternura dos abraços e transmissão de coragem através dos olhares pequenos e ávidos.

Ao meu filho Santiago Ghael Martins Spínola, pela determinação que trouxe na minha vida de continuar a ultrapassar todas as barreiras.

Deixo-vos um obrigado por aceitarem minhas ausências em busca de novos horizontes: o infinito e a perfeição embora sabendo que não os alcançarei, mas tenciono buscar...

In memoriam

Francisco Martins Ramos

Até hoje não percebi o que se passou, se nós conversávamos todos os dias e não me deste sequer uma pista. Tudo continua suspenso no ar, todos os planos e vivências... afinal, o que se conclui hoje é fruto da sua insistência, perante tantas dúvidas e anseios meus...

Conforme dizias: "Quando eu morrer vou levitar, observar e visitar a todos." É nisso que acredito e sinto que acompanhas todos os meus passos... até um dia...

AGRADECIMENTOS

Depois de cinco anos no percurso do doutoramento, muitas pessoas contribuíram para a sua finalização. Direta ou indiretamente, em diversas fases tive suporte, apoio e esclarecimentos vários. Dedico algumas palavras de agradecimentos às personalidades que fizeram e fazem parte de trabalho.

Às minhas orientadoras, prof. Doutora Rosalina Costa e prof. Doutora Noémi Marújo, primeiramente por aceitarem orientar e guiar o trabalho que ora se apresenta; também por terem paciência de ler versões provisórias do texto, de o corrigirem e fazerem propostas várias, por não desistirem nem desmorecerem, não existem palavras para qualificar o vosso desempenho e dedicação.

Um obrigado à minha esposa Isolina, aos meus filhos Elmusa e Santiago pelo vosso apoio, carinho e compreensão; agradecido também à minha sogra, D.^a Fátima, que se disponibilizou para acompanhar a minha filha durante três meses em Luanda, Sequele, quase sempre sozinha e de manhã à noite... o seu apoio não tem palavras.

A todos os meus colegas e amigos da UMA, com quem tanto desabafei e escutaram muitas vezes o trabalho que ia desenvolvendo, nomeadamente aos professores: Bumba de Castro, José Bartolomeu, Bruss Luís, Adulai Baldé, Manuela Gomes, Yona Assis Soares, Amélia Cazalma, Manuel Mário e Almeida Matias... muito grato a todos.

Um obrigado aos meus colegas e amigos residentes da Kaop, com destaque para Luciano Chingui, Éder, Daniela Ike, Michel Aragon, Manuel Botelho e Filipe Conceição.

A todos os estudantes de Turismo, Gestão Hoteleira e Animação da UMA, Luanda e Caop, que tantas vezes ouviram falar da tese que estava a desenvolver, pelas forças que me transmitiram, meus agradecimentos; À Amiga Rita Martins; Aos meus orientandos de monografia, com quem aprendi muito por cada palavra que lia nos vossos trabalhos, nas ideias que trocamos; constituíram verdadeiras escolas.

Aos meus irmãos Ady, Neusa, Ivanilda, Evna, Ivan, Ney, Alícia e Hellga, pelas palavras incentivadoras; a meu pai Djoka um especial obrigado. Ao meu tio e padrinho Fernando, que não cansou de perguntar para quando iria terminar a tese; ao meu tio António Gomes e minha avó Angélica; à minha madrinha Cisa, segunda mãe; aos meus primos: a todos vós, obrigado...

Aos estudantes que fizeram milhares de quilómetros comigo para aplicar os inquéritos, (Viti, Walter, Matari e Baró), só nós sabemos o que vos fiz passar... agradecimentos não chegam pelas vossas ações e sacrifícios.

Às personalidades Fernando Dias, Vasco Duarte e Helena Dória pelos vossos apoios e confiança, meus agradecimentos.

Aos administradores dos municípios de Calandula, Cangandala e Cacuso, que abriram as portas para o trabalho de campo, muito obrigado. Às autoridades tradicionais (Sobas e Regedores) que prontificaram a apoiar, responder aos inquéritos e a transmitirem histórias dos seus territórios e povos, meus sinceros agradecimentos.

A todos os demais que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho, um obrigado.

À minha mãe Angelina, obrigado por me ensinar durante os 38 anos que é possível nadar contra a corrente. Exige maiores esforços e pode-se chegar mais tarde. Devias ser eterna!

Resumo

Esta tese surge de um cruzamento teórico-conceitual entre a sociologia do turismo e os estudos de turismo para analisar a complexidade dos lugares, das movimentações e do quotidiano, particularmente no que respeita aos “lugares turísticos”. Estudar a construção da realidade social dos lugares turísticos e os processos manifestos e latentes através dos quais a memória e a identidade ajudam à construção sociocultural de um lugar turístico é tanto mais importante e relevante na agenda sociológica quanto as sociedades contemporâneas são caracterizadas pela diversidade e complexidade. Paralelamente, o turismo de raízes, turismo ancestral, turismo de linhagem ou turismo genealógico têm contribuído para adensar o interesse e a investigação em torno de um tipo particular de turismo onde o turista procura principalmente uma busca pela identidade, em suma, uma extensão do seu eu. O objeto proposto para o presente estudo levanta questões ligadas às identidades, memórias, culturas, lugares, espaços e territórios. As identidades constituem-se como uma herança de significados, ligados à constituição de uma memória e de um discurso que legitima a ideia de pertença. Desse modo, a memória é importante no processo de formação identitária dos grupos, o que os leva a buscar fazer-se conhecer e reconhecer como um processo histórico dentro de uma determinada sociedade. A identidade, para além de destacar características, também diferencia um grupo e uma sociedade das outras. Considerando o acima mencionado, este trabalho é orientado pelas seguintes perguntas de partida: Qual o processo de construção sociocultural da realidade social de um “lugar turístico”? Qual o lugar reservado à memória e identidade nesse processo? Especificamente, a análise incidiu sobre Malanje (Angola). Em concreto, o trabalho assumiu como lugares turísticos três municípios dessa província: Kalandula, Pungo Andongo e Cangandala. Foi desenvolvida uma investigação de tipo misto, combinando a recolha de dados através de inquérito por questionário a angolanos residentes em Malanje e visitantes de Malanje com entrevistas realizadas às autoridades locais. O estudo conclui que a construção da realidade social veicula a identidade de determinadas sociedades e destaca as memórias coletivas das comunidades nessa construção. No caso da comunidade malanjina foi necessário olhar ao passado, mas também ao presente, à história, à geografia, analisar memórias e compreender o seu papel na construção das identidades locais. Observa-se que a construção sociocultural dos

diversos lugares turísticos não se baseia somente nos grandes feitos da comunidade ou nos grandes heróis. É a vivência, o dia-a-dia e o quotidiano das pessoas “comuns” que constroem a realidade social, em conjunto com acontecimentos de maior destaque. A análise dos dados permite ainda concluir que as memórias e identidades constroem-se em torno de estruturas materiais, mas também de aspetos imateriais, destacando-se aí as figuras das histórias, dos mitos e das lendas locais, que passam de geração em geração e apropriada em modos e tempos distintos por visitantes e comunidade local.

Palavras-chave: realidade social, lugares turísticos, memória e identidade, Malanje.

Abstract

This thesis arises at a theoretical-conceptual crossroad between the sociology of tourism and tourism studies to analyze the complexity of places, movements and daily life, particularly with regard to "tourist places". Studying the construction of the social reality of tourist places and the manifest and latent processes through which memory and identity help the sociocultural construction of a tourist place is all the more important and relevant in the sociological agenda as contemporary societies are characterized by diversity and complexity. At the same time, roots' tourism, ancestral tourism, lineage tourism or genealogical tourism has contributed to intensify recent interest and research around a particular type of tourism, where the tourist seeks mainly a search for identity, in short, an extension of his self. The object proposed for the present study raises questions related to identities, memories, cultures, places, spaces and territories. Identities are constituted as an inheritance of meanings, linked to the constitution of a memory and a discourse that legitimizes the idea of belonging. Thus, memory is important in the process of the identity formation of groups, which leads them to make themselves known and recognized as a historical process within a given society. In addition to highlighting specific characteristics, identity also differentiates a group and a society from the others. Considering the above, this work is guided by the following starting questions: What is the process of socio-cultural construction of the social reality of a "tourist place"? What place is reserved for memory and identity in this process? Specifically, the analysis focused on Malanje (Angola). In particular, the work took as tourist places three municipalities in that province: Kalandula, Pungo Andongo and Cangandala. A mixed-methods study was carried out, combining the data collection through a questionnaire survey of Angolans living in Malanje and visitors from Malanje with interviews with the local authorities. The study concludes that the construction of social reality conveys the identity of certain societies and highlights the collective memories of the communities in this construction. In the case of the Malanjina community, it was necessary to look at the past, but also at the present, at history, at geography, to analyze memories and understand its role in the construction of local identities. It is observed that the socio-cultural

The sociocultural construction of tourist places. Memory and identity in Malanje province (Angola)

construction of the various tourist places is not based only on the great deeds of the community or on the great heroes. It is the experience, the day-to-day and daily life of “ordinary” people who build social reality, together with major events. Data analysis also allows one to conclude that memories and identities are built around material structures, but also immaterial aspects, highlighting the figures of local histories, myths and legends, which pass from generation to generation and are appropriate in different ways and times by visitors and the local community.

Keywords: social reality, tourist places, memory and identity, Malanje.

Siglas e acrónimos

BACH – Bacharelato

COTONANG - Companhia Geral de Algodão de Angola

CLT – Construção de lugares turísticos

DOUT. – Doutoramento

DT – Destino turístico

ENS. – Ensino

LIC. – Licenciatura

LT – Lugares turísticos

MEST. – Mestrado

MINHOTUR – Ministério de Hotelaria e turismo - Angola

OMT/WTO – Organização Mundial de Turismo/World tourism Organization

SEC. - Secundário

SISTUR – Sistemas de turismo

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

TAAG – Transportes Aéreos Angolanos

Índice geral

Resumo	IX
Índice geral	VI
Índice de Gráficos.....	IX
Enquadramento e motivação.....	22
Perguntas de partida, objetivos e hipóteses.....	29
Estrutura do trabalho.....	36
CAPÍTULO I	40
A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL. MEMÓRIA E IDENTIDADE ... 40	
1.1 O quotidiano na construção sociocultural da realidade social	42
1.1.1 A interação e a imaterialidade na construção da realidade social	48
1.2 O lugar da memória na construção da realidade social	52
1.3 A identidade, marco fundamental para a construção sociocultural da realidade social	61
CAPÍTULO II	67
LUGARES, TERRITÓRIOS E A CONSTRUÇÃO DOS LUGARES TURÍSTICOS	67
2.1. Os espaços dentro do espaço	69
2.2. Do lugar ao território – processo da construção da realidade social.....	73
2.3 A dimensão espacial e territorial do turismo	75
CAPÍTULO III	78
TURISMO, CONSTRUÇÃO E INVENÇÃO NA PROVÍNCIA DE MALANJE – PUNGO ANDONGO, KALANDULA E CANGANDALA	78
3.1. Malanje: história e geografia a partir das narrativas de viagem	80
3.2. Pungo Andongo, Kalandula e Cangandala	90
3.3. Cultura, memórias e identidades na construção da realidade social malanjina. Solidificação e fragmentação	95

3.4. Turismo de memórias e turismo genealógico	104
3.3. O papel das figuras lendárias. Que memória e qual identidade? Ngola kiluange e filhos, rainha N’jinga e Ngola Mbandi	106
3.5 Interações, conflitos/resistências e as autoridades tradicionais. Que importância na realidade dos malanjinos?	116
3.4.1. Das primeiras interações à ‘mala hanji’ ou ‘ma-lanji ngana’ e os conflitos	116
3.5.1 O papel do comércio na interação dos homens brancos e negros em Malanje	121
3.5.2 A estruturação da sociedade: a influência da baixa de Cassanje e Cotonang	126
3.5.3 A polémica negros, brancos e mestiços no mesmo território e os latons hodiernos. Que espaço na estrutura social?.....	133
CAPÍTULO IV	141
PROBLEMÁTICA E MODELO DE ANÁLISE	141
4.2 A construção sociocultural da realidade social – o campo da interação e do quotidiano	145
4.3 Memória e identidade. Que perspectivas de análise com vista à construção da realidade social?.....	153
4.4 As linhas de análise do espaço/território na construção sociocultural da realidade social	162
CAPÍTULO V	165
METODOLOGIA	165
5.2 Problemática da investigação, abordagem metodológica e tipologia de estudo.	167
5.3 O estudo de caso	173
5.4 Técnicas de recolha de dados.....	175
5.4.1 Aproximação: contatos informais e pesquisa documental	175
5.4.2. Imersão: trabalho de campo, questionários e entrevistas	177
5.4.3 Técnicas de tratamento e análise dos dados	185

5.4.4 Questões éticas.....	186
CAPÍTULO VI.....	188
ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	188
6.1 Análise de dados obtidos através do questionário aplicado à comunidade de Malanje	190
6.1.1 Caracterização dos inquiridos de Malanje	190
6.1.2 Interação residentes - turistas	196
6.1.3 Lugares e identidade.....	200
6.1.4 Memória dos lugares, histórias de Malanje e figuras lendárias	208
6.1.5 A importância da construção dos lugares turísticos na perspectiva da comunidade segundo os papéis de: turistas/visitantes, comunidade, agentes turísticos e media	212
6.1.6 Satisfação com diversos sectores	214
6.1.7 Interferência do turismo na vida da comunidade	215
6.2 Análise de dados obtidos através do questionário aplicado aos turistas/visitantes	224
6.2.1 Caracterização sociodemográfica dos turistas e visitantes inquiridos	224
6.2.2 Visita a Malanje e interação	229
6.2.3 Lugares e identidade malanjina.....	236
6.2.4 Lugares, memórias, atividades e figuras lendárias.....	238
6.2.5 Construção dos lugares e importância atribuída em diferentes setores.....	244
6.2.6 Satisfação com vários setores: gastronomia, lazer, paisagem/natureza, hospitalidade, artesanato, interação com comunidade e atividades culturais/religiosas	245
6.2.7 Interferência do turismo na vida da comunidade	246
6.2.8 Resistência cultural e recomendações relativamente a Malanje	248
6.3 Análise de dados obtidos através das entrevistas aplicadas às autoridades tradicionais.....	250

CONCLUSÃO	258
Uma reflexão sobre os pressupostos teórico-metodológicos e os resultados alcançados	258
Limitações da investigação	265
Caminhos para investigações futuras	266
BIBLIOGRAFIA	268
Webgrafia e revistas.....	280
ANEXOS	284
APÊNDICES	289

Índice de Gráficos

gráfico 1: distribuição dos inquiridos por sexo	191
gráfico 2: distribuição dos inquiridos por situação conjugal.....	192
gráfico 3: distribuição dos inquiridos por faixa etária.....	193
gráfico 4: distribuição dos inquiridos por condição perante o emprego.....	194
gráfico 5: distribuição dos inquiridos por habilitações literárias.....	195
gráfico 6: distribuição dos inquiridos por tempo de vivência em Malanje	197
gráfico 7: distribuição dos inquiridos por interação com visitantes	197
gráfico 8: distribuição dos inquiridos por tipologia de interação com visitantes	198
gráfico 9: distribuição dos inquiridos por envolvimento da comunidade no turismo.....	200
gráfico 10: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Pedras de Pungo Andongo.....	203
gráfico 11: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Quedas de Calandula Malanje	204
gráfico 12: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Parque de Cangandala	205
gráfico 13: distribuição dos inquiridos por atração que promove Malanje como DT..	206
gráfico 14: distribuição dos inquiridos por tipologia de ligação da comunidade aos LT	207

gráfico 15: distribuição dos inquiridos por importância da Memória coletiva na CLT 209	
gráfico 16: distribuição dos inquiridos por justificativa da importância da Memória coletiva na CLT	210
gráfico 17: distribuição dos inquiridos por importância das Figuras históricas e lendárias	211
gráfico 18: distribuição dos inquiridos por interferência do turismo na vida da comunidade.....	215
gráfico 19: distribuição dos inquiridos por Influência do turismo no quotidiano	216
gráfico 20: distribuição dos inquiridos por atividades que os turistas/visitantes realizam nos lugares turísticos	220
gráfico 21: distribuição dos inquiridos por traços culturais que resistiram a influência do turismo	223
gráfico 22: distribuição dos inquiridos por sexo	225
gráfico 23: distribuição dos inquiridos por situação conjugal.....	225
gráfico 24: distribuição dos inquiridos por faixa etária.....	226
gráfico 25: distribuição dos inquiridos por ocupação.....	227
gráfico 26: distribuição dos inquiridos por habilitações literárias.....	228
gráfico 27: distribuição dos inquiridos por vez de visita a Malanje.....	229
gráfico 28: distribuição dos inquiridos por escolha de motivação de visita a Malanje - património.....	230
gráfico 29: distribuição dos inquiridos por escolha de motivação de visita a Malanje - paisagem.....	231
gráfico 30: distribuição dos inquiridos por escolha de motivação de visita a Malanje - curiosidade.....	231
gráfico 31: distribuição dos inquiridos por interação com a comunidade.....	232
gráfico 32: distribuição dos inquiridos por tipologia de interação	233
gráfico 33: distribuição dos inquiridos por percepção da envolvimento da comunidade no turismo	234
gráfico 34: distribuição dos inquiridos por formas de envolvimento da comunidade no turismo	235
gráfico 35: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Quedas de Calandula	236

gráfico 36: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Pedras de Pungo Andongo.....	236
gráfico 37: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Parque de Cangandala	237
gráfico 38: distribuição dos inquiridos por tipologia de ligações a LT	239
gráfico 39: Distribuição dos inquiridos por atração que promove Malanje como DT .	240
gráfico 40: distribuição dos inquiridos por importância da memória coletiva na CLT	241
gráfico 41: distribuição dos inquiridos por importância a figuras históricas e lendárias na CLT.....	242
gráfico 42: distribuição dos inquiridos por justificativa da importância a figuras históricas e lendárias na CLT.....	243
gráfico 43: distribuição dos inquiridos por setores de interferência do turismo	246
gráfico 44: distribuição dos inquiridos por influência do turismo na comunidade	247
gráfico 45: distribuição dos inquiridos por traços culturais de resistência cultural.....	248
gráfico 46: Distribuição dos inquiridos por recomendações de Malanje	248

Índice de quadros

Quadro 1: distribuição dos inquiridos por aspetos abordados na interação	199
Quadro 2: distribuição dos inquiridos por aspetos que consideram na CLT de Malanje	201
Quadro 3: distribuição dos inquiridos por fases importantes na CRSLT de Malanje ..	208
Quadro 4: distribuição dos inquiridos por grau de importância dos papéis de várias áreas na CLT	212
Quadro 5: distribuição dos inquiridos por grau de satisfação com diversos setores	214
Quadro 6: distribuição dos inquiridos por aspetos de abordagem.....	233
Quadro 7: distribuição dos inquiridos por aspetos importantes na CLT de Malanje ...	238
Quadro 8: distribuição dos inquiridos por fases importantes na CRSLT de Malanje ..	241
Quadro 9: distribuição dos inquiridos por grau de importância dos papéis de várias áreas na CLT	244
Quadro 10: distribuição dos inquiridos por grau de satisfação com várias áreas.....	245

Índice de figuras

Figura 1 Mapa de Angola	82
Figura 2: mapa étnico de Angola	117
Figura 3: Mapa do antigo Reino do Kongo	121
Figura 4: disposição das casas europeias e africanas	126

INTRODUÇÃO

Enquadramento e motivação

As sociedades são complexas. Esta afirmação, aparentemente simples, está na origem do trabalho desenvolvido. Mas está também no seu objetivo último, já que compreender esta complexidade é o fim que nos move. Por mais simples que aparentem, as partes que completam o “*puzzle*” sociedade são formadas por múltiplas camadas, consensos e antagonismos, mas é esta diversidade que constitui o motor da sociedade. Em particular, as sociedades contemporâneas apresentam-se como campos particularmente férteis para olhar as culturas a identidade e o modo como umas e outras fundam o dia-a-dia. Sublinhe-se, a este propósito, que “se é verdade que, nestes anos, o pós-moderno representa um clima cultural que influencia a interpretações propostas por um sector consistente das ciências sociais e da cultura humanística, não é menos exato que isso se relaciona – de várias formas – com a experiência vivida quotidianamente por milhões de mulheres e homens” (Mela, 1999, p. 134).

O tema desta tese convoca a uma reflexão e análise acerca da complexidade dos lugares, das movimentações e do quotidiano, particularmente no que respeita aos “lugares turísticos”. A construção sociocultural da realidade social constitui objeto de estudo próprio da sociologia do conhecimento, embora levante muitas interrogações em vastas áreas do saber, nomeadamente na filosofia. Para abordar a construção da realidade social é necessário olhar aos indivíduos como seres integrados na sociedade. Não significa somente o estar num espaço circunscrito junto com outros; aliás, ao referir a sociedade, assume-se desde logo que existe relação entre os indivíduos, interação e integração. Esta ideia é fixada desde logo nos trabalhos de Durkheim, que argumenta que “sem a sociedade, o homem seria um animal. É pela sociedade que o homem acede a humanidade” (Aron, 2015, p. 385). Por sua vez, a Sociologia do Turismo encontra também aqui um campo fértil, dado que esta disciplina se ocupa de analisar os impactos do turismo na sociedade, as interações e relações da comunidade anfitriã com os turistas, o comportamento, as formas de agir, pensar e ser dos agentes do fenómeno turístico. Para Cohen (2002), citado por Marujo (2013), a Sociologia do Turismo é uma especialidade emergente interessada no estudo das motivações turísticas, papéis, relacionamentos e instituições e de seus impactos nos turistas e nas sociedades que os recebem. O autor

apresenta quatro áreas de estudo da Sociologia do Turismo, com destaque para o turista, a relação entre os turistas e a comunidade local, a estrutura e o funcionamento do sistema turístico e as consequências do turismo. Estudar os lugares turísticos implica abordar mais do que somente o turista e o seu comportamento, também a envolvente, o sistema de turismo, (sistur) (Beni, 2001) e os efeitos da atividade turística nas áreas onde atua. A abordagem de Marujo (2005) sustenta que o fenómeno turístico desperta interesse do ponto de vista sociológico por causa dos impactos que provoca nos indivíduos e grupos, suscita mudanças no comportamento das pessoas e agrega conhecimento àqueles que o praticam. Dado o encontro de indivíduos de diferentes contextos sociais, culturas e costumes, permite também o confronto entre diversas culturas, contribuindo assim para o fortalecimento da identidade grupal e para a difusão de novas práticas sociais. Conforme as ideias da Organização Mundial de Turismo (OMT), aumenta também as perspectivas de obtenção da paz pela compreensão e aceitação das diferenças culturais e, por fim, também para a formação e a educação daqueles que o praticam.

A província de Malanje não é uma simples agregação de diferentes povos vindos do antigo Reino de Kongo¹. A quotidianidade, as culturas, os povos e a coexistência de tribos de várias partes tornam-se um complexo que exige uma análise em profundidade, embora assumindo que não ficam com isso esgotados todos os ângulos que completam o referido *puzzle*. Com efeito, “as sociedades africanas são como as outras: complexas e sujeitas a permanentes mutações (Gonçalves, 2005, p. 183). As ocorrências aparentemente insignificantes e repetitivas de todos os dias podem ganhar maiores significados ao serem analisadas do ponto de vista sociológico e o modelo das práticas de determinadas comunidades é, muitas vezes, imposto de forma subtil pelo desenvolvimento social até ao ponto de se tornar padronizado. A sociedade molda o indivíduo, que nasce no seio dela, onde encontra normas e costumes que identificam e diferenciam uma sociedade da outra. Os modelos não têm que estar registados ou institucionalizados para serem seguidos. A oralidade, característica viva do continente africano, constitui elemento suficiente para vincular determinadas normas dentro de grupos sociais. As gerações perdem referências de onde partiram determinadas práticas, mas, mesmo assim, mantém-se o respeito e obediência aos ancestrais e às suas práticas.

¹ Adiante será abordado de modo mais detalhado o enquadramento do Reino de Kongo.

Recusamos a ideia de que as práticas de hoje não sofreram mutações desde as origens à contemporaneidade. É a este propósito que Gonçalves (2005) nos adverte que o desafio consiste na recusa da tendência em considerar as sociedades africanas como tendo determinadas características constitutivas e inatas, específicas e imutáveis.

A identidade de um grupo e de uma comunidade é socialmente construída. Esta identidade vive nas memórias coletivas dos grupos ou comunidades aos quais se referem. Estes dois conceitos, memórias e identidades assumem papéis fundamentais na construção da realidade social. Estas memórias e identidades não se limitam somente a estruturas materiais ou físicas. No caso particular da sociedade africana, elas atingem a imaterialidade dos acontecimentos, associados às ilustres figuras das histórias, dos mitos e das lendas locais. As referências dos antepassados, seus feitos e suas famas constituem modelos para várias gerações atingindo centenas e milhares de anos. A realidade social encontra-se assente num determinado espaço físico que assume vários espaços dentro do espaço. As relações que se estabelecem pelos atores, (figuras lendárias e não só), que fazem parte desta realidade e transforma os espaços em território. Este território é o palco onde ocorrem relações sociais de diversas ordens. Constituem espaços de atuação dos ancestrais. O poder das figuras lendárias ultrapassa o mundo físico e enquadra-se numa “memória coletiva”. Figueiredos dos Santos, ao falar de património e memória social relata que a interlocução, que tem sido feita até aqui, encaminha a ideia de que o património cultural, quer assuma uma dimensão imaterial, quer exprima um edificado, pode ser pensado enquanto suporte da memória social (Santos J. M., 2017, p. 18). Neste sentido as figuras lendárias se encaixam nos patrimónios imateriais, com seus exemplos, suas práticas e ensinamentos que são expostas no dia-a-dia das comunidades.

As interações entre atores de várias classes sociais, nacionalidades, religiões e tribos são acontecimentos que podem ocorrer num território. Aliás, o fenómeno turístico, em muitos casos, favorece essa interação social. É de facto, segundo alguns autores (Cohen, 2001) e (Barreto, 2007), um fenómeno que pode alterar as estruturas sociais de uma sociedade e que, também, pode servir como fator de aproximação e paz entre distintos povos. Mas também é um facto que assume um papel fundamental na transformação dos lugares e modificações das relações dos atores sociais em determinados espaços. O turismo favorece essa convivência apelando à tolerância pelas

diferenças. Note-se que o Código Mundial da Ética de Turismo, aprovado a 1 de Outubro de 1999, em Santiago de Chile, expressa no artigo 3º dos Estatutos da Organização Mundial do Turismo, a questão da “promoção e desenvolvimento do turismo, visando contribuir para a expansão económica, compreensão internacional, paz, e prosperidade, bem como para o respeito universal e observância dos direitos do homem e liberdades fundamentais, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião” (WTO, 2019, p. 1)².

O fenómeno turístico pode contribuir para a notoriedade de determinados lugares, bem como transformar espaços em lugares turísticos devido, principalmente, ao fluxo de pessoas que vão à procura das riquezas patrimoniais e paisagísticas que muitos territórios oferecem. As riquezas culturais assumem um peso importante na motivação turística. Aliás, sem cultura não há turismo (Richards, 2007). Contudo, o turismo tem também impactos menos abonatórios que podem pôr em causa a identidade de certos povos, principalmente no mundo globalizado ou na *pós-modernidade*. Sublinhe-se que, “os argumentos relativos ao papel do turismo na cultura, nas suas formas de perceção e nos sistemas de construção do seu sentido, refletem uma tensão marcada por dois eixos analíticos essenciais: o da trivialização e desqualificação do património cultural versus sua revitalização e desenvolvimento” (Santos J. M., 2017, p. 226). Tais fatores podem favorecer uma certa pressão ao ponto de modificar as relações que se estabelecem entre os atores e as práticas culturais nestes espaços transformados em territórios. Na província de Malanje, a interação manifestada através das relações comerciais e industriais favoreceu o desenvolvimento de relações de diversos povos no mesmo território. Por outro lado, os encontros de povos com línguas diferentes deram origem a nomes que até hoje identificam espaços e territórios dos malanjinos. Os hábitos e costumes dos lugares onde o turismo constitui uma atividade importante pode sofrer influências de várias ordens ao ponto de entrar numa mercantilização cultural, invenção das tradições e alterações das formas de ser, agir e estar no meio social numa tentativa de adaptação constante à procura turística.

Um país que tem na sua formação e estruturação a escravatura, o colonialismo, atividades petrolíferas e de diamantes, guerras civis, crises económicas e os demais fenómenos sociais torna-se um profícuo e complexo espaço de análise para a compreensão da

² Tradução da Direção geral de turismo, Portugal

construção sociocultural dos lugares turísticos. Mas, por outro lado, constitui um nicho de exploração de modo a permitir melhor compreensão dos fenómenos e levantar pistas de análise e reflexão em diferentes áreas do saber. As revoltas, a resistência e os conflitos estão intrínsecos na estruturação dessa sociedade e estão representados nos seus patrimónios naturais e culturais enquanto lugares de experiência:

a importância e o papel do património natural e, bem assim, do património cultural, na sociedade contemporânea, estão plasmados na conversão desses mesmos patrimónios a lugares de experiência, como realidades vivas, cujo lento saborear só ganha um significado autêntico na sua relação com as pessoas e com as comunidades (Santos J. M., 2017, p. 9).

O facto de diferentes povos se terem encontrado no mesmo espaço deu origem aos denominados pela sociedade de *esquebra de colono*³, os mulatos. Associados aos resultados da fusão de brancos e negros também devem ter espaços na estrutura social. São vários os adjetivos que os qualificam, todavia, é conveniente perceber a origem e os problemas até chegar ao ponto de serem atribuídos uma certa posição social, bem como os adjetivos pejorativos que lhes são atribuídos, só o facto de terem a cor da pele mais clara.

Os espaços para análise aprofundada escolhidos dentro da província Malanje contêm características *sui generis*. Pungo Andongo, Kalandula e Cangandala constituem territórios com história singular. Palcos que por entre as pedras, vegetações, matos, rios e águas encobrem acontecimentos, vivências, lendas e mitos que asseguram a sociedade que hoje conhecemos e onde parecem repousar ensinamentos de antepassados que legaram às gerações hodiernas as suas práticas, costumes e vivências, apesar de períodos dantescos vividos.

Foi com este enquadramento que empreendemos o desafio de elaborar a presente tese, intitulada “A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)”. Estudar a construção da realidade social dos lugares turísticos e os processos manifestos e latentes através dos quais a memória e a identidade ajudam à construção sociocultural de um lugar turístico é tanto mais importante e

³ Refere-se aos descendentes dos colonialistas portugueses com as mulheres angolanas. Significa restos, a sobra.

relevante na agenda sociológica quanto as sociedades contemporâneas são caracterizadas pela diversidade e complexidade (Beck, Giddens, & Lash, 1994); (Castells M. , 1999); Giddens, 1998, 2000a, 2000b, 2001; (Lahire, 2003). Efetivamente, as sociedades mostram-se cada vez mais complexas e sofrem variadas influências de distintos fatores. Os espaços ocupados pelo homem passam a cada dia por transformações de várias ordens, tornando-se um palco de cruzamento de etnias e culturas. Nesse palco acontecem fenómenos capazes de modificar o processo de formação e/ou construção dessas sociedades.

Elaborar este trabalho implicou recorrer às memórias dos atores que de uma forma ou outra estão ligados à província através da cultura. Exigiu um aprofundar de abordagens destas questões de forma a analisar e compreender as ligações entre os atores e os espaços, os quais contribuem para construir Malanje como lugar turístico. O processo histórico e identitário do país exige uma pesquisa aprofundada em relação aos atores que constituem a sociedade malanjina e dos intervenientes no processo político de afirmação do turismo no país. Igualmente, exigiu uma necessidade de viajar pelas identidades e memórias de atores que outrora estiveram em contato com os lugares em causa. A escolha da província de Malanje para acolher uma das fases do mundial de Hóquei em Patins (de 20 a 28 setembro de 2013) empurrou a província para a construção apressada de infraestruturas básicas de apoio às deslocações dos países participantes, bem como dos turistas nacionais e estrangeiros. Tal facto provocou algumas alterações na comunidade malanjina. Todavia, para além dos espaços alterados num passado recente, existe toda uma história social e política que se impõe conhecer.

Angola é conhecida simbolicamente como a terra dos Palancas Negras Gigantes. Este símbolo pertence à província eleita para o estudo. Tendo em atenção a identidade dos malanjinos realça-se a curiosidade de enquadrar a importância simbólica do Palanca, tendo em conta as memórias dos atores sociais. Ela (a Palanca) é hoje em dia símbolo da seleção nacional do futebol angolano, bem como da transportadora aérea angolana (TAAG). Assim, reclama-se, junto das memórias dos referidos atores o lugar deste símbolo na construção sociocultural da província e até importância a nível nacional. Várias sepulturas de figuras históricas de Angola encontram-se na província de Malanje. Os visitantes da região de Mukulu-a-Ngola têm necessariamente que perfilar a certas

práticas culturais e rituais para poderem visitar essas sepulturas. De certo modo, encontramos traços identitários e culturais nesses rituais que despertam para um estudo mais aprofundado da cultura e dos lugares agora turísticos. Ligados ainda à cultura encontramos a história da Rainha Njinga, um dos importantes símbolos do país e da província em estudo. Em concreto, esta história desperta o interesse para compreender o papel que a figura “Rainha” tem a nível sociocultural e identitário para os atuais residentes de Malanje, os oriundos de Malanje, bem como todas as negociações havidas na época do colonialismo, as quais marcam de forma indelével a constituição da história deste povo.

O objeto proposto para o presente estudo levanta questões ligadas às identidades, memórias, culturas, lugares, espaços, territórios, entre outras. As identidades constituem-se como uma herança de significados, ligados à constituição de uma memória e de um discurso que legitima a ideia de pertença. Desse modo, a memória é importante no processo de formação identitária dos grupos, o que os leva a buscar fazer-se conhecer e reconhecer como um processo histórico dentro de uma determinada sociedade. A identidade, para além de destacar características, também diferencia um grupo e uma sociedade das outras. Ou seja, “a identidade é, assim, marcada pela diferença” (Woodward, 2000, p. 9). Por isso, importa saber a partir de quais referenciais ela é construída. A identidade também está intimamente ligada ao conceito de representação social. Se a identidade é marcada pela diferença, significa que pode estar em constante tensão com o que lhe é exterior. Mais do que uma competição podemos encontrar choque de identidades, em que haja influências provocadas por vários fenómenos que caracterizam a globalização, tendo como destaque a atividade turística, que por sua vez pode modificar os tais referenciais da identidade de uma comunidade.

Apesar das alterações que o dinamismo turístico pode provocar existem símbolos que as comunidades se esforçam por salvaguardar ao longo das gerações, de modo a diferenciar as culturas. As características culturais, apesar do seu carácter dinâmico têm a sua base fundamentada na memória de um povo, conferindo uma lembrança pessoal e podendo, também, ser construídas por uma sociedade a partir de imagens e símbolos do quotidiano e do passado, pois, “o homem não é apenas razão e vontade, não é tão-só um animal racional e político, mas também um animal simbólico, onde a imaginação constitui

um dos elementos estruturantes da sociabilidade” (Maltez, 1991, p. 125), citado por (Madeira, 2018, pp. 92-93).

Acresce que a identidade não é estática, embora tenha características padronizadas de modo a estabelecer uma certa estabilidade e passar de geração em geração. É necessário deixar em aberto esse dinamismo que possa existir devido a fatores exteriores. Na era da globalização, torna-se mais difícil afirmar e ver reconhecida uma identidade. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. (...) à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (Hall, 2006, p. 12).

Perguntas de partida, objetivos e hipóteses

Considerando o acima mencionado, este trabalho é orientado pelas seguintes perguntas de partida: Qual o processo de construção sociocultural da realidade social de um “lugar turístico”? Qual o lugar reservado à memória e identidade nesse processo?

O objeto de estudo principal é a construção sociocultural dos lugares turísticos. Os lugares turísticos são constituídos por espaços físicos, naturais, mas também por relações entre atores que no seu quotidiano desenvolvem as suas atividades. Das movimentações desses atores desde o passado ao presente desenvolvem-se padrões que identificam essas sociedades e as diferenciam das outras, favorecendo a solidificação do grupo a nível social e a nível cultural, baseando-se em práticas que se estendem a gerações. Nesta linha de pensamento, este estudo assume essa construção sociocultural da realidade social como objeto sobre o qual recai todo o trabalho, procurando relacionar o presente com o espaço, a identidade e as memórias de diferentes atores que viveram em momentos e circunstâncias diversas. Em concreto, esta tese incide sobre os processos manifestos e latentes através dos quais a memória e identidade ajudam à construção sociocultural da realidade social de um lugar turístico. Através da pergunta lançada, “Qual o processo de construção sociocultural da realidade social de um “lugar turístico”? Qual o lugar

reservado à memória e identidade nesse processo?” pretendemos recorrer às experiências e memórias dos atores a fim de traçar a construção sociocultural do lugar turístico.

O problema em estudo exige uma análise pormenorizada de modo a haver uma sistematização dos vários conceitos que necessitam de uma interligação. O objeto exige um enquadramento no património disciplinar das ciências sociais, a fim de que o estudo possa adquirir características e graus de cientificidade almejados. Como seres sociais, os indivíduos interagem uns com os outros. Em “*Mind, self and society*”, Mead destaca que “o self é social não apenas por causa da sua dimensão interacionista, mas também devido à sua dependência da partilha de símbolos, em particular da linguagem, com outros *selves*” (Baert & Silva, 2014, p. 84). Pode enquadrar a nossa análise na ideia de Mead, evocado pelos autores supracitados, o fato da construção da realidade social implicar muitas vezes interações entre diversos atores, cada um com sua cultura e identidades próprias.

A concretização deste trabalho implica recorrer às memórias de diversos atores que de uma forma ou outra estão ligados à província de Malanje. Exige também um aprofundamento destas questões de forma a analisar e compreender as ligações entre os atores e os espaços na construção do lugar turístico “Malanje”. Neste contexto, *como operacionalizar os conceitos e as técnicas a fim de obter resultados que permitam responder à pergunta de partida e atingir os objetivos propostos?* Este trabalho é largamente tributário dos estudos de (Berger & Luckmann, 2010), autores que destacam a necessidade de compreender a construção da realidade social por relação a determinados contextos em que o indivíduo se encontra inserido. Esta também é a nossa abordagem, na medida em que pretendemos perceber como se processa a construção da realidade sociocultural dos lugares turísticos, tomando como pano de fundo o contexto social, cultural e até o espaço físico que enquadra o objeto em estudo. De facto, seria um erro separar os fatores que formam esse todo. Nesta linha, conforme já foi frisado, “o quotidiano não é uma parcela isolável do social” (Pais, 2002, p. 33). Especificamente, recorreremos à auscultação das pessoas que vivem nos lugares destacados como lugares turísticos. Pretende-se descrever a forma como estes espaços se foram afirmando como lugares atrativos a visitantes; como a comunidade anfitriã perspetiva esses espaços; como a própria comunidade avalia o consumo dos espaços por estrangeiros; o histórico em

termos de memórias associadas ao espaço; as funções que os destacados espaços exerceram; os benefícios que o consumo destes lugares como lugares turísticos têm para a comunidade; por fim, a relação que se estabelece entre a comunidade anfitriã e os visitantes, dado que muitas vezes, os lugares turísticos são também lugares que fazem parte do quotidiano vivencial das comunidades.

No estudo intitulado *A invenção da Sociedade* (Revel, 1989), o autor sublinha a importância das coisas “banais” e dos acontecimentos do quotidiano para compreender o lugar que ocupam na construção da realidade. Este autor traz à tona uma abordagem das coisas mais simples e destaca como as “coisas insignificantes” adquirem importância na construção da realidade. Os grandes feitos são facilmente destacados pelas obras, pelas músicas, pelas construções. Contudo, a realidade não é feita só dos grandes feitos. Em contexto português, a obra de José Machado Pais (2002), traz em evidência a ideia da quotidianidade que aqui se destaca, realçando a ideia do que se passa quando, aparentemente, “nada passa”.

Interessa-nos também a noção de reservas de experiência que se refere à sedimentação dos saberes herdados pelo indivíduo por vários meios (Schutz, 1987). Neste caso, destacam-se as experiências adquiridas pelo próprio indivíduo, bem como pelos agentes socializadores. A construção da realidade ultrapassa a parte material e tangível. Esta perspetiva também carece de análise e, por isso, recorre-se a outros autores (Fortuna & Peixoto, 2002, p. 18), os quais sustentam, nomeadamente, que “as imagens dos lugares são formadas tanto através de elementos materiais como de elementos imateriais e intangíveis das paisagens urbanas”. O presente trabalho aborda a questão da realidade social, memórias e identidades e, por isso, assume como referência o trabalho desses autores a fim de enquadrar essa intangibilidade que a realidade possui e compreender em que medida a imaterialidade contribui para a construção sociocultural da realidade social.

A problemática já enunciada encaminha o investigador para os seguintes objetivos que pretende concretizar:

Objetivo geral

Analisar e compreender, em perspectiva sociológica, o processo de construção sociocultural de lugares turísticos.

Objetivos específicos

1. Descrever e analisar de modo aprofundado o processo de construção sociocultural da realidade social de um lugar turístico
 - a. Trajetória (fases e sub-fases)
 - b. Intervenientes (agentes turísticos, media, comunidade local, visitantes)
 - c. Impactos socioculturais (ao nível económico, político, ambiental, populacional)
 - d. O sentido das apropriações múltiplas de que esse processo é alvo (agentes turísticos, media, comunidade local, visitantes)
2. Compreender o lugar da memória e da identidade no processo de construção sociocultural da realidade social de um lugar turístico
 - a. Memória dos espaços/territórios (principais lugares de memórias e respetivas representações socioculturais)
 - b. Memória dos indivíduos (divididos em duas categorias principais: i. angolanos residentes em Malanje, ii. visitantes de Malanje).
3. Compreender o lugar da memória na construção sociocultural de “lugares turísticos” e, simultaneamente, da identidade sociocultural dos indivíduos e dos espaços a eles associados.

Levando em consideração estas premissas, ilustrando questões que provém da própria pergunta de partida, levantam-se algumas hipóteses:

H1 - A construção sociocultural da realidade social de um lugar turístico baseia-se na quotidianidade da comunidade do lugar.

Perante esta hipótese lançada o estudo vai procurar através de informações disponíveis infirmar ou confirmá-la. Para o efeito, recorre-se às informações provocadas, nomeadamente inquérito por questionários e por entrevistas, como meio complementar de modo a efetuar triangulações para um maior sustento da investigação.

Vários autores estudaram as memórias em diferentes perspetivas. Neste trabalho tomamos como autores de referência (Pollak M. , 1992), *Memória, esquecimento e Silêncio*, que nos traz uma abordagem que destaca a memória e o esquecimento. Vários fatores podem contribuir para o esquecimento de fatos e uma “simples” omissão/silêncio perante determinadas memórias podem fazer com que novas conotações sejam adotadas perante factos. Nesta linha, do trabalho que nas entrevistas exploratórias se fez, ficou a percepção do silêncio, perante algumas questões, num sinal claro de como determinados assuntos ferem algumas sensibilidades. Esta percepção vem relevar ainda mais a importância do trabalho de Pollak (1992) para a presente investigação. Também (Sousa, 2008) in *A Memória como Elemento de Construção de uma Identidade*, avança com uma abordagem interessante que liga os conceitos de memória e identidade. A memória aparece como elemento da construção da identidade, perspetiva que nos conduz de novo a questionar o objeto de estudo, a fim de repensar a importância da memória para a identidade de um indivíduo e, simultaneamente, da comunidade.

Aquando da pesquisa sobre memória e sua contribuição para a construção da realidade social tomamos como referência esses e muitos outros estudos que importam ao estudo concreto do fenómeno turístico. Assim, pretendemos compreender até que ponto a memória interfere na construção de um lugar turístico. Para o efeito, este estudo recorre á análise documental, mas vai também buscar junto dos diferentes atores pré-seleccionados a resposta para as questões levantadas em torno da relação entre os lugares e as memórias. Destacando o processo de memória no sentido colectivo mais do que individualizado, busca-se também o fundamento de determinadas práticas, lendas, histórias que construíram progressivamente os espaços ao longo do tempo. Perceber a longevidade dessas memórias através da aplicação de questionários à comunidade anfitriã foi igualmente um desiderato desta investigação.

Associado à memória surge o conceito de identidade. Nesta tese, especificamos em concreto o papel da identidade na construção de um lugar. Ainda, pormenoriza-se essa construção nos lugares turísticos de Malanje. Os estudos de Hall, nomeadamente *A*

identidade cultural na pós-modernidade (1998) fundamentam parte da perspectiva que adotamos para abordar o objeto de estudo. O conceito da identidade é aí trabalhado num quadro de pós-modernidade, onde a identidade é muitas vezes posta em teste por influências de diversa ordem. Para enquadrarmos a abordagem que trazemos para o debate incluímos igualmente a perspectiva de Parsons (1969), que trabalhou a sociedade numa perspectiva de evolução e comparação. Apesar de datado, este trabalho é inspirador para olhar às questões de “evolução da sociedade”, isto é, perceber até que ponto a comunidade que habita nos lugares turísticos se deixa influenciar pela atracção das “evoluções”, tendo em conta várias realidades a que estiveram ou estão expostas., No trabalho *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural* Brandão (1990) enquadra a identidade na construção da identidade e reforça o papel da cultura nesse processo. Esta abordagem enquadra o que conhecermos da história das colónias portuguesas, em concreto, os efeitos da imposição de novas formas de cultura, inclui a língua. Trata-se, pois, de aspectos a ter em conta, já que o espaço que trazemos para estudo viveu com esta realidade de aceitar/resistir a uma cultura nova/cultura alheia.

No que respeita particularmente à memória e identidade, e levando em conta os objetivos do trabalho avançamos com uma segunda hipótese, segundo a qual:

H2 - A memória e a identidade são fundamentais para a construção sociocultural da realidade social de um lugar turístico.

A questão da construção da realidade social estende-se aos espaços e territórios onde se dá essa construção. Envolve componentes socioculturais e componentes naturais dos espaços. Como as relações que se dão nos espaços, estes transformam-se em territórios, que se movimentam sobre os espaços. Perante o objeto de estudo que enfatiza a construção da realidade social dos lugares turísticos de Malanje, um conjunto de sub-questões emerge. Pretendemos analisar como um determinado lugar se desenvolve ao ponto de ser designado de “território” ou “lugar turístico”. Como se dá este processo? Por que fases passa? Qual a importância que os lugares e territórios têm na construção da realidade social de um lugar turístico?

A teoria de Lefebvre (Lefebvre, 1991), um dos primeiros autores modernos a teorizar sobre o espaço enquanto produto e produtor social serve de inspiração para o enquadramento do nosso estudo, dado ser nossa intenção ir para além dos espaços físicos

em estudo, mas sim atingir as produções nos espaços, as relações que se estabelecem e especificamente os lugares turísticos de Malanje. Sustentado na ideia de Lefebvre (1991), o processo de produção social do espaço reporta-se a uma relação dialética entre as práticas sociais relativas ao quotidiano vivido. Alinhado com este pressuposto base, esta tese reconhece e valoriza o papel da vida quotidiana nos lugares turísticos. Para tal, é necessário atender à vida quotidiana nos espaços, justamente de onde emanam as relações da comunidade com os turistas. É necessário compreender o contacto e a convivência dos dois atores no mesmo território, com perspetivas diferentes; e é também conveniente perceber a (eventual) aceitação da comunidade e como se processa essa aceitação.

Estrutura do trabalho

A organização dos conteúdos que dão corpo a esta tese acolheu uma estruturação com lógica sequencial. Esta estruturação respeita o fio lançado pela pergunta de partida e operacionalizado através dos objetivos do trabalho. A tese está dividida em seis capítulos para além dos elementos pré-textuais, introdução e elementos pós-textuais e conclusão. Na componente inicial, a *Introdução* faz uma síntese do trabalho com enquadramento do tema e a motivação no que concerne à investigação em torno dos principais tópicos em estudo. Assume-se aqui o papel da memória e identidade na construção da realidade social como objeto central; esclarece-se a questão primordial da investigação, a qual lança inquietações, donde surgem outras questões a que importa dar resposta. Esta secção inclui também a clarificação dos objetivos, geral e específicos, que dão sustento a todo o trabalho, bem como as hipóteses da investigação. Fecha esta parte a apresentação da estruturação do trabalho.

Delineia-se então o primeiro capítulo intitulado *A construção da realidade social. Memória e identidade*. Este traça o enquadramento teórico da questão a partir do contributo de vários autores em torno da temática da construção sociocultural da realidade. Neste capítulo são também exploradas as teorias à volta do quotidiano na construção da realidade social, daí reconhecendo como “o comum”, “o quotidiano” e “o dia-a-dia” tem extrema intervenção na construção da realidade social das sociedades. Os conceitos de interação e imaterialidade colhem destaque primordial neste contexto e a memória e identidade são consideradas conceitos essenciais para a construção sociocultural da realidade social. Ainda neste capítulo são trazidas abordagens de vários autores que concorrem para o reconhecimento de que o lugar da memória e identidade na construção sociocultural da realidade social manifesta uma não neutralidade da identidade e memória na construção da realidade social. Por um lado, abordam-se os dois conceitos separadamente; por outro, buscam-se os pontos de convergências/divergências, bem como a complementaridade de ambos no processo da construção sociocultural da realidade social.

O segundo capítulo tem como título *Lugares, territórios e a construção dos lugares turísticos*. Começa por fazer uma análise ao contexto físico existente, para

posteriormente destacar os aspetos que progressivamente os sustentam como lugares turísticos. Destaca também os *espaços dentro do espaço* e ilustra como dentro do espaço podem conviver vários e diferentes espaços em prol da construção da realidade social. Comporta, em concreto, secções especificamente dedicadas a explorar os processos que permitem passar do lugar ao território – processo essencial para a construção sociocultural da realidade social e a dimensão espacial e territorial do turismo. Aqui elucida-se o papel da atividade turística nos espaços e como esta atividade pode influenciar as transformações dos territórios.

O terceiro capítulo intitula-se *Turismo, construção e invenção na província de Malanje – Pungo Andongo, Kalandula e Cangandala*. Inclui uma descrição histórica e geográfica de Malanje, alicerçada principalmente em narrativas de viagem. Centraliza-se nos três municípios eleitos para o estudo. Faz caracterizações e busca o entendimento através de variados pontos de vista, a fim de encontrar denominadores comuns. Neste capítulo inclui-se a secção “Cultura, memórias e identidades na construção sociocultural da realidade social malanjina. Solidificação e fragmentação”, atendendo a que, devido ao processo histórico que a província e o país viveu foi necessário analisar os choques culturais e as interferências no processo da construção da realidade social. Salienta-se também o papel das figuras lendárias na construção sociocultural da realidade social, onde as figuras da Rainha N’jinga N’gola Mbande e o pai Ngola Kiluange constituem destaques e referências inolvidáveis para o povo malanjino. Conforme frisado, a província enfrentou vários problemas historicamente situados, como a escravatura, colonização e guerra civil. Nesta linha, a pesquisa efetuada assinala os conflitos, as resistências e o papel das autoridades tradicionais, verificando a importância que assumem na construção sociocultural da realidade social. Igualmente, também a questão do choque cultural é manifestamente posto à prova no processo de comunicação entre povos diferentes e de línguas diferentes. Assim subintitulamos “Das primeiras interações à ‘mala hanji’ ou ‘ma-lanji ngana e os conflitos” uma outra secção, a fim de verificarmos como se processou esse encontro e que importância teve na construção da identidade de um povo. Um povo que vive e viveu no encontro de diversos povos teve no comércio um papel fundamental para a interação cultural, nomeadamente na estruturação dos espaços construídos e no relacionamento quotidiano. Neste contexto, a história da Baixa de Cassanje e a importância assumida pela fábrica Cotonang merecem destaque autónomo.

A problemática da interação entre o homem negro e branco foi incluída em “O papel do comércio na interação dos homens brancos e negros em Malanje”, uma vez que um dos fatores que obrigou à interação entre os dois grupos foi justamente o comércio. As múltiplas relações entre africanos e europeus foi decisiva na estruturação atual de Malanje. Ainda neste capítulo analisamos alguns pontos que tocam a cultura, principalmente imaterial, com destaque para “Marimba, músicas, danças e a importância da cultura imaterial da sociedade malanjina”. Por fim, este capítulo traz a lume “A polémica negros, brancos e mestiços no mesmo território e os latons hodiernos. Que espaço na estrutura social?”, constituindo-se como momento de destacar alguns outros acontecimentos históricos que moldaram a sociedade e onde se enquadram, hoje, os denominados na gíria de *latons*. A investigação empírica revelou a preocupação das pessoas e, ao mesmo tempo, receio em tocar no assunto. Não obstante, considerou-se que este tópico não podia ser escamoteado, razão pela qual vai buscar se procurou interrogar a quotidianidade da província relativamente à população que até pouco tempo era identificada e diferenciada nos bilhetes de identidade como “raça negra”, “raça mestiça” e “raça branca”, diferenciação essa ainda hoje perceptível em inúmeros ditos populares.

O quarto capítulo aparece sob o signo de *A construção do modelo de análise*. Este capítulo busca referências teóricas testadas e comprovadas a nível do quadro científico para enquadrar o nosso problema em estudo e analisar quais os modelos que melhor se enquadrem. Analisa os grandes pontos do trabalho com base em estudos feitos e perspectivas próximas das exigências do objeto em estudo para uma melhor problematização. Leva em conta as questões da investigação e as hipóteses lançadas. Especificamente, traz como títulos secundários a construção sociocultural da realidade social – o campo da interação e do quotidiano, memória e identidade, as perspectivas de análise com vista a construção da realidade social e as linhas de análise prosseguidas na decifração da construção sociocultural da realidade social.

O quinto capítulo incide especificamente sobre a metodologia. Este espaço é dedicado a todo o processo metodológico, desde o início do trabalho ao término do mesmo. Detalha a metodologia adotada, onde se destaca e se justifica o longo caminho de pesquisa, incluindo opções assumidas para abordar o fenómeno em estudo. Pormenoriza a problemática, abordagem metodológica e tipo de estudo. Destaca o estudo

de caso eleito para investigação aprofundada e detalha as técnicas de recolha de dados, incluindo informação sobre a aproximação aos contactos informais e pesquisa documental entre Angola e Lisboa. Pelo importante papel que desempenharam, detalham-se também as pesquisas efetuadas nas bibliotecas da província, universidade e livrarias, bem como pesquisas documentais nas administrações locais e na biblioteca de ultramar em Lisboa. No que concerne à informação provocada, descrevem-se também os procedimentos de recolha aprofundada no âmbito do trabalho de campo especificamente desenvolvido para os propósitos desta investigação, incluindo a realização de questionários e entrevistas. A terminar este capítulo abordam-se as questões éticas que se afiguraram particularmente relevantes na pesquisa efetuada.

A seção seguinte – sexto capítulo – aborda a interpretação e discussão dos resultados, organizada que está em análise de dados relativos à comunidade de Malanje e análise de dados provenientes dos questionários aplicados aos visitantes. Esta discussão tem como suporte principal a análise estatística efetuada com recurso a software SPSS IBM Statistics. Caracteriza os inquiridos e analisa as interações entre comunidade e turistas tendo em conta os dois pontos de vistas. Discute também os lugares e as identidades, memórias em torno dos lugares históricos e figuras lendárias das províncias, os papéis de vários setores na construção da realidade social, a satisfação com diversos fatores e as interferências e influências do turismo na vida da comunidade, sempre atendendo os dois conjuntos de inquiridos. As entrevistas efetuadas às autoridades tradicionais encontram aqui as suas análises e discussões com base em quadros e categorização das respostas.

Por fim, entramos na conclusão geral do trabalho. Esta sintetiza as conclusões parciais de todos os capítulos do trabalho e retira as respetivas ilações. Retoma os pressupostos metodológicos assumidos no trabalho, objetivos e perguntas de investigação para concluir sobre as hipóteses inicialmente estabelecidas. Traz também as limitações da investigação, ao mesmo tempo que traça os caminhos para investigações futuras. Dada a impossibilidade de esgotar o tema, e atento a temas que, entretanto, foram surgindo ao longo do trabalho e do tempo, levantam-se pistas que ficam em aberto para posteriores investigações, seja por parte do autor, seja de outros investigadores com interesses afins. O trabalho termina com a inclusão de elementos pós-textuais de suporte, designadamente a bibliografia, webgrafia, anexos e apêndices.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL. MEMÓRIA E IDENTIDADE

Este primeiro capítulo, intitulado “A construção da realidade social. Memória e identidade”, busca as mais diversas abordagens acerca dessa construção para expor à compreensão. Em concreto, pretende-se desmontar as várias e diferentes camadas que, na visão de vários autores podem constituir o todo duma sociedade. Ainda, almeja-se destacar a quotidianidade, assumindo que a construção de uma sociedade recai sobre os acontecimentos apenas aparentemente simples e comuns, frequentemente desvalorizados. O capítulo analisa a importância da interação na construção sociocultural da realidade social, bem como a imaterialidade. Devido às relações existentes nos palcos da atividade turística necessariamente tem que haver contactos entre diversos atores. O percurso histórico e a atualidade da região em estudo obrigam a interações várias, daí a necessidade de procurar teorias que sustentam as interações nos palcos das comunidades. Quanto à imaterialidade, torna-se imperativo analisar a cultura imaterial, os mitos, lendas e oralidade para um melhor enquadramento e perceção sobre a sua contribuição para a compreensão maior no contexto da sociedade africana. Memória e identidade constituem também palavras-chave para o trabalho que ora se apresenta. Fia-se a pertinência que ambas têm na construção de uma sociedade. Os estudiosos dessas matérias abordam os seus papéis de forma separadas e também em conjunto, dado a impossibilidade de isolá-los quando o foco é a construção da realidade social.

1.1 O quotidiano na construção sociocultural da realidade social

O meio onde o homem se encontra inserido constitui a sua realidade. O homem encontra sentido no lugar onde habita: o ambiente físico, mas também as preces, os costumes, os lamentos e as festividades fazem a realidade e ajudam a construir a identidade, expresso na observação de que “a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (Freire, 1984, p. 43). Este mundo é a sua realidade, que não se constrói no vazio, sim num caminhar lento de dias, meses e anos, que o antecede e procede.

Berger e Luckmann, na sua obra *A construção Social da Realidade – um livro sobre a sociologia do conhecimento* associam de forma inextricável a construção social da realidade a determinados contextos em que o homem se encontra inserido:

A compreensão da «realidade» e do «conhecimento» se situa de certa maneira, num meio termo entre a do homem comum e a do filósofo. O homem comum por norma, não se preocupa com aquilo que é «real» para ele e com o que «conhece», a não ser que tropece num problema qualquer (Berger & Luckmann, 2010, p. 14)

Os autores mostram a posição do sociólogo, que difere das outras posições pela imposição da própria disciplina em causa. Para eles, o sociólogo é forçado, quanto mais não seja pela própria lógica da sua disciplina, a questionar se a diferença entre as duas realidades não pode ser compreendida em termos das diferenças entre as duas sociedades (Berger & Luckmann, 2010). Neste sentido, emerge uma certa relatividade entre os vários pontos de vistas acerca da construção da realidade social. Eles ilustram a génese do estudo da sociologia do conhecimento, com destaque para Mannheim, Max Scheler na Alemanha, o pensamento Marxista, o pensamento Nietzscheano e Historicismo (Berger & Luckmann, 2010, p. 17). Os autores destacam também trabalhos afins desenvolvidos por Merton, Parsons e Geiger (Berger & Luckmann, 2010, p. 23).

Abordar a realidade social encaminha-nos para o interesse de trabalhos realizados em investigações cujo objeto recai sobre as coisas *banais*, as massas. Esse interesse para estudar o comum é relativamente novo: “[a]s razões do interesse pelo popular são bem evidentes. A partir do momento em que a análise histórica se passou a interessar pelas

massas e já não pelos reis, pelos heróis, pelos criadores que deixaram um nome, passou a ter o dever, evidentemente, de ir ao encontro da voz dessas multidões anónimas” (Revel, 1989, p. 45). A realidade social é assim a realidade baseada no quotidiano. Esta realidade, conforme defende Berger e Luckmann, é privilegiada e predominante: “é impossível ignorar, e até difícil, diminuir a sua imperiosa presença” (Berger & Luckmann, 2010, p. 33). Esta visão ilustra o peso da realidade do quotidiano sobre as sociedades e sobre a própria construção social da realidade. Esse quotidiano que muitas vezes passa despercebido dos olhares é um objeto rico a ser estudado, pois faz parte da realidade. Conforme afirma Machado Pais, “o quotidiano não é uma parcela isolável do social” (Pais, 2002, p. 33). Muito habituados aos acontecimentos de destaque, das grandes épocas e dos grandes impérios, a vida do homem simples no seio da sociedade continua com sucessivos e muitas vezes repetitivos acontecimentos que caracterizam uma determinada comunidade.

A construção sociocultural da realidade dá-se na interação com outros membros da sociedade. Os autores são claros em relação a este aspeto ao ponto de afirmarem que: “de facto, não posso existir na vida quotidiana sem estar sempre em interação e comunicação com os outros” (Berger & Luckmann, 2010, p. 35). A interação não acontece somente com os elementos com os que convivemos todos os dias. Mantém-se uma ligação com os personagens do passado, que de certa forma nos legaram algumas práticas. Assim sendo, “as minhas relações com os outros não se limitam aos conhecidos contemporâneos. Também me relaciono com antecessores e sucessores, aqueles outros que me precederam e me seguirão na história global da minha sociedade” (Berger & Luckmann, 2010, p. 45). Deste modo, o ser humano convive no seu presente com o passado, com a história e os costumes solidificados e também com o futuro, no sentido em que perpetua e passa às gerações vindouras a regência da comunidade onde se encontra inserido e que faz com que os três mundos: presente, passado e futuro.

Na mesma linha de pensamento (Bauman Z. , 2008), reforça a ideia de união e convivência. “*Al encontrarse de tal modo unidas, esas personas se encontraban a la perspectiva de que tendrían que vivir en extrema cercanía con sus vecinos por un largo período de tiempo*” (p.58). A relação na vida quotidiana entre os atores suscita comportamentos ou maneiras de ser que estabelecem um certo padrão ou modelo e esta padronização pressupõe sempre o fator tempo. Verifica-se uma subjetividade de cada

indivíduo que acaba por assemelhar-se a uma objetividade generalizada. O agir dos diferentes atores no palco social assemelha-se ao ponto de serem consideradas naturais.

Podemos afirmar que estão padronizadas, assegurando:

sei que a minha atitude natural em relação a este mundo corresponde a atitude natural dos outros, que também eles compreendem as objectivações graças às quais este mundo é ordenado, que eles também organizam este mundo em torno do «aqui e agora» do seu estar nele e no qual têm projectos de trabalho (Berger & Luckmann, 2010, p. 35).

A objectivação do agir do homem ilustra uma certa imposição por parte da sociedade sobre o indivíduo. Atendendo a Durkheim em *As Regras do Método Sociológico*, obra de (Durkheim, 1998), a realidade é reconhecida pelo poder coercitivo de origem externa, que exerce ou é capaz de exercer sobre os indivíduos. Este poder é verificado na existência de determinadas sanções, em particular, ou a resistência levantada por qualquer ação individual que viola o padrão das ações da coletividade. Com seu poder imperativo e coercitivo, a realidade pode infligir dor ou impor uma certa marginalização aos indivíduos com práticas que não se coadunam com as dos grupos aos quais fazem parte. O poder coercitivo torna-se vital para a sobrevivência das sociedades. As vontades individuais e variadas não permitem que haja uma harmonia entre os membros de uma determinada comunidade. Como refere Bauman, “[l]a imagen de la sociedad se hizo creíble a partir de la experiencia de la restricción coercitiva” (Bauman Z. , 2008, p. 61). Tendo em conta as interações dos atores sociais no seio da sociedade é imperativo que haja uma certa ordem para a construção e petrificação das práticas e dos costumes.

As práticas do quotidiano nas sociedades são repetitivas e comuns. Isto faz com que nem sempre sejam tidas em conta para uma análise mais aprofundada a ponto de se perceber a sua contribuição na estruturação da realidade social. É muito recente o estudo sobre a quotidianidade da vida social. Existe como que uma certa impercetibilidade do que se passa no quotidiano. Pais (2002) sublinha essa ideia destacando que o facto de parecer que não se passa nada pode não despertar qualquer atenção. Ou seja, “o não passar nada implica uma monotonia que acaba por ser o *modus vivendi*”. Para este autor, “o quotidiano seria o que no dia-a-dia se passa quando nada se parece passar” (Pais, 2002, p. 30). Aparenta uma certa contradição dizer “o que se passa quando nada passa”, até um certo “desprezo”, como refere Pais (2002), aludindo com isso ao mesmo desprezo vivido

no contexto da pintura por Caravaggio⁴ e Velazquez⁵ que trabalharam a vida do dia-a-dia das tabernas e cujas obras foram consideradas pinturas do *género inferior*.

A este propósito, é importante referir o trabalho de Humphreys, o qual deu origem ao livro *Tearoom Trade*, 1970. A importância desse trabalho para este estudo está justamente no foco que coloca sobre a interação social aparentemente banal e a vida quotidiana. O trabalho recai sobre a casa-de-banho pública como delimitação espacial. Verifica-se que o construcionismo social à volta da referida casa de banho não é o mesmo que as funções “esperadas” de uma casa de banho. Conforme Giddens (2013) adverte, “o que tomamos como natural – uma casa de banho pública – é, de facto algo socialmente construído, que depende do modo como é usado”(p.36), acrescenta ainda, em forma de definição que “o construcionismo social é uma perspectiva que parte do princípio de que a realidade social é – a vários níveis – o produto de interações entre indivíduos e grupos, não algo obvio para todos” (Giddens, 2013, p. 36).

Berger e Luckmann (2010) mostram a forma como a realidade se nos impõe através da vida quotidiana em que estamos mergulhados.: “[v]ivo a vida quotidiana no estado de total vigília. Este estado de vigília total, do existir na realidade da vida quotidiana e de a apreender, é por mim considerado normal e evidente, isto é, constitui a minha atitude natural” (p. 33). Num outro ponto de vista, a vida quotidiana está condicionada ao tempo. As experiências dos dias estão cronometradas, constituem várias e diferentes etapas da vida, mas com certas limitações periódicas:

Apercebo-me do tempo que encontro na realidade diária como contínuo e finito. Toda minha existência neste mundo está sempre a ser ordenada pelo seu tempo, está de facto envolta nele. A minha própria vida é um episódio numa corrente artificial externa do tempo. Já aí estava antes de eu nascer e aí continuará depois de eu morrer (Berger & Luckmann, 2010, p. 39).

Todas as vivências do homem se encontram limitadas e delimitadas ao tempo. Esta ligação ao tempo e à quotidianidade ilustra uma certa insignificância do indivíduo, que por um lado está sujeito às regras que, ao nascer, encontra padronizadas no meio, ao qual se vai adaptando com força dos agentes socializadores; e, por outro lado, sujeitos às

⁴ Michelangelo Merisi, conhecido como Caravaggio, foi um dos mais notáveis pintores italianos, entre 1593 e 1610. Nasceu em 1571 e faleceu em 1610.

⁵ Diego Rodríguez de Silva y Velázquez foi um pintor espanhol e principal artista da corte do rei Filipe IV de Espanha. Nasceu em 1599 e faleceu em 1660.

imposições temporais, que a esses se ligam e condicionam as vivências através de limitações e prescrições transversais aos ciclos diários e ao tempo da vida. Essa construção exige tempo suficiente para incorporar de forma quase que impercetível os ensinamentos vindos das gerações passadas até ao presente. A construção não é de carácter erudito, pois a solidificação surge a partir de experiências vividas num determinado espaço, com repetições de certos rituais e práticas. Embora a construção da realidade seja maquinada de uma forma suave, a integração (e.g. conceito do ‘aceitamos’), nem sempre se deu ou dá de forma ordenada e pacificada. O que nos é comum, que nos acompanha no dia-a-dia aparente ser de fácil compreensão; já a realidade do outro que nos é estranho pode ser problemática. Nestes casos há uma necessidade de inteirar a realidade que constitui o padrão do outro. Berger e Luckmann ilustram esta ideia ao afirmarem que “a vida quotidiana divide-se em sectores que são apreendidos por rotina e outros que se me apresentam com problemas de um ou outro tipo” (p. 36).

As sociedades revelam-se na sua complexidade. Os espaços ocupados pelo homem sofrem a cada dia transformações de várias ordens, tornando-se um palco de cruzamentos de etnias e culturas diferentes. Nestes palcos acontecem fenómenos capazes de modificar o processo de formação e/ou construção dessas sociedades. O dinamismo da sociedade provoca alterações nos mais diversos sectores. O que é realidade hoje pode não vir a ser amanhã. As circunstâncias provocam necessidades de reajustamentos e reconfigurações das realidades. O quotidiano apresentado como sector não problemático, pode ser afetado na medida em que surjam novidades e mutações. Esta situação é sustentada pelos autores supracitados: “mas mesmo o sector não-problemático da realidade quotidiana só o é assim até a nova situação, ou seja, até que a sua continuidade seja interrompida pelo aparecimento de um problema” (Berger e Luckmann, 2010, p.36).

É no quotidiano que as sociedades se sustentam. Neste quotidiano decorrem todas as ações dos atores ao longo do tempo, ao ponto de lapidificar e ser aceite quase que inconscientemente por parte dos elementos da sociedade. Conforme adverte Pais (2002, p. 79), “no quotidiano experimentam-se tensões, conflitos, posição ideológicas, mudanças, crises”. Essas experimentações todas aconteceram na vida do homem e dela continuam a fazer parte, de modo que a sua própria construção acontece ao longo da sua formação e integração num determinado meio. Conforme frisamos, a construção social

baseia-se no dia-a-dia, nas experiências que se vão adquirindo ao longo de tempo e são transmitidas. No trabalho de Schutz, sobre a teoria fenomenológica da cultura, o autor refere três dimensões importantes sobre a experiência: reservas de experiência, tipicidade da vida quotidiana e estruturas de pertinência. Interessa-nos sobretudo a noção de reservas de experiência, a qual se refere “à sedimentação dos saberes herdados pelo indivíduo, seja, por meio de experiências próprias seja por meio dos educadores” (Schutz, 1987, p. 12). É-nos espelhado aqui a noção de agentes socializadores, os quais desempenham um papel crucial na construção da vida do homem. Mais à frente, destaque para a relevância e pertinência que se dá aos agentes socializadores na estruturação do homem no contexto sociocultural em que está inserido. Segundo este autor, “a vida quotidiana é vivida pragmaticamente, ou seja, enquanto reflexão de um sujeito portador de uma memória-hábito sobre sua experiência no mundo” (Castro F. F., 2012, p. 59). Essa experiência é vivida num meio social onde os comportamentos estão equiparados. Como se todos seguissem os mesmos traços por alguma obrigação. Ou então, cria-se uma consciência coletiva em prol de uma finalidade única. Este estado de consciência coletiva é destacado no trabalho de Durkheim que apresenta a definição de “consciência colectiva” como o “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria” (Durkheim, 1999, p. 50).

As experiências vão solidificando nas práticas de todos os dias e refletem no agir dos membros de uma comunidade. Solidificam nas construções, nas histórias e nos objetos que norteiam o entrecorrer da vida de todos os elementos. Schutz afirma que “os objetos para os quais os agentes se orientam são ativamente constituídos no fluxo das experiências por intermédio de uma série de operações subjectivas, tendo o conceito de construção (ou constituição) particular significação neste contexto” (Oliveira & Montenegro, 2012, p. 132). A construção da realidade social acontece dentro de um determinado espaço. Contudo, esta construção ultrapassa a simples existência de monumentos, construções físicas e objetos. Sedimenta esta ideia a posição apresentada por (Moreira & Hespanhol, 2007, p. 49), que sublinham que “compreender o lugar é considerá-lo não como uma soma de objectos, mas como um sistema de relações (subjectivo-objectivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico)”.

1.1.1 A interação e a imaterialidade na construção da realidade social

A imaterialidade colora a essência das coisas, que podem possuir segredos que revelam a real história dos lugares e de determinados povos. Verifica-se uma necessidade de obter explicações que ultrapassam o visível para a melhor percepção da sociedade, das relações com a natureza e com a envolvente, ao ponto de construir um sentido de pertença nos indivíduos que fazem parte dessa sociedade. Aceitando que a construção da realidade ultrapassa os objetos físicos abre-se a possibilidade de a construção basear-se também no imaginário, dando força à referida imaterialidade. A mensuração desse imaginário dificulta mais ainda a compreensão da realidade social, tornando-a mais opaca, o que, ao mesmo tempo, instiga a um aprofundamento da questão. O espaço físico onde ao longo do tempo a realidade social é construída não é um espaço estático. Como que possui vida, ou, como afirma (Carlos, 1996, p. 21) “o lugar seria a base da produção da vida, podendo ser analisado pela tríade habitante-lugar-identidade”.

O espaço da imaterialidade na construção sociocultural de uma sociedade é transmitido de geração em geração. Esta transmissão acontece muitas vezes pelas narrativas que vão passando no seio da comunidade, como ensinamentos baseados nas histórias, estórias e mitos. Estas narrativas transportam certos discursos, imagens e representações de práticas culturais e ancestrais. Para (Fortuna & Peixoto, 2002, p. 18) “as imagens dos lugares são formadas tanto através de elementos materiais como de elementos imateriais e intangíveis das paisagens urbanas”. Embora a afirmação recaia sobre as cidades, encontramos a construção da realidade em mais vastos campos, onde se destacam elementos tangíveis e intangíveis. No caso do continente africano, a imaterialidade está assente nas tradições orais, “graças a oralidade e suas formas de cultura, quer nos seus territórios como em espaços alheios, que os povos africanos conseguiram sobreviver em cenários de subordinação social como indivíduos e como coletividade” (Costa 2009) citado por (Castro B. d., 2019, p. 89). Reforçando os autores supracitados, encontramos também a ideia de (Kotler & Armstrong, 1998) , para quem a imagem de um lugar corresponde à soma das convicções, crenças, ideais e impressões que as pessoas desenvolvem em relação a esse lugar. Esta tese ilustra os pontos fundamentais da construção social. O homem, o espaço e tudo que existe no *espaço* em formato material ou imaterial. O que acontece num determinado espaço não é estanque.

Apresenta um certo dinamismo moldado pelo contexto e pelo tempo. Este dinamismo pode constituir um entrave para a percepção correta da realidade social, uma vez que o dinamismo favorece alterações diversas, vindo de influências variadas.

De facto, tudo isto é próprio da sociedade, que é dinâmica. Dentro das mudanças verificam-se traços que permanecem, resistem e perduram por gerações, construindo a identidade de um povo. Essa construção é baseada nas regras e normas que reinam nos aglomerados e implica uma certa proximidade física ou partilha do mesmo espaço. No caso das culturas africanas essa construção assenta nas suas culturas, na imaterialidade relevando a oralidade, conforme se esclarece, “a vitalidade dessa cultura (angolana), sustenta-se sobretudo na oralidade e na palavra, o instrumento maior do pensamento, da emotividade e da ação na cultura Bantu (Alcana, 2014), citado por (Castro B. d., 2019, p. 96). O autor acrescenta que essa vitalidade é traduzida nas línguas nacionais, narrativas e memórias coletivas, religião, músicas, danças, cantos, provérbios, adivinhas, rituais, mitos e outras performances culturais que representam o fundamento da afirmação e identidade do país. O próprio conceito “sociedade” definido por vários autores transporta esse denominador comum:

Existe un denominador común que atraviesa todos esos usos primigénios y presociológicos de la palabra "sociedad". Todos ellos, explícita o implícitamente, proyectaban una imagen de cercanía, proximidad, comunión, y cierto grado de intimidad y compromiso mutuo. La "sociedad" podía emplearse como metáfora porque el tipo de experiencia que los sociólogos se esforzaban por captar y articular era la de un cierto número de personas que compartían un mismo espacio, que interactuaban en muchas actividades de sus vidas, si no en todas, y que a menudo se encontraban y hablaban entre sí. (Bauman Z. , 2008, p. 58).

O homem, sendo um ser social, é um produto da sociedade. A interação social na vida quotidiana é produto da partilha de um elemento da sociedade com outros elementos da sociedade. Os resultados e o feedback das interações diferem de pessoa para pessoa e, mais ainda, diferem do contexto em que cada um foi socializado. Porque o comportamento e as ações diferem, é mais fácil uma interação entre indivíduos socializados em contextos diferentes. Nesta senda, a linguagem constitui um dos fatores principais em que radica o sucesso ou insucesso da interação. Os signos linguísticos e os significados que correspondem aos objetos das vivências de um indivíduo de um país

diferem dos de outro país. Ultrapassados os contrastes dos signos linguísticos, encontramos algumas práticas que podem ter significados antagônicos em regiões diferentes. Desde o nascimento, o homem posiciona-se numa realidade social que lhe incute aos poucos os ensinamentos das comunidades. É necessário que aconteça a preparação deste homem para a inserção no meio onde se encontra. Numa primeira fase é feita em contexto familiar, onde acontece a socialização primária. Esta socialização é estruturante para o enquadramento na sociedade, é uma base para a percepção e apreensão do mundo e dos semelhantes, ainda que de uma forma baseada no imediatismo, o que faz com que haja necessidade de um agente socializador chave. A socialização que acontece ainda na idade puerícia do ser humano constitui uma internalização do indivíduo perante os papéis que assume, impingidos pelos outros, de uma forma subtil e quase impercetível. A importância do primeiro agente socializador é extrema no indivíduo. As funções a desempenhar dependem em larga escala do processo de socialização e as suas atitudes assemelham-se às praticadas pela generalidade dos membros da comunidade onde estiver inserido.

Outros agentes socializadores, denominados de secundários, têm também o seu papel na integração do indivíduo. Estão ligados à distribuição social, divisão do trabalho e do conhecimento. Todos os elementos até agora abordados convergem no sentido da construção da realidade, baseada no quotidiano. Vejamos:

Ela é percebida como socialmente construída por meio das interações sociais dos sujeitos que subjectivamente percebem, essa realidade como dotada de uma realidade objectiva e intersubjectivamente a legitimam, dotando-a de uma quase materialidade que possibilita o convívio humano em uma rede de significados comuns pautados nos estoques do conhecimento dos sujeitos e nas tipificações que permeiam o mundo social e possibilitam a interacção intersubjectiva entre os sujeitos (Oliveira & Montenegro, 2012, p. 133).

A construção materializa-se na inter-relação entre os membros de uma sociedade. Esta relação pressupõe a existência de códigos e sinais compreensivos, aceites e padronizados. Os objetos de trocas no quotidiano transportam consigo significados identitários, e aglomeram criatividade por parte dos indivíduos ao ponto de apresentarem inovações, muitas vezes provocadas pelo dinamismo da própria sociedade. Os interaccionistas destacam o papel criativo na construção social da vida quotidiana, focando-se mais fortemente nos simbolismos e nos significados que os objetos sociais

recebem no decorrer das interações entre os atores (Oliveira & Montenegro, 2012, p. 133). Este propósito abre a possibilidade de existência de uma construção contínua e de adaptação. A vida do dia-a-dia acaba por ditar certas práticas do quotidiano e, ao mesmo tempo, deixa a abertura para inovações. As tecnologias são provas concretas de surgimento de coisas novas, de objetos novos, que muitas vezes alteram o normal/habitual funcionamento da sociedade. A construção ou fabricação dos utensílios a serem usados no quotidiano das pessoas sofrem também alterações. Estas componentes tornam mais complexa a construção de uma sociedade, uma vez que favorecem a uma mescla de práticas, interferências de culturas e costumes, alterando o habitual e o “normal”. Esta conceção não põe em causa, nem extingue as práticas duradouras, solidificadas que passam de geração em geração, embora sofrendo o impacto dessa própria inovação.

Assumindo a importância da quotidianidade para a construção sociocultural da realidade destacamos um outro fator. A linguagem que se enquadra na imaterialidade é um dos fatores principais para a tipificação de objetos e respetiva passagem de geração em geração. As experiências vividas ao longo do tempo necessitam de veículos que as transportam. Recai o seu papel nas ligações que se têm entre os três mundos supracitados: passado, presente e futuro. Elas transcendem o momentâneo, o aqui e o agora e fazem a ponte entre indivíduos desaparecidos fisicamente, tecendo relações entre personalidades que nunca se encontraram e jamais se encontrarão. Como prova disso, (Berger & Luckmann, 2010) referem que: “no que respeita às relações sociais a linguagem torna presente, para mim, não apenas os meus semelhantes que, de momento, estão ausentes em termos físicos, mas indivíduos do passado lembrados ou reconstituído, assim como outros projetados no futuro, como figuras imaginárias” (p. 58).

O dia-a-dia de uma sociedade constitui, então, o cenário fundamental para a construção da realidade. A realidade implica uma certa coesão social e traços assentes de práticas culturais ao ponto de tornar a subjetividade de cada um dos elementos na objetividade de todos. O homem, sendo um ser social não consegue viver isolado. Nos grupos onde se insere segue regras e padrões, algumas herdadas de gerações, e que o moldam em função do contexto social, da realidade onde vive a sua quotidianidade. O contexto é envolvido de características materiais e imateriais, que completam o todo do *puzzle* da realidade social. Tanto os objetos como a história, as lendas, as vivências

constituem partes dessa realidade. O ser humano forma-se em interação com o seu ambiente cultural e social. É de salientar que o dinamismo da sociedade faz com que surjam coisas novas. Nesse sentido, as culturas podem sentir-se ameaçadas devido a elementos novos que são introduzidos, nomeadamente devido às influências das tecnologias. É necessário uma certa ordem social e regulamentação, embora que imposta de forma subtil faz com que os traços identitários se mantenham firmes ao ponto de passarem de geração em geração. A realidade não é somente o presente. O passado constitui peça fundamental no alicerce dessa realidade e as perspetivas futuras, por sua vez, também têm papel importante na manutenção e preservação cultural e identitária. As sociedades não se apresentam única e somente com características homogéneas. A diversidade favorece uma certa funcionalidade do sistema social. A miscigenação de diferentes práticas individuais torna mais rica uma cultura, contudo é o individualismo que dá lugar ao coletivo, tanto no plano material como imaterial.

1.2 O lugar da memória na construção da realidade social

Para uma abordagem em profundidade a estes conceitos é necessário trazer um dos objetivos da investigação, que consiste em analisar e compreender, em perspetiva sociológica, o lugar da memória no processo de construção sociocultural de um ‘lugar turístico’. A história da província escolhida para a investigação ilustra ligações de pessoas que por vários fatores tiveram que abandonar a província. Por vezes, nessas pessoas não resta senão mais que a nostalgia dos tempos vividos escutados nas divagações e numa iminente vontade de voltar. Nesta senda, verifica-se uma viagem no tempo, pelas memórias que marcaram outrora os seus quotidianos. Com uma procura, mesmo que ainda só mental, os atores vagueiam pelas ruas e artérias dos espaços, baseando-se nas imagens vividas. Entrando no real, muitos saem à procura destes espaços, agora como turistas/visitantes aos designados lugares turísticos. Os espaços procurados são ou foram preenchidos com as vivências do quotidiano até ao ponto de se tornar em territórios onde desenrolam o dia-a-dia das comunidades, solidificando a construção sociocultural de uma realidade social única, identitária e singular. Essa identidade é construída através das memórias dos habitantes. É-lhes intrínseca. Nesta linha de pensamento, pretende-se medir

até que ponto esta identidade está presente na identidade de duas categorias sociais, que embora apresentando algumas características em comum, em muitas outras se diferenciam.

O objetivo preconizado leva a analisar alguns conceitos pertinentes, relacionados com a construção social da realidade, a memória, a identidade e lugares/espço. Acoplados a estes conceitos surgem vários outros, os quais exigem que se analisem dentro de quadros teóricos existentes para um melhor enquadramento. Pretendemos fazer uma abordagem separada do conceito memória e identidade. Atendendo aos objetivos traçados neste trabalho, aproximaremos os dois conceitos de modo a interligá-los e fazer uma complementaridade em prol da construção da realidade.

Vários cientistas sociais de diversas áreas recorreram à memória como objeto de estudo com a finalidade de, dentro das suas especificidades, encontrarem luzes para explicações de determinados fenómenos inerentes ao tema. (Burke, 2000, p. 69) sublinha que os historiadores se interessam pela memória por dois motivos principais: por ela ser uma fonte histórica e por ser um fenómeno histórico. Constitui também um fenómeno social, na medida em que a própria construção da sociedade assenta nos traços identitários que são transmitidos dentro das comunidades de geração em geração. As memórias referem-se sempre a representações de algo, de algum objeto, de alguma estória ou de algum espaço/lugar, pessoas e comunidades. Elas identificam sempre “algo” ao qual se veiculam diferentes valores que as memórias guardam dos contextos histórico-culturais. As memórias são nitidamente imateriais. Materializam-se depois nos objetos que representam; outros asseguram o seu carácter de imaterialidade e de intangibilidade. Nesse quadro o autor (Jorge, 2003), refere que os referidos objetos “são suportes de uma herança evidentemente. Esta herança constitui um património que foi legado a partir dos antecessores. Este património corresponde a memórias que guardam representações culturais de uma determinada comunidade e num determinado espaço” (p. 12).

Dentro dos espaços em estudo, os lugares constituem patrimónios que fizeram parte da vida das pessoas que em momentos aí viveram, e que deixaram alguns objetos que perpetuam suas memórias representadas no tangível e nas vivências das comunidades. Portanto, “os patrimónios consagram os valores da memória” (Jorge, 2003, p.15). As memórias a que o autor se refere caracterizam-se também por adquirir um certo grau de intangibilidade e intemporalidade, ou seja, objetos representados podem já não

existir, podem já ter sofrido algumas transformações, mas resistem ao tempo através das memórias legadas que passam de geração em geração. Interroga-se a possibilidade de a memória ser estática na sua plenitude, dado o dinamismo natural da sociedade. A memória não traduz o que efetivamente aconteceu. Ela é uma construção que sofre influências de várias ordens (tempo e contexto), e que introduz diversas práticas ao longo do tempo. “Sendo uma construção ativa, dinâmica, a memória nunca é a repetição exata de algo passado. Trata-se em realidade de uma reconstrução que cada um realiza dependendo da sua história, do momento e do lugar em que se encontra” (Dussel, Finocchio & Gojman, 1997, p.119, como referido em (Padrós, 2001, p. 2).

Embora a memória apresente padrões fixos que se vão repetindo de modo a passar para gerações futuras, apresenta também um certo dinamismo. São vários os autores que insistem nesta ideia, ao ponto de afirmarem que a memória não é um *stock* de representações, mas um «sistema dinâmico moldado pela seleção», caracterizado pela capacidade de repetir ou suprimir «de forma específica um ato mental ou físico» (Edelman e Tononi, 2000, pp.115 e 128), citado por (Candau, 2013, p. 13). A memória transporta consigo o passado de um povo, a sua identidade, enfim, a sua vivência baseada num recordar de ações perpetuadas pelas diferentes gerações de uma comunidade. Por isso, lembrar o passado é um elemento essencial na conformação da identidade, individual ou colectiva. A necessidade de lembrar é, talvez, a principal atribuição de memória. Sem memórias não existiriam referências ou experiências (Giron, 2000, p. 27, citado por (Padrós, 2001). Este autor ressalta a importância da memória recorrendo ao conceito aparentemente mais simples de “lembrança”. A recordação das vivências comuns, das coisas do quotidiano e das práticas individuais, condicionadas pelas ações das coletividades generalizam ao ponto de serem consideradas lembranças de memória coletiva.

O papel individual tem muita importância, contudo a ligação com a coletividade é mais significativa para a identidade. (Burke, 2000 citado por (Padrós, 2001, p. 4), afirma que “... os indivíduos se pautam pelos elementos que os identificam e vinculam a um determinado grupo, acabam assumindo para si lembranças que, em realidade, não viveram directamente.” Esta premissa ilustra a permanência de traços, objetos materiais e imateriais que viajam no tempo até às novas gerações, efetuando o elo com o passado e

as práticas dos antepassados. Estamos perante uma lembrança que os atores atuais não viveram. Aparece obscuro recordar algo que não se viveu. A capacidade de recordar momentos que não foram vividos na primeira pessoa eleva mais ainda a importância da ligação que deve existir dentro das culturas, onde assenta a memória, esse recordar de momentos nunca antes vivido. Toda a individualidade do recordar acaba por convergir num coletivo. A memória personalizada funde em memórias coletivas ou, conforme afirma (Peralta, 2007, p. 19), memória social “constituída pela integração de diferentes passados num passado comum aos membros de uma coletividade, referindo-se àqueles elementos da recordação individual que são comumente partilhados pelo grupo.” Esta característica traz à tona as interações existentes dentro de um grupo, relativizando a memória sempre em relação a indivíduos, lugares ou acontecimentos. A interação acontece nas esferas sociais e culturais, nas transações, nos conflitos e até nos sentimentos que os grupos partilham. Assim,

o pensamento e a memória são competências que apenas são tornadas possíveis graças às interações sociais e culturais. Estas vão permitir o estabelecimento e a partilha dos conhecimentos, das crenças, das convenções, a compreensão das imagens, de metáforas, a elaboração de confrontação de raciocínios, a transmissão de emoções e sensações e de sentimentos etc (Candau, 2013, p. 25).

A descrição que Lito Martin faz da sua memória em Malanje traz a visão individual do autor: “Se não me lembro da passagem dos telhados de capim para zinco, a de zinco para telha acompanhei-a” (Martin, 2013, p. 19). Parece um pormenor, mas para o autor são traços que permaneceram na memória de pessoa que viveu num determinado território. Todos os elementos que *recordam* e guardam certas memórias dão razão à ideia da memória coletiva. Não é necessário que os elementos estejam no mesmo espaço para representarem as lembranças e porem em prática da forma que os identifiquem e os diferenciem. Todas as práticas que são recordadas e reeditadas correspondem a algumas representações (materiais ou imateriais). Stuart Hall (1997), citado por (Peralta, 2007, p. 16) apresenta “a memória como um sistema de representação que permite criar uma imagem do passado que corresponde a quadros de significação do presente.” Ainda Peralta (2007) afirma que “o que retemos do passado não só reflecte o presente como também fornece um quadro de referência para a interpretação do mundo” (p. 16). A autora ilustra a necessidade das memórias para a melhor percepção do nosso quotidiano. As

práticas dos indivíduos e dos grupos onde estão inseridos não são meros acasos. São fruto de construções de momentos e vivências que foram solidificando e resistindo às influências externas. Todas as representações atuais constituem construções do passado, que não surgiu do nada, mas sim de vivências e construções sólidas. Assim, “o passado, conforme representado por cada presente não pode ser totalmente uma invenção *ex-nihilo* nem o produto exclusivo de uma manipulação política-ideológica” (Peralta, 2007, p. 17).

Neste campo, as várias áreas de estudo procuram o máximo possível verificar a veracidade da memória sobre um determinado fato. Os historiadores assumem um papel importante, no sentido de aproximarem as memórias aos factos que marcaram determinada época, sobre a qual recai o que se relata. Ciente do estudo que se pretende levar a cabo, antecipa-se a possibilidade de vir a encontrar memórias que como que “vagueiam num espaço vazio”, sem possibilidade de serem tocadas, mas que intrinsecamente mostram representações sólidas de laços de pertença vinculadas ao passado, aos lugares vivenciados e a gerações que embora não existentes fisicamente, são perpetuadas através das memórias. Ela, a memória, não guarda todas as vivências de determinadas comunidades. Faz uma certa segregação, consoante a solidez, a vivência e a passagem para outras gerações. Por isso, algumas práticas, consideradas comuns, do quotidiano, insignificante se perdem ao longo dessa passagem. Conforme afirma Padrós:

a memória tem a capacidade de seleccionar, organizar e sistematizar lembranças daquilo que já foi vivenciado. A ação subjectiva de lembrar o passado acaba sendo tão rotineira no cotidiano de cada um que se perde a noção da veracidade dessa rememoração ((Padrós, 2001, p. 2).

Contudo, essa rotineira não deixa de ter importância para ser analisada ao ponto de percebermos como essas práticas padronizadas foram estandardizadas. Esse lembrar das coisas, das práticas, peca sempre por não representar fiel e totalmente os acontecimentos passados. Preocupa Candau (2013) esta situação, ao ponto de salientar que estamos longe da conceção da recordação como um traço puro do acontecimento do passado, traço eventualmente alterado, falsificado, perturbado pelos afetos.

As memórias aparecem nas representações dos objetos culturais e identitários, distinguindo a comunidade ou povo que representa. As práticas dessas comunidades advêm de um tempo longínquo, dos antecessores que acabam por “tatuá-las” na memória dos viventes. Materializam-se em muitas sociedades através de representações de objetos

artísticos, *souvenirs*, artesanatos, contos, músicas, estórias e mitos. Na linha da afirmação de Jorge (2003), existe sempre um discurso da memória mediatizado pelas expressões coletivas das comunidades humanas que as diferentes produções artísticas veiculam e cuja substância tem uma natureza certamente patrimonial. Ora, a memória constitui o património de uma determinada comunidade/sociedade. Esta perspetiva de memória/património vai ao encontro do objeto em estudo no sentido de incidir sobre o tangível e o intangível, que se conservam na memória dos malanjinos e das pessoas que outrora legaram ao território Malanje.

Leite (Leite, 2012, p. 24) refere-se às questões de valorização do património ressaltando que “na perspectiva das teorias correntes da valorização do património, a cidade moderna é cada vez mais entendida como um projeto cultural”. Esse projeto consubstancia-se na memória dos lugares físicos, mas também de espaços não físicos, de ambientes, sensações, práticas de coexistência social, espaços de estórias, urbanidades, contemporaneidades, etc. Sabe-se que a modernidade da forma como foi introduzida nos territórios colonizados – destes, Angola não foge à regra – tinha um projeto de mudar o patamar da vida das populações autóctones, sem qual a convivência com o colonizador reduzir-se-ia em fragmentações constantes, que mesmo assim aconteceram (Santos, 2012, p. 18). Torna-se ainda mais importante reflectir sobre o conceito de memória, num mundo globalizado, onde a tradição, hoje, parece atravessada por múltiplas interferências de tradições que provêm, por vezes, de origens longínquas. Este conceito leva-nos para campos mais coletivos que individuais. Recai sobre a vida, a história de uma determinada sociedade e não num determinado elemento de uma comunidade. Neste sentido, podemos afirmar que as memórias que representam uma coletividade de elementos identificam sobremaneira a sociedade a que reportam. Esta linha mostra a natureza social que a memória carrega, mesmo que determinadas ações sejam personalizadas ou constituam experiências pessoais em relação aos outros, num determinado contexto de convivência e interação. Nisso,

a memória passa a ser um fator fundamental de identidade e de suporte dos sujeitos coletivos como desempenha, também, uma função importantíssima, tanto na preservação da experiência histórica acumulada, de valores e de tradições, como, em muitas situações, pretende ser a depositária da própria história (Padrós, 2001, p. 2).

O conceito em destaque não se aplica única e exclusivamente a uma personalidade. Alguns autores são particularmente incisivos a demonstrar esta preocupação. Dado o homem viver numa comunidade e em relação constante com outros, (Halbwachs M. , 2004), enfatiza a ideia da memória coletiva. Embora a memória seja um ato individual, o autor ressalva justamente a base social da memória. Destaca o conceito de memória enquanto fenómeno eminentemente coletivo. Sublinhe-se que “a função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade”(Peralta, 2007, p. 5). Por sua vez (Padrós, 2001) identifica esta característica da memória quando fala das lembranças das experiências e dos laços afetivos de pertencimento a um determinado coletivo social. Ainda, o autor reforça que os referidos laços produzem, induzem e reforçam lembranças comuns.

A pertença quotidiana a um determinado grupo baseia-se também nas memórias em torno de feitos passados que nunca surjem isoladas, mas sim enquadradas num determinado grupo social. A ideia de memória social é apresentada por (Pollak M. , Memória e identidade social, 1992) que a define como um fenómeno eminentemente coletivo e social, construído coletivamente e submetido a transformações constantes. Ela transmite a cultura local herdada e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Os acontecimentos, as pessoas e os lugares são as bases do apoio da memória. O quotidiano é de fácil esquecimento, mas quando os acontecimentos são vividos a uma escala global, coletiva, tornam-se mais evidentes as recordações. O vínculo de convivência dos indivíduos pertencentes ao mesmo grupo vivifica a memória coletiva e,

por mais individuais que sejam as nossas memórias, elas são, apesar de tudo estruturadas, e até os seus mecanismos cerebrais são afetadas pela natureza coletiva, social do nosso modo de vida de seres humanos. Na nossa sociedade, impregnada pelas suas próprias produções culturais, a memória «ultrapassou os limites do individual e do pessoal e tornou-se colectiva». (Steven Rose, 1994, p. 81 citado por (Candau, 2013, p. 83).

A memória estabelece laços entre o quotidiano e a história. Faz uma ligação entre o presente e o passado, transportando ensinamentos e práticas dos nossos antecessores. Conforme sustenta (Padrós, 2001, p. 3) “trata-se de uma espécie de ponte que conecta, articula e relaciona elementos temporais, espaciais, identitários e, também, históricos.” Refira-se que, actualmente, é muito trabalhado o turismo de memória em muitas regiões.

É uma forma de turismo que valoriza o património dos lugares turísticos. Os turistas querem vivenciar memórias do passado através de manifestações culturais inseridas numa comunidade. Padrós (2001) sublinha como a memória não é vazia. É alimentada com elementos temporais e espaciais que são componentes indissociáveis da história de um povo. Os elementos que constituem este povo estabelecem relações entre eles dando origem às vivências, que por seu turno constroem a realidade social de determinado povo. Analisando o mesmo conceito, Morigi disserta no artigo *Memória, representações sociais e cultura imaterial* sobre o modo como “a memória é uma construção social, produzida pelos homens a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas. Ela sofre transformações a medida que o tempo passa, a história dos indivíduos toma um novo rumo.” Ainda, afirma “que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com fatores significantes da vida social, do presente, sendo permanentemente reconstruída” (Morigi, 2015, p. 184). Os elementos de um determinado grupo, os lugares onde decorrem os fenómenos, as pessoas de referências são peças importantes para as memórias. Assumindo a memória como coletiva, os indivíduos quando recordam determinados acontecimentos individualizados são obrigados a recorrer às referências, aos outros elementos, aos lugares e acontecimentos do grupo no seu todo. Não acontecem reminiscências isolados. Há sempre uma contextualização. Neste sentido, a ideia dos autores supracitados⁶ (Padrós e Candau) remete para uma característica peculiar da memória no sentido de ser coletivo e/ou social. Assim, como Halbwachs, afirma parece incontestável que «nós completamos as nossas recordações e nos socorremos, pelo menos em parte, da memória dos outros. Candau reforça que “a reconstrução de uma lembrança passa pela reconstrução das circunstâncias do acontecimento passado, por tanto, dos quadros sociais ou colectivos...” (Candau, 2013, p. 93).

Com a abordagem destes vários autores fica assente que a memória que mais se conserva não se refere necessariamente aos acontecimentos mais marcantes. Muitas vezes, indivíduos que nunca viveram determinados acontecimentos recordam-nos pelo

⁶ Vários outros autores apresentaram estudos com importância para uma análise comparativa com o nosso espaço em análise. Destacamos algumas referências que Candau traz no seu trabalho sobre “antropologia da memória.” Marie – Aimée Duvernois 1986 estudou memória dos brancos da Borgonha que conservavam memórias longas da oposição entre brancos e católicos, ilustrando o conservar de acontecimentos que marcam uma memória comum.

facto de que essas histórias identificam determinados grupos ou famílias que guardam como referência e perpetuam por gerações que se perdem na contagem dos laços de parentesco episódios que lhe são significativos. Verifica-se uma soberania da ideia de grupo quando se fala de memória, embora que individual. Destacam-se aqui relações de memórias de vários indivíduos dentro de uma comunidade. A este propósito, Bastide defende a memória coletiva como “um sistema de inter-relações de memórias individuais (Bastide, 1994), citado por (Candau, 2013, p. 95), p. 95). Por contraposição, o autor define a memória individual como *um ponto de vista sobre a memória colectiva*. Perante estas definições é inevitável a ilustração do sistema que comanda as memórias, estabelecendo pontos comuns de cada indivíduo, padrões e vivências comuns. Estas vivências não se referem aos indivíduos que coexistiram numa mesma época. Podem referenciar centenas ou milhares de anos. É comum encontrarmos referências baseadas nas histórias e mitos perpetuados em artefactos onde reproduzem culturas diversas e antigas. É óbvio que muitos traços se perdem pelos trajetos, assim como outros são adquiridos, todavia, a passagem de geração em geração mostra a importância que cada grupo assume a determinados elementos como construtores de identidade, ao ponto de transportá-los.⁷

As sociedades modernas vão buscar elementos diferenciadores a culturas perdidas, outras reinventam tradições e materializam-nas em monumentos, museus, esculturas, literaturas e mais suportes físicos ou virtuais. Esta situação traz um certo imperativo de manifestações e comemorações com datas representativas, nos lugares representativos ou de criações imaginárias, de forma a dar corpo e reificar traços que são considerados fundamentais para a coesão do grupo. Os grupos religiosos assumem particular destaque nessas questões. Note-se que as atividades turísticas se centram cada vez mais nas culturas materiais e imateriais de um povo, ultrapassando o por vezes banal epíteto de turismo de “sol & mar”. Por parte dos anfitriões, verifica-se cada vez mais a encenação cultural, a busca pelas raízes e muitas vezes a invenção das tradições a fim de

⁷ Evidente que os actores não pretendiam, (de início) assumir como “algo” que deve ser preservado ou transmitido. Candau fala-nos de protomemória como sendo memória sem tomada de consciência: ela influencia o sujeito sem ele dar por isso” e também nos destaca a metamemória como representação que cada indivíduo cria da sua própria memória, o conhecimento que ele tem dela e, por outro lado, o que ele diz dela.

“vender” aos visitantes. Estes buscam, para além dos seus antepassados, os acontecimentos vividos por estes, as batalhas, entre outros eventos marcantes de modo a manter vivos e transmitir às gerações vindouras traços que sedimentam a cultura e os identifiquem e distingam dos demais.

1.3 A identidade, marco fundamental para a construção sociocultural da realidade social

As identidades reportam a uma herança de significados e valores, ligados à memória, e a um discurso que confirma a ideia de pertença a uma comunidade ou sociedade. Assim, a memória é importante no processo de formação identitária dos indivíduos e dos grupos, o que os leva à necessidade de a reconhecer enquanto processo histórico dentro de uma determinada sociedade. De acordo com Castells (1999), toda e qualquer identidade são construídas. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. A posição de Castells sustenta a ideia em torno de um processo de construção dentro de uma cultura/sociedade que advém de gerações passadas e se solidifica aos poucos, até ao ponto de se identificarem, caracterizarem e distinguirem os elementos que fazem parte desse grupo. Mais do que uma competição, podemos encontrar choques de identidades, em que há influências provocadas por vários fenómenos, nomeadamente no contexto actual, atravessado pela globalização. Neste caso, podemos destacar a actividade turística, que por sua vez pode modificar os tais referenciais da identidade de uma comunidade. Os choques acontecem porque a identidade não é estabelecida individualmente, nem sequer com o *self*. O indivíduo ou elementos de determinados grupos estão em inter-relação com outros indivíduos, com outros grupos, isto é, com a sociedade. É nesta linha que Hall (2001), ao falar da noção do sujeito sociológico afirma que “de acordo com a visão, que se tornou concepção clássica da questão, a identidade é formada da interação entre o eu e a sociedade” (p. 11). O indivíduo nunca é visto de forma isolada, mas sim num determinado contexto social, ao qual as ações do dia-a-dia identificam e discriminam outras práticas. Essa discriminação sinaliza cada grupo ou cada indivíduo ao ponto de num simples comportamento poderem ser rotulados. Para (Brandão, 1990), a construção da identidade

é um processo que vai buscar significado às relações vividas no dia-a-dia, onde o outro também faz parte do processo construtivo.

Michael Pollak (1992) enumera três características distintivas da identidade: os limites de pertença a um grupo, a continuidade temporal e o sentimento de coerência, ou seja, o modo como os elementos que compõem um indivíduo ou um grupo estão de facto unificados e as consequências que a quebra desse sentimento (de unidade e continuidade) pode acarretar (p. 203). Ainda:

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como colectiva, na medida em que ela é também um factor extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (...) A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (Pollak M. , 1992, p. 200).

Dada a influências múltiplas, a identidade não é estática. Embora tenha características padronizadas de modo a estabelecer uma certa estabilidade e passar de gerações para outras gerações. É conveniente deixar em aberto esse dinamismo que possa existir devido aos fatores exteriores. No domínio dos estudos em turismo, e na era da globalização, discute-se frequentemente o modo como, muitas vezes por conveniências várias, os indivíduos são obrigados a aceitar novas identidades, a fim de “vender” o que outros espectadores pretendem, questionando assim a identidade sócio-cultural de indivíduos e lugares em vista de uma possível mercantilização. Stuart Hall (2001) enriqueceu sobremaneira os estudos sobre a identidade na sua obra intitulada *A identidade cultural da pós-modernidade*. Num primeiro momento a análise de Hall recai especificamente sobre o conceito “identidade”. No quadro da teoria social, o conceito é debatido por diferentes autores e pontos de vistas. Stuart Hall (2001) aponta o argumento segundo o qual: «as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado» (Hall, 2005, p. 7). Transversalmente, o trabalho de Hall (2001) tem como objetivo explorar as questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia; avaliar se existe uma “crise de identidade”, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo. Assim, como questões de partida o autor lança as seguintes: “Que pretendemos dizer com a crise de identidade? Que acontecimentos

recentes nas sociedades modernas precipitaram essa crise? Que forma ela toma? E quais são as suas consequências potenciais?

Hall (2001) assume a complexidade do conceito de identidade, o seu pouco desenvolvimento e a pouca compreensão que tem obtido na ciência social contemporânea, assim como as deficientes afirmações conclusivas a respeito. De acordo com o autor, analisados os pontos sobre os quais recaem as ideias dos teóricos que têm estudado este tema (Zygmunt Bauman, Woodward 2000, Pozenato 2003, Barretto 2000), entre outros, verifica-se uma certa crise de identidades. Estes veem nas mudanças estruturais as transformações das sociedades modernas no final do século XX. Esses teóricos consensualizam em torno de uma certa fragmentação contemporânea a nível das paisagens culturais de classe, género, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

Como forma de aclarar o seu pensamento, Hall (2001) apresenta-nos três concepções de identidades: a primeira *o sujeito do iluminismo*, a segunda *o sujeito sociológico* e a terceira *o sujeito pós-moderno*. Verifica-se uma procura para a caracterização dos três sujeitos contextualizados nas suas épocas, histórias e estórias. O sujeito do iluminismo é apresentado como indivíduo centrado, unificado, dotado de capacidades de razão de consciência e de ação, contínuo e idêntico, destaca-se também como núcleo interior do indivíduo o “sexo masculino”. O sujeito sociológico é apresentado com uma certa complexidade do mundo moderno. Este sujeito está em enorme e contínua dependência. O seu núcleo interior não é autónomo e autossuficiente. Refere-se a sua formação na relação com “outros importantes para ele”, que mediavam os valores, sentidos e símbolos. Hall (2001) explica que a cultura identitária é formada na interação “eu” – sociedade. Mostra também como a sociedade impera sobre o sujeito. A sua formação já não é exclusivamente dependente do próprio indivíduo, mas, sim, do contexto onde ele está inserido. Para Hall, a pessoa tem um núcleo ou essência interior que é o eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Stuart acrescenta que no caso do sujeito sociológico, a identidade “sutura”, costura o sujeito à estrutura. Já no que diz respeito ao sujeito pós-moderno, a identidade outrora estável e unificada está fragmentada. Este sujeito é composto por várias identidades às vezes contraditórias e não resolvidas. Destacam-se as mudanças estruturais e institucionais que provocaram as

mudanças profundas no sujeito. A identificação perdeu a estabilidade para ganhar um certo carácter provisório variável e problemático:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. (...) à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (Hall, A Identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed., 2006, p. 12).

Sublinha-se assim a ideia de que a identidade está ligada ou pertence a uma determinada cultura, com suas regras. Toda a identidade de um indivíduo, ou seja, individual, acaba por convergir numa coletividade. Esta identidade coletiva está ligada a sistemas culturais específicos dos seus próprios meios. Como refere o autor:

Nesta perspectiva a identidade é compreendida como culturalmente formada e, por sua vez, está ligada a discussão das identidades coletivas, como as identidades regionais e nacionais e outras que formam quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos e imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real (Hall, 1996, p. 68).

O conceito identidade como substantivo faz nada mais que identificar na prática, diferenciar num indivíduo o carácter representativo das marcas do seu grupo de pertença, onde trabalham muito as representações coletivas. Essas representações contêm significados que a própria comunidade atribui dentro de um processo histórico-cultural. Na visão de (Hall, 2001), as identidades de um povo são características únicas e singulares. Porém, as identidades locais sofrem mudanças por vários fatores. Perspetivado a partir do Turismo, este pode constituir-se como um momento de choque entre pessoas com identidades e culturas totalmente diferentes. Neste estudo, questionamos justamente essa possibilidade de haver influências do sector turismo na identidade social e cultural do anfitrião, na medida em que este sector implica sempre e em algum grau e modo a interação entre atores.

No domínio da sociologia, o estudo da identidade tem em Giddens um expoente contemporâneo notável, facto a que o próprio Hall (2005) não é indiferente, levando-o inclusivamente para dentro da sua discussão. Para Giddens, «nas sociedades tradicionais

o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contém e perpetuam a experiência de gerações» (Hall, 2005, p. 14). Sendo a sociedade dinâmica, os lugares, as culturas e as identidades podem sofrer alterações. Ao referirmo-nos aos estudos de memória e identidade, tendo em conta os autores supracitados, fica explícito que a própria definição de identidade cultural implica distinguir os princípios, os valores e os traços que marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades.

Para (Parsons T. , 1982), os objetos culturais compreendem os elementos simbólicos que estão associados às tradições, ideias e crenças. Assim sendo, a identidade traduz e constitui-se em símbolo de cultura. Resta perceber se esta identidade é um contínuo e autêntico ou se é moldado perante a influência das atividades turísticas e não só. Hall (2001), na sua dissertação que intitulou *descentração do pensamento ocidental do séc. XX – descoberta do inconsciente* por Freud, ilustra a contribuição de Freud para o estudo da identidade, afirmando que a identidade, a sexualidade, e também a estrutura dos nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funcionam de acordo com uma lógica muito diferente daquela da razão.

A ideia de Freud é também sustentada de certa forma por Lacan (1977), argumentando este que a imagem do “eu inteiro e unificado” é formada em relação com os outros, nas complexas negociações com o inconsciente durante a primeira infância nas fantasias paternas e maternas que as crianças têm (fase do espelho). Salienta-se neste ponto o papel dos agentes socializadores, em destaque a família, onde a formação do indivíduo assume certas figuras como modelo. Sustenta ainda que a pessoa vivencia a sua própria identidade como se ela estivesse reunida e «“resolvida” – origem contraditória da identidade; mas, na realidade, “a identidade permanece sempre incompleta”, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada; processo em andamento; nós continuamos em busca da identidade e construindo biografias. A identidade é preenchida a partir do nosso exterior”, como refere Hall (Hall, 2001, pp. 36-37). Na mesma obra, Stuart Hall fala sobre “as culturas nacionais como comunidades imaginadas.” Neste domínio Hall interroga-se: “o que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia”? “Como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização?” (Hall, 2001, p. 50). Dado o teor das questões levantadas, torna-se

importante aprofundar a abordagem do autor, a fim de fazer as analogias possíveis com o tema em estudo.

A afirmação “a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” (Benedict Anderson, 1983 citado por Hall, 2001) abre discussão à volta do conceito identidade e sua imaterialidade. Salienta-se aqui a característica da imaterialidade da identidade. Os traços culturais que são assumidos pelas comunidades chegam através dos feitos dos seus antepassados. Vários fatores mostram esta ideia de “comunidade imaginada”: a origem das nações, perde pelos mitos do tempo, narrativa das nações, origens na continuidade, na tradição e na intemporalidade, invenção da tradição, o mito fundacional, o povo ou *folk* puro.

CAPÍTULO II

LUGARES, TERRITÓRIOS E A CONSTRUÇÃO DOS LUGARES TURÍSTICOS

A construção sociocultural da realidade social ocorre sempre num determinado espaço que se transforma depois em território pelas relações que se estabelecem nos determinados espaços. É conveniente uma abordagem dos vários conceitos envolvidos nesta afirmação, a fim de perceber como se processa a construção da realidade, especificamente nos lugares turísticos.

O presente capítulo analisa os vários espaços que podem existir dentro de um determinado espaço e verifica a pertinência desses espaços diversos e diferentes, muitas vezes antagónicos, com culturas e formas de ser *sui generis*. Também verifica a conceptualização de lugar a território, assim como as condições e características necessárias para esta transformação. Recorre a argumentos de diversos autores que perceberam a importância de estudos de lugares, não só nas suas características físicas, mas também as relações que são estabelecidas dentro dos territórios. Num terceiro momento, este capítulo busca a dimensão espacial e territorial do turismo para perceber, na visão de vários cientistas sociais, a integração da atividade turística num determinado território. Analisa as consequências e alterações que a atividade turística pode provocar no quotidiano das comunidades e privilegia também os benefícios que advém da interação entre os múltiplos agentes da atividade turística.

2.1. Os espaços dentro do espaço

Os conceitos de espaço, lugar e território constituem objetos de análise por parte de vários cientistas sociais. Não obstante, a sociologia afigura-se como o campo disciplinar de encontro de várias perspetivas, enfatizando as relações sociais que ocorrem dentro desses espaços e opondo-as, de certa forma, à visão mais clássica que insistia sobretudo em olhares penderes para o aspeto físico. O fenómeno turístico também aparece ligado a esses três conceitos, reclamando uma necessidade de reflexão e análise nas suas faces mais diversas. Dado o crescimento deste sector à escala global, interessa-nos trazer à análise um conjunto de estudos que nos permitem relacionar os vários conceitos entre si, de modo a uma melhor compreensão. De facto, o ponto de vista diferente de vários autores favorece uma análise crítica sustentada nas ideias principais dos autores e nas reflexões exigidas.

O estudo do espaço tem ocupado um lugar crescente na agenda de vários autores. De facto, mais do que somente o espaço físico, estabelecem-se relações de várias ordens que importa conhecer e explorar em profundidade. Em concreto, o espaço pode transformar-se em território, onde se estabelece uma certa relação do poder, onde existem regulamentos, vivências e culturas diversas. Aglomerado a esses conceitos, exploramos também a ligação com o Turismo, destacando-se a importância dos atores envolventes nessa área, sobretudo a comunidade anfitriã. Os estudos académicos sobre lugares e territórios constituem objetos de estudo de várias áreas do saber. No que concerne às áreas de Sociologia encontramos vários autores que o abordam. Destaque para Henri Lefebvre, David Harvey, Sharon Zukin, Saskia Sassen, Doreen Massey. Também Giddens e Foucault que, entre muitos outros, incorporam o espaço na forma como compreendem a construção da realidade social. Dos autores que já estudaram temas relacionados com espaços, lugares e territórios, destaca-se também (Weber, 1966), que em *The City*, trabalha estas questões no que concerne principalmente à urbanização e seus efeitos.

Nos anos 70 do século XX, autores próximos da teoria marxista concretizaram a discussão sobre o sistema capitalista e a reprodução de desigualdades sociais na produção do espaço (Harvey, 1973; Lefebvre, 1974; Castells, 1977). Também, (Vieira, 2007) na

sua obra intitulada *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, uma perspectiva estratégica* realça várias questões que vão ao encontro do trabalho que nos importa desenvolver. O autor foca os pontos ligados à importância do espaço territorial e do espaço turístico. Quanto aos estudos no âmbito das ciências sociais relacionados com o espaço ou lugares, durante muito tempo privilegiavam o espaço físico, enquanto meio ambiente/natureza. Porém, mais do que isso pode ser estudado no âmbito das relações que se estabelecem nos determinados espaços, nomeadamente as relações do quotidiano e das vivências dos elementos que fazem parte de determinadas sociedades. Para Giddens (1989), existe espaço para uma teoria social que ultrapasse os limites clássicos entre as ciências sociais. O autor concretiza esta orientação na centralidade que atribui “à problemática do distanciamento espaço-tempo das relações sociais” (Pires, 1988, p. 231). O autor sublinha também a relevância de considerar a “situabilidade” da interação no tempo e no espaço (Giddens, 1989, p. 89). Considera, ainda, que a maioria dos cientistas sociais trata o tempo e o espaço como meros ambientes de ação, e que estes não têm sido capazes de pensar os sistemas sociais na sua constituição através da articulação espaço/tempo. (Giddens, 1991), no seu trabalho “*As Consequências da Modernidade*”, refere o deslocamento do espaço do lugar provocado pela modernidade. O autor afirma o conceito de lugar enquanto “cenário físico da actividade social” (p. 26). Acrescenta ainda que “a separação do espaço do tempo, factor que irá estimular o surgimento de relações “entre outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada ou interacção face a face” (Giddens, 1991, p. 27). Por sua vez, Gieryn (2000), na apresentação das várias formas como se tem tratado o espaço na sociologia, defende:

um papel central para o lugar, mas defende que em vez de uma sociologia do espaço ou do lugar, toda a sociologia deve incluir uma sensibilidade para o lugar. O lugar estabiliza e dá durabilidade às categorias, diferenças, hierarquias estruturais da sociedade; compõe os padrões de interação presencial que constituem a formação de redes e a ação coletiva; incorpora e assegura normas culturais intangíveis, identidades, memórias...” (Gieryn, 2000, p. 473)

Lefebvre (1974) terá sido dos primeiros autores modernos a teorizar sobre o espaço enquanto produto e produtor social. O autor afirma que:

O processo de produção social do espaço reporta-se a uma relação dialética entre: as práticas sociais, relativas ao quotidiano vivido; as representações do espaço, constituídas por imagens e símbolos

concebidos por produtores “oficiais” do espaço (planeadores/urbanistas); e os espaços de representação, referentes às representações dos habitantes e outros utilizadores (Lefebvre, 1974, pp. 42-48; 48-49).

Segundo Lefebvre (1974), são vários os espaços sociais que se interpenetram e sobrepõem não só no social, mas também no plano físico e espacial. Para este autor, “o espaço não é uma coisa entre outras coisas, nem um produto, entre outros produtos: em vez disso, subsume coisas produzidas, e abrange a sua inter-relações em sua coexistência e simultaneidade - a sua (relativa) ordem e/ou desordem (relativa). É o resultado de uma sequência e um conjunto de operações e, portanto, não pode ser reduzida à categoria de um simples objeto. Ao mesmo tempo, não é nada imaginado, irreal ou "ideal" acerca disso, em comparação, por exemplo, com a ciência, representações, ideias ou sonhos” (Lefebvre, 1974, p. 73). Efetivamente, como diversos autores advogam, o conceito de espaço é complexo e multidimensional. Marques (2010), afirma que para se proceder à análise conceptual de espaços, torna-se necessário defini-lo como sendo detentor de ‘*Composicionalidade*’, ou seja, o espaço só pode ser compreendido em todas as dimensões que o constituem. Para este autor, este sincronismo expressa as propriedades do espaço que é simultaneamente produto e produtor de realidade, movimento e imutabilidade, processo e resultado, lugar de partida e de chegada. O espaço possui a qualidade de ser um todo, mesmo sendo apenas parte. Assim, para este autor:

o espaço pode conter elementos da natureza, mas também é formado pelas diversas dimensões sociais resultantes das relações que os sujeitos estabelecem entre si, aos níveis da cultura, da política ou da economia. Por outro lado, os sujeitos são produtores de espaços ao estabelecerem relações diversas, sendo produtos dessa multidimensionalidade (Marques, 2010, p. 77).

As premissas de Marques (2010) ilustram o reconhecimento de uma certa “vida” ao espaço. Já não se limita a constituição física do espaço, mas sim ao produto espaço e espaço como produtor de relações entre atores. Ao mesmo tempo, o espaço aparece como palco onde decorre o quotidiano dos elementos constituintes dentro do “espaço”. Assim, encontramos vários espaços, conforme sublinha Sousa Marques:

O espaço contém todos os tipos de espaços sociais que resultam das relações entre os sujeitos, e entre estes e a natureza, transformando assim esse espaço, alterando as paisagens, construindo territórios, regiões e lugares. A complementaridade é a qualidade pela qual o

espaço social complementa o espaço envolvente (espaço natural, espaço geográfico).” (Fernandes, 2005, citado por Marques, 2010, p. 78).

Dessa forma é produzido um espaço geográfico e/ou social específico: o território. O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder (Fernandes, 2005, citado por Marques, 2010, p. 79). O território apresenta-se para além do espaço físico e incorpora as relações sociais que a partir dele e com ele se estabelecem.

Em contexto africano, nem sempre a referência a espaço diz respeito a uma divisão física em metros ou quilómetros. Implica sim vários fatores que somente são apreendidos para os que vivem ou conhecem a cultura. As divisões de Angola em províncias com fronteiras físicas, hoje com esquadras e/ou presenças policiais nas ditas fronteiras provinciais, não fazem parte da estrutura tradicional da sociedade. A título de exemplo, “[o] reino do Kongo apenas existiu como unidade política natural nos seus primórdios quando os grupos que se segmentaram não estavam ainda enraizados nas suas novas terras, que os relatos europeus chamaram províncias” (Gonçalves, 2005, p. 115). Comungando da ideia do autor, a importância das linhagens também se impõe na questão da divisão dos territórios. Em concreto, “[a] divisão das terras não era territorial, mas, antes de mais, uma divisão de linhagens, alguns ocupando até o mesmo domínio e lutando pela supremacia e aquisição do poder. A unidade de base política, o grupo polarizado por um Chefe, era a linhagem e não a aldeia” (Gonçalves, 2005, p. 115).

2.2. Do lugar ao território – processo da construção da realidade social

No que diz respeito à identificação com os espaços, as pessoas identificam-se com determinados lugares e culturas através de um “senso do lugar”. “O senso do lugar surge quando as pessoas sentem uma ligação especial ou a relação pessoal com uma área na qual o conhecimento local e os contactos humanos são significativamente mantidos” (Sharma, 2004, p. 278). O quotidiano desenrola-se num quadro de espaço e tempo e nesse quotidiano acontecem vários fenómenos que caracterizam as interações entre atores sociais. Nesta linha encontramos o conceito do ‘espaço social’, que é utilizado em sociologia para designar sobretudo o campo das inter-relações sociais. A este propósito, Simmel (1986) refere que “o espaço social é entendido como um campo de forças onde os agentes sociais se definem pelas suas posições relativas” (Simmel, 1986, p. 643). Refira-se, todavia, que é necessário verificar a relação existente entre o espaço natural e o espaço social que é construído num determinado contexto. A própria sociedade produz o espaço social em ligação também com o espaço natural, onde este constitui um contexto, um palco de funções diversas dos atores, da divisão do trabalho e da diferenciação. Neste contexto, o espaço é apresentado com todo o seu envolvente, acabando por apresentar uma certa complementaridade. O carácter social do espaço acaba dá vida e favorece um certo dinamismo baseado nas relações que atualmente se estabelecem, bem como nas relações que as memórias guardam acerca do palco onde as ações aconteceram. Estas ações de uma forma ou outra marcaram os vários atores durante percursos vividos ao ponto de se criarem laços de identidades com o espaço geográfico, mas também com os sujeitos das relações. Por sua vez, o conceito território remete para a relação entre os lugares e o sistema de poder.

Marques (2010) sublinha que os territórios movimentam-se e fixam-se sobre o espaço geográfico e, é no interior deste espaço, que há geralmente uma multiplicidade de territórios. Esta premissa ilustra claramente a ideia de que o território não é considerado um espaço físico, tangível e palpável. De facto, as relações que se estabelecem dentro do espaço é que o transformam em território, dado que o espaço em si, pré-existe ao território. A revisão da literatura a este respeito deixa perceber uma certa oposição entre pontos de vista de autores que veem um certo dinamismo no “território” e outros com visões mais estáticas:

Se por um lado existem aqueles que teimam em perceber o território com uma configuração estática, há outros que chamam insistentemente a atenção para a realidade complexa e dinâmica, e em permanente mutação, que os territórios apresentam e que, em sua opinião, mais não são do que o reflexo das dinâmicas físicas, socio-económicas e culturais do contexto local (Gehlen e Riella, 2004, p. 20, citado por Marques, 2010, p. 79).

O conceito de território enfatiza questões relacionadas com as relações que se estabelecem em determinados espaços:

O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Os territórios formam-se no espaço geográfico a partir de diferentes relações sociais. O território pode ser definido como uma fração do espaço geográfico e/ou de outros espaços materiais ou imateriais (Marques, 2010, p. 78).

O conceito de território pode assim ser definido como um espaço socialmente construído, possuidor de recursos naturais e detentor de uma história construída pelos homens que nele habitam, através de convenções de valores e regras, de arranjos institucionais que lhes conferem expressão, e de formas sociais de organização da produção (Marques, 2010, p. 78). Para este autor:

os territórios movimentam-se e fixam-se sobre o espaço geográfico. O espaço geográfico de uma nação é o seu território. E no interior deste espaço há geralmente uma multiplicidade de territórios. São as relações sociais que transformam o espaço em território e vice-versa, no entanto, o espaço é um a priori ao passo que o território se caracteriza por ser um *aposteriori* (Marques, 2010, p. 78).

2.3 A dimensão espacial e territorial do turismo

O turismo acontece num determinado lugar. É aí que acontecem as relações sociais entre atores oriundos de diferentes sociedades, logo, culturas. A ligação das relações sociais com os seus espaços constitui uma interessante e profícua área de investigação. Quando associados ao turismo, parece lógico ser a Sociologia do Turismo a encarregar-se de analisar e compreender esta relação. Neste sentido, Dias atesta que a “Sociologia do Turismo é o estudo do turismo, utilizando o instrumental teórico da Sociologia para analisar as relações sociais encontradas nas actividades turísticas e seus desdobramentos”. Para este autor, compete à Sociologia do Turismo “o estudo sistemático das relações sociais e da interacção entre indivíduos e grupos relacionados com a actividade turística...” (Dias, 2003, p. 18). A interacção social envolve múltiplos e diferentes atores no turismo: turistas, anfitriões, sector público e privado do turismo. Assim, a temática que ora trabalhamos ganha um enfoque maior para os lugares turísticos, a comunidade e o turista. Olhar à construção sociocultural dos lugares turísticos exige que se faça uma explanação em profundidade acerca do espaço. Mostra-nos para além do espaço/lugar físico, os diversos espaços que são construídos através do quotidiano do homem e da sua história. Espaços construídos baseados na identidade e sentido de pertença a uma determinada comunidade, num dado lugar, onde os atores possuem um sentido de pertença aos seus antecessores. Os espaços físicos passam a ser territórios através das relações estabelecidas, dos quotidianos que marcam o desenrolar da vida da comunidade, conforme já foi salientado. Deste modo, a atenção recai sobre as relações entre o turista e a comunidade anfitriã. E é nesse sentido que se estabelece a relação entre o lugar, território e o turismo.

Rodrigues (1997) propõe uma sistematização das dimensões espacial e territorial do turismo a partir de três elementos organizadores: os polos compostos pelas áreas emissoras de turistas, os polos definidos pelas áreas recetoras e as linhas de ligação desses polos, por onde circulam os turistas e as informações. É especialmente nas áreas recetoras que podemos identificar o território do turismo ou o *lugar turístico* por excelência. A autora sugere então a possibilidade de três tipos de relações entre turismo e território: a) pode existir território sem turismo; b) pode existir um turismo sem território; c) podem existir territórios turísticos. Estes são entendidos como “territórios inventados e

produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores” (Knafou, 1996, p. 72). O território pode ser entendido como uma rede de relações sociais que, a par da sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre 'nós' (o grupo, os membros da coletividade ou 'comunidade', os *insiders*) e os 'outros' (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (Souza, 2001). Envolve sempre uma dimensão cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação) (Haesbaert, 2004). Note-se que os territórios são construídos e desconstruídos socialmente. Quando o turismo impõe as suas funções numa vila ou cidade, o território transforma-se num território turístico. O território turístico pode ser entendido como um produto social em permanente transformação (Cruz, 2002). Por isso, não podemos observar os territórios como meros terrenos, intactos, imóveis e inertes, o que faz deles um foco de atenção privilegiado para as políticas públicas. E, de facto, “atualmente o debate sociológico sobre as políticas públicas de turismo gira à volta da sua territorialização. O turismo é um fenómeno social que se desenvolve sobre um espaço sociogeográfico composto por vários atores que interagem dentro de um sistema social local, nacional e global (Yashumura 1995), citado por (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 39).

Os espaços são elementos fundamentais para a relação do turismo com a cultura, mas também para a relação social entre os turistas e a população recetora do turismo. Os papéis de uns e outros são diferentes, tal como os significados que dão a cada elemento material ou imaterial. Na ótica de Cravidão (2006), o lugar faz parte da essência do ser humano. Engloba elementos físicos e culturais e, portanto, no que se refere à realidade turística, ambos os elementos são necessários para que o turista possa de certa forma compreender e apreciar o lugar. “O lugar é um elemento fundamental na formação e construção da cultura turística” (Wearing et al.) citado por (Marujo & Cravidão, 2012). Por sua vez, a atividade turística acontece num determinado lugar, escolhido por várias motivações por parte do consumidor turista. Neste “lugar” verifica-se interação constante com os atores sociais, com os profissionais da área que, por sua vez, tem uma especial relação com o espaço envolvente. As atividades turísticas causam impactos positivos e negativos nos territórios. No que concerne à importância do território para o turismo, a ordenação e a gestão territorial tornam-se, assim, instrumentos fundamentais para a

transformação de vantagens. O turismo é um fenómeno social e, portanto, “o espaço turístico tem inevitavelmente a componente territorial” (Vieira, 2007, p. 63). Sustentado no autor, e tendo em conta as componentes gerais que diretos ou indiretamente estão interligados ao turismo, o território ganha relevo aqui, no seu âmbito social e cultural. Saliente-se que o território possui os seus costumes e leis que norteiam o quotidiano dos seus atores através de padrões estipulados em determinado espaço. Não podemos excluir das relações e interações entre os intervenientes do setor turístico do contexto físico, das atrações dos espaços que acabam por constituir a realidade de determinados lugares. O espaço geográfico em estudo inclui todos os aspetos antes citados, verificando-se que “[a] região central, constituída pelas províncias do Bié, Huambo e Malange, é um dos futuros destinos tradicionais do turismo nacional, por se tratar de um notável património histórico e arquitetónico (Fernando, 2015, p. 132).

Devido ao multifacetismo do turismo, os territórios no seu todo acabam por proporcionar relações entre os turistas e o espaço em si, bem como as várias atividades que decorrem num determinado território. O sistema turístico de um destino mostra-nos estas várias ligações do fenómeno turístico onde se destacam os espaços de movimentação dos atores que fazem parte do sistema e dos seus respetivos lugares/espaços/territórios. Tanto na região geradora, no destino, como nas regiões de rotas de trânsito, o espaço físico e não só, ganha importância. Espaços referenciados que já atingiram o patamar de serem transformados em territórios, dados às movimentações, às relações, aos regulamentos e poder.

CAPÍTULO III

TURISMO, CONSTRUÇÃO E INVENÇÃO NA PROVÍNCIA DE MALANJE – PUNGO ANDONGO, KALANDULA E CANGANDALA

O terceiro capítulo busca uma caracterização dos três municípios em estudo a partir essencialmente de relatos de viagem. Foge à tradicional caracterização histórica e geográfica para inteirar o leitor sobre o tema a partir das revelações das vivências humanas nos espaços em apreço. Destaca também momentos de adversidades vividas nos territórios em estudo, daí denominar-se de fragmentação e solidificação, de modo a perceber a identidade dos malanjininos e diversas influências sofridas a nível de linguagem, opção religiosa e assimilação. É neste contexto que *nascem* as figuras lendárias e as figuras dos reinados que ainda hoje vivem no imaginário e determinam as práticas das comunidades.

Os primeiros contactos dos malanjininos, ou para ser mais preciso, das malanjininas aconteceram à margem dos rios perante as atividades do quotidiano. Este capítulo aborda esta temática destacando a interação e o nome da província alegadamente nascido do choque de culturas. A importância da província é tal que historicamente provocou vários conflitos e resistências em volta da posse das terras e do controlo da produção agrícola. Na sequência das primeiras interações entre o homem branco e negro desenvolveram-se várias atividades com destaque para o comércio, que acaba por desempenhar papéis cruciais na estruturação da sociedade malanjinina. Na mesma linha, o capítulo pormenoriza a pertinência da Baixa de Cassanji e da empresa Cotonang na vida dos malanjininos.

3.1. Malanje: história e geografia a partir das narrativas de viagem

Recorreu-se à escolha das narrativas de viagem para apresentar a descrição de Malanje, especialmente para nos distanciarmos das descrições frequentemente descontextualizadas e objetivas apresentadas nos livros escolares. As narrativas fornecem olhares diferentes e com vivências de pessoas que experimentaram lugares e mantiveram relações específicas nos territórios. Há também assim a possibilidade de transmitir transparências e vivacidades com fugas às pressões académicas ou políticas. O presente trabalho procura identificar dentro dos espaços físicos as relações e emoções que se vivem. Nestes pressupostos vimos a importância de recorrer a narrativas como fontes proficuas para apresentar a província, contudo, sempre que possível vamos ter em mente que muitas narrativas correspondem aos olhares dos autores que observam sem serem participativos das vivências. “As crónicas de viagens e os documentos escritos por estes autores, bem como as tradições orais colhidas, apresentam, evidentemente, o risco de projeções culturais” (Gonçalves, 2005, p. 18). Assumindo o risco para que o autor adverte, as descrições históricas dos autores nacionais complementam e favorecem uma melhor analogia. Para uma salutar compreensão, a presente investigação foi assumida com uma cronologia móvel ao ponto de trazer informações e acontecimentos do século XVI, bem como o período que vai da segunda metade do século XIX até 1975. Após esse período também foi necessário trazer abordagens na época pós-colonial, momento da guerra civil e uma visão sobre o período pós conflitos. A cidade de Malanje, foi criada a 10 de Março de 1857 por um documento do Governador-geral Carvalho do Amaral⁸, que define simultaneamente o distrito dessa nova cidade, constituído pelas zonas de Ambaka, Pungo-Andongo, Duque de Bragança (Kalandula) e Talla Mungongo. A figura (4) ilustra o enquadramento do país. Angola possui uma área de um milhão, duzentos e quarenta e seis mil e setecentos quilómetros quadrados (1.246.700km²), com uma extensa linha da Costa de aproximadamente mil e seiscentos e cinquenta quilómetros quadrados (1650km²), banhada pelo Oceano Atlântico. Faz fronteira a Norte pela República de

⁸ José Rodrigues Coelho do Amaral nasceu em Lisboa a 15 de Maio de 1808 e faleceu na Ilha de Moçambique a 14 de dezembro de 1873. Foi um general de brigada (engenharia) e administrador colonial português que exerceu o cargo de Governador-Geral da Província de Angola por duas vezes. 1854 e 1860. tendo sido antecedido por um Governo Provisório em 1854 e sucedido por Carlos Augusto Franco e a segunda em 1869 e 1870.

Congo e a República Democrática do Congo, ao Sul com a República da Namíbia, a Este com a República Democrática de Congo e a República de Zâmbia, a Oeste com o Oceano Atlântico (Zerquera, 2011, pp. 11-12). Verifica-se a estação das chuvas que vai de outubro a abril e a estação da seca, também denominado de cacimbo, que vai de maio a agosto: “[a]presentando um clima temperado com uma estação das chuvas que vai de novembro a abril seguida por uma estação seca frio que vai de Maio a Outubro, na província de Cabinda predominância das chuvas ao longo de quase todo o ano” (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 58).

Para chegar a Malanje é necessário passar pelas províncias de Bengo e Cuanza Norte. Dista cerca de quinhentos e setenta e seis quilómetros (576 km) de distância da Capital angolana, percurso que atravessa moradias, aldeias, matos e pântanos. Várias são as aldeias a atravessar até ao destino, num percurso de aproximadamente 8 horas de condução. Malanje possui uma área de noventa e sete mil e seiscentos e dois quilómetros quadrado (97602 km²), composto por catorze (14) municípios. Malanje foi galardoada com uma das 7 Maravilhas naturais de Angola com As Quedas de Kalandula em destaque.⁹ Dado a província escolhida para este trabalho estar incluída, assume maior responsabilidade pesquisar sobre o lugar natural com vocação turística. Na visão de Santos 2015, “a eleição das 7 Maravilhas Naturais de Angola, têm como objetivo a preservação geral do património nacional e a riqueza natural, a valorização do orgulho e do património nacional, o fomento do turismo interno e a promoção da cultura regional”.¹⁰

Cientes de que muitas descrições acerca da província podem não ser tão exatas quanto desejado, busca-se sempre a contextualização das narrativas, que muitas vezes são de cunho político, religioso ou simplesmente geográfico. Nalguns casos podem pecar pelo enquadramento sociocultural, mas ainda assim fornecem dados pertinentes para análises como esta. Estas inquietudes não são exclusivas da realidade malanjina ou angolana, mas a muitos países que estiveram sob o domínio de outros. Como refere Gonçalves, “o Reino do Kongo dos cronistas e missionários dos séculos seguintes (após XV), enformando uma

⁹ Nomeação das 7 maravilhas Naturais de Angola aconteceu em 2014 com a presença da OMT. Destacam-se os eleitos: Fenda da Tundavala, na Huíla; Floresta do Maiombe, em Cabinda; Grutas do Nzenzo, no Uíge; Lagoa Carumbo, na Lunda Norte; Morro do Môco, no Huambo; Quedas de Kalandula, em Malanje; e Quedas do Rio Chiumbe, na Lunda Sul.

¹⁰ http://fugas.publico.pt/Noticias/333890_angola-elegeu-as-suas-7-maravilhas-naturais

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

realidade muitas vezes ambígua que nem sempre corresponde aos espaços sociais e culturais que este livro procura estudar (Gonçalves, 2005, p. 17).

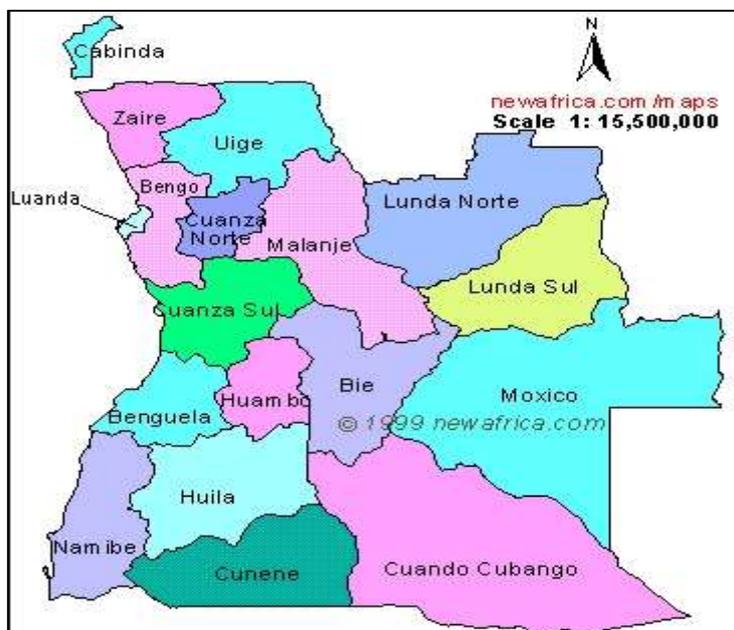


Figura 1 Mapa de Angola ¹¹

¹¹ Fonte:

https://www.google.com/search?q=mapa+geogr%C3%A1fico+malanje&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiu3ovox43eAhVLDsAKHVPuBS4Q_AUIDigB&biw=1366&bih=608#imgdii=IUITN3vJkspudM:&imgsrc=mSf9FAuCCpJkIM:

fizeram dessa localidade a sede de uma divisão militar colonial para sustentar os eminentes ataques dos Imbangalas, construindo assim em 1857 o presídio de Malanje destinado a dar segurança ao tráfico entre Ambaca e Kasanje. A partir daí, Malanje tornou-se imediatamente um lugar de passagem obrigatório para caravanas dos carregadores que, vindo do mato se dirigiam para o Dondo que naquela época era grande centro de comércio e que até a construção do caminho de ferro de Ambaca, aí paravam, se reuniam e prosseguiam o seu caminho (Santos E. S., 2006, pp. 41-42).

As descrições sobre Malanje sempre trazem a caracterização da sua beleza de uma forma deslumbrante e chamativa. Kamabaya, no seu trabalho sobre Baixa de Kassanji afirma que “há em Malanje paisagens maravilhosas, tais como majestosas Pedras de Pungo Andongo, as importantes Quedas de Kalandula no rio Lukala, as Quedas do Luandu, no rio Luandu e o Salto de Cavalo, no rio Kwanza” (Kamabaya, 2007, p. 28). Henrique de Carvalho¹⁵ empreende em 1884 a sua viagem de exploração pelas terras de Mussumba, de Mutiamvua, recolhendo alguns dados importantes sobre as regiões antigas que atravessou. Portanto, Malanje naquela época, já apresentava movimento comercial razoável. Em 1906, começaram as obras de construções do caminho de ferro Lucala-Malanje, que só chegaram a ser concluídas em 1909. Para além da exploração agrícola, florestal e pecuária, estabeleceram-se diversas indústrias que contribuíram para o desenvolvimento de Malanje. Especialmente, a sociedade dos diamantes e a do algodão estão na base da grande reputação que Malanje conquistou. Já as histórias mais sólidas sobre o nascimento de Malanje devem-se aos trabalhos de Henriques de Carvalho, embora este último só tenha chegado a Malanje em Julho de 1884.

Para a caracterização de Malanje centramo-nos em documentos vários, com teor e conteúdos que diferem, em alguns casos de modo notório. O guia turístico da 12ª edição apresenta a província com 97.602km², onde se incluem 14 municípios. O clima tropical é húmido com temperatura média de aproximadamente 22º C. A complementar, trata-se de “uma província privilegiada em termos de belezas naturais (ELTA - Empresas de Lista telefónicas de Angola, 2014). O guia turístico assume as atrações principais, nomeando as Pedras do Pungo Andongo, as Quedas de Kalandula e a mesa da Rainha Nginga.

¹⁵ Henrique Augusto Dias de Carvalho foi um dos exploradores portugueses do século XIX. Natabilizou-se pela viagem realizada à região angolana da Lunda fazendo uma ampla divulgação da geografia da região e da cultura dos povos que a habitam. Nasceu em 1843 e faleceu em 1909.

Releva-se também o Morro do Bongo, a barragem de Capanda, a maior do país. No que diz respeito à fauna, destacam a Palanca negra gigante, hienas malhadas, os mabecos, leopardo, chita, gunga, kissoma, puku, songue, bambi comum, pacaça, elefante, lebre, palanca vermelha, golungo, nunce, búfalo, javali, hipopótamo, crocodilo, leão, onça, pongolim (ELTA - Empresas de Lista telefónicas de Angola, 2014). A nível histórico, apresenta o principal acontecimento: o massacre da Baixa de Cassanji, assumindo como o primeiro grande momento de rebelião nacionalista angolana. O guia turístico destaca ainda as cascatas e quedas de águas, perímetros florestais, parque de Cangandala, aves, rios, caminhos de ferro entre outros com teor de apresentar a província para a mercantilização. É no perímetro das pedras do Pungo Andongo que se referem as lendas: “segundo a lenda, a rainha Nginga organizava orgias e sessões de tortura dos seus oponentes” (ELTA - Empresas de Lista telefónicas de Angola, 2014, p. 169).

De um outro ponto de vista, mais nostálgico, por parte de alguém que viveu em Malanje, também o autor Martin apresenta na sua obra descrições da província. Inicia da seguinte forma: “são tais, tantas e formosas as dádivas da natureza que Malanje se consubstancia – sem favor, - num dos mais eloquentes repositórios paisagísticos angolanos” (Martin, 2014, p. 7). Antes da descrição mais geográfica, o autor começa por ilustrar um certo saudosismo. Acrescenta possuir uma cidade calma. Arejada e modernizada, possuindo assistência hospitalar, boa rede de ensino, comércio diverso e adequado (Martin, 2014). O modo de caracterização do autor foge aos formalismos e cânones geográficos. Ao contrário, embeleza todos os espaços e produtos da província:

Este fabuloso chão de Malanje, apresenta subdividido em três principais áreas geoeconómicas: o planalto propriamente dito, a Baixa de Kassanji e a zona de Luando. A par da atividade pecuária, Malanje é poderosa em termos agrícolas, pois aqui se cultiva entre outros, mandioca, tabaco, algodão, sisal, arroz, banana, citrino, maracujá, manga, goiaba, abacaxi, abacate ervilha, batata-doce, amendoim, girassol, feijão, soja e hortícolas. A fauna e a flora cobrem todo o leque farto e variado, e abunda o eucalipto e pinheiro. (Martin, 2014, p. 7).

A caracterização apresenta ainda os minerais como diamantes, cobre, calcário, urânio e fosfatos. Refere as quedas de Kalandula como a segunda maior de África, o rio Lucala e várias quedas de água. Destaca ainda o rio Kwanza: “Nascido lá longe, em terras do Bié, magnânimo enceta uma longa viagem estimada em novecentos e sessenta quilómetros,

atravessando díspares lugares antes de abraçar o mar da Barra do Kwanza, a sul de Luanda” (Martin, 2014, p. 8). Após essa apresentação coroado de quem fala também com coração, o autor finaliza afirmando que por essas razões faz sentido o nome do rio ser dado à moeda nacional angolana.

As duas descrições da província, por um lado como forma de apresentar a província como um produto de consumo aos turistas; por outro lado, a caracterização de quem viveu entranhado na província, complementam-se de forma a perceber memórias dos espaços vividos, das potencialidades e da identidade de Malanje. A sequência das caracterizações de autores que pesquisaram ou de outros que descreveram as suas viagens pelas terras da Palanca negra gigante vão ilustrar a importância histórica e o processo da construção da realidade social em determinados e diferentes contextos.

Kamabaya afirma que “o planalto de Malanje, com uma altitude média de mil e duzentos metros, (1200m), é uma região essencialmente agrícola, em que a pecuária também ocupa um lugar de relevo. E os cursos de água, uma vez aproveitados para a rega e energia elétrica poderão tornar o planalto de Malanje num verdadeiro celeiro de Angola” (Kamabaya, 2007, p. 27).

Entre os dias 1 de Janeiro e 25 de Fevereiro de 1887, Héli Chartelain¹⁶ empreende uma viagem de Luanda a Malanje, viagem por ele descrita de forma magistral. O autor destaca a travessia do rio kwanza fazendo referência aos crocodilos deitados no chão, e desaparecendo nas águas. Observa como o silêncio dos grandes rochedos é apenas interrompido pelos gritos das aves que fogem com o aproximar dos homens. De tempo em tempo um macaco negro vem espreitar nos escondidos no meio de um arbusto de ramagem densa. Descreve ainda, por exemplo, um exame de insetos de que os mosquitos não protegiam completamente. De seguida refere-se às Pedras de Pungo Andongo nestes termos: “Célebres rochas e únicas conhecidas do género”.¹⁷ Constituem lugar de

¹⁶ Héli Chatelain foi um linguista e missionário protestante suíço. Ele fez um compromisso com o povo de Angola, onde fundou uma missão e, em particular, lutou contra a escravidão que ainda assolava o país no século XIX. Nasceu a 29 de Abril de 1859, Suíça e faleceu a 22 de Julho de 1908 em Lausana, Suíça. Lançou várias obras entre as quais a gramática elementar do Kimbundo.

¹⁷ Cf. A imagem da formação das Pedras Negras de Pungo Andongo via satélite in

<https://www.google.com/search?biw=1366&bih=608&tbm=isch&sa=1&ei=tTHHW5QrioCBBtPfqNAH>

denominadas de Quedas do Duque de Bragança.²¹ Assim, a incomparável beleza natural das segundas maiores cataratas de África (Quedas de Kalandula), encontra-se no Município de Kalandula, província de Malanje, sendo a principal atração daquela localidade. As quedas de Kalandula estão localizadas no rio Lucala, o mais importante afluente do rio kwanza, distanciado da cidade de Malanje com cerca de 80kms, e com 420kms da cidade de Luanda. As quedas de Kalandula têm uma extensão de 410m e uma altura de 105m; são as segundas maiores de África, a seguir das quedas Vitória, na fronteira entre a Zâmbia e o Zimbabwe. À volta dessa paisagem acontecem várias atividades que criam relações entre a comunidade e os visitantes. Esta intercomunicação vai desde uma simples solicitação de informações ou nas transações comerciais. Este lugar une vários atores sociais com diferentes tarefas. Apresentada Kalandula, é conveniente frisar que o governo criou o Pólo de Desenvolvimento Turístico de Calandula (PDTC)²², dado a importância que a região possui a nível do turismo, graças às antigas Quedas do Duque de Bragança, atual Quedas de Calandula.

Os Rápidos do kwanza são um ponto turístico localizado no Município de Cangandala, distando da cidade de Malanje com cerca de 50kms. Segundo o Soba (António Coelho e Francisco Pintinho, 2016), moradores antigos da região, os rápidos do kwanza devia ter sido descoberto pelo avô Kaluzako, e fundado pelo Avô Kamassa o antigo soba da região do município Cangandala. É o rio kwanza que os contém, dando-lhe um ar paisagístico agradável, sendo que logo a seguir a eles, vê-se uma grandiosa ponte de betão que faz ligação entre Malanje e kwanza Sul. Aqui o rio abre-se em dois braços originando uma ilha aberta de árvores de grande porte e que vem crescer a beleza a que atrás referimos, oferecendo um clima agradável e perfeito a todos que procuram aquele atrativo turístico natural. Na região onde ocorrem os rápidos do kwanza, o ambiente é rico e diversificado, de clima tropical húmido com uma temperatura de 21, 5°C, o que favorece, por exemplo, a prática da atividade agrícola. A flora é diversificada com uma vegetação composta por florestas abertas, savanas e estepes. Segundo o soba da região, António Coelho, existem ainda hipopótamos que visitam regularmente aquele

²¹ Fonte:

https://www.google.com/search?biw=1366&bih=608&tbm=isch&sa=1&ei=1DTHW4bOBMnDgAbRmYzwCA&q=mapa+calandula&oq=mapa+calandula&gs_l=img.3...153392.158741.0.158892.19.15.0.0.0.960.960.6-1.1.0....0...1c.1.64.img..18.1.960...0j0i67k1.0.X6hSGHHIS50#imgrc=td0-FPMFNjdp-M:

²² Decreto Presidencial DPnº54/11 de 24/03/11

local, ao final do dia; por isso, durante o dia é possível serem observadas as suas pegadas bem perto do local onde ocorrem os rápidos do kwanza.

Para além das características naturais e paisagísticas da região, verifica-se um fluxo considerável de pessoas a frequentar a praia fluvial. Neste espaço podem-se observar movimentações de grupos de jovens de diferentes crenças religiosas e ideologias políticas. Também as interações entre os visitantes e a comunidade é nítida. Apreciam-se as transações comerciais e as negociações para os passeios de pequenos barcos pelo rio. No momento da aplicação dos questionários, apesar da autorização da administração, deparamos com obstáculos imprevistos, na medida em que o Soba da região mostrou o descontentamento por não ter sido informado do trabalho a decorrer. O acesso à praia fluvial dos rápidos do kwanza faz-se por meio de aldeia. Já no percurso verifica-se a correria de crianças querendo saudar os visitantes, bem como servir de guias intérpretes.

A fauna da região é caracterizada por animais pequenos e de médio porte, como guelengues. Como destaque temos uma espécie rara e famosa: a Palanca Negra Gigante, com seus enormes chifres curvados para trás num semi-circo perfeito. Esta se encontra somente no Parque Nacional de Cangandala, província de Malanje, conhecido também como Santuário da Palanca Negra Gigante. Este animal constitui o símbolo da equipa de futebol de Angola e símbolo da companhia aérea do país. À volta da imagem da Palanca Negra Gigante se estrutura a identidade do povo angolano numa forma geral e dos malanjinos em particular. Nas conversas paralelas tidas com os residentes mostraram-se orgulhosos de ter um animal único no mundo, todavia, o fato de a equipa de futebol estar a passar uma época de resultados negativos, um dos residentes afirmou que: “a equipa de futebol de Angola devia mudar o nome. Já não estão a honrar a nossa Palanca.”²³

Diversos autores estrangeiros acrescentam relatos que permitem conhecer mais em profundidade a realidade malanjina. Centram-se sobretudo nas descrições geográficas e observações dos espaços mais físicos. O problema se levanta quando as descrições buscam pormenores mais culturais. Gonçalves (2005), sustenta a ideia de que se trata de

²³ Fonte: pode ser contemplada a imagem da Palanca Negra gigante https://www.google.cv/search?tbm=isch&sa=1&ei=JBDXW9rvBZK6kwWq2ID4Cg&q=palanca+negra+gigante&oq=palanca&gs_l=img.1.2.0110.37227645.37235012.0.37238325.35.16.0.0.0.236.1828.0j10j1.11.0....0...1c.1.64.img..26.7.1225...0i67k1.0.X-nLkS6sRKw#imgcr=VXtD1ahNSLv3WM:

histórias relatadas por estrangeiros e analisadas por observadores, na sua grande maioria exteriores ao contexto sociocultural desta sociedade” (p. 18).

3.2. Pungo Andongo, Kalandula e Cangandala

Os três territórios (Pungo Andongo, Kalandula e Cangandala) foram eleitos para o estudo em causa. A análise dos dados documentais disponíveis, a que se vieram somar as conclusões retiradas dos questionários e entrevistas permitiu consolidar a importância que cada um destes territórios têm na vida dos malanjinós. Mesmo as pessoas que não residem nesses locais, aquando da aplicação dos questionários no centro de Malanje não hesitaram em confirmar o peso destes lugares no imaginário, identidade e economia local. Na localidade de Pungo Andongo a identidade é ancorada não só no espaço físico, mas também nos mitos e lendas à volta das figuras do pai Kilwangi e dos irmãos Ngola M’bandi e ²⁴Rainha N’jinga M’bandi, sobre as construções das pedras negras num único dia. As histórias sobre acontecimentos misteriosos são muitas vezes associadas a mistérios religiosos. Temos o caso da igreja de Nossa Senhora da Conceição em Monforte, Portugal, no século XVI, onde, “ao redor desta igreja a ‘imaginação colectiva, bem como a devoção e religiosidade popular do povo, conta que aquando da edificação da mesma igreja, Imagem da Santa terá aparecido na superfície duma rocha, denominada pela Pedra do Rossio de Monforte” (Cristo, 2006, p. 80). Igualmente, acontece na sabedoria popular em Cabo Verde, na ilha de Santiago, especificamente no concelho de Santa Catarina, reza que o lugar onde foi edificada a igreja de Santa Catarina era constituído por ervas e arbustos. Tentaram construir a referida igreja noutra espaço, mas todas as manhãs a imagem da Santa Catarina aparecia no meio dos arbustos. Como acontecera inúmeras vezes, decidiram então construir a igreja no espaço do *mistério*. Os lugares focados aparecem vestidos das suas características naturais e sobrenaturais. Envoltos na natureza, associam-se várias manifestações culturais, religiosas e visitas de ilustres figuras que advêm dos tempos da colonização. Primeiramente, os espaços apresentam de certa forma atrativos naturais e, num segundo plano, associam outros

²⁴ Nzinga Mbande Cakombe, conhecida como Ngola Nzinga Mbande. Nasceu em 1583, Angola. Faleceu a 17 de Dezembro de 1663, Reino da Matamba. Mais detalhes sobre a figura será objeto de análise no texto.

atrativos baseando-se nitidamente nas culturas e vivências quotidianas dos povos. O fluxo de pessoas e relatos vários foram dando e revelando a importância aos lugares, hoje turísticos. Destacamos a “Expedição portuguesa ao Muatiânvua 1884 – 1888, climas e produções das terras de Malange a Lunda.” Os lugares de visita na província de Malanje se alargam no tempo, conforme várias obras descrevem momentos diferentes. Destacam-se visitas por variadíssimas motivações nas obras que jazem na biblioteca de Ultramar em Lisboa.

“Chegamos a Malanje às seis e meia horas da tarde do dia 6 de julho de 1884, depois de umas dez horas de fatigante marcha” (Carvalho, 1890, p. 30). A descrição apresentada na obra mostra o encantamento dos visitantes, embora o destino final fosse Luduco (próximo de Malanje). “Destinam-se esta expedição ao Luduco, e acompanha-se do tenente Wissenan, chefe, do Dr. Wolf, sub-chefe e médico, Von François, observador, e dos dois irmãos Muller, sendo um delles hábil photographo e o outro predador de colecções zoológicas” (Carvalho, 1890, p. 30). As figuras aqui apresentadas, na qualidade de visitantes, mostram-nos os interesses que na época a região já despertava, tanto a nível das deslocações civis, como as visitas oficiais. No “Diário de viagem do presidente Américo Thomas²⁵ às províncias de Angola e São Tomé e Príncipe - 1963 – agência geral de ultramar – lisboa MCMLXIV, são-nos também dadas a conhecer diversas descrições dos lugares da província em causa. Os lugares de destaque dos inquiridos também foram eleitos e destacados pelo então presidente, conforme relata o diário de viagem datado de 1963. Constitui mais uma obra que destaca a visita a Malanje por parte de um presidente e sua equipa de comboio. A descrição desta viagem demonstra grande receção a partir de Cacuso: “Em Cacuso houve uma paragem de meio minuto para o presidente corresponder à grande manifestação do povo que acorreu em peso à estação, com aclamações em lágrimas” (Thomas, MCMLXIV , p. 143).

Descrição semelhante chega-nos pela via de um viajante: “ao longe à direita, os enormes afloramentos rochosos das Pedras Negras do Pungo Andongo, onde a lenda assinala as pegadas da Rainha Njinga (Thomas, MCMLXIV , p. 144). Esta descrição

²⁵ Américo Deus Rodrigues Tomás foi um político e militar português. Décimo terceiro Presidente da República Portuguesa, último do Estado Novo português. Nasceu a 19 de novembro de 1894 e faleceu a 18 de setembro de 1987.

destaca para além dos afloramentos rochosos, a pegada da Rainha N'jinga²⁶, sobre a qual muitas lendas e mitos se encontram mergulhados. Os inquiridos, comunidade anfitriã e visitantes, por suas vez, não destacam somente a beleza dos espaços e a admiração pela grandiosidade das pedras, mas afloram a história à volta das pegadas: “Estas pegadas aconteceram quando a rainha N'jinga fugia dos portugueses, mas também, o próprio N'gola Kiluangi fugiu por estas vias e nunca mais foi visto,” - reforça um dos inquiridos²⁷, pertencente à comunidade de Pungo Andongo. De certa forma, a consolidação dos espaços foge à materialidade dos rochedos e dos demais espaços físicos, trazendo a imaterialidade afigurados das histórias e mitos das regiões. As visitas do governo português à província eram sempre motivação de afluência de população. Por um lado, amistoso e, por outro, quase que uma obrigação subentendida. A receção, as saudações e as frases que eram expostas ilustravam o regime político que Angola vivia em relação ao Portugal. Destaca-se uma frase: “Angola foi e é, e sempre será portuguesa” (Thomas, MCMLXIV , pp. 145 - 153).

Também a localidade de Calandula (também escrito em várias literaturas com “k”, Kalandula) constitui um dos pontos fulcrais de destaque. O foco parte de Quedas de Calandula, conhecida na época colonial como Quedas do Duque de Bragança. Os fluxos das visitas são notáveis ainda nos tempos de hoje. À semelhança de outros lugares denominados turísticos, este é principalmente um espaço de admiração da natureza, mas ao mesmo tempo constitui um espaço de transações comerciais, espaço para captação de fotografias para recordação posterior e, acima de tudo, um espaço de economia local, embora que à pequena escala (“ganha pão”), para a comunidade de Calandula. Outrora a visita ao referido espaço já demonstrara a importância da beleza paisagística das quedas de Calandula, basta verificar a construção da pousada em frente às quedas e o modo como os relatos das deslocações são apresentados sempre de forma esplêndida e emblemática.

Em documento subtintulado “Nas cataratas do Duque de Bragança”, a descrição da visita do presidente Américo Thomas denota como na década 60 este já era um lugar de atração e que a admiração dos visitantes hoje, também já fazia parte das visitas de então. Conforme se descreve na obra: “o chefe do estado depois de junto da pousada, ver

²⁶ Consultar imagem em: <http://ab4-cronicasecontos.blogspot.com/2011/11/>

²⁷ Dado a aplicação dos questionários serem presenciais os inquiridos aproveitavam sempre para completar as suas respostas.

as quedas desceu a pé a ingrime ladeira que dá acesso à parte inferior das cataratas e aí se demorou o espetáculo maravilhoso” (Thomas, MCMLXIV , p. 165). Dando sequência à descrição dos momentos vividos nas quedas:

depois regressou em jeeps à pausada onde almoçou com os restantes membros da sua comitiva, tendo sempre diante dos olhos o incomparável panorama das águas do rio Lucala caindo a 180 metros de altura, ao longo de um rebordo circular de 400 metros de extensão (Thomas, MCMLXIV , p. 165).

E, assim, o presidente Américo Thomas “declarou desejar que Duque de Bragança viesse a receber a larga corrente turística que a sua extraordinária beleza merece” (Thomas, MCMLXIV , p. 166). As descrições efetuadas e a declaração do então presidente aparentam uma oficialização do espaço para a atividade turística. Muito embora o espaço existisse carregado das notáveis e distintivas características físicas, esta declaração daria um ímpeto mais forte por partir de um presidente. A nível do fluxo turístico, o espaço possuía todas as condições para receber largas correntes, conforme o presidente Américo Thomas ditara, contudo, após a independência verificou-se um abandono do fluxo turístico, inclusive a pousada foi abandonada e pilhada. Atualmente encontra-se já totalmente recuperada, fornecendo serviços de restauração e alojamento.

Para além das visitas e da contemplação da beleza dos espaços físicos, também as relações com a comunidade se faziam sentir de certa forma. As autoridades tradicionais, figura mediador entre a população e a classe dominante (colonos), exerciam um certo respeito e poder. Assim nos é dado a conhecer neste trecho: “o chefe do estado fez a entrega de mais 61 medalhas comemorativas da viagem a autoridades tradicionais (Thomas, MCMLXIV , p. 166). Este aspeto reforça o papel, respeito e poder das autoridades tradicionais, embora aparentasse ser mais uma estratégia da classe dominante o manter-se a par de todos os assuntos que se passavam na comunidade. Prova disso é a figura do regedor, que possuía vários sobas²⁸ sobre o seu domínio e tinha como uma das funções averiguar se se cumpriam todas as indicações e diretrizes dos colonos. As conhecidas Quedas do Duque de Bragança, atual Quedas de Calandula já constituíam lugar de atração ou de investimentos durante toda a época colonial. Pode-se verificar a presença dos investimentos da altura, a pousada em dois momentos distintos: primeiro

²⁸ Denominações das autoridades tradicionais.

como lugar abandonado²⁹, em destruição e outra atual totalmente restaurada,³⁰. Se prestarmos atenção ao jornal *Gazeta das Colónias* de 31 de Julho de 1924, quando se fala de investimentos e potencialidades de Angola, traz duas imagens das quedas, onde se destacam as riquezas existentes no subsolo, não querendo apresentar essas riquezas, mas sim ilustrar a importância que Calandula assumia na altura com uma imagem quando se pretendia referir a Angola.³¹

Distanciando cerca de 108,6 km chega-se ao município de Cangandala, onde o destaque recai sobre a fauna, a praia fluvial do Rápido dos Kwanzas e Palanca. Exalta-se a Palanca Negra Gigante dentre outros animais que habitam o denominado Santuário da Palanca. O animal foi objeto de estudo de biólogos de vários países e ao longo dos tempos. Por outro lado, a admiração pela beleza e porte do animal constitui outro ponto de referência e identificação do território. Revela-se nas conversas com os habitantes de Cangandala uma certa identificação e orgulho de pertencer às terras do Palanca. Dentro do município encontram-se a praia fluvial e as quedas das águas denominadas de Rápidos dos kwanzas. São pontos de destaque na memória das pessoas, pois contam-se histórias de animais que vivem no rio, outros que só aparecem à noite, entre muitos outros mitos que quaisquer crianças que deambulam pelas margens não se coíbem de contar aos visitantes.

²⁹ Cf. A imagem da pousada enquanto edifício abandonado
https://www.google.cv/search?tbm=isch&sa=1&ei=ITncW_WzL8mTgAa5xJ3wBw&q=quedas+do+duque+de+bragan%C3%A7a&oq=quedas+do+duque+de+bragan%C3%A7a&gs_l=img.3..0i30k1.1004748.1013145.0.1013300.50.20.0.14.14.0.338.2848.0j8j2j3.13.0....0...1c.1.64.img..25.24.2384...0j0i67k1j0i5i30k1j0i24k1.0.ddlbsVzWxH8#imgrc=hz9kbJmpcWEK mM:

³⁰ Cf. A imagem da pousada restaurada em 2018
https://www.google.cv/search?tbm=isch&sa=1&ei=ITncW_WzL8mTgAa5xJ3wBw&q=quedas+do+duque+de+bragan%C3%A7a&oq=quedas+do+duque+de+bragan%C3%A7a&gs_l=img.3..0i30k1.1004748.1013145.0.1013300.50.20.0.14.14.0.338.2848.0j8j2j3.13.0....0...1c.1.64.img..25.24.2384...0j0i67k1j0i5i30k1j0i24k1.0.ddlbsVzWxH8#imgrc=H5cz0Qj6QhqHpM:

³¹ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadasColonias/N05/N05_master/N05.pdf

3.3. Cultura, memórias e identidades na construção da realidade social malanjina. Solidificação e fragmentação

Na história de Angola destacam-se momentos diferentes dos vários reinos que vieram desde o Congo, de uma forma geral, aos reinados que dividiram o território angolano. Igualmente, a fase da colonização tem a sua importância na história do país com avanços, atropelos, momentos de glórias e “desglórias”. Posteriormente, destacam-se os momentos da independência, guerra civil e, a partir de 2002, a paz. Paralelamente a estes momentos referidos, a sociedade seguiu o seu ciclo. A cultura, a identidade e os costumes dos povos continuaram o seu percurso, mesmo que num ambiente “agridoce”. Levando em consideração as respostas obtidas nos questionários e nas entrevistas, apraz-nos uma reflexão à volta da cultura, identidades e memórias na construção dos lugares turísticos. Essa reflexão visa Malanje de forma específica, mas também, pertencente à realidade comum que o país viveu acaba por se assemelhar à vivência doutras províncias, quiçá do país.

Os debates à volta da identidade e cultura do país estão cada vez mais acesos. Basta verificar nos programas de televisão, rádio e eventos que se realizam ao longo dos anos. Destacamos os programas *Nossa Terra* da TV Zimbo; o programa *Cooltura*, programa criado pela guionista e diretora de conteúdos Sofia Lucas. Todos os Sábados às 18h, no canal 3 da rede ZAP; *Textura*, programa da TPA 1 do género documentário sobre artes plásticas, cujo objetivo é proporcionar aos telespectadores o gosto pela arte, através da pintura, desenho, tapeçaria, cerâmica, corte e costura, estilismo e algumas invenções modernas e que também aborda a literatura e escultura. Este programa tem como atividades visitas a museus, mostrando certos artefactos artísticos e acervos que podemos aí encontrar. A «Agenda cultural» trata do resumo de atividades realizadas em Luanda sobre arte e pintura. A «Crítica de arte» é um espaço reservado aos críticos da arte que opinam sobre as obras dos fazedores de arte. O «Desenvolvimento tecnológico» pretende mostrar a arte com o uso dos *softwares* informáticos modernos.³² Estes debates e programas trazem à ribalta as identidades e memórias, atraindo a atenção dos investigadores, dos governos, da comunidade anfitriã e mesmo dos visitantes. Essa

³² Fonte: <http://tpa.sapo.ao/programacao/tpa1/detalhe/texturas>

consciencialização generalizada petrifica a importância que estes fatores (memórias e identidades), têm na construção de uma sociedade.

A língua constitui marco fundamental e identitário de um povo ou de uma cultura. As diversas províncias que compõem Angola apresentam várias línguas nacionais. Angola tem como língua oficial o Português, mas possui seis línguas africanas que detêm o estatuto de línguas nacionais, como o Umbundo, o Kimbundu, o Kikongo, Cókwe, o Nanguela e o Kwanyama.³³ A língua nacional mais falada é o Umbundu, falado pelos Ovimbundu na região central de Angola. A segunda língua mais falada é o Kimbundu falado no centro-Norte entre Luanda-Malanje e uma parte do Kwanza Sul. O Kikongo é falado no Norte, nas províncias do Uíge e Zaire. É a língua que o reino do Congo usava como único meio de comunicação mais influente. Através da presença do povo Baongo em todo o país, tem sido falada maioritariamente na província de Luanda. Pode-se verificar no quadro resumo (quadro a) as línguas nacionais para uma melhor perceção, de acordo com as províncias e suas respectivas línguas:

Línguas	Província
Umbundu	Huambo, Bié, Benguela, Cuanza Sul, Huila
Kimbundu	Malanje, Luanda, Cuanza Sul, Cuanza Norte
Kikongo	Uíge, Zaire, Luanda
Fiote ou Ibinda	Cabinda, Zaire
Tchokwe	Leste do país
Kwanyama	Cunene
Nanguela	Cuando Cubango

Quadro a – Línguas nacionais de Angola e as respectivas províncias

Sublinhe-se que “a complexidade interna do património cultural angolano e a diversidade etnolinguístico são asseguradas pela ancestralidade histórico-cultural orgulhosamente partilhada” (Pequenino, Sapalo, & Santos, 2014, p. 15). Os autores são

³³ Fonte: http://matdacosta.blogspot.com/p/artigos_9501.html

claros sobre a tentativa e o “assassinato” da identidade dos angolanos quando relatam que na época do colonialismo:

para os portugueses, não havia línguas nacionais, mas apenas dialectos, ou seja, língua dos cães”; não havia grupos etnolinguísticos nem povos angolanos, mas apenas povos sem cultura, sem civilização, pequenos grupos tribais” não se podiam falar de cultura angolana, apenas de aberração selvática (Pequenino, Sapalo, & Santos, 2014, p. 16).

Na verdade, as línguas e as referidas províncias focadas no quadro 0 (zero), correspondem a vários grupos étnicos das quais são originárias. Esses grupos étnicos são “Ovimbundu 37%, Kimbundu 25%, Bakongo 13%, mestiços 2% europeus 1% e os restantes 22%” (Fernando, 2015, p. 145). A própria lei do património cultural assume no seu artigo 3º, nº1 que são reconhecidos e valorizados como bens de interesse cultural relevante as línguas nacionais e os testemunhos históricos, e entre mais bens (Castro B. d., 2019).

Em meados de 2008 organizou-se um colóquio, cujas atas vieram a ser editadas em 2014, sobre a “identidade cultural, identidade nacional.” As pesquisas apresentadas são contribuições fortíssimas para compreender a identidade Angolana e também os aspetos que ao longo dos tempos fragmentaram a cultura e identidade dos povos das províncias. Um dos aspetos fulcrais são as questões que envolvem as línguas nacionais. No já referido colóquio abordou-se em concreto “A cultura e a sociedade: elementos identitários da nação.”

“Se quiserdes destruir uma nação,
Se quiserdes matar um povo,
Mate/destrua primeiro a sua cultura;
Aí terás este ou aquele povo sob seu jugo eternamente” (Pequenino, Sapalo, & Santos, 2014, p. 12).

Tendo iniciado o colóquio com estes versos, os autores chamam a atenção para o elemento fundamental das sociedades ou das comunidades numa perspetiva mais restrita: a cultura. Consideram que a subsistência das comunidades está totalmente integrada na sua cultura e na passagem para gerações vindouras ao ponto de ser assumido como padrão. Afirmaram, ainda, que “Angola como nação é rica em herança que os nossos antepassados nos deixaram através das suas formas de pensar, dos seus feitos e suas experiencias; estas heranças culturais formam uma longa linha que liga entre os nossos ancestrais, a nossa geração e as gerações vindouras. Pelo que nos orgulhamos

grandemente” (Pequenino, Sapalo, & Santos, 2014, p. 12). Os autores falam-nos de símbolos da identidade cultural angolana onde destacam a arte, a música e a dança. Os próprios nomes das pessoas estão intimamente ligados às questões culturais do país, tanto como o nome dos lugares possuem significados religiosos, culturais e tradicionais. Destacam-se sempre as influências culturais em que Angola vai convivendo, o que pode influenciar a sua identidade. Como referem: “[a] identidade cultural leva-nos a desfilar um patriotismo cultural e identitário, por isso a nação angolana apresenta-se como um sistema de referência em África unindo o tradicional e a modernidade” (Pequenino, Sapalo, & Santos, 2014, p. 15). A existência de diversas nações em Angola, o fato de fazer fronteira com vários povos e o fato do passado com influências variadíssimas obriga a cultura nacional ser estandardizada ao ponto de conviver com as imposições modernas. Apesar da tentativa de imposição de outras culturas dominantes na altura, sobreviveram traços identitários. Esta realidade também aconteceu noutras colónias portuguesas. Repare-se que em Cabo Verde houve práticas culturais que foram proibidas, principalmente as de origem africana. “A cultura dominante, neste caso a portuguesa acabou por ser assimilada em grande parte, tendo simultaneamente sobrevivido a manifestações culturais africanas como a tabaca, o funaná e o batuque, manifestações estas que foram proibidas no século XIX (Madeira, 2018, p. 91). À semelhança de Angola, também em Cabo Verde muitas manifestações culturais, principalmente as danças e músicas permaneceram vivas, mesmo que escondidas dos olhares dos dominantes.

Os condicionalismos impostos pelo colonialismo resultaram numa certa fragmentação cultural dos países colonizados. Os esforços para a aculturação dos povos africanos constituíram tentativas enormes, no que concerne à denominada aculturação organizada, mas forçada, em benefício de um grupo (escravatura e colonização), vontade de modificar a curto prazo a cultura do grupo dominado submetendo-os à cultura do grupo dominante, na visão do (Bastide, 1979), encaixa perfeitamente na realidade angolana. Bastide (1979) também alerta para a possibilidade dessa aculturação ser parcial e fragmentária, por ser frequente ocorrer a desculturação sem que haja uma verdadeira aculturação. A tentativa de aculturação dos povos se estende por todos os continentes aquando das dominações. Perderam-se muitos traços, mas muitas essências permanecem vivas, embora muitas vezes não praticadas. Este aspeto reforça a ideia de que a identidade

está mais ligada a questões imateriais do que palpáveis. Nesta linha de aculturação, “a despeito ou, estranhamente talvez aos olhos dos estrangeiros, devido a constantes flutuações e adaptações, o Kongo e a sua sociedade parecem permanecer fiéis a si próprios, quer dizer continuam a referenciar um conjunto importante de estruturas tradicionais sociais, culturais e simbólicas” (Gonçalves, 2005, p. 18).

Vários documentos trazem a imagem representativa do batismo da Rainha Nzinga em 1622, segundo a profissão Cristã Católica na altura. O famoso batismo obriga à mudança do nome da rainha, embora as diferentes denominações antecedam a conversão à aderência ao catolicismo. Esta questão dos vários nomes que em diferentes documentos apresentam grafias diferentes não tem a ver só com a assunção de D. Ana de Sousa aquando do seu batismo. Alguns tem a ver com várias influências das línguas maternas das diversas regiões. Por outro lado, alguns são heterónimos associados aos acontecimentos, à cultura e ao status da pessoa. A rainha é conhecida como: “D. Ana de Sousa, rainha N’zinga, N’zinga I, Rainha N’zinga M’dongo, N’zinga M’bandi, N’zinga M’bande, Jinga, Singa, Zhingá, Ginga, Ana N’zinga, N’gola N’zinga, N’zinga de Matamba, Rainha N’zinga de N’dongo, Ann N’zingha, N’xingha e M’bande Ana Nzingha” (Martin, 2014, p. 12).

A adesão ao Cristianismo mostra uma das fragmentações da cultura que regia o território. Pode ser contemplada a imagem ilustrativa da Cerimónia de Batismo da Rainha N’jinga em vários sites.³⁴ Na visão do historiador Egídio, com a religião “difundia-se uma certa intoxicação espiritual tendo em vista a aniquilação da espiritualidade africana” (Santos E. S., 2006, p. 289). Esta situação provocou muitas revoltas no seio da comunidade africana. Esta fragmentação ultrapassou a estrutura religiosa atingindo inclusivamente a atribuição de nomes pelos quais a população passa a ser nomeada. Vejamos que o nome da Rainha Njinga Mbandi passa a ser Ana de Sousa, da irmã Gambi passa a ser Bárbara e da irmã Fungi passa a ser Garcia.³⁵ Nesta linha, a rainha Njinga foi

³⁴ Fonte:

https://www.google.cv/search?biw=1366&bih=608&tbm=isch&sa=1&ei=cp72W9MTqJaABqv6j5AG&q=The-Queen-s-baptism-and-a-smoking-ceremony-for-her-dead-brother&oq=The-Queen-s-baptism-and-a-smoking-ceremony-for-her-dead-brother&gs_l=img.3...430356.430498..430696...0.0..0.181.333.0j2.....0....1..gws-wiz-img.GYGPghj9ndI#imgrc=e6cx7Z3MAILWBM:

³⁵ Pode-se encontrar também Gambe e Engrácia nalgumas obras e noutras Kambi e Fuxe. cf. Kamabaya

apadrinhada pelo próprio governador, mas reza a história que mais tarde ela viria a renegar a fé católica. Ou seja, “renegou a fé católica e ajudada pelos Imbangalas (Jagas) e pelos holandeses fez uma guerra sem quartel contra os portugueses com quem, todavia, se veio a reconciliar nos últimos anos da sua vida (Kamabaya, 2007, p. 23). Esta situação aconteceu também com outros elementos das comunidades ao ponto de hoje, os nomes e apelidos dos angolanos serem na maioria de origem portuguesa. Por outro lado, verifica-se que por força da história do país, a maioria da geração atual, com destaque para a população universitária em Luanda, sabe não mais que apenas alguns fragmentos das suas línguas maternas, palavras soltas ou expressões generalistas. A contrapor, em Malanje, Uíge e Bié, o investigador teve a oportunidade de encontrar comunidades que não falam nem percebem tão pouco o português.

Cipriano (Cipriano, 2014), numa preleção que intitulou “As identidades esculturais, regionais e nacionais”, “As identidades esculturais face a construção da unidade nacional” aborda o conceito de identidade e destaca critérios como a língua, o território, a história, os critérios morfológicos de esculturas e os antepassados. Define identidade como algo intrínseco, sentimento interno que se subdivide em diferentes sentimentos: 1 – sentimento de unidade, 2 - sentimento de coerência, 3 – sentimento de pertença, 4 – sentimento de valor, 5 – sentimento de autonomia e confiança” (Cipriano, 2014, p. 46). Neste cenário descrito por Cipriano, Mercier (1961, p. 24) afirma que “a etnia coincide com um grupo social heterogêneo, mas que manteve a sua unidade linguística dentro de um determinado espaço”. Quando os autores abordam a questão da identidade nacional angolana trazem uma visão já frisada onde a identidade nacional aparece construída sobre as diferenças, nomeadamente que a identidade nacional traduz uma certa identidade de diferenças, tratando-se de uma identidade plural onde o indivíduo procura uma identidade própria e original e ainda dividem a identidade em individual, coletiva e social e coletiva nacional.

Eduardo Peres Alberto (2014) quando aborda o tema *Angola: Povos e cultura* destaca o povo ambundo³⁶, em que mostra a identidade desse povo visto nas sabedorias e provérbios. Por outro lado, refere que este mesmo povo perdeu grande parte da sua herança cultural pelo processo de assimilação a que foi sujeito por parte da identidade

³⁶ Engloba os povos do Centro Oeste- Leste de Angola

colonizadora. Destaca também a escultura, a caça, a música, a dança, o cultivo da terra “como tradições culturais conhecidas como descendentes do reino de N’gola” (Alberto, 2014, p. 67). Em *Identidades locais: da (des) construção à necessidade de afirmação* Cristóvão (2014) defende que a identidade “é uma realidade que perpassa, muitas vezes de modo imperceptível toda a vida política, social, económica, cultural dos povos, das nações e das comunidades locais” (Cristóvão, 2014, p. 81). A autora reforça a ideia ainda destacando que a “identidade é uma construção e também um produto histórico” (Cristóvão, 2014, p. 82). É comum, em Luanda, quando uma pessoa se mostra “sabichão”, outros exclamarem: deve ser malanjino! Pode parecer bairrismo, mas nota-se um certo orgulho em ser malanjino, o qual se pode enquadrar neste contexto histórico. O sentido de identidade e pertença é forte, que muitas vezes se assume como arte de sobrepor-se a outros³⁷. Esta ideia é explanada por Martin (2014), na sua obra “Malanje, suas gentes”. O autor mostra essa afirmação do ego malanjino: “daqui resulta que o malanjino se sinta orgulhoso, e defenda essa identidade em qualquer latitude e circunstância, pois vive mergulhado numa permanente satisfação de pertença – e fá-lo com elegância e convictamente, consciente da mais valia da sua região e dos seus conterrâneos” (Martin, 2014, p. 7).

Recentemente (agosto 2018) o ator Norte Americano Chris Tucker deslocou-se a Angola, especificamente a Malanje, a fim de procurar os seus ancestrais após o teste de DNA provar a sua origem angolana. É claro que esta notícia envaidece ainda mais o malanjino, pela fama, mas também por mostrar a procura da história, cultura dos ancestrais e a identidade.³⁸ As identidades sejam complexas e múltiplas, porque são construídas a partir de processos históricos, biológicos religiosos, geográficos dos poderes públicos, e não só, e até mesmo das memórias colectivas e dos sonhos e utopias de cada indivíduo (Cristóvão, 2014, p. 83). Entre várias conclusões destaque para o ponto em que a autora afirma que “as identidades obedecem a uma dinâmica permanente e histórica de construção, como necessidade de afirmação do eu” (Cristóvão, 2014, p. 92).

Na obra *Em torno dos nacionalismos em África*, publicada em 2014, Luís Bernardo Honwana, aborda o Nacionalismo africano – memórias e desafios. Falar de

³⁷ Quando há um confronto com um malanjino até se afirma que o malanjino já nasceu com diploma.

³⁸ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=fHBMiZkhts8>

identidade e memórias obriga a referir o capítulo do apelidado *Nacionalismo africano*. Vários autores e várias obras abordam o assunto: pela África do Sul falava-se do *wind of change* – consciência do nacionalismo africano nas palavras de Harold Macmillou, 1º ministro britânico (1960). Embora o *apartheid* tenha contraposto o vento, as duas décadas seguintes foram de autênticas mudanças. Nestas mudanças apareceu “o homem africano”. Assegura isso o autor quando afirma que uma das ideias chave do nacionalismo africano é a reconstituição de um modelo social onde estariam em evidência a organização social e os valores culturais que se acredita serem característicos das sociedades africanas (Honwana, 2013, p. 169). Este autor moçambicano traz a outra face da identidade que caracteriza especificamente a sociedade africana, mesmo em circunstâncias muito adversas.

No que concerne especificamente às memórias, embora considere os dois fatores, memórias e identidades, inseparáveis, o autor Yambo, em *Pertinência e prioridades no estudo dos locais de memória como contributo à história de Angola*, publicado em 2010, traz um contributo fundamental. Assumindo essa indissociabilidade da memória e identidade, refere que aquela é a evocação do passado, o tempo que ficou perdido e não voltará jamais. Assim, o lugar de memórias pode significar o resíduo, o testemunho material que permite resgatar, embora de uma forma incipiente e parcial esse tempo, essa circunstância longínqua no presente (Yambo, 2010, p. 61). Afirma o autor que hoje, lugares de memórias já são também aquelas instituições de preservação e valorização dos testemunhos de memórias coletiva como museus, bibliotecas, arquivos, centros de pesquisa, monumentos, sítios, etc. Contudo, conforme vimos na questão do nome Malanje, nos vários nomes que a Rainha Njinga, entre outras histórias que chegaram até nós através de memórias descritas por pessoas que não percebiam quase nada das línguas dos nativos, bem como os intérpretes, obrigam a uma reflexão aprofundada, a fim de fazermos a necessária triangulação e perceber os relatos que nos chegam.

A pertinência dos estudos em torno dos locais de memórias reside na necessidade de desconstruirmos muitos escritos sobre os povos deste continente elaborados pelos investigadores e viajantes que recorriam aos serviços de maus intérpretes por não dominarem a língua nativa. Desta forma, muitos mitos foram construídos em detrimento dos próprios nativos, porque assumidos por eles próprios como verdades históricas

(Yambo, 2010, p. 61). Nos locais de memórias podem figurar muitos traços histórico-culturais soterrados pelo tempo e muitas vezes pela vontade do homem. No continente africano, Angola em particular, as memórias assentam nos traços materiais e imateriais. Segundo o autor, “ainda em volta dos locais de memória nós encontramos as florestas sagradas, áreas virgens, santuários, ritos de iniciação e rituais, zonas de extração e fundição de minérios, lagos e lagoas carregados de mitos, zonas de cultivo, zonas de pastos, locais de extração e destilação de bebidas alcoólicas, florestas e savanas reservados para caças, não pondo de lado as montanhas, as grutas sagradas, supostas habitações de forças invisíveis ou divindades” (Yambo, 2010, p. 61). Alguns aspetos com grande importância podem permanecer nas memórias, mas, igualmente, aspetos simples, ligados às construções e lugares com maiores afluências podem permanecer na mente dos que outrora residiam ou frequentaram lugares, neste caso na província em questão. Prova disso é a descrição feita: “Para a saída em direcção a Luanda, o edifício mais próximo era no quarteirão onde já existiam o Aires Santos Pinto, o Leonel e o Armindo Gomes Pinto. Depois no quarteirão seguinte, os Neves Lima, depois o Dr. Moreira de Silva...era toda uma avenida com esse tipo de edifícios de que sempre gostei. A modernidade posterior com prédios, não me foi tão querida. Hoje, não a compreendo” (Martin, 2013, p. 19). De certa forma, o autor mostra o desagrado pelas construções modernas. Verifica-se uma nostalgia em torno da memória da sua infância. Conforme já se afirmou, as memórias são sempre relativas a um determinado espaço, em conjunto com as relações que se estabelecem nesses espaços e relativamente às pessoas que fazem parte desse relacionamento. Ainda, frisa o autor, “famílias inteiras deslocavam-se aos fins de semana, aproveitando a riqueza natural do polígono Florestal em piqueniques e passeios domingueiros (Martin, 2013, p. 21). As transformações da parte material da cidade onde o autor viveu em Malanje suscitam-lhe reflexões e inquietações múltiplas. É através da poesia que manifesta a nostalgia dos tempos remotos:

“Gente igual a mim,
que torna a descansar
à sombra das mangueiras
sentadas no capim,
que nunca deixaram de crescer
na lavra das nossas memórias
nem na terra onde foram derrubadas.
Futuros antepassados
Dos que nasceram e cresceram aqui

Sem perceber a história dos Pais, de lá,
Que escritas em páginas de mandioca e encadernada em algodão,
Se arquiva em livros de Vida, de plena realização. (José Jacinto in Martin, 2013, p. 67).

3.4. Turismo de memórias e turismo genealógico

A motivação turística baseada nas memórias e identidades abre caminhos para análises acerca de novos tipos de turismo, expandindo, por essa via, o estudo do fenómeno turístico por parte da Sociologia. Os turistas que procuram as suas origens e suas identidades através de referências e vivências dos ancestrais, constituem nichos com bastante interesse para os investigadores. Autores como (Figueiredo & Rushmann, 2004, p. 172) afirmam que o sentido da procura da identidade está ligado à história de cada um, traçada pelos lugares por onde passou. De certa forma, isto justifica uma necessidade de regresso às origens, de regresso “a casa”, pois, antes o sujeito tem a possibilidade de um regresso mental ou até digital. A deslocação física “à pátria” insere-se num âmbito material e tangível. Conforme adverte (Basu, 2004, p. 40) potencia a experiência, que a torna sem qualquer dúvida “real” e, portanto, essencial em termos de identidade.

Assim, a essência do homem estende-se além dele mesmo. Liga-se ao seu passado, sua identidade e seus ancestrais. O turista que procura “as suas raízes”, enquadra-se num tipo particular de turismo – o turismo genealógico. Existe uma motivação que o impele a viajar. Esta motivação para a procura dos ancestrais e suas culturas, enfim suas raízes, gera a vontade de viajar para contactar diretamente e vivenciar a sua própria singularidade, aquilo que o distingue. Inclusive, a nostalgia de algo que nunca viveu abre caminhos para um segmento de mercado com potencial turístico. Para (Ray & McCain, 2012, p. 981), é inquestionável a importância do papel que o passado representa nas motivações destes turistas em busca de identidade. Estas pessoas visitam lugares relacionados com a sua história familiar, locais significativos nas suas próprias vidas ou locais que foram habitados pelos seus antecessores. Os espaços de visita tornam-se lugares com significados especiais para os visitantes. “Os lugares assumem novos significados sob o olhar de um turista que se vem reinventado. Os destinos de turismo procuram novos elementos apelativos, sobretudo distintivos, seja pela singularidade, pela identidade, pela ligação afetiva ou pelo modo como podem ser vivenciados” (Marujo & Cravidão, 2012, p. 281).

As deslocções à procura das raízes ou de conhecer os lugares onde os ancestrais viveram, em alguns casos inclusivamente, viver as experiências dos antepassados tem crescido ao ponto de vez mais ao ponto de os cientistas sociais se interessarem em estudar este domínio. O estudo das relações entre as gerações pertencentes a uma família permite às pessoas reunir um vasto conjunto de informações relativas à sua ascendência e completar a sua árvore genealógica. Para Santos e Yan (2010) citados por (Santos, Moreira, & Silveira, 2018) “o turismo genealógico surge como um dos subsegmentos que mais cresce no mercado de património”. Este crescimento é notável, contudo ainda carece de muitos estudos para o melhor enquadramento. Evans (1998) e Longmore (2000), citados por Santos e Yan (2010) afirmaram o referido crescimento. Mais acrescentam que: “in particular, it reveals tourism lived experiences as acts of self-discovery by locating the self within broader narratives of families, ethnicities and boundedness” (Santos & Yan, 2010, p. 56). Para além dos autores citados, vários outros trabalhos científicos foram desenvolvidos de forma a abrir linhas de pesquisas na área. Numa comunicação da (Costa, 2015), a autora frisou que na era da instantaneidade, adensa-se o interesse dos indivíduos pela genealogia e avoluma-se o número daqueles que procuram nas raízes familiares uma forma de (re)construção identitária. É explícita a ideia da autora no que concerne a identidade dos viajantes à procura das suas raízes. Costa (2015) posiciona também nos momentos que antecedem as viagens referindo que na preparação e antecipação da viagem, falam com os guardiões da memória familiar, parentes, amigos e vizinhos, percorrem arquivos, recolhem fotografias e objetos vários, e preparam-se física e emocionalmente para travessias únicas nas suas vidas. A comunicação assume a importância dos guardiões da memória familiar com papel fundamental na reconstrução da identidade dos turistas genealógicos.

Não obstante, o consenso sobre a concetualização parece ainda aquém de ser conseguido: estudos como do (Basu 2004) fala em “turismo de raízes”, (McCain e Ray 2003) “turismo ancestral”, (Fowler, 2003) “turismo de linhagem”, (Nash, 2002) e (Santos e Yan 2010) “turismo genealógico”. Confirma-se a existência de um debate longo, a fim de encontrar denominadores comuns a volta do conceito, dado o turista genealógico procurar principalmente uma busca pela identidade. Em suma, uma extensão do seu eu: “Identity is, therefore, pertinent to the corrent discussion as

genealogical tourists aim to affirm, negotiate, and maintain their identities” (Santos e Yan, 2010, p.57).

3.3. O papel das figuras lendárias. Que memória e qual identidade? Ngola kiluange e filhos, rainha N’jinga e Ngola Mbandi

Desde sempre o homem prestou homenagem ao seu antepassado e assumiu os ancestrais como referência para seguir de modelo da sociedade onde se encontra inserido. Os grandes cientistas, as grandes figuras bíblicas, os grandes historiadores, ilustres combatentes, os grandes reis e os grandes imperadores deixaram legados através dos ensinamentos, cultura, livros, lendas e mitos. A sociedade angolana não é indiferente nestes pontos. Várias figuras são idolatradas devido aos seus feitos ao longo da história. Por exemplo, o nome de Agostinho Neto é respeitado pela maioria dos angolanos, sendo que aqueles que possuem apelidos “Neto” fazem questão de o pronunciar a fim de mostrar a sua linhagem.

Tendo em conta a sociedade malanjina denotamos algumas figuras com importância relevante para destacarmos aqui. Trazemos as duas figuras que são exaltadas na referida província. Desde Ndalatando, capital da província Kwanza Norte, a pouco mais de metade do percurso Luanda – Malanje, começamos por encontrar símbolos e imagens referentes à destemida guerreira. Nos cortinados do *Hotel Terminus*, a figura da rainha se encontra estampada de cima a baixo. À entrada de Malanje, numa rotunda, encontramos a estátua da Njinga a dar boas vindas aos visitantes da província. Mais referências surgem na própria capital, no Kinaxixe, as quais atestam a importância da Njinga para os angolanos de uma forma geral. Refira-se que “já no virar do século, viria a ser ocupado por uma estátua da rainha Njinga Mbandi. Tudo isto desapareceu, entre os anos 2005 e 2015, mercê da denominada ‘reconstrução’ que tornou irreconhecível o lugar do Kinaxixi, mantendo-lhe apenas o nome” (Pinto, 2017, p. 88-89).

Igualmente, a figura do Rei N’gola (pleonasma). Kiluangi é um respeitado nome, destacado pela sua bravura, mas sobretudo pela lenda associada às Pedras Negras do Pungo Andongo, onde, qualquer morador da província destaca o facto de ter sido ele a colocar aquelas pedras naquele local em apenas 24 horas. O irmão da Njinga, N’gola

Mbandi, assumiu o reinado aquando da morte do pai N'gola Kiluanji. Também figura ilustre, Mbandi não conseguiu ter a repercussão da irmã. Ainda ele N'gola delegou papel a Njinga, que viria a ser fundamental para o futuro da rainha do Ndongo e da Matamba. Kamabaya (2007) destaca isso na afirmação do Bispo Gabriel ao referir que "... [d]áí Ngola Mbande ter enviado sua irmã Njinga Mbande para negociar com os portugueses a trégua que se seguiu" (Bispo Gabriel, 1982, p. 44).

Interrogamo-nos neste estudo sobre se os Malanjininos se identificam com estes nomes? Se guardam memórias dos feitos da N'jinga e do pai Kiluanji? Para obter respostas a estas questões é necessário olhar às linhagens políticas e sociais que a sociedade dos Mbundu-Imbangala assumem. Assim, "consideram-se descendentes directos de Ngola Kilwangji Kya Samba, quarto *mwenex'i* de Ndongu. Na memória colectiva destes povos, esse grande conquistador das terras Kilwanji, imortalizado pelos seus feitos notáveis, seria o seu antepassado directo, o primeiro homem a ter habitado a terra, segundo o mito da fundação. Tal antepassado é venerado como sábio, autor da doutrina política, jurídica, económica e cultural, pela qual se rege a comunidade (*malunda*). Toda a actividade individual e colectiva é regulada pelas inspirações (*ijila*)desse eterno antepassado e primeiríssimo fundador" (Santos E. S., 2006, p. 280). Se nos fixarmos sobre os adjetivos que qualificam o *mwenex'i* podemos perceber que é o do primeiro homem a ter habitado a província. Este mito mostra a importância que se atribui e a necessidade coletiva de ir buscar uma referência com histórias e plenas conquistas. Nas respostas que obtivemos aos questionários, ficou também assente a identificação dos malanjininos com as figuras lendárias e históricas da província. Apesar disso, as figuras aqui associadas ao reinado devem ser contextualizadas, pois um chefe nas estruturas tradicionais não corresponde ao domínio e exercício do poder internamente. Correspondia usualmente às necessidades das comunidades e a uma atuação junto de outras comunidades em defesa e proteção. Por isso, o poder dos chefes estava contido nas vivências normais de todos pertencentes à comunidade. Assim, "[o] poder tradicional não estava institucionalizado e fora da vida quotidiana. Ele era essencialmente de ordem doméstica e podia ser apreendido através da diferenciação operada pelos indivíduos a nível social, político e simbólico; o poder constituía-se na e pela organização doméstica" (Gonçalves, 2005, pp. 171-172).

Hoje, a rainha Njinga e suas referências ultrapassam o território angolano, estendendo-se até ao Brasil. Várias tertúlias e colóquios já foram apresentados, discutidos e debatidos acerca dela. No colóquio sobre a identidade cultural, identidade nacional, em agosto de 2014 em Luanda, de alguns subtemas abordados, destaca-se *Descoberta de memória. Construção de histórias, O rei do kongo e a rainha N'jinga em Angola e no Brasil*, ilustra a extensão que a rainha do Ndongo tomou. Referências à rainha N'jinga e ao rei do Kongo estão presentes no Brasil em muitas canções, conforme a autora apresenta:

“Eu sou rei, rei, rei
Rei do meu reinado
Maracatu lá do Congo
Lá do Congo
Nele foi coroadado”

Portanto, “os dramas públicos preparados cuidadosamente, executados nas comunidades da Amazônia no Norte a Porto Alegre no Sul inclui invariavelmente participantes cantando em idioma africano; têm papéis específicos para o Rei do Kongo e sua rainha, dramatizam o combate verbal e físicos entre o rei do Kongo e sua corte e o emissário da Rainha Njinga com acções e características específicas (Santos E. S., 2006, p. 280).” As festas eram denominadas de Congada. Afirma ainda a autora que o nome da Rainha Njinga (figura a qual Malanjinós se identificam) aparece dotado de poderes conforme rezam os cânticos:

“senhora rainha Njinga, mulher de comunbira
De moxaritafiguari, senhora dona flor de Cambange
Que passeia em terras de gentes gines
E faz anos que cá não vem cá.³⁹”

Aquando da apresentação do tema *A instituição da realeza na África central: o caso do Kongo e do Ndongo*, nota-se a admiração que o povo tinha a respeito. Esta admiração está em volta das figuras, conforme abaixo são descritas: “os vizinhos do Kongo no reino do Ndongo admiravam também os seus governantes e, à semelhança dos Kongos, preocupavam-se com a realeza e o estatuto (Santos, 2006, p. 559). É comum encontrar em várias obras Njinga da Matamba. O reino da Matamba só ficou famoso com

³⁹ In Albieri Nery et al. “Dança Congo: o ritual sagrado de uma tradição milenar” (pp. 21-31).

a presença e bravura da Njinga. “O reino da Matamba, tornou-se célebre com a famosa Rainha Njinga que era Kamundongo, baptizada em Luanda em 1622 como o nome de Ana de Sousa” (Kamabaya, 2007, p. 32). Pela proximidade Matamba confundia-se com Ndongo. A própria Rainha Njinga inicia o seu mandato como soberana da Matamba (Parreira, 2003). No caso da Njinga, não só se promoveu como soberana através das suas palavras e ações, como também possibilitou a continuidade da linhagem real de Ndongo depois dela, empreendendo anos de guerra e diplomacia com portugueses pela libertação da sua irmã capturada (Kamabaya, 2007, p. 561). Ainda em volta da figura da Njinga, agora intitulado: “África central: a cultura da representação embaixadas” a rainha Njinga tinha um papel ativo:

depois da vitória de Njinga numa das batalhas de 1645 – 1646 contra os portugueses/africanos, o Rei Garcia do Kongo enviou dois dos seus parentes, que eram também sacerdotes, Simão de Medeiros e Miguel de Castro, para felicitá-la pela sua vitória (Kamabaya, 2007, p. 564).

O trecho em epígrafe salienta o respeito e a união em volta da personagem que hoje todos os malanjinos referenciam. Apesar de forte reverência à Njinga por parte do povo malanjino, encontramos relatos de negócios de escravos feitos pela rainha. Outros escravos eram enviados por Njinga e outros monarcas que a sucederam como presentes aos portugueses, como foi o caso de mais de 300 escravos que a rainha Bárbara enviou aos portugueses e a outros funcionários durante o seu primeiro ano de mandato, para agradecer as lembranças que lhe enviaram por motivo da morte de Njinga e para celebrar a sua eleição.⁴⁰

O orgulho cimentado no povo malanjino por causa da Njinga e sua bravura levaram historiadores e escritores a apresentar adjetivos extraordinários acerca da sua figura, bem como comparações únicas. É o caso do historiador português Cadornega, citado por Kamabaya: “Era Njinga, a clemente que agia. Esta rainha era de facto, uma

⁴⁰ Vários autores desmistificam a ideia de que a escravatura começou pelas mãos dos europeus em África. Mss. Araldi, Cavazzi, Missione, book 2 chapter 16, p. 209 citado por Kamabaya, 2007, p. 573. Refere que Njinga também vendeu, condenou por feitiçaria e enviou como presentes aos portugueses muitos Mbundu da Matamba, que acabaram igualmente as suas vidas no Brasil como escravos Cadornega, História, vol.1 p. 143; citado por Kamabaya, 2007, p.577). Os Mbundus escravizados da Matamba aparecem nos registos dos últimos anos de 1650, quando Njinga abraçou o Cristianismo e enviou como escravos para o Brasil muitos mbundus que mostraram resistência depois dela ter construído a igreja de Santa Ana.

mulher fabulosa” (2007, pp. 33-34). Este ainda vai buscar a citação do Cadornega, conforme diz, que num largo elogio e admiração afirma:

Njinga sobrepujou à Semíramis, À Pantasileia, à, Cleópatra, à famosa Judith e à Artemiza. À Semiramis, no valor em que se houve nas guerras contra seus inimigos por morte del-rei seu marido; à Pantasileia, rainha das amazonas, na valentia com que guerreava os seus contrários, capitaneando um exército de gentes do sexo feminino; à Cleópatra, rainha do Egipto, mulher do imperador Marco António, na gradeza de Vassalos; à Judite, na fortaleza e esforço com que defendeu a cidade de Betúlia cortando a cabeça de Holofernes; à Artemiza, no mausoléu que fez tão admirável que foi uma das sete maravilhas do mundo... e o que mais é o ser desta etiópia Ocidental e de cor preta” Cadornega, 1942)⁴¹ citado por (Kamabaya 2007).

Consistente com esta descrição, qualquer malanjino ou angolano se orgulha de referenciar a Njinga como a figura com quem se identificam. Kamabaya remata dizendo: “é, pois, esta mulher maravilhosa que ousou ser e foi a Rainha do Ndongo e da Matamba, este orgulho histórico da mulher angolana.” A este propósito, aquando da aplicação dos questionários, nos encontros com os sobas, para além de ser cumprimentado em português também nos cumprimentavam em Kimbundu. Rezavam um conjunto de palavras seguidas que não decifrava, mas que, segundo me foi explicado, constituía uma apresentação onde mostravam a linhagem. Era, em suma, a forma de informarem sobre a linhagem nobre a que pertenciam. Assim, no trabalho de Egídio Sousa Santos, referido cumprimento seria:

- Akwá Ngola (pela filiação de linhagem do chefe fundador do poder político)
- Akwá Kajinga Samba (pela filiação matrilinear)
- Akwá Holo (pela filiação geo-linguística e dialectical)
- Akwá Mbundu (idem)
- Akwá Lenge (idem)
- Akwá Ndongu (idem) (Santos E. S., 2006, p. 279).

Não se trata pois de uma mera apresentação dos nomes, sim da linhagem, que transporta consigo outros significados e responsabilidades. Exemplo disso são os herdeiros dos tronos nas diversas sociedades africanas que de antemão estão identificados e sabem quais as suas responsabilidades. Repare-se que no Kongo, quando alguém refere a *taata*, que corresponde ao pai no sentido sociopolítico, isso corresponde ao tio-avô paterno. Esta

⁴¹ Conforme o autor, quando o historiador refere a Etiópia quer dizer África.

expressão não tem significado de destaque para uma personalidade (tio-avô), mas sim refere-se a uma aliança entre o seu grupo e o grupo do seu tio-avô (Gonçalves, 2005). No quadro da herança o autor esclarece que “na sucessão o herdeiro não apenas adquire os cargos políticos do seu predecessor, como retoma a identidade social deste último (Gonçalves, 2005, p. 58).

As figuras históricas e lendárias sempre fizeram parte das mais diversas sociedades ao longo da história das civilizações: os deuses gregos, os deuses romanos, o mito da fundação da cidade de Roma, os gregos e os troianos, mitologia sobre a criação egípcia, entre outros. África é igualmente portadora de figuras que caracterizam as suas origens e desenvolvimento. A presença da Rainha Njinga, Ngola Kiluangi e o Rei Ngola Mbandi encontram-se vivas nas ruas do país. Na província de Malanje, até as crianças conseguem contar histórias dessas figuras. Vários autores ilustram a importância dessas figuras, mostrando uma certa ligação ao ponto de buscar laços familiares, conforme já vimos. Todas estas figuras estão intrinsecamente ligadas à história de um determinado povo e são resultado de produções culturais e sociais. Portanto, “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (Silva T. T., s/d).⁴² Neste sentido, as figuras só fazem sentido dentro do contexto em que são produzidas e referenciadas pelos outros.

Os inquiridos são explícitos nas suas respostas quanto à importância que dão às figuras lendárias e justificam-no com referência à cultura/história. Neste contexto, a Rainha Njinga aparece nas histórias de Malanje e a sua bravura é destacada nas negociações com os portugueses bem como nas batalhas à frente de angolanos com vários povos. Conforme referido por Selma Pantoja (2010), no seu artigo intitulado “O ensino da história africana: metodologias e mitos: o estudo de caso da rainha Nzinga Mbandi”, “na sua trajetória de vida, ela [Rainha Njinga] foi figura de grande destaque nos conturbados contextos políticos e ideológicos da região, atuou diretamente nos maiores momentos de confronto militar e de negociação. Rainha, guerreira e habilidosa

⁴² Fonte:

https://www.researchgate.net/publication/266277059_A_producao_social_da_identidade_e_da_diferenca

estrategista, ela assumiu o título Ngola, (Pantoja, 2010, p. 319) ⁴³. Os adjetivos aqui demonstrados em relação à personalidade da Njinga são vivenciados no filme intitulado *Njinga, Rainha de Angola* (Jorge, 2013). É um filme biográfico angolano realizado por Sérgio Graciano e escrito por Joana Jorge. O filme conta a história desta guerreira africana. Foi lançado nos cinemas angolanos a 8 de novembro de 2013. Vários autores publicaram trabalhos sobre a Njinga, desde ficções, contos, relatos, seminários. Dentre muitos trabalhos destacamos alguns títulos que mostram a importância que ela assumiu e assume na história e cultura angolana: *Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*⁴⁴. Na página das Nações Unidas, dedicada às grandes mulheres africanas, a Rainha Njinga⁴⁵ é destaque com uma banda desenhada e muitas informações. Aparece como:

Njinga, uma inesgotável fonte de inspiração
Identidades plurais e simbólicas
Njinga nas artes no passado
Njinga nas artes hoje
Representações religiosas nas comunidades de Afrodescendentes
Njinga para lá das fronteiras
Uma personagem intimamente ligada à identidade angolana
Um símbolo pan-africano
Uma referência nas sociedades de Afrodescendentes (ONU).

O historiador Cornélio Caley, no seu trabalho intitulado *Período de resistência contra o colonialismo português: o papel da rainha Ginga Mbandi, Ekuikui e outros*,

⁴³ http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/8175/1/ARTIGO_EnsinoHistoriaAfricana.pdf

⁴⁴ <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002309/230931por.pdf>

⁴⁵ Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba Njinga a Mbande (1581 - 1663), rainha do Ndongo e do Matamba, marcou a história de Angola do século XVII. Os projectos mercantis europeus, em particular de desenvolvimento do tráfico de escravos na costa da África austral, alteram a paisagem política, social e cultural do reino do Ndongo e de toda a região. Foi neste contexto que Njinga a Mbande cresceu e se impõe como um notável exemplo de governo feminino. Em 1617, Ngola Mbande Kiluanji, rei do Ndongo, morre. O seu filho, Ngola Mbande, torna-se o novo rei. Porém, não tem o carisma do seu pai, nem a inteligência da sua irmã Njinga a Mbande. Em 1622, influenciado pelos portugueses, envia Njinga a Mbande como embaixadora a Luanda para negociar a paz com Dom João Correia De Sousa, vice-rei de Portugal. Njinga revela-se então como uma negociadora e uma diplomata fora do comum. Em 1624, Ngola Mbande morre. Njinga toma posse e torna-se rainha. Impõe-se desde logo como uma soberana de excepção. A sua tática de guerra e de espionagem, as suas qualidades como diplomata, a sua capacidade para tecer múltipla e estratégicas alianças, e por fim o seu conhecimento das implicações comerciais e religiosas, permitiram-lhe opor resistência tenaz aos projectos coloniais portugueses até à sua morte em 1663. Biografia da Njinga. descrição das Nações Unidas, in (<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002309/230931por.pdf>).

inserido no trabalho organizado por Inocência da Mata, com o título *A Rainha Nzinga Mbandi: história, Memória e Mito*, traz-nos a figura da Ginga, conforme ele escreve, ela “foi indicada para ser embaixadora do rei do Ndongo pelo seu irmão Ngola Mbandi juntos dos portugueses em 1660” (...). Donde viria a assumir a fé católica ao ponto de contrair o baptismo. Embora mais tarde a nossa Rainha viria a renegar a fé católica, até ao momento da morte conciliava de novo com a igreja católica, recebendo todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja ((Mata, 2014, p. 73). Por sua vez, Kamabaya considera Njinga a Patrona do Cristianismo em Angola. Afirmar ainda:

Tendo recebido todos os sacramentos da Santa Madre Igreja – o Baptismo, a Comunhão, o Crisma, e o Matrimónio – a Rainha Njinga tinha cumprido com todos os sacramentos do Ritual Católico que ela promoveu no seu Reino e manteve uma relação saudável de Estadista Cristã Africana com o Papa Alexandre VII a quem Njinga pediu várias vezes indulgências. E quando chegou o momento de deixar o mundo dos vivos a Rainha Njinga recebeu antes de morrer também a Santa Extrema Unção do Padre Cavazzi de Motecúcolo que assistiu nos últimos momentos da sua vida espiritual (Kamabaya, 2007, p. 35).

Se o jugo colonial a nível político não foi aceite pacificamente, a nível da aceitação da fé católica também não o foi. Gonçalves (2005), no seu trabalho, aborda essa questão, afirmando que a aceitação das técnicas já era suficiente para desarticular as estruturas tradicionais, todavia, ainda assim, era mais fácil do que aceitar uma outra religião. Ele traz a afirmação de Toynbee⁴⁶ (1953) que “uma técnica estrangeira é mais fácil de aceitar de que aceitar uma religião estrangeira, como o demonstrou também o sincretismo da cultura ocidental e da cultura do Extremo Oriente” (Gonçalves, 2005, p. 173). Para ainda melhor esclarecer, o autor procura a afirmação de Doutreloux⁴⁷ (1961) de que “é mais fácil adoptar novos modos de vida que mudar de alma, podendo perder-se esta sem, no entanto, se adquirir uma outra. (Gonçalves, 2005, p. 173). A esse respeito, a Njinga não é detentora exclusiva da luta contra a imposição de uma outra doutrina no contexto angolano. Kimpa Vita⁴⁸ (Damba, 2016), também travou sérias crises aquando dos ensinamentos católicos, na medida em que percebeu que não existiam santos negros e

⁴⁶ Toynbee, A.(1953) *Le monde et l'Occident*

⁴⁷ Doutreloux, A. (1961), *Prophétisme et leadership dans la société Kongo*

⁴⁸ Kimpa Vita nasceu em 1684 no Reino do Congo e faleceu em 2 de julho de 1706. De nome Dona Beatriz Kimpa Vita, também conhecida como Beatrice de São Salvador do Congo. Ela foi uma profetisa e líder política do reino do Congo, sendo também líder política da capital congoleza, Mbanza Congo. in <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/kimpa-vita-a-profetisa-do-reino-do-kongo/>

muito menos a possibilidade de Jesus ser negro. Ela “começa a apoiar-se na ausência de santos negros para mostrar que a legitimação do poder reforçada pelo cristianismo era estranha aos Kongo. Reivindicando um Cristo negro e considerando-o como próprio, ela procura, ao nível da simbolização, a renovação social e política” (Gonçalves, 2005, pp. 172-173).

O episódio da negociação da Rainha Njinga com o Governador João Correia de Sousa é sobejamente conhecido na história angolana. Atesta a soberania da Rainha Njinga, aquando do encontro com o Governador João Correia de Sousa. Relata a história que o Governador mandou estender um tapete no chão de modo que ela se sentasse num patamar inferior, o que simbolicamente mostrava a diferença de status entre ambos. Conforme demonstra a imagem, uma escrava ajoelhou-se fazendo de assento, assim, a Njinga falou como Rainha do Ndongo e da Matamba. O papel da Njinga é relatado também nos séculos XXI, conforme o historiador acrescenta: “por conseguinte, foi também das terras de Ndongo, Matamba e Kassanji, que renasceu a tenacidade, a coragem que inspira os combatentes do 4 de Janeiro⁴⁹, 4 Fevereiro⁵⁰ e 15 de Março.⁵¹” Quando se refere a Baixa de Kassanji, as figuras lendárias assumidas pelos malanjininos são trazidos à tona. Reparemos que essas figuras viajam do século XVI ao século XX com importância sublime e mística. Mostram a importância dos mitos nas sociedades, que acompanharam longos períodos e permanecem nas memórias coletivas dos malanjininos e angolanos. Testemunha isso mesmo a descrição que se segue:

Assim todos os feitiços eram queimados, limpavam-se os cemitérios, porque se tinha espalhado também o mito de que os mortos ilustres da zona (Ngola Kiluanje e Rainha Njinga) iriam ressuscitar para comandar a libertação de Angola; faziam-se pequenas lavras para que os ressuscitados tivessem que comer nos primeiros tempos; todos os animais de cor branca – galinhas, cabras, porcos e bois, etc., - deviam ser mortos e a sua carne não podia guardar-se para o dia seguinte. Por fim viria então a ‘Maria’ em toda sua glória, com roupas novas e animais grandes e gordos para aqueles que tivessem seguido fielmente as ordens dos propagandistas da deusa” (Kamabaya, 2007, p. 61).

⁴⁹ Revolta da Baixa de Kasanji ou Cassange

⁵⁰ Luta armada ou Guerra da Independência

⁵¹ Considerado como início da luta armada. Embora a fonte referir a 14 de Março, a maioria das literaturas refere a 15 de março.

A Baixa de Kasanji⁵² não foi somente uma guerra física. Verifica-se uma crença muito forte nas forças sobrenaturais dos ancestrais e no regresso de grandes heróis de outrora. A ligação à Rainha Njinga e N'gola Kiluanji parece nunca ter cessado. Cada geração conhece a história e indicam os lugares onde atuaram. Tanto os escritores, historiadores e os demais, como as crianças falam das figuras e dos seus feitos. À volta destas figuras verifica-se a crença em poderes sobrenaturais. Todo esse mito criado foi aglomerado em torno da distribuição de uma água especial e de um pau, em que as pessoas que a bebessem e o usassem se tornariam inatingidos pelas balas dos brancos. Estas balas então se transformariam em água. A crença foi tão divulgada e fortemente inculcada nas pessoas, que o Padre Basco Raul Assua ficou impressionado ao ponto de fazer a seguinte contribuição através de Kamabaya:

*“foi mesmo o fanatismo que tomou conta dos indígenas. Eles avançavam para a tropa aos berros de MARIA, MARIA! E os soldados corriam-nos a tiro de metralhadora. Diziam que as armas só deitavam água, mesmo a morrerem em grande número. Até amigos meus, negros, que faziam vida de caçador e estavam habituados a lidar com espingardas acreditavam naquela farsa e morreram assim.”*⁵³

Kamabaya (2007) acrescenta que o fanatismo foi criado às condições desumanas como eram tratados os camponeses da Cotonang. Esta realidade não se distancia da realidade de muitos países africanos que também foram colonizados. Praticamente no decorrer das incursões colonialistas, após muito tempo de domínio e condições desumanas, surgiram várias personalidades inspiradas por forças sobrenaturais com o intuito de salvar os oprimidos. Vejamos a figura de Simon Kimbangu, Wade: “A esfera de influência desses movimentos corresponde aproximadamente à África do Sul e à África Central e Oriental (e ao Quênia) , mas também se fizeram sentir pelos povos instalados nas imediações do Golfo da Guiné sob a ação de um profeta de origem liberiana, Wade Harris, que actua na condição de enviado de Deus, depois de ter recebido, por parte do anjo Gabriel, a revelação da sua missão” (Balandier, 2014, p. 403). Estes surgimentos normalmente deram-se no âmbito das imposições arbitrarias das religiões

⁵² Assunto a ser explorado posteriormente

⁵³ In Kamabaya, 2007, p. 61.

dos invasores. Em conformidade com esta ideia, “a própria forma de imposição do cristianismo aos africanos deve ser posta em causa: este manifestou-se através das igrejas múltiplas e rivais, chegou dividido e é emissário de divisões, aspectos que os nossos informadores congolezes sublinharam veemente e incessantemente (Balandier, 2014, p. 405). A opor estas imposições surge mais um «enviado de Deus», o «Salvador» Simon Kimbangou: “No dia 18 de março de 1921, Simon foi «agraciado por Deus»; paralelamente à revelação da sua vocação, recebeu poderes extraordinários que constituem os sinais visíveis da sua eleição: reconhecia-lhe a capacidade de curar os doentes e ressuscitar os mortos” (Balandier, 2014, p. 413). O continente africano é povoado de personagens históricas, lendárias e escolhidos por força divina para «salvar» o povo. Normalmente são-lhes concedidos poderes sobrenaturais para que possam resolver questões que ultrapassem o mundo material. Por este motivo, muitos acontecimentos se situam no plano da imaterialidade, outros nas lendas, de modo que se forem analisados fora dos contextos culturais torna-se incompreensíveis. Referindo aos poderes de Simon Kimbangou “a sua acção milagrosa opera-se a imagem de Cristo e a aldeia de Nsamba, principal local dos seus milagres, recebe o nome de «Nova Jerusalém»” (Balandier, 2014, p. 413).

3.5 Interações, conflitos/resistências e as autoridades tradicionais. Que importância na realidade dos malanjinos?

3.5.1. Das primeiras interações à ‘mala hanji’ ou ‘ma-lanji ngana’ e os conflitos

As primeiras interações após a chegada dos portugueses na província de Malanje tiveram também como protagonistas as mulheres. O choque linguístico constitui um ponto de análise de várias áreas do saber com o intuito de perceber a lógica dos nomes dos locais, bem como passagem das mensagens entre os dois interlocutores. A situação geográfica de Malanje faz fronteira com várias províncias de diferentes grupos étnicos e variedades linguísticas. Para uma melhor contextualização, o mapa abaixo posiciona todas as províncias de Angola e as respetivas línguas faladas.

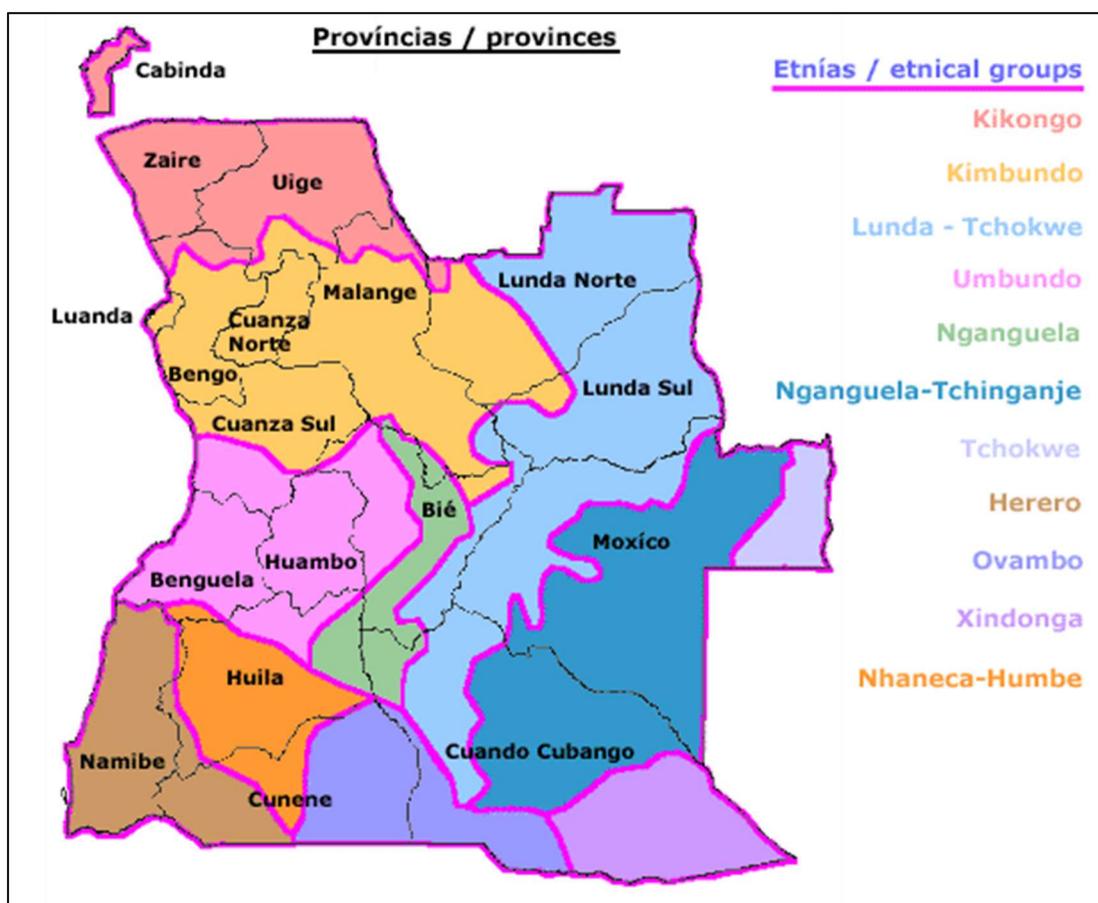


Figura 2: mapa étnico de Angola ⁵⁴

Para analisar a construção da sociedade africana em geral, e em específico Malanje, é necessário recorrer às informações vindas das tradições orais, à etimologia dos nomes, bem como ao nome das pessoas que, normalmente, estão associados à realidade de determinada sociedade. Ciente disso são as palavras do historiador Egídio Sousa Santos no livro que intitulou *A cidade de Malanje na História de Angola, dos finais do século XIX até 1975*. Conforme o autor frisa: “[e]studaremos, primeiro as origens de Malanje, nomeadamente a partir das diferentes fontes orais, pois parece evidente que o próprio nome de Malanje na sequência de um mal-entendido entre os colonos portugueses e os autóctones africanos” (Santos E. S., 2006, p. 30). A interação entre os dois grupos constitui marcas indelével aquando das deslocações de pessoas do seu território para outros territórios, ou seja, quando acontece migração, é esperado que possam haver

⁵⁴ Fonte:

https://www.google.pt/search?q=mapa+etnico+de+angola&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=NOlbsHCnRgtY9M%253A%252C4Wr6ayCkKxcRsM%252C_&usg=AI4_-kSqNQZn6qDCmgvo7PRIU6LGDkh0Dw&sa=X&ved=2ahUKEwjT1vuN_c7eAhXxyYUKHUb9CwUQ9QEwBHoECAAQDA#imgre=NOlbsHCnRgtY9M:

confrontos, verbais, mas também físicos, conforme a história nos confirma. Esta migração faz com que os atores deem e recebam maneiras de ser, estar e pensar do outro. Nas palavras do Papa João Paulo II, “as migrações, apresentam sempre um duplo rosto: o da diversidade e o da universalidade” (Fundação Ajuda a igreja que sofre e Comissão Episcopal de Migrações e Turismo, 2002, p. 87). A mensagem do Papa destaca que a diversidade confronta homens e grupos de povos diferentes, os quais comportam tensões inevitáveis, rejeições latentes e polémicas; e por sua vez que a universalidade é constituída por um encontro harmónico de temas sociais diversos, que se encontram no património comum a todo o ser humano, formado pelos valores humanos e da fraternidade (Fundação Ajuda a igreja que sofre e Comissão Episcopal de Migrações e Turismo, 2002).

É conveniente verificar que a origem do nome do país, Angola, “provém da palavra bantu N’gola, título atribuído aos soberanos que governavam sobretudo o reino de N’dongo no século XVI no norte do país, e que estabeleceram os contactos com os portugueses logo depois do reino do Congo” (Esperança & Nhulivali, 2019, p. 58). Por sua vez, a origem do nome Malanje leva-nos a analisar vários pontos de vista. Entrevistado um dos Sobas, foi-nos explicado que quando os portugueses chegaram a Malanje, encontraram várias mulheres a lavar roupas no rio e, então, perguntaram se não havia homens. As mulheres responderam: Ma – lanji, ou seja, também temos homens. A versão do Soba é reforçada pelo historiador Egídio Sousa Santos, “esses europeus, que admiravam imenso o facto de encontrarem uma multidão de mulheres sentadas sobre aquelas grandes pedras, teriam ainda perguntado: ‘então não há homens nesta terra?’ as mulheres teriam respondido novamente em Kimbundu: ‘Mala hanji’, que significa literalmente em português ‘também há homens’” (Santos E. S., 2006, p. 75). Várias outras versões são analisadas por vários historiadores. Egídio Sousa Santos afirma que a má pronúncia por parte dos portugueses aquando dos primeiros contatos com os africanos resultou em vários nomes adaptados da pronúncia dos autóctones. Conforme o autor, a palavra Malanje refere-se a pedra: Ma-lanji (as pedras), Ma-tadi (pedras), Di-lanji (a pedra), Di-tadi (pedra), Há-lanji (nas pedras) (Santos E. S., 2006, p. 72).

O próprio nome da província parece ter a sua origem associada a instrumentos de uso no quotidiano das comunidades, especialmente os ligados à agricultura e nitidamente à terra. O autor Santos, E. S. (2006) destaca que não se refere a quaisquer pedras, mas

sim a pedras para triturar os tubérculos. Ou seja, o autor sublinha que “uma vez do outro lado do rio, encontravam as mulheres que estavam a esmagar os tubérculos de mandioca sobre as pedras, (Ma-lanji) e os portugueses perguntavam-lhes o nome do rio que tinham acabado de atravessar. Dado elas não compreendiam a língua portuguesa, julgavam que os forasteiros lhes perguntavam o que era aquilo, aos que respondiam prontamente: ‘Ma-lanji Ngana’ (são pedras senhor)” (Santos E. S., 2006, p. 72). Seja qual for a versão mais aceite, verifica-se o eclodir do nome a partir do encontro entre dois grupos e em que o choque linguístico ganha visibilidade. Perante o encontro de indivíduos com culturas e línguas diferentes é normal alguma incompreensão de conceitos e pronúncias, de onde resulta a deturpação de informações. Não sendo algo novo ou incomum, também a Bíblia Sagrada denota esse relativismo cultural entre pessoas que habitam lugares diferentes e usam línguas distintas. João Paulo II refere que “no dia de Pentecostes foi restaurada a legitimidade do pluralismo étnico e cultural” (Fundação Ajuda a igreja que sofre e Comissão Episcopal de Migrações e Turismo, 2002, p. 89). Como refere o texto bíblico, e conforme os Actos dos Apóstolos:

Viram então aparecer umas línguas à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios de Espírito Santo e começaram a falar diversas línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem. Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta, pois cada um os ouvia falar na sua própria língua (Actos, 2, 3-6).

A mensagem do Papa, ao apresentar também essa passagem bíblica, confirma que “a diversidade linguística, manifestação daquela diversidade étnico-cultural, já não é motivo de confusão nem de oposição, mas, graças ao chamamento de todos os homens a formarem um único povo de Deus, no único Espírito Santo, torna-se instrumento de unidade e de comunhão da pluralidade (Fundação Ajuda a igreja que sofre e Comissão Episcopal de Migrações e Turismo, 2002, p. 89).

Retomando o encontro, é importante nestas informações perceber a associação que se faz entre a origem do nome perante um cenário de mulheres ligadas à terra, ao rio e à natureza. A identidade deste povo parece assim contruir-se associada ao rio, às pedras e à agricultura. Deste modo, a formação da sociedade malanjina parece posicionar-se à

volta do curso da água. Os próprios nomes se referem ao curso das águas, (kadianga e carianga para os portugueses) e os lugares de visita de Malanje foram consolidados com base no comércio e na agricultura, tendo como referência a terra e o rio, conforme mais a frente observaremos. Contudo, numa observação das várias viagens feitas à província é também nítida a percepção da movimentação em torno das terras e seus frutos, os quais são comercializados ao longo das vias e nas praças.

A existência de conflitos nas sociedades africanas e angolanas em particular é um facto notório. Todavia, esta realidade parece longe de uma afirmação muitas vezes proliferada nas ruas, segundo a qual os problemas, conflitos ou escravatura em África começaram com a chegada dos europeus. Como refere Gonçalves, “[a]o longo da história do Kongo, nas três chefaturas de Nsundi, Mpangu e Mbata, foram constantes as rivalidades entre as duas linhagens ligadas ao Ntotila de Mbanza Kongo, os Nlaza e os Mpangu. O sistema de sucessão contribui como um dos factores mais importantes para o desenvolvimento das rebeliões e das crises em todos os níveis (Gonçalves, 2005, p. 58). A história de Malanje também ilustra vários choques de diferentes grupos que constituíram aquela sociedade. A organização social ou a estrutura sofreu várias mudanças perante diversas circunstâncias de chegadas de povos de outros reinos. Também a chegada dos portugueses constitui momento de crivos, inicialmente em convivência e posteriormente numa situação de domínio. A luta pelas terras também evidencia momentos de conflitos. Como é que neste cenário se constrói a – *uma* – realidade social? Um dos trabalhos que traz contribuições significativas para a percepção de vida dos malanjinos, da história e da construção da realidade social é de Egídio Sousa Santos de 2006. Este autor faz uma análise que quando contraposta com as informações colhidas junto dos inquiridos assenta uma lógica que se espelha na sociedade malanjina hodierna e que favorece a compreensão dos fenómenos ocorridos e seus frutos nos diversos pontos da província, alguns hoje lugares turísticos.

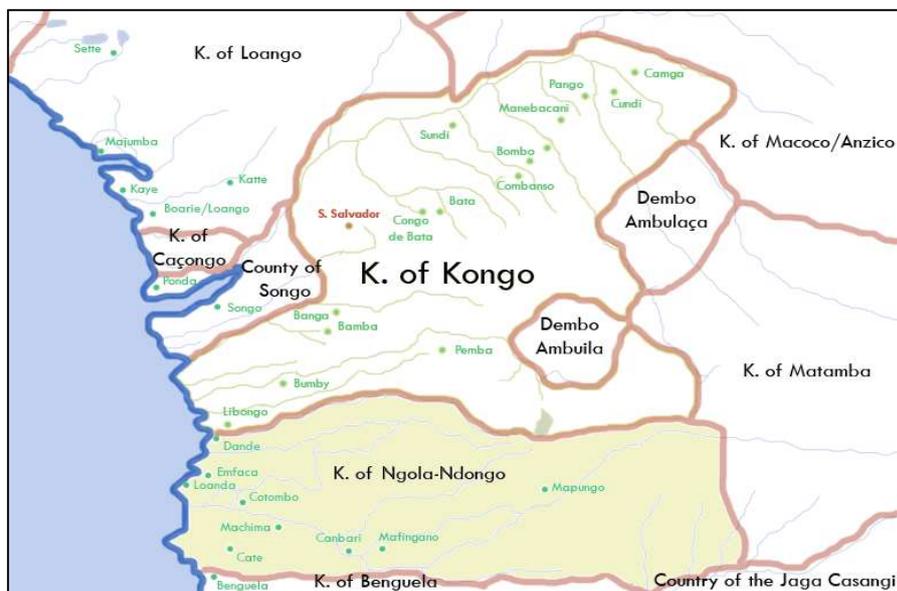


Figura 3: Mapa do antigo Reino do Kongo ⁵⁵

3.5.2 O papel do comércio na interação dos homens brancos e negros em Malanje

Para abordar as questões do comércio é necessário ter em consideração, desde logo, as rotas. Santos (2006) afirma que na interseção das grandes rotas comerciais do norte do país, Malanje parece ter conhecido uma evolução contínua, resistindo às intervenções portuguesas e europeias, na época em que os povos autóctones da região (e.g. os Ngola, Njinga e Imbangala, entre outros) procuravam dotar-se dos meios políticos, e especialmente económicos, para enfrentarem as novas exigências do comércio mundial, depois da abolição do tráfico negreiro. Malanje venceu o desafio histórico graças sobretudo aos produtos que alimentaram o comércio legítimo, produtos oriundos das suas terras férteis e das terras de todas as áreas circundantes. O comércio assume também um papel importante pelo facto de agregar povos oriundos de reinos e territórios diferentes a conviverem no mesmo espaço. Posteriormente, a esses juntar-se-ão outros povos, os quais hoje em dia formam a cidade multicultural de Malanje. Kamabaya (2007) corrobora com a ideia de Santos (2006) ao afirmar que:

De facto, no séc. XVII, sob o reinado da Rainha Njinga, a actividade económica dos portugueses em Angola era fundamentalmente comercial, tendo como produto principal sobretudo o tráfico dos

⁵⁵ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_do_Ndongo

escravos. A cera e o marfim eram também outros produtos procurados pelos negociantes portugueses e a Feira de Cassanji era então o mercado privilegiado dos estados de Kwango. Além dos escravos, cera, e do marfim os Estados do Kwango trocavam sal por tecidos de palma e vinho de palmeira (maruvu) (Kamabaya, 2007, p. 35)

Ainda, reforça Santos:

Ao comércio junta-se questões religiosas que mais ainda baralhou a estrutura social de Malanje, pois, estamos perante uma sociedade politeísta, onde os “outros” vêm difundir o monoteísmo. A chegada dos comerciantes aconteceu simultaneamente a dos missionários católicos e protestantes. Estes trouxeram um segundo aspecto que complexifica o processo da mudança: as religiões monoteístas, até então praticamente desconhecidas, com a conseqüente criação de lugares de culto, igrejas e templos. Esses lugares tornam-se autênticos polos de atração. Ao início, os dignatários africanos, reis e notáveis, aceitavam essas crenças importadas para manter as trocas comerciais com os europeus, pois eles pensavam que daí dependeria o ritmo do comércio. Mais tarde, porém, a religião dos brancos entra em conflito com a dos africanos e observa-se então que diversos reis africanos recusam o batismo e a fé cristã (Santos E. S., 2006, p. 33).

As comunidades africanas mantiveram sempre relações comerciais com diversos povos de diversas comunidades. A entrada de comerciantes europeus abre espaço a outros domínios. As missões, elas próprias, constituíam uma dessas vias. Reparemos que mesmo quando os nacionais se opunham, as missões recorriam aos comportamentos que são contrário dos ensinamentos do cristianismo. “Além do facto das suas exigências (das igrejas) se revelavam radicalmente hostis às organizações, (com luta contra a poligamia) e às culturas, (pela guerra declarada a tudo aquilo que é susceptível de apoiar os cultos tradicionais), africanas, acrescentava ainda a novos elementos de diferenciação e antagonismo” (Balandier, 2014, p. 405).

Em Malanje, temos diferentes atividades a serem desenvolvidas ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Diferentes povos aparecem, cada um com as suas atividades e a cidade mudou o seu funcionamento em virtude das novas exigências da estrutura económica, social e até religiosa. Das várias atividades económicas que caracterizam a província, destaca-se a agricultura, a qual é favorecida pela situação geográfica. Vários autores confirmam, destacando Kamabaya (2007), que o planalto de Malanje, com

altitude média de 1200 metros, é uma região essencialmente agrícola, em que a pecuária ocupa também um lugar de grande relevo.

Conforme os documentos, a cidade de Malanje foi fundada a 10 de Março de 1857, por um documento do Governador – Geral Carvalho do Amaral, que define simultaneamente o distrito dessa nova cidade, constituídos pelas zonas de Ambaca, Mpungu-a-Ndongo, Duque de Bragança (Kalandula) e Talla Mungongo (Santos E. S., 2006, p. 34). A fundação da cidade estabelece contornos complexos desde o início. Parece começar a desenhar posições estratégicas que beneficiam os portugueses e um certo segregacionismo, dividindo o espaço africano do espaço europeu dentro de Malanje. Egídio Sousa Santos destaca três grandes momentos na história da cidade de Malanje: “Primeiro, de 1850 a 1930, como período da implantação colonial com a respectiva transição desta cidade africana para a cidade colonial”. O mesmo autor assume um segundo período de 1930 a 1961 que corresponde ao apogeu da cidade colonial. O desenvolvimento caracteriza-se pela produção agrícola; o estado português enriquece a metrópole, domínio da acção dos missionários e desmantelamento de todas as referências da cultura africana pré-colonial. A terceira fase segue de 1961 a 1975. Período que dá-se o levantamento popular da Baixa de Kassanji em 1961, que marca o início da guerra de Libertação, guerra de quase 15 anos e que culminará na proclamação da independência em 1975. (Santos E. S., 2006, p. 38).

Vários relatos de viagem a Malanje ou com passagem por Malanje mostram-nos características únicas e de atrações consideráveis. Em alguns casos, como no relato que a seguir se transcreve, auspicia-se um futuro promissor: “E os cursos de água, uma vez aproveitados para a rega e energia eléctrica poderão tornar o planalto de Malanje num verdadeiro celeiro de Angola” (Kamabaya, 2007, p. 27). As várias regiões são destacadas quase sempre com pomposidade como, por exemplo, a região do Pungo Andongo: “célebres rochas únicas conhecidas do género” (Santos E. S., 2006, p. 45). O lugar turístico onde recai a nossa delimitação espacial do estudo começa a assumir sua importância desde muito cedo, no novo panorama de visitas e expedições. É verdade que as diferentes expedições portuguesas ou outros estudos científicos, geológicos, geográficos, etc. tinham por objectivo o desenvolvimento da colónia em geral e da região

em particular, mas deve reconhecer-se o carácter embrionário e impreciso das conclusões científicas daquela época. (Santos E. S., 2006, p. 55).

A implantação da cidade antiga de Malanje parece não ter sido ao acaso. A situação devia-se, especialmente, à posição do homem na natureza conforme referido na literatura. Tendo em conta a localidade banhada por rio e muita quantidade de água, eram necessárias posições estratégicas para a implementação da cidade africana. Aquando da chegada de Henrique de Carvalho a Malanje, ordenou este que secassem os pântanos de modo a poder cultivar a cana-de-açúcar. Efetivamente, a cidade foi construída com um distanciamento de 20 km dos pântanos. A ideia era aproveitar o máximo dos espaços para a produção agrícola e respetiva comercialização. O espaço que distava a cidade do pântano não foi mero acaso. Egídio Sousa Santos, explica-nos essa construção com respeito à natureza, apresentando as funções do pântano designado de Malowa (pântano lamacento):

Uma função protectora: os habitantes de Malanje estavam conscientes que os ataques dos seus adversários mais temíveis vinham sempre do norte, pois para lá desses terrenos húmidos começava a grande floresta equatorial. Os ataques dos povos vindos do norte eram sempre mais violentos devido aos movimentos migratórios desses povos. Assim, a famosa faixa pantanosa servia acima de tudo de muralha protectora, como nas cidades fortificadas da Europa antiga... (Santos E. S., 2006, p. 57).

Este pântano servia de armadilha para os animais ferozes como os leões, as panteras e outros animais selvagens. Malowa servia também para assegurar objetivos de subsistência, sobretudo na caça às manadas de antílopes, de búfalos e mesmo de elefantes. A importância dada às florestas ia desde questões relacionadas com necessidades alimentícias ao misticismo:

A floresta é, enfim, o lugar onde se produzem os mistérios ocultos, alicerce das crenças africanas. Aí se guardam os instrumentos e acessórios em certas árvores. É por isso que existem árvores que não podem ser cortadas, elas andam de noite, deslocam-se de floresta em floresta e de aldeia em aldeia (Santos E. S., 2006, p. 59).⁵⁶

Esta ideia é corroborada por outros trabalhos onde o destaque vai para as funções das florestas. O trabalho de (Lienhard, 2005) intitulado *O Mar e o Mato, histórias da*

⁵⁶ palavras de um informador de Malanje ao investigador Eg. Sousa Santos em 1993

escravidão traz-nos esta ideia das funções da floresta como lugar de vivência dos espíritos ancestrais, lugares de fuga dos guerreiros e dos escravos na época de escravatura. Salienta a presença desta ideia na atualidade, com destaque para o mato e ao mesmo tempo o mar, que constituiu espaço de trabalho de escravos. Afirmo o autor:

As conotações utópicas que o mar e o mato adquiriram ao longo da história afro-americana permanece, aparentemente, vigente até hoje. Essa vontade de conservar, recriar ou lembrar o discurso ou certas práticas escravas remete, sem dúvida para a necessidade de responder, pela afirmação de uma cultura de luta, à discriminação e à marginalização socio-cultural que ainda sofrem, nas Américas, as comunidades populares compostas principalmente por descendentes de escravos africanos (Lienhard, 2005, p. 29).

Ainda hoje se percebe esta ligação entre a cidade e a sua ancestralidade. Muitas vezes, aquando da aplicação de entrevistas e questionários os informantes enveredavam por desvios de conversa, onde expunham a bravura do povo em resistir à influência doutras culturas e identidades. De certa forma, conseguiram manter traços de identidade, mas seria um erro assumir que não houve perdas e interferências de novos padrões dentro da cultura. Para esclarecer,

“a sociedade tradicional do Kongo e Angola permanece viva ainda hoje e o seu estudo antropológico-histórico mostra-se fundamental, tanto para compreender os desafios e alterações que a história moderna lhe impôs, consagradamente com o célebre tratado de Berlim, no final do século XIX, como para se entender o período colonial que se seguiu (Gonçalves, 2005, p. 15).

3.5.2 A estruturação da sociedade: a influência da baixa de Cassanje e Cotonang

Na chegada dos europeus a África, e especificamente dos portugueses a Malanje, encontraram uma cidade africana já construída. Ao instalarem uma cidade europeia, no início as duas cidades conviveram, todavia, a pouco e pouco a cidade africana europeizou-se. No intervalo dessa transição verifica-se o resultado da fusão das cidades. Uma mistura pouco pacífica, como refere Santos (Santos E. S., 2006) : “...a questão central consiste em elucidar a passagem progressiva da cidade africana para a cidade híbrida, meio europeia, meio africana. Essa passagem que num primeiro, se fará com a impotência e passividade quase totais dos africanos, parecerá ser “não violenta”, mas deixará marcas indeléveis nas estruturas urbanas da futura cidade africana vivendo sob o jugo colonial” (p.68).

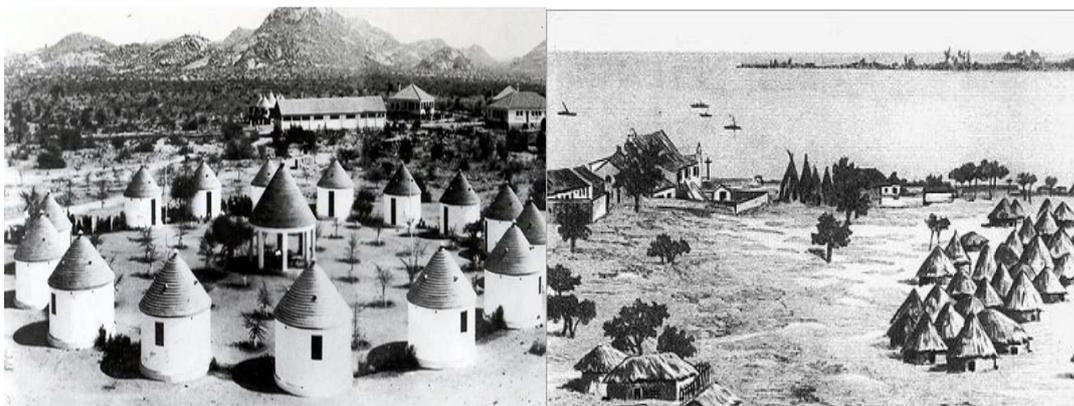


Figura 4: disposição das casas europeias e africanas⁵⁷

Para uma melhor perceção reproduzimos a caracterização das duas cidades, como destacada pelo autor:

nessa nova estrutura da cidade, a separação é visível e nítida: percebe-se perfeitamente a distinção entre as duas cidades com todas as componentes. De um lado a cidade branca com as ruas largas, alcatroadas, ladeadas pelas villas e edifícios de estilo europeu. Esta cidade habitada por uma população exclusivamente portuguesa, ou

⁵⁷ Fonte:

<https://www.google.com/search?q=casas%20europeias%20e%20africanas%20em%20angola%20antigamente&tbm=isch&tbs=ring:CWj44yjf3M4qYSiKUDWgKbns&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CBwQuIBahcKEwjA7Pju-qjtAhUAAAAAHQAAAAQCw&biw=1226&bih=597#imgc=AYHcACqCo59VnM>

européia em geral, acompanhada do seu aparelho administrativo e militar (sem esquecer o religioso). De outro lado, situava-se a cidade africana, constituída por diversa sanzala e outras construções africanas à volta da cidade europeia. Ela era habitada exclusivamente por uma população africana e por alguns mestiços. Porém, contrariamente a cidade africana do tipo precedente, esta assiste a introdução na sua estruturas de igrejas – igrejas católicas e protestantes destinadas unicamente aos cultos religioso dos africanos a fim de lhes facultar uma instrução rudimentar e das secções da milícia colonial encarregada da repressão (Santos E. S., 2006, p. 69).

Quando os portugueses chegaram a Malanje fixaram-se na região como comerciantes, mas não se misturaram com os indígenas. Por isso, se fala da cidade africana e cidade europeia de Malanje. As informações que nos chegam apresentam destaques quase exclusivamente da cidade europeia. O lado africano parece ter-se esquecido ou foi propositadamente apagado, e com ele a identidade dos africanos na região. Apesar disso, as histórias contadas trazem relatos de autores, não portugueses, que expunham a realidade que se vivia por todo o país, principalmente o caso das explorações nas plantações de algodão. Autores como Basil Davidson e Castilhon, cujos trabalhos datam já do século XX, abordam justamente esta ideia de como a história veio a esconder as verdades sobre a situação dos africanos na província⁵⁸. Alguns autores são mais profundos na caracterização desse esquecimento:

⁵⁸ Destacam-se os seguintes trabalhos: - Africa in History: The Search For A New Society; Africa in Modern History; African Civilization Revisited: From Antiquity to Modern Times African Kingdoms; The Africans: An Entry To Cultural History, edição portuguesa: Os Africanos. Uma Introdução à sua História Cultural (Edições 70, 1981); The Black Man's Burden: Africa and the Curse of the Nation-State, edição portuguesa: O Fardo do Homem Negro (Campo das Letras, 2000); Black Mother, edição portuguesa: Mãe Negra. África: Os Anos de Provação (Sá da Costa, 1978); Black Star: A View of the Life and Times of Kwame Nkrumah; Os Camponeses Africanos e a Revolução (Sá da Costa, 1975); Golden Horn (romance); A History of Africa; In the Eye of the Storm: Angola's People, edição portuguesa: Angola no Centro do Furacão (Ed. Delfos, 1974); Let Freedom Come: Africa in Modern History; The Liberation of Guine, edição portuguesa: A Libertação da Guiné: Aspectos de uma Revolução Africana (1969); Lost Cities of Africa; Old Africa Rediscovered, edição portuguesa: À Descoberta do Passado de África (Sá da Costa, 1981); The Struggle for independence of 'Portuguese' Africa, edição portuguesa: A Política da Luta Armada: Libertação Nacional nas Colónias Africanas de Portugal (Caminho, 1979) e West Africa before the Colonial Era.

esta ambiguidade mostra também o carácter egocêntrico, e mesmo pouco científico, dos europeus, uma vez que a exploração das terras africanas era um projecto visando somente fins lucrativos e não humanitários, rejeitando todos os esforços susceptíveis de contribuir para melhor dar a conhecer a África e os africanos em todos os domínios abertos ao conhecimento humano (Santos E. S., 2006, p. 82).

Ainda sobre o assunto os trabalhos de Chirikure et al. (2010), “no contexto africano, a custódia dos direitos tradicionais foi destruída pela colonização, um processo que desde então tem excluído a comunidade local, não apenas do uso do seu passado, mas da determinação do seu significado, uso e futuro” citado por (Castro B. d., 2019, p. 89).

A atividade comercial em Malanje era famosa e atraía novos comerciantes portugueses à região. Destaca o historiador alguns nomes, aquando da expedição científica portuguesa com destino a Musumba: “Os principais estabelecimentos comerciais encontrados por Carvalho” quando entrou na cidade em julho de 1884 pertenciam a Alfredo José de Barros, A. Simões da Cruz, Eduardo Ferreira Campos, Custódio de Sousa Machado, Lara&C^a, Oliveira e Irmãos, António José Coimbra, Vieira e Narciso António Pascoal. (Santos E. S., 2006, p. 88).

Aos grandes comerciantes que já estavam estabelecidos em Malanje juntaram-se outros provenientes de zonas vizinhas e que daí fugiam devido aos confrontos que nelas grassavam. A fuga era irreversível, todavia, verificava-se a necessidade de buscar outros pontos de venda, de modo a escoar os produtos, principalmente agrícolas. Conforme frisado, a força de Malanje não advém apenas dos comerciantes portugueses que chegavam de Portugal. O cenário tornara-se dantesco no Reino da Matamba. Os conflitos emergiram devido à tentativa de os portugueses tentarem negociar diretamente com os Tchokwe. “O reino da Matamba servia de intermediário entre os portugueses e os povos da margem direita do Kwango – os Tchokwe (Kamabaya, 2007, p. 36). As dificuldades dos produtos chegarem a serem negociados diretamente por possível proibição da Njinga aos comerciantes do Kwango no reino do Ndongo, Matamba teve que arranjar alternativas para fazer escoar os seus produtos e fortalecer os negócios de escravos, cera e marfim. “Por isso Matamba acabou por estabelecer uma nova rota comercial que ia de Matamba passando pelos Dembos, até Loango, onde estavam os franceses (Kamabaya, 2007, p. 39). Essa nova rota vai despertar novos interesse e avança em crescendo. Os franceses no percurso pagavam mais pelos produtos do que os portugueses. Assim, na nova rota

escasseavam os produtos antes de chegarem aos portugueses, daí a famosa luta da Rota do Loango. De certa forma, estes conflitos beneficiariam a cidade de Malanje, conforme iremos perceber mais adiante.

Em 1861 os portugueses sofrem uma grande derrota militar na Baixa de Kassanji e esta famosa feira acaba por encerrar transferindo todo o seu poder para Malanje, onde muitos comerciantes, principalmente portugueses, fixaram seus negócios. Conforme afirma Kambaya, “numa das sublevações da Baixa de Kasanji, em 1861, em meados do século XIX, as tropas portuguesas sofreram um grande desaire dos habitantes da Matamba – Baixa de Kasanji – que teve como consequência o encerramento da Feira de Kasanji e consequente retirada dos portugueses da zona” (Kamabaya, 2007, p. 37). O bloqueio de transações de produtos para a cidade de Malanje eram ocorrência normal, daí que os conflitos não cessaram. Os Imbangalas, desde suas vitórias sobre os portugueses em 1861, passaram a ser intermediários dos portugueses que tinham seus comércios em Malanje. Com o abandono da Feira de Cassanji, verifica-se um crescimento exponencial de Malanje, que assim veio a assumir um papel preponderante, não só a nível da província, como do país, tanto a nível da agricultura, como do comércio.

O malanjino Moisés Kamabaya afirmou “com o encerramento da feira de Kasanji e a subsequente retirada dos portugueses para a cidade sede de Malanje em 1861, Malanje passou a ser o centro económico motor do Centro-norte de Angola, sobretudo com o cultivo rentável do algodão nas suas terras férteis, o que conduziu ao estabelecimento da Companhia Geral dos Algodões de Angola - Cotonang” (Kamabaya, 2007, p. 38). A Cotonang assume um papel importantíssimo na estruturação dos Malanjininos, mas também, a literatura mostra uma desumanidade total no tratamento dos angolanos que laboravam na companhia. A situação chegou ao ponto de transcender a materialidade do humano. Estamos a falar num período posterior à primeira década do séc. XX. Na Cotonang foi posto à prova o indígena, dado a iniciativa económica pertencer somente aos europeus. Mesmo à distância, Portugal controlava todo o negócio e a produção. Ao angolano só lhe reservava o direito de cultivar as terras, sem usufruir das riquezas:

De facto, a partir de 1915, o angolano em geral, e sobretudo o da Baixa de Kassanji, obrigado a cultivar o algodão e excluído do país não lhe permitido sequer sair da zona da cultura do algodão, sem falar mais em fazer parte da riqueza de Angola que estava a ser, a partir de então,

paulatinamente controlada a partir de Portugal, sem qualquer possibilidade dos nativos possuírem também algo de valor económico que pudesse marcar a igualdade entre os portugueses e angolanos, até porque os angolanos tinham sido esmagados e perdido o poder político e por consequência o direito de possuir qualquer palmo de terra de Angola” (Kamabaya, 2007, p. 39).

Testemunha do trabalho de Sousa Santos dá conta que o “aumento da chegada dos portugueses a Malanje não se deve só aos que vinham da Metrópole, mas também dos que abandonaram a Feria de Kassanje. Conforme o historiador, “esse aumento de densidade demográfica por parte da população portuguesa explica-se muito simplesmente pelo abandono da feira de Kassanje pela maioria dos comerciantes, devido a desastres provocados pelas guerras de Kassanje, que tornavam as trocas comerciais com a outra margem do Kwangu particularmente difíceis (Santos, E.S., 2007, p. 89).” A baixa de Cassanji se encontrava mergulhada em conflitos e revoltas devido ao modo de exploração que se vivia. As revoltas foram sendo preparadas ao longo dos trabalhos na Cotonang. Vários autores são claros a este respeito e assumem que a conquista da independência e a guerra da Libertação teve o seu início com as revoltas da Baixa de Cassanji. Os autores (Kamabaya, 2007; Gomes, 2011; Santos, E.S., 2006) apresentam essa ideia comum. A esta ideia parece haver um reforço por parte de Lito Martin, (2013), que refere a compensações nos seguintes termos: a companhia distribuía sementes aos agricultores e sacas para as colheitas, cuja produção era acompanhada pelos agentes. Estes, por sua vez, além desta tarefa tinham a missão de escolher também os terrenos ou blocos cultiváveis, com a cooperação dos técnicos da companhia, marcavam os campos de cultivo por cada família de agricultores, e acompanhavam todas as fases de desenvolvimento da planta, incluído a colheita. Para além dos trabalhos na empresa de algodão apresentar características desumanas, onde os camponeses e famílias não possuíam quaisquer benefícios, foi criando um espírito de revolta e resistência ao trabalho, que foi crescendo até ao ponto da histórica Baixa de Cassanji. Prestando atenção, Kamabaya (2007) ilustra-nos as situações terríveis que na Cotonang que vivia: “Na Baixa de Kasanji, mulheres, homens e crianças eram retiradas das suas aldeias e sanzalas e eram obrigadas a cultivar o algodão em lotes de terrenos distribuídos pela Cotonang. Sem salários definidos, sem seguros sociais por doenças ou por perdas de más colheitas” (p.145).

Perante estas condições a sustentabilidade das famílias estavam em risco. De facto, “aos camponeses não era permitido cultivar milho, feijão ou mandioca, ou qualquer produto que fosse para a sua alimentação perto dos terrenos em que estivessem a cultivar o algodão (Marcum, 1926, p. 47, citado por Kamabaya, 2007, p. 145). Refira-se que a famosa feira de Kassanje de certa forma aparece viajando do território Kassanje para Malanje, que rapidamente cresce ao ponto de “assim, na região, o comércio tornou-se o elemento motor, ele foi catalisador entre as populações africanas e europeias, através do qual cada uma das partes procurará retirar o máximo de proveito dos negócios para realizar as melhores transações” (Santos E. S., 2006, p. 92). Os benefícios da exploração e produção do algodão recaía somente para a classe dominante. Deste modo, “a companhia tinha ao seu cargo cerca de 200 funcionários com suas famílias que eram pelo consumo que faziam, dado o seu poder de compra, uma mais valia para a cidade de Malanje, porque tinha bons vencimentos e além disso prémios de produções anuais cujo quantitativo dependiam dos resultados que obtinham” (Martin, 2013, p. 20). As transações comerciais obrigaram a uma necessidade de relacionamento entre os europeus e africanos. As relações de confiança foram-se criando sempre como base o comércio. “O comerciante português que sabia que o produto que queria comprar estava à disposição do chefe da caravana africana, iniciava a conversa de negócio com o chefe. Mas, antes de entrar no cerne das negociações comerciais, havia primeiro uma série de conversas banais acompanhados por diversos copos de água-ardente europeia. Esta concertação, que podia durar várias horas, por vezes mesmo até ao cair da noite, tinha como objectivo o estabelecimento de uma relação de confiança entre os comerciantes portugueses e africanos” (Santos E. S., 2006, pp. 98-99).

Se por um lado a produção e comercialização do algodão constituía uma mais valia para a economia malanjina; por outro lado, as condições deploráveis dos agricultores e suas famílias cultivava uma revolta interna, que mais tarde viria a explodir no dia 4 de Janeiro de 1961. Conforme assegura Martin, “a cultura do algodão tinha duas faces, por um lado constituía uma mais valia para o distrito porque era dinheiro que circulava por toda a área, mas por outro, porque era uma cultura obrigatória que cada família tinha que trabalhar, pelo menos um hectare (1000m²), que era uma cultura muito exigente desde a plantação até à colheita, constantemente fiscalizada, com rendimentos nem sempre

compensadores e quando havia prejuízo resultante de um fenómeno atmosférico as consequências recaiam sempre sobre o agricultor”(Martin, 2013, p. 20).

Nestas condições, não é de estranhar que muitos autores assumam a Baixa de Kasanji como o início da guerra da libertação. Kamabaya (2015) salienta que “na verdade, o Grito Nacionalista de Kassanje⁵⁹ deu-se a 4 de janeiro de 1961, e é para nós o verdadeiro início da luta armada de libertação de Angola (p.124). A realidade da Cotonang era simplesmente um espelho do que se vivia nas empresas de diamantes e não só. Os benefícios mergulhavam pelos oceanos até chegarem à velha Europa. Conforme sustenta a tese de Kamabaya, 2007, o colonialismo foi um empreendimento social e político destinado à exploração económica e à inferiorização dos habitantes dos territórios possuídos pela potência colonial. Este espírito de revolta ainda hoje se verifica, pois a pouco mais de uma década, o mesmo autor após a afirmação lança uma pergunta, que se verifica ainda nos clamores e lamentos dos angolanos, mais aceso no clima que se instalou com a entrada da crise de petróleo e de dólares, consequentemente. Eis a expressão: “numa palavra, as colónias existiam para darem lucros aos seus possuidores europeus e não para beneficiarem os Africanos, muito menos nós angolanos que fomos deixados tão pobres num país tão rico. E continuamos neste estado miserável. Até quando” (p.145)?

Apesar de pesada realidade que se vivia nos envoltos de Kassanje, revoltas e mudanças de rotas comerciais, é conveniente assumir o papel que a produção de algodão teve para Malanje. O desenvolvimento do comércio, criações de empresas e associações das indústrias constituíram meios do desenvolvimento e até contribuíram para uma das revoltas mais simbólicas por parte dos angolanos, ao ponto de ser assumida como o início do caminho para a independência do país. Verifica-se um certo orgulho dos malanjinos e de uma forma mais genérica dos angolanos ao falarem da Baixa de Kassanje, embora se reconheçam as perdas de vida dos angolanos, dado que a revolta também foi coroada num misticismo da vinda dos ancestrais, nomeadamente Rainha Njinga e N’gola Kiluangi e da “MARIA”. Este assunto está referenciado aquando se fala das figuras lendárias.

⁵⁹ Em relação ao nome encontramos grafias diferentes. O próprio autor Kamabaya, no seu trabalho de 2007 escreve “Kasanji” e de 2015 “Kassanje”. Outros utilizam a letra “C” em vez de “K”.

3.5.3 A polémica negros, brancos e mestiços no mesmo território e os latons hodiernos. Que espaço na estrutura social?

A realidade sociocultural dos angolanos sofreu muitas influências e a dos malanjininos não foge à regra. Aquando da minha chegada a Angola, em 2012, vi-me confrontado com uma sociedade bem diferente da que estava habituado. A massa social, o trânsito, os mercados (praça), entre outros aspetos, marcaram de forma decisiva esse confronto. Todavia, o que demorei mais tempo a perceber é a questão dos bilhetes de identidade. Os bilhetes distinguem raça negra, raça mestiça e raça branca. Questionei tais situações, mas as explicações tornaram-se mais confusas. Durante os seis anos vividos em Angola comecei por perceber a posição de cada uma das raças/cores que apareciam enunciadas nos bilhetes. Algumas expressões que fui constatando despertaram a necessidade de explorar mais um pouco essa questão. A vida nos diversos lugares turísticos de Malanje envolveu várias pessoas de diferentes classes e países, cores e etnias. Ainda hoje é visível a interação e espaços comerciais/negócios, hotéis e as demais empresas de europeus, africanos e asiáticos existentes na província. Esse *puzzle* com peças diferentes como que encaixa, todavia, parece existir uma estratificação, mesmo que não declarada.

Durante as pesquisas no terreno várias expressões enunciadas por parte dos inquiridos denotaram modos de diferenciar as pessoas pela cor. Conforme os historiadores, dos Bantos vieram os negros, na sua maioria agricultores e comerciantes. Os denominados de raça negra e mestiça dedicavam-se ao comércio, serviços públicos e um número menor à agricultura. Esses atores no mesmo espaço contribuem para uma realidade mesclada de diversidades. A pergunta que se levanta é: Qual a razão de existirem muitas expressões relacionadas com os mulatos? Que espaço ocupam na sociedade? Para responder a estas perguntas vamos olhar a algumas expressões como referências chave e posteriormente recorreremos a literatura que aborda o assunto.

Uma das circunstâncias que despertou a minha atenção de investigador-ator foi quando uma criança “laton” se aproximou da viatura em que seguia com os colaboradores no centro de Malanje, aquando da aplicação dos questionários. Enquanto aguardava a luz verde no semáforo, essa criança pediu esmola e um dos meus colaboradores prontou: “Você Laton também pede esmola”? Após esta questão, a criança desandou. Fiquei

intrigado. Da explicação dos meus colaboradores, normalmente os “Latons” possuem certo poder económico ou os seus pais, daí a não necessidade de estarem a pedir esmolas. Numa segunda circunstância, apareceu um taxista com a cor da pele mais clara a dar m’baia⁶⁰. De repente o motorista que seguia comigo exclamou: “Todo o mulato é malandro.” Quando pedi esclarecimento sobre a observação, o motorista apressou-se a dizer que “os mulatos se acham mais espertos que os outros mais escuros”. A terceira circunstância ocorreu enquanto aplicava questionários num dos lugares eleito para trabalho de campo. Aí, aproximei-me de comerciantes de Ginguba, Cacusso, mandioca; enquanto colocava as questões aproveitei para comprar ginguba para saciar a fome e também para criar uma maior relação de confiança. De repente escuto uma conversa entre quatro jovens e uma vendedeira:

- Quanto custa o peixe, mãe?

- 500 kwanzas, filho.

- Se eu pago 500 kwanzas, esse mulato tem que pagar 1000 kwanzas! [Apontou o dedo para a minha pessoa]. A justificação dada pelos meus colaboradores para este fato recaiu outra vez sobre a ideia que se tem que os denominados mulatos possuem maior poder económico, melhores empregos e melhores condições de vida. A circunstância caricata, a meu ver, aconteceu aquando de um óbito. No velório, ao dar forças para a mãe do jovem malogrado escutei, de entre os choros e lamentos, a seguinte expressão: “Logo o meu filho mulato”!!! Não sei se fiz a leitura errada, mas pareceu-me que seria menos penoso ou menos sentida a perda se a vítima tivesse sido algum dos filhos “mais escuros”. Muitas outras expressões semelhantes são ouvidas no dia-a-dia, bem como nas músicas: “Queria o mulato do grupo”. O momento de algum alarido está relacionado com o Paculato ou paculagem⁶¹. A aposta nesta prática é muito visível nas pessoas que circulam pelas praças de Luanda. Houve um certo momento de alarido quando um cantor, de nome artístico Madruga Yoyo, em 2015 apareceu com a pele da cara e mãos clareadas, utilizando a expressão “Escuro não” ou “escuro *not*”. A expressão facilmente se alastrou e várias pessoas se revoltaram perante a situação. Chegou ao ponto de a população combinar uma

⁶⁰ Expressão que se usa quando um condutor faz uma ultrapassagem em lugares impróprios, tentando adiantar, passando por mais esperto que os outros.

⁶¹ Expressão popular utilizada para identificar as pessoas que usam cremes para clarear a pele.

deslocação ao Primeiro de Maio⁶² para queimar publicamente dvd's das músicas de um dos cantores, que prontamente pediu desculpas públicas por ter usado a expressão.

Perante os pressupostos apresentados, despertou-me a necessidade de investigar junto da literatura afim a compreensão desta questão. Ao mesmo tempo, de lançar através das redes sociais questões relativamente aos denominados mulatos com a finalidade de efetuar o levantamento de outras expressões, bem como ouvir algumas explicações perante os contextos descritos e significados atribuídos. Fazendo uma incursão pela obra de Alberto Oliveira Pinto, percebemos como na década de sessenta do século XX eram tratadas as crianças mulatas, na generalidade descendentes dos senhores brancos com as criadas negras. Conforme relata o autor:

outras 'criadas brancas' trabalharam no Beco do Balão e me pegaram ao colo. Lembro-me da Fernanda e da Gracinda, duas cozinheiras de um tempo em que era muito pequeno, devia ter cerca de três anos (...) na realidade tratava-se de indivíduos que, ao fim de alguns anos de trabalho em Angola, conseguiam reunir algumas economias, o que lhes permitia candidatarem-se a casar com mulheres brancas e afastarem-se das negras com quem viviam e de quem, na maioria dos casos, tinham filhos mulatos. Era frequente, aliás, o abandono desses filhos ou o seu internamento em orfanatos (Pinto, 2017, pp. 70-71).

O autor supracitado é historiador, nasceu e viveu a sua infância em Angola. Filho de portugueses, faz-nos uma análise acurada da situação dos mulatos na altura. Ele, como uma criança branca, viria a sofrer mais tarde situações de não enquadramento quando regressa para Portugal, onde é denominado de “português de segunda” ou “retornado”. Observa: “O asilo D. Pedro V, internato fundado em 1854, dirigido por religiosas, foi, até à independência de Angola, em 1975, um depósito de crianças mulatas, dando acolhimento a muitas raparigas mestiças – e já no século XX também a rapazes – abandonados pelos pais europeus” (Pinto, 2017, p.71). Esta separação não acontece só nos espaços a frequentar ou nas funções a desempenhar. Já Norton de Matos fez a separação do ensino, bem como a criação de um departamento para tratar dos assuntos dos indígenas. Nas escolas, as matérias eram diferenciadas para os “civilizados” e os “não civilizados”. Esta ideia é sustentada nas expressões do Sousa Santos, que refere o desastre da política do ensino do Norton de Matos:

⁶² Espaço onde normalmente são feitos lançamento de CD's e sessões de autógrafos

Em 1913, tinha sido criado na colónia de Angola o *Departamento dos assuntos indígenas*. Este instituiu a divisão do ensino: uma para os europeus, outros para os negros e mestiços civilizados e, enfim, ainda outro para a maioria dos indígenas não-civilizados, fundada sobre a base de uma filosofia que considerava que a escola apropriada para estes últimos era a do trabalho manual (Santos E. S., 2006, pp. 193-194).

Perante este cenário de aceitação/rejeição do mulato na sociedade, aquando da apresentação da obra do autor, *A criança branca de Fanon*, na comemoração do dia de África em Maio de 2018 em Évora, foi abordada a questão do enquadramento dos mulatos, que são vistos para a sociedade como *esquebra do colono*, conforme os ditos populares. Nessa altura, foi levantada a questão ao historiador e prefaciador do livro, acerca do momento do regresso do presidente Agostinho Neto a Angola com uma esposa branca. Esta questão surge com a tentativa de perceber o enquadramento de uma “branca”, primeira-dama, onde até se verificava revolta contra os mulatos. O historiador Jean-Michel Mabeko Tali foi muito perentório na sua resposta: “Foi um problema bicudo a ser resolvido. Houve rejeição e muita desconfiança no seio do MPLA. O partido na altura havia tido um descrédito por ter alguns mulatos no grupo que não haviam sido recebidos numa representação na Guiné Conackry.” Evidentemente que numa sociedade com problemas dos grupos que a constituem e fruto do colonialismo seria hipocrisia assumir que se verificava o normal funcionamento das estruturas sociais. O segregacionismo era visível. Os “pretos” não podiam frequentar os mesmos espaços que os brancos. As praias eram separadas, os espaços do quotidiano eram separados. Neste contexto questionou-se: e os mulatos? Em resposta, o historiador de *A criança Branca de Fanon* fornece pistas bem claras do que acontecia, embora exista uma certa tentativa de mostrar só o lado áureo que se vivia, tentando englobar toda a população: “A ser assim, tal significaria que os negros teriam acesso à Praia do Bispo, o que já vimos que não era verdade, pois a Praia do Bispo só era frequentada por brancos que não tivessem automóvel – a maioria – e por mestiços que se fizessem passar por brancos” (Pinto, 2017, pp. 114-115).

No trabalho de doutoramento de Carolina Peixoto, 2015, intitulado *Ser, não ser, voltar a ser ou tornar-se?* Uma reflexão sobre a (re)inserção social dos angolanos de ascendência portuguesa à luz dos estudos pós-coloniais” encontramos uma abordagem que nos aproxima da situação em análise. A autora mostra-nos que o problema de “pretos”, “brancos” e “mestiços” já advinham dos tempos de luta pela independência e o

período logo após independência. Conforme a autora cita Jean Michel Mabeko Tali (Peixoto 2001^a, p. 171):

a partir do final da década de 1960, era notável a predominância de quadros brancos e mestiços no funcionamento quotidiano da representação do MPLA em Brazzaville. Além disso, o quotidiano dos militantes de diversas raças e condições sociais não era o mesmo nem era compartilhado no âmbito de uma comunidade unida. Pelo contrário. Os militantes negros e não negros, embora convivendo, viviam em cenários sociais mais ou menos diferentes. E, especialmente, frequentavam meios congolenses diferentes: os meios oficiais, e mais ou menos da elite social congolense, eram frequentados pelos quadros e intelectuais mestiços e brancos, ou por alguns raros dirigentes negros do MPLA, ao passo que, de uma maneira geral, e embora com exceções, havia de fato um MPLA «popular» que vivia no meio popular congolês e não tinha contatos com os meios oficiais congolenses a não ser no âmbito de acontecimentos específicos e, portanto, raros. [...] Este fato teve, igualmente, por consequência que, em regra, apenas os membros da direção do Movimento (sem distinção de raças) gozassem de facilidades na obtenção de documentos excepcionais como, por exemplo, os passaportes, de serviço ou diplomáticos, com a subsequente cobertura diplomática oferecida pelos países hospedeiros (Tali, 2001, pp. 172-173) citado por (Peixoto, 2015, p. 123).

O trecho transcrito esclarece-nos que essa questão não se limitava ao território angolano, mas aos angolanos que estavam noutros territórios, caso específico em Brazzaville. Por outro lado, internamente vivia-se esta tensão. Na assembleia Geral do MPLA, em Abril de 1972, “os amotinados apresentaram um manifesto onde denunciavam o ‘oportunismo’ de certos militantes dirigentes, que acusavam de sabotar a luta de libertação nacional” (Peixoto, 2015, p. 124). A principal questão levantada em suas reclamações era o papel dos mestiços, dos brancos e dos intelectuais na organização. Os chefes político-militares da Frente Norte contestavam aquilo que julgavam ser o estatuto privilegiado de que gozariam os militantes com essas características somáticas e sociais, pois eram poupados de tarefas essenciais da luta armada com o objetivo de “preservar as suas vidas, para apenas amanhã serem chamados nas cadeiras dos Ministérios”. A autora baseia-se nos dados da (Manifestação político-militar dos militantes da II Região⁹³ ao qual Tali, (2001^a, p. 337) faz referências. “Por isso os amotinados que se autointitulavam como “filhos de origem da camada mais explorada” pediam “a substituição imediata de todos os mestiços, ao nível da direção do Movimento, assim como em outros departamentos que constituem a segurança e a vida do Movimento e da Luta” e o

afastamento de “todos os portugueses considerados como militantes” (Peixoto, 2015, p. 124).

Com base nas informações do historiador Tali (2001), parece explícito que a questão não é hodierna. Em Angola, é relativamente comum associar as melhores condições de emprego aos “mulatos”, mas também a intelectualidade, sem falar dos brancos. As reclamações por parte da sociedade, pelo menos no seio acadêmico, mostram esta ideia de uma forma generalizada.

Peixoto destaca um artigo publicado no jornal *A Província de Angola*, em 19 de Junho de 1974, que denunciava que “dentro da liberdade de expressão de pensamento garantida pela Junta de Salvação Nacional para o debate franco e aberto do «Problema Ultramarino», alguns deixaram já cair repentinamente a máscara que os protegia da PIDE/DGS, das prisões e campos de concentração; e dizem até que nem os mestiços têm direito a ficar numa Angola independente do futuro. Que extremistas! Que insensatos!” (Pinto, 1974, p. 27), citado por (Peixoto, 2015, p. 134).

Estamos perante um *puzzle*, com peças diversas e diferentes onde se levanta a questão dos denominados mestiços ou mulatos e os seus espaços na construção da realidade social do país. O retrato do país de uma forma geral assemelha-se à especificidade da região Malanje, pois a realidade político-militar era global. Hoje, parecem subsistir as mesmas ideias, embora essa clivagem esteja a ter novos contornos. Basta prestar atenção aos *outdoors*, publicidade diversa, apresentadores de programas televisivos, participação nos eventos de *miss* Angola ou a nível provincial, entre outras atividades para perceber a miscigenação dos atores, bem como uma tendência para introduzir quase sempre pessoas negras. Esta questão dos mestiços já foi analisada por vários autores com destaque, por exemplo, para a análise das relações entre os comerciantes portugueses *versus* as criadas, companheiras e amigas africanas. Referenciar que o tráfico negreiro dos portugueses exigia muito tempo de viagem e certo isolamento. Como alude Santos: “Estamos em 1885 e os portugueses parecem continuar a praticar o tráfico negreiro. Eram estas as mulheres africanas serviam de criadas, e companheiras de circunstância aos comerciantes portugueses do mato. Delas nascerá a raça intermediária dos mestiços” (Santos E. S., 2006, p. 170). O cenário parecia assim

“propício” ao nascimento dos mestiços, o que justifica na linguagem popular o uso da expressão “esquebras dos colonos [brancos]”.

O facto de que em determinados cargos se verifica a preponderância ou exclusividade de mulatos não constitui uma situação nova. Conforme refere Santos, “em 1845, havia 1832 brancos e 5770 mestiços, que se envolveram em funções de grande importância, enquanto intermediários no comércio de escravos e assumiram cargos fundamentais no comércio, na administração, na sociedade civil, no jornalismo, no exército e na igreja” (Henderson: 28). As posições sociais dos mestiços já se desenhavam, pois, desde há muito. Desde cedo possuíam uma certa vantagem para se conseguirem enquadrar, tanto na cidade branca, como na cidade negra, dependendo apenas das posições sociais e riquezas que possuíam ou não. Aí, os espaços estavam divididos segundo o poder e, consequentemente, a cor da pele:

os mestiços não precisaram criar o seu bairro ou a cidade ao lado dos dois existentes. Estavam muita das vezes ligados a uma das comunidades, branca ou negra e integravam-se segundo a sua categoria social ou financeira. Assim o sistema recebia-os no núcleo dos comerciantes brancos na cidade branca quando eram ‘ricos’ ou então residiam no bairro dos negros quando eram ‘pobres’ ou quando viviam modestamente com um simples emprego (Santos E. S., 2006, p. 171).

Esta questão que opõe pessoas de pele mais e menos clara na província ou no país constitui de uma forma geral uma polémica, que agrega argumentos negativos e positivos ao debate. Os comentários em torno dos mulatos/latons revelam apreciações pejorativas, por serem considerados a presença dos “produtos” deixados pelos colonos. Por outro lado, a sociedade deixa transparecer o *status* que ocupam na estrutura social, quase sempre em posições de destaque, com melhores empregos e maiores salários. Quando se encontram crianças mulatas, especialmente do género feminino, o que aconteceu no episódio antes descrito, elas são frequentemente adagiadas com um futuro garantido, antecipando um casamento em que os maridos serão previsivelmente homens ricos, do governo ou da estrutura militar. São realidades escamoteadas e que muitos não querem abordar, ainda assim, nas falácias e pequenos dizeres abundam os comentários que aludem ao facto de quem “os bancos, até bem pouco tempo, só possuíam funcionárias “mulatas””. A função dos mulatos na construção da cidade de Malanje ficou assente no histórico papel da ligação comercial entre a cidade africana e a cidade europeia. Os mulatos possuíam

vantagem acrescida, dado serem, na sua maioria, filhos de colonos e nativas. O enquadramento deste grupo na estrutura social parece estar numa zona neutra ou intermediária: com muitos privilégios, mas, ao mesmo tempo, com muitas desconfianças por parte de outros grupos da estrutura social, conforme dá conta a expressão “todo mulato é malandro.”

CAPÍTULO IV

PROBLEMÁTICA E MODELO DE ANÁLISE

A construção do modelo de análise para o objeto em estudo implica uma retrospectiva às questões da investigação, objetivos e às hipóteses construídas. A realidade social posta em contexto literário chama várias áreas de análise e pontos de vista diferenciados, impossível de serem esgotados nesta abordagem. Este capítulo baseia-se nas partes estruturais do trabalho, nomeadamente as perguntas da investigação, os objetivos, as hipóteses e os pressupostos da investigação para, junto dos modelos de investigação e investigação anterior, apresentar o modelo de análise que se propõe para o presente trabalho. O fio condutor deste trabalho é enunciado através de uma questão denominada de pergunta de partida. É um fio que assume a investigação e leva até à construção das hipóteses. Retoma-se aqui a pergunta antes enunciada: “Qual o processo de construção sociocultural da realidade social de um “lugar turístico”? Qual o lugar reservado à memória e identidade nesse processo?”

Esta pergunta lançou a problemática de todo o trabalho desenvolvido e orienta a investigação, desde logo as hipóteses forjadas. O enquadramento teórico radica, como vimos, na sociologia do turismo, com enfoque especial na “interação e quotidiano” tendo em vista a construção da realidade social. Questões atinentes a “memória e identidade” e também a “lugares e territórios” sustentam o modelo de análise que propomos para estudar o caso de Angola.

Como objetivo geral assumimos: analisar e compreender, em perspetiva sociológica, o processo de construção sociocultural de lugares turísticos. Os detalhes do grande objetivo enquadram o objeto em estudo em determinadas teorias assentes, que abrem linhas específicas de análise. Destacam-se: descrever e analisar de modo aprofundado o processo de construção sociocultural da realidade social de um “lugar turístico”; compreender o lugar da memória e da identidade no processo de construção sociocultural da realidade social de um “lugar turístico”; e compreender o lugar da memória na construção sociocultural de “lugares turísticos” e, simultaneamente, da identidade sociocultural dos indivíduos e dos espaços a eles associados.

4.1 – No âmbito da Sociologia do Turismo

O objeto em estudo é aqui perspetivado principalmente a partir da Sociologia do Turismo, como já foi frisado na introdução. De uma forma geral, o estudo do fenómeno turístico no âmbito da Sociologia é considerado recente, datando os primeiros estudos dos anos 1970 a 1980 do século XX. Alguns trabalhos desenvolvidos antes desta década recaem nos estudos sobre as viagens dos estrangeiros (Esperança & Nhulilivali, 2019). O estudo da construção social de lugares turísticos enquadra-se no contexto mais recente deste campo disciplinar. De facto,

Da leitura que se pode fazer da produção sociológica sobre o fenómeno social do turismo, observa-se que as relações entre turistas e as comunidades residentes nos destinos turísticos, os papéis, as motivações dos turistas, a mobilidade, os efeitos económicos e as mudanças socioculturais provocados nas comunidades de destino, a globalização, e a teoria da dependência no desenvolvimento do turismo, o apelo à ação coletiva e à endogeneização do desenvolvimento do turismo e, muito recentemente, os acontecimentos sociais globais que influenciam o desenvolvimento do turismo, como por exemplo o terrorismo, as crises políticas, as revoluções e as catástrofes naturais são temas que marcam o debate sociológico atual sobre o fenómeno social do turismo (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 15).

Os autores apresentam neste excerto praticamente todas as áreas de exploração do turismo por parte da sociologia, a que escapa talvez somente o campo que nos finais de 2019 se abriu para a investigação decorrente do impacto da pandemia gerada pelo Covid-19⁶³ sobre a atividade turística a nível internacional. Ao analisar pormenorizadamente os pontos levantados pelos autores, também conhecidos pelos objetos apresentados por Dias (2003), entre outros autores, procurar-se-á buscar as respostas às questões colocadas junto da comunidade malanjina, também nos turistas e nas autoridades tradicionais.

A Sociologia do Turismo engloba no seu estudo vários fatores relacionados com os turistas, a comunidade e, inclusive, os vários autores que fazem parte do sistur⁶⁴. Considera o enquadramento geográfico, as alterações nos territórios, as motivações das

⁶³ COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infeções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Os primeiros casos foram detetados na China nos finais de 2019.

⁶⁴ Sistur – sistemas de turismo

deslocações e a possibilidade de o turismo contribuir para a indústria da paz. Nem sempre foram estes os focos da análise sociológica em torno do turismo. “Nos anos 1970, o discurso sociológico, em muitos países europeus, foi cada vez mais caracterizado por uma crescente onda anti-turismo, que denunciava os turistas como exploradores e cruzados que impunham os seus valores questionáveis ao Terceiro Mundo (Beutel et al 1978), citado por (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 17). O turismo era então um fenómeno relativamente novo. Já nos finais do século XX, “os debates e teorização sociológica sobre o turismo foi dominado pela questão da relação entre turismo e a modernidade ocidental” (MacCannell 1973, 1976, Wag 2000), citados por (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 17)⁶⁵, com destaque para a questão da autenticidade e razão cultural.

⁶⁵ Os autores destacam também os trabalhos de Cohen 1979, Prentice 2004, Urry 1990, entre outros autores.

4.2 A construção sociocultural da realidade social – o campo da interação e do quotidiano

As teorias relacionadas com os movimentos sociais foram ganhando terreno no século XX. O discurso sociológico começou a centrar-se em teorias baseadas na constituição e no comportamento da realidade social. Verificou-se uma certa fuga das ideias marxistas e positivistas evocando uma certa autonomia teórica. Tomando o homem como referência dentro da comunidade, vários autores apresentam pontos de análises da realidade social do quotidiano

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante, fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso não pode aguçá-los em toda a sua intensidade (Deffacci, 2012, p. 43).

Recorrendo a Deffacci (2012), esta análise implica de certa forma ver o homem no seu todo, embora construído por diversas partes. O autor ilustra-nos a perspectiva de analisar o homem no seu quotidiano em função da construção da realidade onde está inserido, num movimento de rotina, repetindo as práticas e saber-fazer sempre da mesma forma. Assim, “o que se passa no quotidiano é “rotina”. A ideia de rotina é próxima da de cotidianidade e expressa o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, por recurso a práticas e constantemente adversas à inovação” (Pais,1993, p.108). Neste sentido, Deffacci (2012) traz a versão da ideia de Touraine acerca da mudança de paradigmas de áreas de estudos da sociologia (p.44). Verifica-se um apelo para o foco das transformações do séc. XX, frutos da vida comum das comunidades. Os que antes estavam ignorados pelo mundo das ciências sociais emergem como ponto fulcral de análise. Para Touraine:

Estão a formar-se, à nossa vista, sociedades dum novo tipo. Chamá-lhes-emos sociedades post-tradicionais, se quisermos marcar a distância que as separa das sociedades de industrialização que as precederam e que com elas se encontram ainda misturadas, tanto sob a sua forma capitalista como sob a sua forma socialista (Touraine, 1970, p. 7).

Reforça Deffacci, (2012) “Ela, (a sociologia) não pode mais permanecer alheia ao desafio de compreender o dinamismo social numa época de extrema fluidez do novo estilo de vida que passou a condicionar os indivíduos e os grupos sociais (p. 45). O mesmo autor assegura que “esta caracterização da sociedade é enfatizada pela primeira vez com as premissas desenvolvidas na Fenomenologia de Husserl e Heidegger, através das quais Schütz (1979) se propôs a compreender o funcionamento das relações sociais a partir de um horizonte teórico flexível: o mundo da vida (*Lebenswelt*)”. Muito próximo ao esforço interpretativo apresentado por Claus Offe (1989) quando se interessa em apontar a fragmentação das bases analíticas estáticas derivadas da categoria trabalho que, por sua vez, conduz à redução da sociedade à esfera econômica.

Schütz (1979), um dos autores que acompanha o nosso trabalho tenta perceber a realidade social de maneira próxima à multiplicidade de seus eventos constitutivos, os quais se manifestam com elevado nível de “espontaneidade” dentro das diferentes configurações geradas pelas relações sociais, o que significa os primeiros passos dados no sentido de observar o quotidiano como eixo fundamental da articulação social (p. 45 e 46). Para Deffacci, (2012), a primeira manifestação de um pensamento pós-moderno estaria centralizada na quebra das primeiras demarcações da Teoria Social desenvolvida no século XIX e, ao mesmo tempo, distante da tentativa de apresentar a fragmentação da sociedade como sendo seu elemento central, o que posteriormente passaria a ser a marca da pós-modernidade (p. 47). Na análise do trabalho de Giddens, (1997), o autor afirma que:

a identidade emerge no campo sociológico como um problema atual mediado pela fragmentação da ordem social contemporânea que rompeu com a unidade presente na ordem social tradicional. Assim, o problema se apresenta numa dimensão macro e micro de análise, circunscrevendo desde as determinações mais abrangentes da sociedade até focalizar o indivíduo em seu processo de orientação dentro de um contexto sócio-cultural (Deffacci, 2012, p.50).

É esta análise que de certa forma assenta o trabalho em causa, onde o homem, para além de ser posto no quadro individual, o seu quadro coletivo ganha maior relevo dentro da sociedade onde está inserido. De facto, “o homem como uma unidade psico-física de vida e inserido num contexto histórico social torna-se central para este novo modo de abordar a realidade social. É um ser humano inacabado e em relação constante com o universo sócio-cultural, moldado pelo meio e tecendo o meio a sua volta que passa a ser privilegiado nas Ciências Sociais, tal qual destaca Heller (1989, p.17). O homem, um ser social é obrigado a interagir com outro homem. A própria sociedade onde está inserido impõe essa interação sob pena de ficar marginalizado, caso aja de forma diferente. Essa dimensão interacionista do homem foi abordado por vários autores. Conforme já frisado, Mead abordou esse ponto de vista no seu trabalho “*Mind, self and society*”, onde destaca “O self é social não apenas por causa da sua dimensão interacionista, mas também devido a sua dependência da partilha de símbolos, em particular da linguagem, com outros *selves*” (Baert e Da Silva, 2014, p.84).

O modelo de análise apoia-se nesta ideia pelo facto de a construção da realidade social implicar muitas vezes interações entre diversos atores, cada um com sua cultura e identidades próprias. O quotidiano é feito de relações das pessoas, atores que convivem no mesmo espaço. É um complexo de atores interligados de uma forma ou outra. Há um dar e receber mútuo de indivíduos numa interação que permite o funcionamento harmonioso da sociedade. Esta harmonia não implica ser homogêneo às práticas socioculturais, mas sim uma complementaridade. Habermas (2002), bebendo em Dilthey traz a proposta hermenêutica desenvolvida nos moldes das *ciências do espírito*, onde refere que o ponto de sustentação para a exposição da sociedade enquanto um *complexo vital* que se articula por meio da interação entre indivíduos e instituições sociais atravessados por um *sentido* comum, o qual possibilita, em face de um campo vivencial compartilhado, a formação do quotidiano como epicentro de gestação do universo social que é sucessivamente remodelado em função das ações dos indivíduos (p.46). Essa interação firmada no quotidiano entra na nossa análise ao ponto de tentarmos verificar onde, em que circunstâncias se dá a interação? Quais os elementos dessa interação? O que acontece nas instâncias das interações?

Para Simmel (2006), a “sociedade é, assim, somente o nome para um círculo de indivíduos que estão, de uma maneira determinada, ligados uns aos outros por efeito das

relações mútuas, e que por isso podem ser caracterizados como uma unidade da mesma maneira que se considera uma unidade um sistema de massas corporais que, em seu comportamento, se determinam plenamente por meio de suas influências recíprocas” (p.18). O autor apresenta essa interação com uma reciprocidade de comportamentos dentro da sociedade. A nossa análise não ultrapassa somente a questão da reciprocidade dos elementos da mesma comunidade, mas também o impacto que as interações provocam entre *guests and hosts*. O autor é perentório na sua afirmação acerca da análise do quotidiano. Ou seja, quando se pretende analisar questões acerca da vida cotidiana, “não queremos saber como se comportam coisas individuais, mas sim, a partir delas, formar uma unidade nova, coletiva” (Simmel, 2006, p.10). O homem não consegue escolher ser individual em qualquer espaço que esteja. De uma forma ou outra acaba por relacionar com outro homem. O seu agir é influenciado relativamente ao outro, com o qual forma uma sociedade.

Conforme afirmam Silva e Pinto (2009), os homens são seres sociais e o social é irreduzível ao individual, pelo que os comportamentos se desenrolam em práticas materiais e representativas, relações com a natureza e com os outros homens, no campo de ação de diferentes grupos desde o familiar até a organizações mais amplas, as sociedades. Estas práticas originam instituições, formas de comportamento que se sucedem e se repetem ao longo do tempo, dando origem a novas realidades, que por um lado produzem factos com propriedades estruturais próprias e por outro influenciam a produção dos hábitos que os originam e reproduzem (p. 13). A construção da realidade assume essa reprodução dos hábitos de determinadas comunidades. Assim, a análise do trabalho busca esta reprodução, quer seja no aspeto material ou imaterial, verificando o trajeto da construção da realidade dos lugares, colocando o indivíduo no centro em relação com outro indivíduo. Apesar de assumir um papel central, o indivíduo só tem importância em relação a outro sujeito. Ou seja, “é pela relação ao outro como sujeito que o indivíduo deixa de ser um elemento de funcionamento do sistema social e se torna criador de si mesmo e produtor da sociedade” (Touraine, 2009, p.240).

É com base nestes pressupostos que emerge a primeira hipótese, segundo a qual a construção da realidade socio-cultural de um lugar turístico baseia-se na quotidianidade do lugar e seu contexto envolvente. Para uma melhor abordagem do quotidiano, utilizo as interrogações de José Machado Pais no artigo intitulado *Na rota do quotidiano*: “Por

que raio de razão são estes submundos da vida social os verdadeiros mundos da sociologia do quotidiano”? “Que necessidade haverá de os reciclar como os mundos das verdadeiras rotas do quotidiano” (Pais, 1993, p. 112)? Como acrescenta o autor, “nesse vadiar sociológico, como se adivinha, importa fazer da sociologia do quotidiano uma viagem e não um porto” (Pais, 1993, p. 113). Nesta linha, a construção sociocultural de quaisquer lugares, sem especificar necessariamente os lugares turísticos, assume as práticas dos atores desses lugares. As práticas mais comuns e banais, o dia-a-dia dos que se encontram definidos pelas regras e normas de condutas desses lugares. Não aparecem essas normas escritas e expostas nos *outdoors*. É a vida “simples” das pessoas que ao longo das décadas, centenas ou milénios, vai estruturando as práticas ao ponto de serem assumidas como padrões. O desenvolvimento dessas normas dá-se dentro de determinados contextos que especificam determinadas comunidades e os diferenciam das outras. Estes contextos são criados em relação aos outros membros, não de forma isolada. Já (Berger & Luckmann, 2010), revelam uma preocupação em associar a construção da realidade social a determinados contextos em que o homem se encontra inserido. A nossa abordagem vai ao encontro destes dois autores, na medida em que pretendemos perceber como se processa a construção da realidade sociocultural dos lugares turísticos, sempre tomando como pano de fundo o contexto social, cultural e até o espaço físico envolvente ao objeto em estudo. Seria um erro separar os fatores que formam um todo, caso contrário discordaríamos da ideia de Pais (2002), segundo a qual “o quotidiano não é uma parcela isolável do social” (p.33).

Especificamente, recorreremos à mensuração através das pessoas que convivem nos determinados lugares em destaque como lugares turísticos. A forma como estes espaços se foram solidificando como lugares atrativos para visitantes; como a comunidade anfitriã percebe esses espaços; como a própria comunidade avalia o consumo dos espaços por estrangeiros; o histórico que se tem em memórias do espaço; que funções os destacados espaços exerceram e hoje que funções exercem; quais os benefícios que o consumo destes lugares como lugares turísticos têm para a comunidade; e que relação se estabelece entre a comunidade anfitriã e os visitantes, dado muitas vezes os lugares turísticos serem também lugares do quotidiano das comunidades.

Revel (1989), no seu estudo intitulado *A invenção da sociedade*, sublinha a importância dos temas desenvolvidos acerca da abordagem das coisas banais, as “coisas

insignificantes” dos acontecimentos do quotidiano para perceber o lugar que efetivamente esses ocupam na construção da realidade. Os grandes feitos são facilmente destacados pelas obras, pelas músicas, pelas construções. Contudo, a realidade não é feita só dos grandes feitos. Nesta linha, a obra de José Machado Pais (2002) traz em evidência a ideia da quotidianidade que aqui se destaca, realçando a ideia “do que se passa quando nada passa”. Interessa-nos a noção de reservas de experiência que se refere à sedimentação dos saberes herdados pelo indivíduo por vários meios que (Schutz, 1987) introduz. Verifica-se a construção baseada nas experiências adquiridas pelo próprio indivíduo, bem como as adquiridas pelos agentes socializadores.

A construção da realidade ultrapassa a parte material e tangível. Esta perspetiva também carece de análise aprofundada. Fortuna & Peixoto, (2002) afirmam que “as imagens dos lugares são formadas tanto através de elementos materiais como de elementos imateriais e intangíveis das paisagens urbanas” (p.18). O presente trabalho aborda a questão da realidade social, memórias e identidades e, por isso, assume-se como referência o trabalho desses autores, em concreto, como um dos guias a fim de enquadrar essa intangibilidade que a realidade possui e, também, a fim de perceber em que medida a imaterialidade contribui para a construção da realidade social.

O interesse em estudar o quotidiano, conforme já foi referido, entra em aparente contradição com os estudos clássicos das grandes correntes da sociologia. Destaque para Simmel que, a contrário, se revela como um dos autores com trabalhos interessantes ao ponto de ser apelidado de “fotógrafo amador”, conforme nos atesta Frisby:

Não é de estranhar que, como Caravaggio e Velazquez, também Simmel tenha sido apodado de “retratista” e ainda hoje continue a ser considerado um “fotógrafo amador” da realidade social, um “hábil em instantâneos” (*snapshots*) – apodo a que Simmel parece não ter renunciado, pois justamente, reivindicava esse modo de olhar a realidade (Frisby,1992), citado por (Pais, 1993 p.106).

Um *snapshot* é visto como retrato momentâneo das coisas que passam em modo *flash* no dia-a-dia das sociedades. Estes retratos fogem dos destaques sociais. É nesta linha que o trabalho que ora se apresenta pretende fazer um retrato da não centralização dos acontecimentos que nortearam os lugares turísticos. Também recai sobre as

construções de instantes, iluminação do real em fragmentos e não no seu todo de modo a revelar aspetos negligenciados pela sociologia clássica. Pais (1993) fala de “descobrimto/encobrimto”, “revelação/ocultação”, para tornar visível o trabalho que a sociologia do quotidiano faz para trazer à luz os fragmentos dos acontecimentos que normalmente, de tanto comum ficam na escuridão. Para o autor, “a sociologia do quotidiano é uma sociologia de protesto contra todas aquelas formas de reificação social, animadas por uma avassaladora ânsia de possessão” (Pais, 1993, p.108).

A sociologia se encarrega do real expondo a sua importância para a construção da realidade social. “A posse do real é uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica desta impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no quotidiano (Pais, 1993, p.108). A esta realidade caracterizada pela rotina o autor chama de “paisagem social”, a qual merece uma dedicação mais aprofundada por parte da sociologia do quotidiano. Os aspetos obscuros e insignificantes clamam a serem evidenciados por esta sociologia que atenta às banalidades das sociedades e que, por fim, nelas encontra formas de estruturação das práticas sociais. Assim, é nestas rotas – caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura – que se passeia a sociologia do quotidiano, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais que os significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido num sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem contudo neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando nada se passa (Pais, 1993, p.9). Para a construção do modelo de análise, torna-se importante ir buscar a questão levantada por Machado Pais quando questiona: “Em que consiste a perspectiva metodológica do quotidiano? A resposta tende a mostrar-nos um trabalho que se baseia nos estudos qualitativos, onde a compreensão ganha espaço. É uma análise onde o investigador não olha somente a estatísticas, mas procura a compreensão dos fenómenos, analisando pormenores latentes aos números. Conforme avança o autor na sua resposta:

“Precisamente em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arrepiantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre fenómenos, limitando ou anulando suas relações recíprocas” (Pais, 1993, p. 110). A construção da realidade entra nesta resposta de Pais no sentido de

perceber as relações existentes entre causa/efeito; no encontro de atores, nas suas relações e nos impactos que estes encontros provocaram e provocam ao longo dos tempos:

À sociologia do quotidiano interessa mais a mostração (do latim *mostrare*) do social do que a sua demonstração geometrizada por quadros teóricos e conceitos (ou preconceitos) de partida, bem assim como por hipóteses rígidas que à força se procuram demonstrar num processo de duvidoso alcance em que o conhecimento explicativo se divorcia do conhecimento descritivo (Pais, 1993, p. 111).

A sociologia vai buscar a banalidade do quotidiano para uma análise metodológica ao ponto de melhor compreender os aspetos que não se enquadram nos grandes e impactantes fenómenos sociais que são perceptíveis pelas suas manifestações de grandes escalas como as grandes revoluções da Europa. Constitui um desafio conseguir equilibrar e delinear uma metodologia que analisa a superficialidade dos acontecimentos da sociedade e uma caracterização de momentos onde grandes fenómenos assolaram o território angolano. Contudo, conseguir ver e ter a perceção das coisas que passam (com destaques e outras mais banais), constitui o fulcro do trabalho para ter uma construção teórica sedimentada acerca da real construção da realidade social.

Para Pais (1993), “o verdadeiro desafio que se coloca à sociologia do quotidiano é o de revelar a vida social na textura ou na espuma da “aparente” rotina de todos os dias, como imagem latente de uma película fotográfica (p. 111). Para uma melhor compreensão deste desiderato, Pais faz uma analogia entre a Sociologia do quotidiano e Gordian, personagem de Voltaire e a vanglória do pavão acerca da sua cauda como a sua alma.⁶⁶

⁶⁶ “Se um pavão-real pudesse falar se vangloriaria de ter uma alma e diria que essa alma estaria na sua cauda.” Voltaire – Gordian.

4.3 Memória e identidade. Que perspetivas de análise com vista à construção da realidade social?

O papel da identidade na construção de um lugar está inextricavelmente associado à memória. Por aconselhamento de vários autores, conforme abaixo se justifica, é pertinente que empiricamente esses dois conceitos estejam associados e interligados. Os estudos de Hall (1998) inspiram o presente trabalho ao considerarem que a identidade cultural na pós-modernidade é muitas vezes posta em teste com várias influências provenientes de diversas ordens. É nesta linha que o trabalho deste autor se reveste de importância fundamental para enquadrarmos a abordagem que trazemos para o debate (Hall, 1998).

Por sua vez, Talcott Parsons (Parsons T. , 1969) trabalhou a sociedade numa perspetiva de evolução e comparação. Este trabalho serve-nos de inspiração para estabelecer uma analogia com considerandos vários em torno da evolução da sociedade e perceber até que ponto a comunidade que habita nos lugares turísticos se deixou influenciar para as evoluções, tendo em conta várias realidades que estiveram e estão expostas. Também Carlos Brandão (1990) no seu trabalho *“Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural”* enquadra a identidade na construção do indivíduo e salienta a força que a cultura tem nessa construção. Esta abordagem enquadra perfeitamente na realidade das colónias portuguesas que conhecemos, onde grandes problemas se desencadearam na imposição de novas culturas e até da língua. Este facto mostra-se interessante de abordar porque, nitidamente, o espaço que trazemos para o estudo viveu com esta realidade de aceitar ou resistir a uma cultura nova/cultura alheia.

Em suma, pretende-se perceber se em Malanje, nos diversos lugares turísticos elencados, a comunidade encarou esta situação e como foi assimilada. O objeto proposto para abordagem traz à ribalta várias questões ligadas às identidades, memórias, culturas, lugares, espaços, territórios, entre outras a desenvolver ao longo do trabalho. Estas questões carecem de uma mensuração dentro de um quadro de análise delimitado, por forma a não permitir dispersão do foco, do tempo e dos espaços consignados ao objeto em estudo. Para além das linhas mestras supracitadas pelos autores já referenciados, encontraremos mais perspetivas e análises críticas em autores oriundos de um largo espectro disciplinar.

A identidade também está intimamente ligada ao conceito de representação social, pois se a identidade é marcada pela diferença, significa que pode estar em constante rivalidade com o que lhe é exterior. Mais do que uma competição, podemos encontrar choques de identidades, em que há influências provocadas por vários fenómenos que caracterizam a globalização, com destaque para a atividade turística, que por sua vez pode modificar os tais referenciais da identidade de uma comunidade. Atendendo a estes pressupostos e levando em consideração a revisão mais ampla da literatura efetuada, é formulada uma segunda hipótese segundo a qual: A memória e a identidade são fundamentais para a construção sociocultural da realidade social de um lugar turístico.

A estruturação do modelo de análise deve-se muito aos trabalhos de vários autores já antes citados. Especiais são os trabalhos de Bauman (2008 e 2005), Hall (2006 e 2001), (Giddens, 2003), (Giddens, 1991), Castells (2008 e 1999), entre outros que analisaram nas suas diversas dimensões o conceito “identidade”. Alinhado com o pensamento desses autores, assumimos de antemão a complexidade da definição do conceito, dado não apenas o contexto a que se aplica, mas também as teorias e ideologias adotadas. A subjetividade também sobressai quando se pretende analisar o conceito em causa. conforme frisamos, a conceptualização da identidade depende dos fundamentos teóricos de cada autor. Os membros de determinadas comunidades buscam, constroem e mantêm as referências comuns da mobilidade identitária que se encontram em movimento, mas também se conciliam com as junções das relações grupais numa dimensão espaço temporal (Bauman, 2005). Esta procura da identidade individual se encontra submergida numa identidade coletiva. Assim, tendo como foco a construção do modelo de análise, e partindo destas premissas, impõe-se-nos uma visão individual dos respondentes dos questionários em convergência para o coletivo. Pretendemos, em suma, sobrevalorizar a identidade coletiva como base da construção da realidade social dos lugares.

Para analisar a identidade torna-se necessário verificar que o conceito em si facilita uma certa sedentarização das práticas. Opõe-se ao dinamismo da sociedade, mas por outro lado a própria característica da sociedade sublinhada no dinamismo, nas relações dos atores sociais, e no choque de culturas implica enormes influências que podem fragmentar e pôr em causa a identidade de determinadas sociedades. O caso implica pesquisas e reflexões cautelosas no quadro de um país que faz fronteiras com vários outros países, para além do fluxo de negócios e turismo com todos os continentes.

A este propósito, Jacques (2006), refere que “as reflexões sobre identidade são densas, e na “tradição socrático-platônica” ela se reporta à essência, de maneira fixa. Mesmo sofrendo transformações, sempre se estabelece a mesma Identidade”. O autor realça ainda que “a tendência atual é concebê-la como uma síntese lógica e ontológica, em cuja constituição as relações sociais ocupam lugar destacado” (Jacques, 2006, p. 55).

Nas análises efetuadas destacam-se diferentes fases, consoante os regimes políticos e as ideologias. Fases de escravismo, colonialismo, ditaduras... Podem ser associados à expressão muito utilizada “Patriotismo”, com regras fixas e rígidas que acompanhou os regimes comunistas, socialistas e totalitaristas da nossa história. Deste modo, e verificando as linhas de pensamento de Bauman (2005), “fazer da ‘identidade’ uma tarefa e objetivo do trabalho de toda uma vida, em comparação com a atribuição a estados da era pré-moderna, foi um ato de libertação-libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis” (p. 56). Sublinhe-se que Castells (2008) já identificara três tipos de identidades presentes nas sociedades:

A identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados. A identidade destinada à resistência, leva à formação de comunas, ou comunidades, dá origem às formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrario, não seria suportável. A identidade de projeto, produz sujeitos, [...] sujeitos não são indivíduos, mesmo que considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o actor social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência (Castells M. , 2008, pp. 25-26).

Este significado holístico apresentado na visão de Castells (2008) demonstra-nos a linha de análise a seguir e como construir o modelo. Assenta-se na ideia do coletivo, embora sabendo da existência particular de cada indivíduo. Este coletivo foi destacado também por outros autores, com destaque para Durkheim (1994), ao afirmar que as representações coletivas são exteriores às consciências individuais porque não provêm dos indivíduos tomados isoladamente, mas em seu conjunto, pois “não pode existir vida representativa a não ser no todo formado pela reunião de elementos nervosos, do mesmo

modo que a vida coletiva não existe a não ser no todo formado pela reunião de indivíduos” (Durkheim, 1994, p. 45).

À medida que o debate em torno das possíveis formas de interação e poder entre formações culturais diversas ocupa a arena central, surge a necessidade de definição dos limites específicos de cada uma das identidades coletivas que se formam. A questão da identidade é uma questão moderna onde entram em jogo não apenas a constituição do “*self*”, individual ou coletivo, mas também a constituição do passado. Indivíduos, comunidades, grupos sociais, sociedades e nações constroem suas memórias, preservam identidades e alcançam novos espaços políticos (Santos M. S., 1999, p. 10). A referida definição e abordagem exige o seu enquadramento de modo a não generalizar a identidade de uma comunidade relativamente a outras comunidades. Basta atendermos aos exemplos apresentados pela autora supracitada para atendermos a este imperativo quando se fala de identidades e memórias.⁶⁷

Hall (2006) vê a identidade assente em três concepções principais: sujeito do iluminismo que tem como centro do eu a identidade de uma pessoa, dotado de razão, consciência e ação, sendo uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade. Esta tipologia da identidade opõe a ideia anterior sublinhada por Durkheim. O autor destaca o sujeito sociológico constituído na relação com “pessoas importantes para ele”, mediando os valores, os sentidos e os símbolos (cultura), isto é, a identidade é construída

⁶⁷ Em uma segunda história, Bartlett narra a chegada de um nativo Swazi em um dos pequenos vilarejos (kraal). O nativo conversava sentado com o chefe local, quando ele viu sair de um buraco de chão e aproximar-se dele uma maamba. A maamba preta é a serpente negra mais mortífera da África. Ela é extremamente rápida em seus movimentos e sua mordida é quase sempre imediatamente fatal. Sem um minuto de hesitação, o nativo atirou sua lança e matou a serpente. Quase que instantaneamente, seu amigo ergueu uma pesada tora de madeira e, com ela, o jogou ao chão. O nativo estava quase morto, mas conseguiu ir embora. Seus ferimentos foram tratados por um médico Swazi, que realizou uma “operação bem-sucedida”, mas que terminou em morte. Bartlett, como, aliás todos nós, se pergunta por que motivo o nativo fora atacado. A resposta, segundo ele, é simples: porque o nativo tinha matado o avô de seu agressor. Qualquer outro Swazi presente na cena teria agido da mesma maneira que o Swazi agressor, porque a serpente negra era associada por eles a seus antepassados mortos. Contudo, argumenta Bartlett, um inglês na mesma situação certamente teria cumprimentado efusivamente seu convidado após a morte da serpente e procurado para ele um presente apropriado (Sepúlveda, 1999 p. 15).

entre o eu e a sociedade, e preenche o espaço entre o “interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público” (Hall, 2006, p. 11);

O sujeito pós-moderno é definido como aquele que não tem identidade fixa, essencial ou permanente, sendo que essa “identidade torna-se celebração móvel, formada e transformada” (Hall, 2006. pp. 11-12). A visão do autor pressupõe na primeira instância uma análise egocêntrica, afirmando o domínio do indivíduo afastado do grupo. Esta, pouco ou nada se aplica ao modelo que assumimos para analisar o trabalho em causa; no segundo ponto encontramos o indivíduo em relação ao grupo, à sociedade e ao coletivo. Embora sendo o indivíduo o ator social das suas escolhas e atuações, é uma escolha referenciada ao grupo onde se encontra inserido. No terceiro ponto, Hall mostra o outro lado, onde o indivíduo pós-moderno aparece circundado de influências, fruto da globalização. De certa forma, temos que assumir que a atividade turística se encaixa perfeitamente nos casos dos indivíduos que possuem uma certa mobilidade na sua identidade. Sendo um sector de impactos a vários níveis, assumir a construção dos lugares turísticos faz sobressair a hipótese de uma construção de identidade frágil dado a movimentação de outros indivíduos, designados de visitantes.

O turismo tem também o papel de contribuir para a valorização das culturas e sentido de pertença. A pertinência que os lugares turísticos vão assumindo no panorama social dos atores de determinadas sociedades pode despertar a ideia de preservação e conservação dos lugares e costumes que identificam e diferenciam os povos. Assim, o fluxo de visitantes pode assumir a atenção dos indivíduos para as práticas e riquezas das identidades das sociedades onde estão inseridas, baseados do passado dessas comunidades. A este respeito, Pollak (1989) afirma que quando se pretende reforçar sentimentos de pertença e fronteiras sociais entre coletividades, “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições, irredutíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum” (p.9). Num outro ângulo, este trabalho abre caminhos para análise das questões relativas ao período colonial, onde as influências de indivíduos de outros meios se impuseram nas comunidades. Tal facto pode ter contribuído sobremaneira para a formação e transformação da identidade destacada por Hall (2006).

Também a globalização, as tecnologias de informação e a exposição do conhecimento ao mundo contribuem para uma certa fragmentação da identidade dada às transformações céleres que provocam nas sociedades. Aliás, “a própria evolução tecnológica dos processos de mediação engendra modos diferentes de relacionamento com as identidades fantasmáticas ou espectrais. Na mídia tradicional, o fantasma – o sujeito ficcionalizado – permanece inacessível ao contato real, apesar das ‘interações coadjuvantes’, como jornais, revistas, correspondências, pesquisas de opinião, criados pela própria indústria do imaginário” (Sodré, 2002, p. 155). O pensamento deste autor expõe a possibilidade de haver encenações por parte das sociedades com o uso das tecnologias hoje existentes. É conveniente ter em consideração esses diferentes usos, ao ponto de forjar identidades de modo a poder mercantilizar os produtos pseudo-identitários das culturas subjacentes aos espaços em estudo.

Memória não pode, pois, ser estudada à margem da identidade. Ambas se encontram entrelaçadas. A construção de um modelo de análise obriga a ir buscar autores com Halbwachs, que por sua vez bebe nas teorias de Durkheim. A memória coletiva, que bebe na teoria Durkheimiana de solidariedade mecânica, recebeu algumas críticas pelo facto de a teoria excluir as recordações do passado no seio familiar, grupos religiosos e classes sociais. Apesar de tais críticas, aceitamos a ideia de memória coletiva dado que nela convergem as memórias dos inquiridos, memórias estas compartilhadas pela sociedade. Ao mesmo tempo que entendemos a ideia dos críticos, dada a impossibilidade de separar os elementos do passado de cada indivíduo, dentro da comunidade onde se encontra inserido, bem como sua história, cultura, hábitos e costumes.

Devemos ainda notar que o conceito de “memória” esteve durante muito tempo associado quase exclusivamente à psicologia. Porém, essas investigações não se centravam no contexto onde o indivíduo se encontrava envolvido/inserido. Por força do próprio conceito e das características da investigação em causa, optámos por enquadrar o conceito num quadro social. Portanto, é necessário analisar toda a envolvente do indivíduo inserido num meio, o que lhe impõe certos comportamentos, maneiras de ser, pensar e agir consoante os padrões da sociedade.

Sepúlveda (1999), no seu artigo intitulado *Teoria da Memória, Teoria da Modernidade*, salienta o papel de Halbwachs numa melhor contextualização do conceito

no quadro mais social. Afirma ela que: “Halbwachs, sociólogo e discípulo de Durkheim, procurou, através de um trabalho denso de argumentação e análise, publicado em 1925, retirar a discussão da memória coletiva dos campos disciplinares da biologia e da psicanálise e caracterizá-la definitivamente enquanto um fenômeno social. Para ela, comportamento, pensamento e memória de indivíduos eram aspectos que precisavam ser compreendidos como resultado de processos de socialização e não como resultado de processos individuais ou subjetivos” (pp. 10-11). Para Durkheim (1994), “se a memória é exclusivamente uma propriedade dos tecidos, então a vida mental é nada, precisamente porque ela é nada fora da memória” (p. 20). Esta afirmação de Durkheim ilustra a nossa preocupação no sentido de não permitir que a memória seja forçada a sair do contexto sociocultural, dos traços transmitidos pelos antepassados, da história e dos costumes que nortearam as sociedades até ao presente momento. Este pressuposto afigura-se na análise que pretendemos prosseguir, daí que as questões levantadas nos inquéritos busquem os contextos da formação da população dos três municípios assumidos.

As novas teorias à volta da memória assentam o conceito num quadro novo e moderno, onde se têm em conta as mudanças sociais e novos pensamentos. “No final dos anos 90, podemos perceber que da mesma forma que o debate em torno da teoria social assume novas direções, também os estudos sobre a memória ampliam seu escopo teórico e passam a considerar os limites que temos em compreender a memória, se esta é pensada em relação a uma sociedade em movimento e mudança. (Sepúlveda, 1999, p. 23). Obviamente que a memória se encontra associada às recordações do passado. Aparenta à “reminiscência platónica.” Representa lembranças que muitas vezes associamos aos patrimónios com que hoje convivemos, no sentido em que “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual ... e que, às vezes, é estilizada pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado” (Bosi, 1994, p. 55). Existe, por isso, uma certa necessidade de organizar as nossas memórias. Há uma sequência organizada pelos acontecimentos ou pelas datas assumidas e institucionalizadas. Deste modo, a nossa análise obrigatoriamente deve ter em consideração uma certa diacronia dos acontecimentos, a fim de facilitar o entendimento das sequências da construção da realidade social dos malanjinos. Com o passar do tempo, algumas memórias podem ter-se perdido no tempo e espaço, todavia, aqui assenta a

necessidade de a memória estar relacionada com os outros, com os lugares ou com acontecimentos marcantes. Mas, também, a memória manifesta-se nas práticas do quotidiano, ela é exteriorizada através da cultura, da gastronomia, do artesanato e até do vestuário.

Para alguns autores, a organização das memórias pode sofrer imposições, todavia a identidade sobrepõe-se às imposições. Segundo Pollak, “[a] organização da memória é em função das preocupações pessoais e políticas do momento... o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela (a memorial é também um fator extremamente importante de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si que consiste na valorização e hierarquização das datas, dos personagens e dos acontecimentos” (Pollak, 1992, p. 204-205).⁶⁸

Nesta fase, estamos cientes que o trabalho no terreno não nos fornece todas as respostas para as questões que procuramos sobre as comunidades em causa. Com o passar dos anos, das gerações e das várias fases do país existem acontecimentos que vão se perdendo ou entram no esquecimento. Afinal, “[o] que chamamos memória é uma complexa rede de atividades, seu estudo indica que o passado nunca retorna o mesmo, mas é constantemente selecionado, filtrado e reestruturado nos termos das questões e necessidades do presente nos níveis sociais e individuais” (Jedlowski, 2001, p. 30). Assim, consciente que este trabalho trará muitas informações contextualizadas no hodierno, cabe aos investigadores planearem as questões em função de obter respostas que correspondam às questões da investigação específica.

⁶⁸ Tulving diferencia a memória semântica da memória episódica. Enquanto a última seria expressão de experiências específicas e pessoais, ou seja, a capacidade de recordar o primeiro nome de uma lista previamente estudada, a primeira seria expressão de um conhecimento acumulado sobre fatos não pessoais. A memória semântica expressaria o conhecimento sobre uma variedade de elementos, desde a fórmula do cloreto de sódio até a política internacional. Ela seria constituída do conhecimento organizado por palavras, símbolos verbais, significados, conceitos e regras, ou seja, elementos da linguagem. (in Neisser, U. e E. Winograd, 1990, p. 20). Neisser, U. e E. Winograd. *Remembering Reconsidered ecological and Traditional Approaches to the Study of Memory*. Cambridge, Cambridge University Press.

São vários os autores que estudaram as memórias em diferentes perspectivas. Michael Pollak (1992) em *Memória, esquecimento e Silêncio*, traz-nos uma abordagem interessante onde destaca a relação entre memória e esquecimento. Bertone de Oliveira Sousa, (2008) *A Memória como Elemento de Construção de uma Identidade*, tem uma abordagem igualmente interessante, ligando os conceitos de memória e identidade. De facto, os conceitos trabalham interligados. A memória aparece como elemento da construção da identidade. Decerto que esta perspectiva nos leva a questionar o nosso objeto de estudo, a fim de ter uma visão da importância de memória para a identidade da pessoa ou comunidade. Quando destacamos a memória e sua contribuição para a construção da realidade tomamos como referência esses e muitos outros estudos, os quais confirmam vários dados que interessam à nossa investigação. Assim, pretendemos perceber até que ponto a memória interfere na construção dum lugar turístico? Para o efeito, o este estudo analisa vários documentos acerca dos espaços e vai buscar junto dos diferentes atores pré-seleccionados para a análise e verificar se de facto existe ou não relação entre os lugares e as memórias. Destacando o processo de memórias mais no sentido coletivo do que individualizado, busca-se também o fundamento de determinadas práticas, lendas, histórias que construíram os espaços. Perceber a longevidade dessas memórias através da aplicação de questionários à comunidade anfitriã é igualmente um objetivo específico a alcançar.

A análise assenta nessa mensuração das memórias associadas à cultura dos locais, dos atores e suas recordações face a histórias, práticas sociais e acontecimentos que de certa forma marcam gerações, mesmo que algumas não tenham nunca convivido efetivamente com essas práticas.

4.4. As linhas de análise do espaço/território na construção sociocultural da realidade social

A questão da construção sociocultural da realidade social estende-se aos espaços e territórios onde se dá essa construção. Envolve componentes socioculturais e componentes naturais dos espaços. Com as relações que se dão nos espaços, estes transformam-se em territórios, que se movimentam sobre os espaços. Perante o objeto de estudo que enfatiza a construção da realidade social dos lugares turísticos de Malanje, muitas questões surgem ligadas à pergunta da investigação. Em concreto, pretendemos analisar como um determinado lugar se desenvolve ao ponto de passar de “simples” lugares/espaços a territórios e a lugares turísticos. Como se deu este processo? Qual a importância que os lugares e territórios têm na construção sociocultural de um lugar turístico? O que é transportado nessas transformações a nível da cultura e dos costumes que norteiam os grupos?

A teoria de Lefebvre (1974), um dos primeiros autores modernos a teorizar sobre o espaço enquanto produto e produtor social serve de inspiração para o enquadramento do nosso estudo, pois é nossa intenção ir para além dos espaços físicos em estudo, ou seja, atingir as produções nos espaços, as relações que se estabelecem e, especificamente, os lugares turísticos de Malanje. Conforme nota Lefebvre (1974), o processo de produção social do espaço reporta-se a uma relação dialética entre as práticas sociais relativas ao quotidiano vivido. Esta dissertação dá enorme importância à vida quotidiana nos lugares turísticos. A percepção da vida quotidiana nos espaços, onde emanam as relações da comunidade com os turistas carece de uma análise, para além do comum, mais aprofundada. É necessário compreender o contacto e a convivência entre os dois atores no mesmo território, com perspetivas diferentes e importa também perceber a aceitação da comunidade e como se processou essa aceitação. Para materializar as premissas levantadas nesta problemática é necessário recorrer a entrevistas (como método complementar) e questionários como instrumentos principais de recolha de dados das informações provocadas.

As autoras Marújo e Cravidão (2012), realçam que “as novas práticas turísticas cativam novos públicos, reinventam os territórios, onde o lugar assume novos significados: pela singularidade; pela identidade; pela ligação afectiva e pelo modo como ele é vivido” (p. 281). Para estas autoras, o lugar altera o seu normal funcionamento,

consequência da atividade turística, onde a singularidade e identidade constituem elementos de extrema importância. Assim sendo, cabe-nos abraçar a linha do pensamento das autoras para que possamos verificar as mudanças ocorridas nos lugares turísticos em causa. A complexidade do lugar abre caminho para estudos em várias áreas de conhecimento. Ou seja, “o conceito lugar é abordado de acordo com as perspetivas das diferentes áreas do conhecimento e, por isso, alvo de várias interpretações ao longo do tempo. O lugar possui uma estrutura complexa e diferenciada composta por um conjunto de componentes interligados e interdependentes, tais como: sujeito e objeto, espaço e tempo, ‘eu’ e o ‘outro’ (Malpas, 2004), citado por (Marujo & Cravidão, 2012, p. 282).

A nossa análise arca as perspetivas de duas categorias diferentes. Primeiramente, a população residente; por outro lado, a perspetiva dos visitantes. Os pormenores históricos e culturais são fundamentais para o enquadramento dos lugares eleitos para o estudo. Visamos analisar também os acontecimentos que tiveram lugar nas áreas de modo a perceber as contribuições desses acontecimentos para a passagem do lugar a território. Obviamente que os lugares com fluxo turístico nem sempre assim o foram, desde logo porque constituem também lugares do quotidiano das pessoas. São espaços de interação ou palco onde decorrem várias acontecimentos em simultâneo. Na ideia de Fratucci (2008), citado por Marujo e Cravidão (2012), o lugar turístico é o território onde, especialmente, o turismo se realiza, e onde há ocorrência de interações e inter-relações temporárias entre turistas e residentes, os quais “irão permitir um contacto direto, sem barreiras (físicas ou simbólicas) entre eles e o reconhecimento da existência do outro, recíproco e simultaneamente” (p. 283). Assim sendo, os palcos em estudo são espaços de movimentações e interações da comunidade anfitriã e dos turistas. Dentro dos espaços cabe-nos procurar conhecer e entender em que moldes se dão as interações? Quais são os fatores que favorecem as interações e os temas que são abordados nesses espaços?

Em muitos lugares turísticos dá-se também a apropriação desses espaços por parte dos turistas. O trabalho pretende também perceber como se dá essa apropriação, através de que atividades e se se verifica e quais são os envolvimento. Sublinhe-se que:

(...) há diferentes tipos de territorialidades que se confrontam nos lugares turísticos: a territorialidade sedentária dos que aí vivem frequentemente, e a territorialidade nômade dos que só passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar, mesmo fugidamente, dos territórios que frequentam (Knafou, 1996, p. 64).

Essa apropriação pode acontecer de modo aprofundado ou com menos intensidade, conforme o entrosamento com os elementos que já fazem parte dos lugares.

CAPÍTULO V
METODOLOGIA

O capítulo dedicado à metodologia constitui um dos mais importantes do trabalho, tendo em vista que todo o trabalho é conduzido com os delineamentos da metodologia. Responde à pergunta “Como” da investigação conforme afirmam (Campenhoudt & Quivy 2008). Mostra os percursos da investigação, desde o projeto até à finalização do trabalho, os instrumentos de recolha de dados, bem como as técnicas assumidas para a concretização do trabalho. Verifica o modo como foi assumido o universo, bem como os procedimentos tendentes à construção de amostras. Faz a delimitação espacial e temporal do trabalho, bem como a tipológica.

Optamos por fazer uma análise do espaço em estudo a nível da história e da geografia para uma melhor compreensão e assunção dos métodos a implementar neste estudo. Todo o trabalho, desde a familiarização com o tema em estudo à conclusão assegura o respeito pelas questões éticas que regem uma investigação.

5.2 Problemática da investigação, abordagem metodológica e tipologia de estudo

Os temas subjacentes neste estudo implicaram mobilizar dois grandes campos de estudo: a Sociologia e a Sociologia do Turismo. “Qualquer processo de investigação parte de um problema. Na resposta às questões que consubstanciam tal problema, o investigador recorre às teorias, conjunto organizado de conceitos e relação de conceitos substantivos. Para a descrição, explicação e eventualmente compreensão das respostas que procura necessita desenvolver formas de medir os conceitos a que se refere” (Costa, 2013, p. 6). Os estudos sobre a Sociologia distam no tempo das abordagens relativamente ao turismo. Os grandes clássicos são testemunhos das análises das sociedades e suas dinâmicas ao longo dos tempos. A Sociologia é fruto das mudanças sociais que ocorreram no séc. XIX. As revoluções ocorridas são consideradas momentos fulcrais para o surgimento da Sociologia com devida reverência. A Revolução Francesa, a Revolução Industrial e a Revolução Científica despoletaram os interesses e a importância da Sociologia junto de outras ciências. As consequências das mudanças sociais levantaram preocupações às sociedades e aos cientistas sociais. A Revolução Industrial e as dinâmicas provocadas produziram transformações em série, desde o êxodo rural, à proletarianização das cidades e ao surgimento da burocracia e diversos serviços necessários à sociedade industrial. Provocou marginalidade social, conflito, alteração súbita de normas, movimentos migratórios, miséria e acumulação de grandes riquezas. Neste cenário de grandes dinamismos, Comte e Durkheim fundaram uma sociologia da “ordem e do progresso.” Karl Max, Émile Durkheim, Max Weber e George Simmel dedicaram-se ao estudo dos problemas sociais. Destacando Comte e o seu Positivismo, encontramos a contribuição sobremaneira para a Sociologia, ao defender a aplicação do método positivo às ciências sociais, tendo sobretudo procurado adaptar o estatuto e a idoneidade científica próprios das ciências naturais às ciências sociais (...) o modelo do pensamento científico conhecia características próprias, que passavam entre outros aspetos, pela observação sistemáticas e pela verificabilidade das afirmações (Ferreira, 2013, p. 94). De certa forma, Comte acredita que a desordem social se deve à desordem intelectual, e que é fundamental educar o povo para organizar a sociedade, contudo, ele vê a sociedade no seu todo (seu envolvente). Aron, na obra *As etapas do pensamento sociológico*, partilha a ideia de Comte no sentido de sobrepor o total sobre as partes: “[é] impossível

compreendermos o estado de um fenómeno social particular se o não situarmos no todo social.” Acrescenta ainda o autor que “não compreenderemos a situação da religião, ou a forma precisa de que se reveste o estado numa sociedade particular, se não considerarmos o todo dessa sociedade” (Aron, 2015, p. 86). Comte apresenta a tentativa de ver a Sociologia no mesmo patamar que as ciências físicas e biológicas. Assume a importância de seguir regras científicas para a “ciência da sociedade” – Sociologia. Para Giddens, a abordagem positivista de Comte baseou-se no princípio da observação direta, a qual podia ser explicada recorrendo a proposições teóricas baseadas no estabelecimento de generalizações causais, do tipo das leis. Afirma ainda que a tarefa da sociologia na visão de Comte “residia na aquisição de um conhecimento fiável do mundo social de modo a estabelecer previsões, intervir e moldar a vida social de modo progressivo (Giddens, 2013, p. 73).

Os trabalhos deixados por Durkheim são de destaque dentro da Sociologia. Conhecido pelas suas obras *As Regras do método sociológico* e *A divisão do trabalho social*, Durkheim preocupou-se em estudar de modo amplo as relações entre o indivíduo e a sociedade. Para este estudo interessou sobretudo debruçarmo-nos sobre a abordagem apresentada pelo autor acerca dos factos sociais “como maneiras de agir, de pensar e de sentir que existe que apresentam a notável propriedade de existir fora das consciências individuais (Ferreira, 2013, p. 108).” Este trabalho releva principalmente as formas de agir, embora também encontremos presentes as formas de pensar e ser que se enquadram na imaterialidade. A ideia de relações sociais e interações que pautam no trabalho que ora se desenvolve absorve a ideia de Durkheim sobre as interações, dado o nosso objeto preocupar-se com as interações, memórias e identidades do coletivo, mais do que a individualidade. A este respeito, “Durkheim considerava ser necessário estudar fenómenos especificamente sociais sempre que a investigação sobre as ações humanas ia para além das suas interações individuais (Giddens, 2013, p. 80).” A leitura do autor é transparente no sentido de ilustrar uma sociedade em que o grupo tem forças para continuar com as suas instituições mesmo que o indivíduo pereça. De certo modo, esta ideia vincula dado uma identidade não ser construída pelo indivíduo “individualmente”. As instituições e as formas sociais – como os movimentos sociais ou a família – sobrevivem aos próprios indivíduos que as formam e, por tanto, deverão ter uma identidade própria (Giddens, 2013, p. 80). A preocupação de Durkheim com uma

sociologia em que se aplica com rigor todas as regras do conhecimento científico tal qual nas ciências naturais reforça a objetividade que a Sociologia devia e deve trabalhar no seu objeto de estudo – os factos sociais. Raymond Aron afirma que “a conceção durkheimiana da sociologia assenta numa teoria do facto social” e que o objetivo é “demonstrar que pode e deve existir uma sociologia que seja uma ciência objetiva, de acordo com o modelo das outras ciências, e cujo objecto será o facto social” (Aron, 2015, p. 360). A questão é mais do que identificar o objeto, mas também diferenciá-lo dos objetos das outras ciências e poder ser observado e explicado com base nos pressupostos metodológicos utilizados pelas outras ciências.

Karl Marx, embora não seja considerado um sociólogo, teve um trabalho interessante ao desenvolver uma teoria estrutural determinista, considerando que a estrutura domina a ação individual. A estrutura é caracterizada por relações de classe, associadas a modos de produção, assumindo que a economia, o modo de produção, explica as relações sociais. Este autor é conhecido pela sua laicidade fruto do iluminismo. Como refere Ferreira, “[a]o contrário de muitos pensadores sociais do seu tempo, Marx não é assaltado por nenhuma dúvida religiosa – nem a natureza, nem a humanidade, convertidas em objecto de fé, nem nenhum deus tradicional ensombram a sua obra (Ferreira, 2013, p. 232). Assenta a sua teoria no materialismo e critica muito as religiões, facto este relevante por oposição à sociedade sobre a qual recai o nosso estudo, onde o universo é revestido na sua totalidade de carácter religioso. Por outro lado, Marx apresenta um trabalho baseado num antagonismo de classes. Raymond Aron analisa os trabalhos de Marx e, reportando-se à obra *O manifesto comunista*, afirma: “a história humana é caracterizada pela luta de grupos humanos, a que chamaremos classes sociais, e cuja definição de momento parece equívoca, mas têm a dupla característica de por um lado comportarem o antagonismo entre os opressores e os oprimidos, e por outro lado tenderem a uma polarização em dois e só dois blocos (Aron, 2015, p. 152). As ideias de Marx suscitaram-nos um certo interesse, principalmente pelo seu “materialismo histórico” e a ideia de coletividade e de produção em conjunto. Existe uma certa “preocupação com o “modo como as pessoas trabalham coletivamente para produzir a sua vida em conjunto. Como é que produzem comida, abrigo e outros bens materiais e qual é o tipo de divisão do trabalho que lhes permite fazer isso” (Giddens, 2013, p. 75).

Entre vários sociólogos e teóricos das áreas sociais, Max Weber constitui um dos mais importantes para análise da realidade atual das sociedades. Destacam-se os temas sobre capitalismo e religião, especificamente “A ética protestante e o espírito do capitalismo.” Partindo da questão “Porque é que o capitalismo se desenvolveu no Ocidente e não noutros lugares?”, Weber avalia as condições que outros impérios tinham para alcançar o desenvolvimento, ao invés do Ocidente. Busca as organizações religiosas, principalmente os puritanos, para ilustrar o modo como as sociedades se desenvolveram. Giddens afirma que: “impelidos principalmente por motivos religiosos, os primeiros empresários tinham pouca consciência de que estavam a ajudar a provocar mudanças enormes na sociedade” (Giddens, 2013, p. 86). Esta ideia que Weber sustenta, apesar de ter muitas críticas, tem valor no quadro teórico da sociologia, pelo facto de ser ele o primeiro a analisar o papel que a religião teve na origem do capitalismo. A nossa investigação entronca na construção da realidade assente nas questões religiosas, primeiramente um povo com seus deuses tradicionais e posteriormente afincado ao cristianismo. As obras são tão vastas quanto importantes. *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* (Ensaio sobre a teoria da ciência) é uma coleção importante das obras de Weber que engloba os estudos de metodologia, de crítica e de filosofia (Aron, 2015). Portanto, “são estudos que incidem essencialmente sobre o espírito, o objecto e os métodos das ciências humanas, história e sociologia. São simultaneamente epistemológicos e filosóficos” (Aron, 2015, p. 485). As ideias de Weber são coroadas por Aron, para quem nas ciências da realidade humana podem distinguir-se duas orientações: uma para a história, isto é, a narrativa do que nunca veremos duas vezes, e outra para a sociologia, isto é, a reconstrução conceptual das instituições sociais e do seu funcionamento (Aron, 2015, p. 491). O autor acrescenta ainda que ambas se complementam. Dado este estudo apresentar um carácter marcadamente histórico ao ponto de ir buscar traços de gerações passadas e analisar alguns vestígios sobre forma de testemunhar as tradições, é de todo o interesse o pensamento de Weber. Reparemos que Aron afirma que a ciência weberiana define-se como o esforço por compreender e explicar os valores a que os homens aderiram e as obras que edificaram (Aron, 2015).

Weber também é conhecido pela sua teoria da sociologia compreensiva e pelos trabalhos desenvolvidos sobre as desigualdades sociais (*Classe, Status e Partidos, 1989*). Definiu a ação social como o conjunto de “significados subjectivos que o indivíduo atribui

ao seu comportamento” e considerou que toda a acção social é imbuída de significado. Interessado no carácter científico das análises, procurou um método de generalização. As suas ideias foram inspiradoras de várias correntes que se desenvolveram no séc. XX, como o interaccionismo simbólico por Mead e a Etnometodologia por Garfinkel. Os estudos de Weber recaem muito sobre a realidade humana buscando os primórdios e o seu desenvolvimento no tempo/espaço. Centraliza-se nas ações humanas e, conforme defende Aron (2015), as ciências que incidem na realidade humana são por fim ciências da cultura. Esforçam-se por compreender ou explicar as obras criadas pelos homens ao longo do seu devir, não só as obras de arte, mas também as leis, as instituições, os regimes políticos, as experiências religiosas, as teorias científicas (p. 491).

A Sociologia encarrega-se de estudar os fenómenos sociais dentro de um determinado contexto sociocultural. A metodologia é a forma de dar corpo a esse propósito. O presente trabalho, centrado sobre a construção sociocultural da realidade social dos lugares turísticos, suas identidades e memórias na província de Malanje, exige um trabalho complexo, mas ainda assim faseado. Globalmente, a metodologia empregue é mista, utilizando-se os pressupostos, abordagens, metodologias de recolha e análise de dados de tipo dedutivo-explicativo e indutivo-compreensivo a fim de abordar o fenómeno em causa em toda a sua complexidade e permitir uma triangulação dos dados (Carmo e Ferreira, 1998). Tendo em consideração o objeto de estudo, é necessário que a pesquisa desenvolva trabalhos relativos à população prévia e estrategicamente escolhida. Foge de uma análise só e somente objetiva, para buscar a compreensão dos fenómenos. Estudar os seres humanos, contudo, é diferente da observação dos acontecimentos no mundo físico, pelo que a sociologia e as ciências naturais não podem ser idênticas. Ao contrário dos objetos na natureza, os seres humanos são seres conscientes que conferem sentidos e objetivos ao que fazem (Giddens, 2013, p. 40). Assim, verificamos que o método deve assentar na compreensão dos factos, o que nos encaminha para um estudo qualitativo. Acrescenta o autor que não podemos descrever a vida social de forma precisa, a não ser que compreendamos primeiro os conceitos que as pessoas aplicam no seu comportamento (Giddens, 2013, p. 40). Seria erro tremendo uma metodologia que assentasse na sua totalidade em questões fechadas, ainda que “objetivas” mas mecânicas. Sendo os inquiridos seres dotados de sentimentos e emoções não seria conveniente a busca de causa-efeitos de forma cega para trazer a esta investigação. A população em estudo, para

além de apresentar as suas respostas que aceitamos como fiáveis e credíveis, possui também subjetivismos, que podem interferir nas informações a prestar. Neste âmbito, cabe ao investigador acautelar essas situações de modo a tentar eliminar ou diminuir ao ponto de ser aceite cientificamente. Por outro lado, as respostas são frutos das vivências subjetivas de cada respondente. “As relações causais em sociologia não deveriam ser entendidas de uma forma muito mecânica. As atitudes que as pessoas têm, a par das razões subjetivas para agirem como agem, são factores causais nas relações entre variáveis na vida social (Giddens, 2013, p. 47).

O trabalho exigiu a conjugação dos métodos quantitativos e qualitativos, ou seja, de métodos mistos, de modo a permitir um estudo mais pormenorizado, isto é, que permita “explorar o tópico com mais profundidade” (Creswell, 2007, p. 90). Por sua vez, (Cook & Reichardt, 1986) são perentórios quanto à não rigidez de seguir um único paradigma, dado a realidade exigir uma combinação de modelos de modo a explorar diferentes dimensões. Afirmam os autores que uma investigação não tem que seguir rigidamente um só paradigma. Reforçando esta perspetiva, a autora Brannen (1992), sublinha que a investigação pode optar e combinar o emprego dos dois métodos. Para (Brannen, 1992) a utilização dos dois métodos tem implicações de natureza teórica, uma vez que diferentes métodos têm como base diferentes pressupostos; uma diferente realidade social e uma diferente natureza de dados recolhidos. Para (Giddens, 2013), os métodos quantitativos estão associados ao funcionalismo e ao positivismo e os métodos qualitativos ao interacionismo e à procura de sentidos e compreensão (p.49). Para além dos métodos qualitativos afigurarem com maior vinco neste estudo, sentimos a necessidade de juntá-los tendo em vista uma maior compreensão do fenómeno em análise.

Sendo este um estudo de caso centrado numa província e três municípios, foi necessário recorrermos a uma evolução histórica e, por isso, tomou-se em devida consideração o método histórico (Roegiers & Ketele, 1998). Este permite contextualizar a investigação nos seus espaços específicos, através da articulação entre o social, o económico, o político e o cultural. Na análise de conteúdo, utilizou-se a categorização permitindo estabelecer categorias, respeitando certa lógica de *attachment* de igualdade ou semelhança das respostas dentro das mesmas categorias. Privilegiou-se uma “análise temática”, que é “eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações

manifestas) e simples”, como acontece no caso das entrevistas realizadas (Bardin, 2008, p. 199).

Para uma melhor problematização do tema recorreu-se previamente a uma entrevista exploratória de modo a estabelecer referências do quadro teórico existente acerca dos estudos dos principais conceitos relacionados com o objeto em estudo. Entrevistas exploratórias servem o propósito de melhor familiarizar o investigador com o objeto de estudo, entrar em contacto com potenciais informadores e com interlocutores que tiveram contacto ou viveram algumas experiências relacionados com o assunto. A entrevista exploratória não serviu para tirar conclusões definitivas, antes para o investigador se inteirar de melhor forma com o objeto da investigação.

5.3 O estudo de caso

É explícito que estamos perante um estudo de caso. Os estudos de caso têm particularidades que os distinguem de outras tipologias de estudo. Exigem maior aprofundamento e tentativa de análise em todas as dimensões possíveis. Focando em (Yin, 1994), o estudo de caso como a estratégia mais utilizada quando se pretende conhecer o “como” e o “porque” de fenómenos pouco explorados ou até mesmo inexistentes. Expressando a mesma ideia (Meirinhos & Osório, 2016, p. 54), em relação aos estudos, recorrem a Yacuzzi (2005), onde salientam que “(...) o seu valor reside em que não apenas se estuda um fenómeno, mas também o seu contexto. Isto implica a presença de tantas variáveis que o número de casos necessários para as tratar estatisticamente seria impossível de estudar.”

Enquanto estratégia de investigação, o estudo de caso comporta alguns objetivos que segundo a revisão teórica passam pela compreensão do evento em estudo, desenvolver teorias (Fidel, 1992), explorar, descrever ou explicar (Yin, 1994), relatar os factos e proporcionar conhecimentos acerca do fenómeno estudado (Guba & Lincoln, 1994). Deste modo, os objetivos do nosso trabalho permitem que a problemática de investigação seja explorada e explicada de forma a construir ou ampliar o conhecimento do fenómeno em questão, na delimitação espacial preconizada e caso específico. Assim, como existem uma grande diversidade de “casos” e “objectivos”, existem diversas

tipologias de estudos de casos: a) autores como (Léssard-Hébert, Goyette, & Boutin, 2008), Yin (1994), (Bogdan & Biklen, 1994), (Punch, 1998), diferenciam o estudo de caso em: estudo de caso único e estudo de caso múltiplo; b) (Stake, 1995), por sua vez, distingue três tipos de estudo de caso; o estudo de caso intrínseco, instrumental e colectivo; c) Yin (1994) propõe quatro modalidades: plano de caso único global ou inclusivo, e plano de caso múltiplo global ou inclusivo. De acordo com (Meirinhos & Osório, 2016) os estudos de casos únicos ou simples corresponderiam a estudos de casos intrínsecos, ou seja, estudo de um caso particular ou de um único caso como é defendida na perspectiva de Bogdan & Biklen. Por seu turno, os estudos de casos múltiplos seriam casos de estudos coletivos, já que os investigadores estudam vários casos a fim de fazer uma melhor análise e, conseqüentemente, uma melhor compreensão e teorização.

Conforme explica (Duarte, 2008), é importante a decisão de usar um estudo singular ou múltiplo, pois “focar um caso singular obriga a devotar cuidadosa atenção a esse caso” (p. 117) e, quanto à opção por casos múltiplos, o mesmo autor salienta que Yin considera que “ter casos múltiplos pode ajudar a reforçar os achados de todo o estudo – porque os casos múltiplos podem ser escolhidos como replicações de cada caso, como comparações deliberadas e contrastantes, ou variações com base em hipóteses (p. 117)”. O nosso estudo possui uma particularidade. Enquadra-se no estudo de caso único de lugar. Os “lugares turísticos” foram selecionados de entre os que apresentam maior fluxo turístico. Foram considerados locais privilegiados para o estudo na medida em que constituem a zona mista dos turistas/visitantes e de residentes. Enquanto para os turistas constituem locais de lazer, para a comunidade constituem locais de negócio, vendas e comércios, enfim, são lugares privilegiados de sociabilidade locais, mas, acima de tudo, constituem lugares de eleição no imaginário coletivo local. Segundo Adelman *et al.*, (1977), citados por (Bell, 2004, p. 23), o estudo de caso tem sido definido como um “termo global para uma família de métodos de investigação que têm em comum concentrarem-se deliberadamente no estudo de um determinado caso”. E assim, a natureza do estudo de caso em questão exigiu a focalização assente numa tipologia de investigação de carácter misto. Por um lado, a produção do conhecimento que se pretende alcançar obriga a recorrer a paradigmas quanti-qualitativos. Os métodos qualitativos carregam características indutivas. Conforme asseguram (Carmo & Ferreira, 2008), “os investigadores tendem a analisar as informações de uma forma indutiva. Desenvolvem

conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados” (p. 197).

Este trabalho assume um carácter eminentemente exploratório/descritivo, dado o fenómeno em estudo não ter sido ainda estudado na perspetiva que aqui propomos. Por outro lado, houve necessidade de descrever aprofundadamente o fenómeno em estudo para uma maior compreensão dos pressupostos de base por parte dos leitores e interessados. A própria natureza da questão, assim como a problemática levantada requer muito mais do que uma mera descrição de um acontecimento ou circunstâncias, ou seja, preconiza-se a um estudo mais profundo. O fenómeno em questão, pela sua peculiaridade e para a sua explicação, exige um estudo aprofundado e exploração em todas as dimensões possíveis, de modo a elucidar a questão central da investigação. A delimitação tipológica prende-se com a questão do tipo dos factos em estudo. Neste caso, em que se emprega o método misto, os factos a estudar favorecem uma tipologia exploratória e descritiva, conforme já foi frisado, como forma de poder descrever o fenómeno em estudo face à sua compreensão. Assim sendo, “[a] descrição deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos. Os dados incluem transcrições de entrevistas, registos de observações, documentos escritos (pessoais e oficiais), fotografias e gravações” (Carmo & Ferreira, 2008).

5.4 Técnicas de recolha de dados

5.4.1 Aproximação: contatos informais e pesquisa documental

Desde 2014 que se iniciaram alguns contatos a fim de conhecer melhor as culturas, histórias, províncias, instituições e pessoas. Aquando da participação no primeiro simpósio na Universidade Lueji A’Nkonde, o autor estabeleceu diversos contactos com docentes, discentes, funcionários públicos e estudantes provenientes de Malanje, a fim de manter uma ligação aos residentes e recolher dados que permitissem, de antemão, uma familiarização com o problema em estudo. A pesquisa documental decorreu em Luanda, Malanje, Lisboa e Praia. Esta incidiu principalmente junto das instâncias administrativas, com a recolha de documentos relacionados com os lugares turísticos da província. Para

melhor entrosamento entre a teoria e os dados recolhidos, constituíram pontos de pesquisa as instâncias das autoridades tradicionais (Sobas) de Malanje, destacando-se os três municípios em relevância: Pungo Andongo, Kalandula e Cangandala. Não se excluiu o centro de Malanje por razões estratégicas, dado a existência da biblioteca provincial situar-se justamente no centro da cidade. Outros documentos foram adquiridos na biblioteca da Universidade Lueji A'Nkonde (ULAN). Procedeu-se à captação de fotografias dos livros, dada a impossibilidade de efetuar requisições. O investigador recolheu informações disponíveis de múltiplas fontes documentais, incluindo documentos obtidos em livrarias de Malanje. Esta tarefa não foi muito fácil, até porque praticamente todos os livros encontrados tiveram que ser comprados, não raras vezes a um preço acima do normal para as condições de semiabandono em que se encontravam nas livrarias. Num segundo momento, as pesquisas documentais recaíram sobre os documentos da época colonial. Esta pesquisa foi feita principalmente na Biblioteca Central da Marinha, vulgo biblioteca de Ultramar em Lisboa. Revelou-se bastante importante esta pesquisa sobre documentos da época do colonialismo, os quais permitiram conhecer a estrutura do espaço Malanje à época e, posteriormente, contrastá-la com a atualidade. Em concreto, constituiu objetivo perceber que lugares na altura constituíam pontos de atração dos visitantes e as funções que cada um desses lugares desempenhava à época. A análise dos documentos recolhidos na biblioteca em Lisboa foi complexa devido, especialmente, à dificuldade em encontrar livros e publicações específicas sobre Malanje. As obras aí disponíveis são maioritariamente de carácter genérico sobre Angola. Em alternativa, as narrativas de viagens, muitas vezes escritas mais com “coração” do que com objetividade, constituíram fontes riquíssimas para as caracterizações do espaço e das relações estabelecidas dentro do território em análise. Utilizou-se também o telemóvel como instrumento de recolha de dados, nomeadamente para captar fotografias perante a impossibilidade de o investigador se ausentar da biblioteca com livros que datam séculos dos XVI a século XX e que são hoje muitos raros. As publicações oficiais também foram alvo de pesquisas na mesma biblioteca, embora revelando pouco contributo para o objeto em análise.

A biblioteca municipal de Queluz-Belas constituiu um espaço de pesquisa e leituras. Alguns livros mais relacionados com a cultura foram aí localizados, muito embora o espaço tivesse sido frequentado mais pelo facto de possuir bom ambiente para

concentração e leituras. A biblioteca nacional de Cabo Verde e livrarias da cidade da Praia também foram espaços de pesquisas de informações disponíveis de carácter mais genérico. Algumas obras foram pesquisadas e localizadas a partir de plataforma digital OLX⁶⁹, Portugal. O objetivo era identificar alguns ex-combatentes que possuíam na sua posse alguns livros sobre Angola e que estariam dispostos a vendê-los. Consegui localizar na cidade de Porto dois livros sobre *Malanje (Malanje e suas gentes; e Malanje memórias)*. Adquiri os livros que se vieram a revelar de enorme riqueza pelo fato de o autor ter vivido a sua infância em Malanje e trazer imagens e histórias contadas e comprovadas⁷⁰.

As pesquisas nos sítios buscaram sempre informações nos documentos em formatos *pdf*, na sua maioria artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Ou ainda, nos sítios de instituições de ensino, governamentais e de estatísticas. Por cada livro ou outros documentos elaborou-se uma ficha de leitura de modo a facilitar as consultas e identificações, principalmente das dezenas de documentos adquiridos em formato de fotografias dos livros. De modo transversal, a validade dos documentos (externa e interna), constituiu uma preocupação permanente do investigador que a procurou garantir através de seleções criteriosas e, após pré-leituras, análise dos conteúdos dos livros e uma leitura mais aprofundada e crítica dos documentos.

5.4.2. Imersão: trabalho de campo, questionários e entrevistas

No que concerne ao trabalho de campo propriamente dito, incluímos aqui a preparação, aplicação e avaliação dos instrumentos de recolha de dados. Entre vários aspetos que tivemos em conta desde logo é a definição do público-alvo em estudo, o qual foi atempadamente distinguido em dois sectores: a) os residentes de Malanje; b) os turistas/visitantes da província Malanje. O público-alvo sobre o qual recai o estudo está confinado aos diferentes espaços físicos. Destacam-se os espaços que foram e são

⁶⁹OnLine Exchange; **OLX** é uma empresa global de comércio eletrónico, sediada em Amsterdam, Países Baixos.

⁷⁰ Após a negociação dos preços, no encontro para a compra houve tentativa de adulteração do preço, o que produziu alguns momentos de atritos com o autor dos livros.

utilizados como espaços turísticos. O trabalho de campo discrimina os moradores destes espaços previamente identificados e os visitantes dos mesmos. O universo em estudo divide-se em duas categorias conforme mencionado acima: os residentes em Malanje e os turistas/visitantes. De cada um destes dois universos foram colhidas amostras acidentais em locais determinados. Esta escolha não ocorreu de forma aleatória, pelo contrário. Depois de uma estada em Malanje em 2013, na qual acumulei o papel de investigador com o de turista, pude observar, embora a distância, a população, os seus costumes e hábitos. De todos, despertou-me o interesse de conhecer e explorar alguns aspetos adicionais daquele povo, nomeadamente no que se refere à cultura e turismo. Ao percorrer várias áreas, pude perceber o fluxo das visitas, os encontros e interações com a comunidade local, especialmente nos três lugares em estudo: Pungo Andongo, Kalandula e Cagandala. Este último constituiu maior dificuldade em explorar pelo facto de o Parque Natural de Cangandala, (Santuário da Palanca Negra Gigante) estar encerrado, sendo que os militares não permitiram atravessar a ponte do rio Kwanza, que daria acesso ao parque, argumentando com “momentos de alguma turbulência⁷¹”, que “não nos conheciam” ou que “não tinham autorização por parte da administração” para tal.

Os inquéritos foram aplicados tanto nos locais já referenciados como no centro da cidade Malanje, onde também aplicámos as entrevistas, dado vários visitantes terem sido localizados no centro da cidade, justamente a visitar os monumentos do centro, nomeadamente os espaços dedicados aos antigos combatentes.

5.4.2.1 População e Amostra

Depois de indicar a população em estudo procedeu-se à determinação e seleção da amostra. Dado não ser possível estudar todos os elementos que fazem parte do universo, sendo este desconhecido pelo facto de o fluxo de turistas/visitantes ser dinâmico em face das fronteiras existentes com outras províncias, que por sua vez fazem fronteira com outros países; dada a própria dispersão dos elementos que fazem parte da população, bem como a insuficiência dos recursos logísticos, financeiros e sobretudo temporais, em

⁷¹ Época das eleições presidenciais em Angola de 2017

suma, a inexistência de uma base da amostra encaminhou-nos para uma amostragem de tipo não probabilística, combinando as tipologias intencional com conveniência. Conforme nos explica (Carmo & Ferreira, 2008), “as amostras não probabilísticas podem ser selecionadas tendo como base critérios de escolha intencional sistematicamente utilizados com a finalidade de determinar as unidades da população que fazem parte da amostra” (p. 215). Para além da escolha das tipologias de amostragem optamos também pela participação accidental, dado o fluxo dos visitantes serem incertos, os três espaços escolhidos distarem entre uma hora a quatro horas uma das outras, não existindo uma instituição reguladora de fluxo dos turistas que nos permitisse ter uma aproximação do número de visitantes. Na cidade, alargámos a inquirição a alguns hotéis onde ficámos alojados. Por conseguinte, decidimos ficar alojados cada dia num hotel (Hotel Marimba, Hotel Regina, Hotel Portugália, e Residencial Cacuso), a fim de conseguirmos mais informantes, juntando o facto de se pretender recolher outras informações nos espaços de alojamentos da província, relativamente à observação de possíveis interações. A tipologia de amostra não probabilística por conveniência deve ser utilizada com devida cautela. Como observam Carmo e Ferreira (2008), poderá ser utilizada em estudos exploratórios, cujos resultados obviamente não podem ser generalizados à população à qual pertence o grupo de conveniência, mas do qual se poderão obter informações preciosas. No total, foram aplicados um total de 117 questionários à comunidade e 104 a turistas/visitantes.

À equipa de aplicação de questionários foi informado que só constituíam elementos da amostra indivíduos a partir de quinze (15) anos, incluso. Inicialmente a equipa fez uma observação quanto às características físicas dos potenciais informantes. Como as características observáveis podem não constituir indicadores fidedignos, procedeu-se de seguida à confirmação a partir de uma pergunta do questionário sobre a faixa etária. Conforme nos ensinaram (Quivy & Campenhoudt, 2008), a má dentadura, os cabelos brancos podem ser indicadores de velhice, mas o melhor é mesmo o registo de nascimento. Assim, a idade mínima escolhida aparenta ser baixa, mas a ideia é perceber, nas gerações atuais, categoria dos adolescentes, inclusive, a perceção de alguns traços que mostrem a ligação à cultura, à realidade social baseada nos ensinamentos dos mais velhos e dos ancestrais.

5.4.2.2 O Inquérito por Questionário

Apresentada a amostra destacam-se agora as técnicas de recolha de dados por que optamos para esta investigação. Optamos pelos inquéritos por questionários e por entrevistas. Tendo em vista a sua realização, solicitamos autorização superior ao Ministério de Hotelaria e Turismo (MINHOTUR), através da Direção de Comércio e Hotelaria de Malanje, administrações dos três municípios contemplados para a pesquisa. Após prévia autorização escrita, procedeu-se à aplicação dos inquéritos. Refira-se que “o objetivo de um inquérito é obter informações que possam ser analisadas, extrair modelos de análise e fazer comparações. Na maior parte um inquérito propõe-se obter informações a partir de uma seleção representativa da população e, a partir da amostra, tirar conclusões representativas da população como um todo” (Bell, 2004, p. 26). De acordo com o método de abordagem definido, utilizamos a técnica de inquérito por questionário. Esta técnica consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativos de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões ou ainda sobre qualquer outro ponto de vista que interesse ao investigador. Consideramos esta técnica a mais apropriada para a recolha de dados por só assim ser possível a obtenção das informações necessárias para a elaboração do presente estudo, no espaço de tempo limitado. O questionário utilizado foi propositadamente elaborado para o efeito. Contempla principalmente perguntas fechadas, atendendo a que “os inquéritos de resposta fechada têm a vantagem de os seus resultados serem fáceis de comparar e contar, por envolverem apenas pequenos números de categorias (Giddens, 2013, p. 53). Contudo, esta tipologia não dá margem para opiniões e informações que podem ser pertinentes para uma melhor e mais aprofundada compreensão. Assim, recorreremos também a perguntas abertas, visto que evitam enviesamentos e são mais ricas na obtenção da informação desejada. As perguntas abertas dão oportunidade aos entrevistados para exprimirem os seus pontos de vistas através das suas próprias palavras, visto não estarem limitados a respostas rígidas, como usualmente acontece num inquérito por questionário (Giddens, 2013, p. 53). Seguindo os aconselhamentos de muitos cientistas sociais assumimos o questionário semi-estruturado, o qual apresenta algumas questões padronizadas com margem para algumas respostas abertas. Todas as perguntas foram pré-codificadas, tendo em vista o posterior tratamento estatístico dos dados. O

inquérito por questionário, segundo (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 188), permite “quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação”. Acrescentam os autores que um dos seus problemas é “a superficialidade das respostas, que não permitem a análise de certos processos”. Processos esses que prendem com características dos métodos mais qualitativos.

O questionário constitui uma das técnicas mais utilizadas pelo investigador social na recolha de factos sociais. O recurso à utilização do questionário depende de vários factores e, sobretudo, da natureza dos factos sociais a investigar. O aparecimento desta técnica deve-se à incapacidade dos métodos observacionais em fornecer informação sobre as percepções, crenças, sentimentos, motivações, intuições ou futuros planos de uma pessoa (Selltiz, 1965). Por conseguinte, é a técnica mais adequada ao estudo extensivo. Também, segundo (Silva & Pinto, 2009), a utilização do inquérito por questionário demonstra-se como bastante eficaz devido à sua eficiência na obtenção de informação de um número limitado de pessoas, o qual através das técnicas de amostragem, se pode apresentar como estatisticamente representativo de um conjunto mais amplo. Desta forma, o inquérito por questionário “é a técnica de construção de dados que mais se compatibiliza com a racionalidade instrumental e técnica que tem predominado nas ciências e na sociedade em geral” (Silva & Pinto, 2009, p. 167). O questionário é talvez o instrumento de investigação sociológico mais universal. É um meio de comunicação essencial entre inquiridor e inquirido. Comporta uma série de questões respeitantes a problemas sobre os quais se espera do inquirido uma informação (Grawitz, 1974). O recurso ao questionário é quase indispensável em investigação social, mas o seu uso só se deve fazer quando não haja outras maneiras mais baratas e acessíveis (informação disponível) de obter a necessária informação e a natureza dos factos o permita. O questionário apresenta, essencialmente, dois tipos: o questionário auto-administrado em que o inquirido recebe o questionário, lê e responde ele próprio às perguntas; e o questionário hétero-administrado, em que o investigador apresenta pessoalmente as perguntas numa conversa direta com o inquirido. A forma de apresentação é direta, isto é, feita através do investigador ou de uma equipa de inquiridores, porém, não há um contacto direto entre o questionário e o inquirido. Este tipo de questionário exige a disponibilidade de pessoas para o aplicar, daí a necessidade de neste estudo em particular

se ter recorrido à contratação de estudantes para auxiliar na sua aplicação⁷². Este instrumento é o adequado para universos com elementos que não sabem ler nem escrever e, também, perfeitamente aplicável a universos que se distribuem por áreas geográficas homogêneas, sem necessitar de grandes deslocações por parte dos inquiridores. Este foi o tipo de aplicação de questionário por que optámos, pois, as suas características adaptam-se ao nosso estudo e, assim, pensamos obter melhores resultados. Todavia, alguns casos, embora raros, os inquiridos optaram por responder, preenchendo eles próprios os questionários que lhes foram distribuídos.

O questionário conta com um total de vinte e quatro (24) perguntas para a comunidade e vinte e sete (27) para os turistas/visitantes, organizadas em dois 2 grupos, nomeadamente: A) questões de caracterização e B) questões relacionadas com Malanje.⁷³ Os questionários destinavam-se aos dois grupos previamente identificados e separados. Ambos possuíam conteúdos iguais, mas algumas perguntas diferenciavam-se devido aos objetivos precedentemente traçados. Por outro lado, temos algumas perguntas que foram elaboradas exclusivamente para cada grupo de informantes, e que não se enquadrariam noutro público-alvo. O questionário possui perguntas abertas e fechadas. Mas também possui perguntas com opções de respostas múltiplas, bem como escalas de medida. Destacam-se também algumas perguntas de controlo, as quais se destinam a verificar a veracidade de algumas respostas. Algumas questões respeitam a ordem de precedências, no sentido em que a resposta anterior podia invalidar a pergunta seguinte. Para obviar a isso, em muitas escalas existe uma opção “Não Aplicado (NA)”, a fim de proceder ao controle destes casos e não enviar informações.

Não se procedeu à elaboração de inquéritos em línguas estrangeiras, mas o grupo dos inquiridores estava preparado com três elementos com domínio suficiente para efetuar as questões pelo menos em Inglês. Caso que se veio a verificar com inquiridos espanhóis, cubanos, libaneses e marroquinos. Após um pré-teste, os inquéritos foram aplicados em cinco momentos distintos a salvar, num intervalo de um (1) ano: julho de 2017, Outubro 2017, Novembro 2017, Fevereiro de 2018 e Junho/Julho de 2018. A escolha dos momentos não foi acidental. Dado ao fluxo variado dos turistas tentou-se

⁷² Os apoios recaíram sobre a aplicação dos questionários e esclarecimentos das perguntas. Em vários casos preencheram os questionários pelos inquiridos que não sabiam ler nem escrever

⁷³ Confere apêndice A e B

alargar o período de recolha de informações provocadas de modo a conseguir populações com características e motivações diferentes para a visita a Malanje. Por outro lado, estendemos o período da aplicação dos questionários na tentativa de conseguir período de abertura do Parque de Cangandala, mas infelizmente o período da manutenção do Parque foi mais extensivo.

5.4.2.3 O Inquérito por Entrevista

O inquérito por entrevista, por sua vez, permite uma interação direta entre o entrevistador e o entrevistado. A entrevista tem como objetivo abrir a área livre dos interlocutores no que respeita à matéria central da entrevista, reduzindo, por consequência, a área secreta do entrevistado e a área cega do entrevistado (Carmo & Ferreira, 2008, p. 142). No caso em questão pretende-se que a entrevista constitua o meio para obter perceções e representações de pessoas que trabalham na área em causa, a fim de penetrar no cerne da questão e perceber o desenrolar do fenómeno em estudo. Por outro lado, pretende-se que as informações recolhidas a partir das entrevistas assumam uma certa complementaridade e esclarecimentos aos pressupostos da investigação bem como às respostas dos inquiridos nos questionários. Conforme nos assegura (Carmo & Ferreira, 2008) “a entrevista permite interação direta: “[e]m termos globais o objetivo de qualquer entrevista é abrir a área livre dos dois interlocutores no que respeita à matéria da entrevista, reduzindo por consequência, a área secreta do entrevistado e a área cega do entrevistador” (p.126).

A entrevista foi pensada enquanto elemento complementar dos dados do questionário, de modo a esclarecer algumas informações de elevada pertinência, constituindo assim o elo dos dados fornecidos pelos turistas/visitantes e comunidade no momento de fazer a correlação. Inicialmente pretendia-se obter um maior número de entrevistas, porém, agendados os encontros com potenciais informadores e percorrendo cerca de quinhentos quilómetros, alguns simplesmente manifestaram indisponibilidade, desligaram os telefones, colocaram as crianças a atender chamadas e a informar que a pessoa não se fez presente ou que esqueceu o telemóvel em casa. Mesmo depois de muitas insistências recebemos algumas mensagens a informar que não podiam atender ou que estavam em reuniões. Noutros casos, houve mesmo recusa explícita de potenciais

informadores, alegando que: “estamos a passar por um período difícil não posso responder a quaisquer estudos.⁷⁴” De facto, o momento social e político que então se vivia acusava algum receio acrescido, como aliás atestam as limitações impostas à comunicação social, por parte dos jornalistas e da sociedade civil de uma forma geral⁷⁵. Ou seja, a liberdade de expressão era extremamente restrita. Estes impedimentos constituíram dificuldades acrescidas e imprevistas na fase de recolha de dados, o que fez com que o investigador assumisse as entrevistas essencialmente como complementares à análise de dados por via dos questionários.

As entrevistas utilizadas foram de tipo semi-dirigido, semi-estruturadas ou semi-directivas. Como referem (Quivy & Campenhoudt, 2008), a entrevista semi-dirigida “não é nem inteiramente aberta, nem encaminhada por grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas na ordem em que as anotou e sob a formulação prevista” (p.194), visto a necessidade de adaptar ao contexto e às circunstâncias fornecidos pelos entrevistados.

O guião da entrevista compunha-se com 12 perguntas. A sua aplicação, conforme já foi frisado, constituiu um desencanto ao ponto de ser assumido como elemento complementar e fazendo alterar alguns pontos do projeto, nomeadamente no que diz respeito à aplicação às administrações municipais, embora seja de sublinhar a receção, apoio e atendimento por parte de todos os administradores, bem como a autorização para efetuar os estudos, pesquisas e aplicações dos inquéritos. Dificuldades várias cercaram as possibilidades de aplicação de entrevistas, sendo que, em alguns casos, depois de acordados encontros, os mesmos foram sucessivamente desconfirmados. O fator tempo e por distar mais de quinhentos (500) quilómetros do local de trabalho do investigador não facilitou o encontro. Mesmo após agendar muitas vezes uma mesma entrevista, essa acabou por não se efetivar. Assim, optou-se por utilizar os dados das entrevistas principalmente como complementar ao quadro teórico.

⁷⁴ Caso aconteceu antes das eleições presidenciais de 2017. Decorriam as pré-campanhas.

⁷⁵ Situações constatadas pelo investigador, enquanto desempenhava a função de Pró-reitor de uma universidade em Luanda. A necessidade de contactar a comunicação, os jornalistas e os demais órgãos dos media confirmam essa interdição e receios de prestar informações.

As entrevistas realizadas foram aplicadas exclusivamente pelo investigador principal. A transcrição respeitou uma transcrição seletiva de segmentos relevantes para alcançar os objetivos preconizados da investigação, conforme se verifica no corpo do trabalho algumas informações fornecidas. As cinco (5) entrevistas efetuadas, (três Sobas, um Regedor e um dos responsáveis comunitário), ocuparam em média 23 minutos. Efetivamente, as entrevistas não resultaram como esperado: verificaram-se vários desvios (propositados) do assunto, conversas paralelas sobre questões políticas, pessoais e familiares e, sobretudo, conversas em torno de “frases feitas”, que o investigador percebeu terem sido previamente combinadas para ali serem ditas.

Os entrevistados constituíram informantes-chave para todo o processo de pesquisas. Para além das respostas aos questionamentos, apoiaram nas respostas complementares, nas caracterizações dos territórios, bem como quaisquer dúvidas.

5.4.3 Técnicas de tratamento e análise dos dados

À fase de trabalho de campo ou recolha de dados seguem-se as fases de tratamento e análise de dados, análise e discussão de resultados. No que se refere à análise e tratamento dos dados de cariz quantitativo, foi utilizado o software SPSS IBM Statistics (Statistical Package for the Social Sciences), versão 24, para análise descritiva, e bivariada dos dados (Bryman & Cramer, 1992). Quanto aos dados qualitativos, a interpretação foi efetuada através das técnicas de análise de conteúdo (Bardin L. , 1977); (Krippendorff, 2013). Para auxiliar no tratamento de dados fez-se a categorização das informações de modo a conseguir ter dados mais generalizados e padronizados. A análise descritiva teve o apoio de quadros e gráficos, permitindo a integração dos dados numa lógica perceptível e de correlacionamento. A conclusão leva em consideração as teorias em confrontação com a análise dos dados recolhidos no campo a fim de conseguir ilações com sustentabilidade científica e que possa ser generalizado ao universo em estudo.

5.4.4 Questões éticas

A realização de uma qualquer investigação implica por parte do investigador a observância de princípios éticos, geralmente aceites pela comunidade de investigadores (Carmo & Ferreira, 2008, p. 283). As questões éticas foram uma preocupação desde o início da investigação. De destacar, desde logo, que a realização dos questionários foi precedida de um pedido de autorização superior ao Ministério de Hotelaria e Turismo (MINHOTUR), através da Direção de Comércio e Hotelaria de Malanje, administrações dos três municípios contemplados para a pesquisa. Somente após a obtenção da respetiva autorização escrita a equipa avançou para a aplicação dos inquéritos.

Foi também garantido o anonimato as participantes da investigação. No entanto, muitos respondentes faziam questão de dizer e escrever nomes nos questionários e, por isso, o investigador teve o cuidado de garantir a preservação da confidencialidade dos dados e o anonimato dos respondentes.

A investigação levou também em consideração a proteção dos inquiridos contra quaisquer eventuais danos físicos ou psicológicos. As fotografias foram tiradas com autorizações, conforme aconselham os metodólogos. Na terceira deslocação a Malanje a máquina fotográfica foi confiscada pelas unidades militares, para comprovar o tipo de imagens que estávamos a recolher e depois de obtido o consentimento demos sequência ao trabalho.

A decisão de responder por parte dos inquiridos foi salvaguardada e negociada desde o início. Assegurou-se o consentimento da parte dos participantes para os encontros informais e encontros para a aplicação dos inquéritos. As questões culturais são sensíveis no que concerne às questões éticas. O desconhecimento ou pseudoinformações podem contribuir para choques culturais quebra de protocolos e consentimentos. Face a estas sensibilidades, foi respeitada a tradição de entrega de donativos às autoridades tradicionais (Sobas e Regedor), conforme dita a cultura local e os respetivos ritos. Aos documentos e trabalhos recolhidos foi respeitada a propriedade intelectual. Inclusive, documentos que foram entregues por engano por parte de uma instituição foram devolvidos aquando da perceção e solicitação por parte da instituição, aprimorando ainda por ser documento único.

Devido às características do universo em estudo, os inquiridores e entrevistadores tiveram formações específicas a fim de enquadrarem com o contexto da investigação, bem como explicações das questões e/ou traduções perante inquiridos que não falassem português. Foi efetuado um recrutamento face-a-face pelo investigador principal de inquiridores a partir da rede de contato do investigador principal. Os selecionados são estudantes finalistas e recém-formados oriundos de Malanje e um outro elemento que reside em Malanje, que de certa forma possuem ligações com a província. Especificamente, os inquiridores trabalharam na aplicação dos questionários dada a necessidade de esclarecimento de algumas questões, uma vez que o nível de instrução da comunidade residente é baixo (gráfico 5). Os inquiridores possuem características que permitiram o maior acesso aos residentes, por conhecerem os espaços em estudos, por saberem algumas palavras em Kimbundu e/ou simplesmente pelo facto de se apresentarem como malanjinos. A título de exemplo, identificando a família através dos nomes foi suficiente para quebrar várias barreiras na investigação e no acesso ao campo. Relativamente ao investigador principal salienta-se que, muitas vezes, foi necessário uma apresentação apenas com o primeiro nome, dado o apelido Spínola recordar o general António de Spínola⁷⁶ e com isso criar eventualmente alguma resistência.

⁷⁶ Na entrevista com um Soba, ao apresentar o investigador principal, o soba exclamou: Spínola... é da família do General Colono?

CAPÍTULO VI

ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este capítulo detalha os dados recolhidos através dos inquéritos por questionário e entrevistas e procede a uma interpretação dos principais resultados obtidos. A análise apoia-se sobretudo em gráficos obtidos através do programa SPSS, e os resultados interpelados a partir da revisão da literatura. A análise está dividida em três secções, nomeadamente, os dados do inquérito aplicado à comunidade residente, os dados do inquérito para os visitantes/turistas e a análise dos dados recolhidos por meio de entrevistas realizadas às autoridades tradicionais. As perguntas dos questionários como das entrevistas vão no sentido de obter dados que possam responder aos questionamentos da investigação e favorecer o cumprimento dos objetivos previamente traçados. Aglomerados aos dados das informações provocadas juntam-se os dados das informações disponíveis, abarcando as várias teorias existentes e os pontos de vistas de diversos autores antes apresentados.

6.1 Análise de dados obtidos através do questionário aplicado à comunidade de Malanje

Aplicou-se um total de 117 questionários à comunidade. Em relação ao espaço geográfico, estes englobaram Pungo Andongo, Cangandala, Kalandula, cidade de Malanje e Cacuso. A presente leitura dos dados teve como base a informação introduzida numa base de dados especificamente desenvolvida para o efeito com recurso ao programa estatístico (SPSS), do qual produzimos gráficos e quadros apresentados ao longo deste capítulo. Têm como fonte os questionários aplicados. As análises incidem sobre a maioria das variáveis que consideramos mais importantes perante a estrutura dorsal do trabalho.

6.1.1 Caracterização dos inquiridos de Malanje

Os primeiros gráficos fornecem informações relativamente à caracterização sociodemográfica dos inquiridos pertencentes à comunidade malanjina, conforme se apresentam:

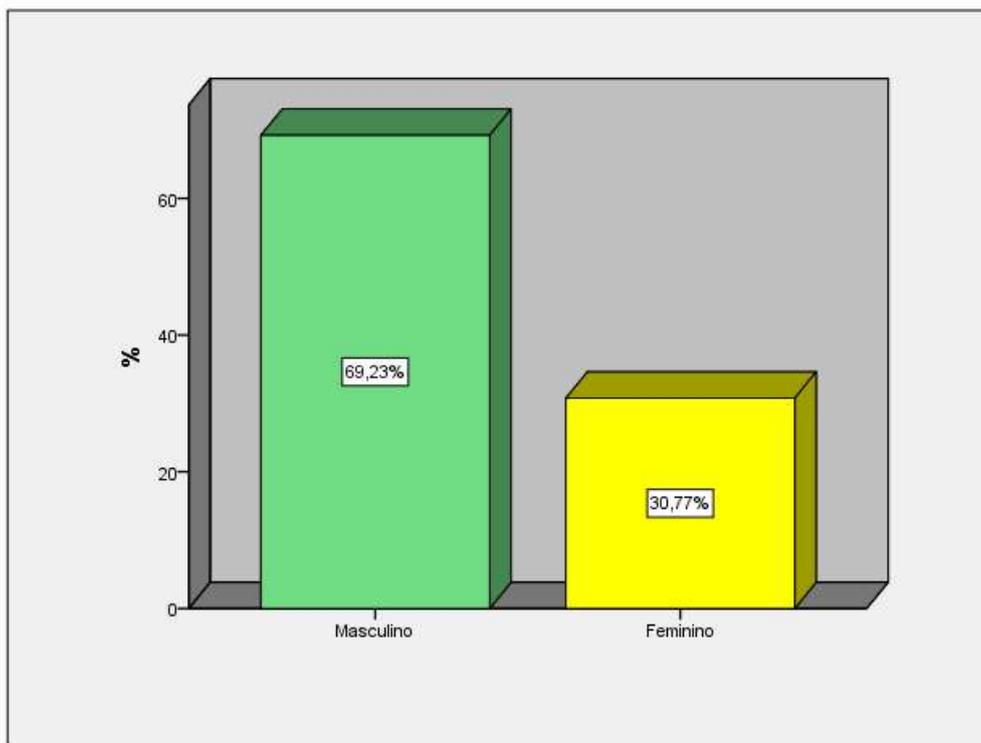


gráfico 1: distribuição dos inquiridos por sexo

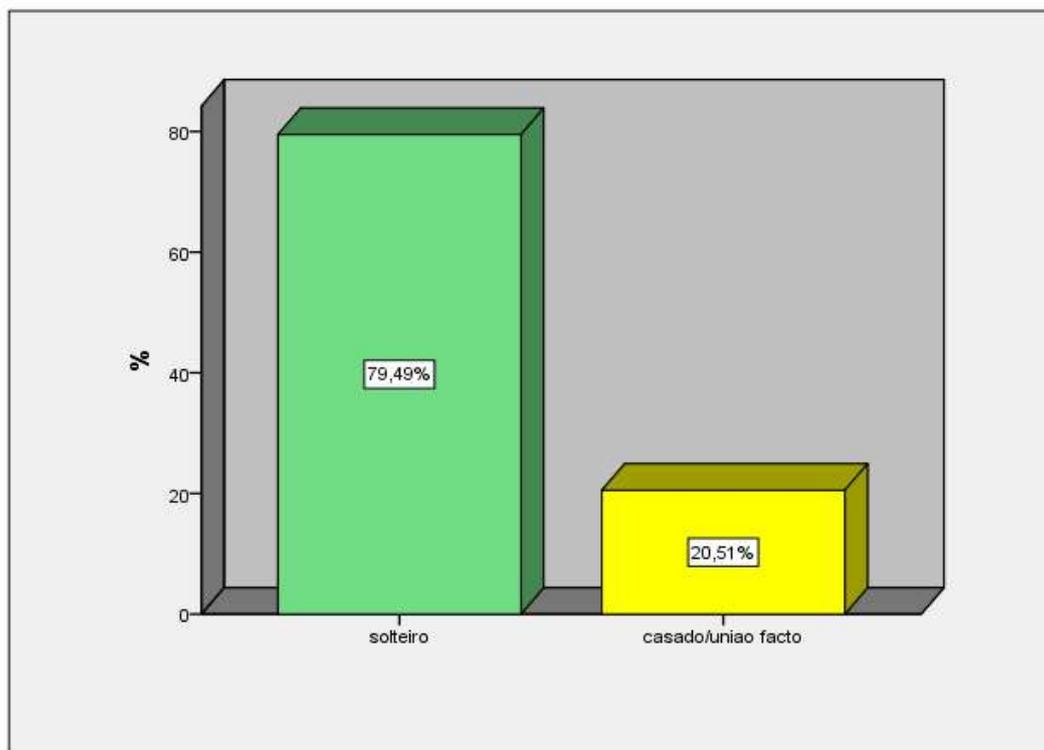


gráfico 2: distribuição dos inquiridos por situação conjugal

O primeiro gráfico permite-nos observar a divisão por sexo dos elementos da comunidade inquirida. Temos uma predominância de homens, os quais representam quase o dobro das mulheres residentes, 69,2% por 30,7% respetivamente (gráfico 1). Este facto pode explicar-se devido os homens encontrarem-se na rua com maior frequência, enquanto as mulheres dedicam-se aos trabalhos domésticos, o qual tem lugar sobretudo dentro de casa. Por outro lado, várias mulheres recusaram-se a responder ao questionário, remetendo essa tarefa para os homens da família. Tendo em consideração que todos os questionários foram aplicados com apoio de inquiridores, foi possível averiguar algumas informações para além das questões pré-estabelecidas nos questionários. Assim, um dos assuntos levantados é a recusa das mulheres em responder aos questionários. Prontamente, algumas disseram: “*esses assuntos é com o meu marido*” ou “*esses assuntos são dos homens*”, ou então, “*não é bom que meu marido me veja a falar com homens*”. Inclusivamente, no decorrer do trabalho de campo, houve situações que a aplicação dos inquéritos às mulheres só podia ser feita por uma outra mulher, sob pena de rejeição, caso aplicados por homens inquiridores no terreno.

Concernente à distribuição dos inquiridos por situação conjugal, encontramos uma predominância de solteiros atingindo 79,4%, enquanto os casados/união de facto ficam pelos 20,5% (gráfico 2). Estes resultados justificam-se pelo facto de a maior parte dos inquiridos serem da faixa etária dos 20 a 39 anos, conforme atesta o gráfico 3.

A faixa etária com maior frequência situa-se entre os 20 a 39 anos atingindo a percentagem de 71,8% correspondendo a 84 casos (gráfico 3). Dos inquiridos, os estudantes predominam com 52,14%, seguidos de trabalhadores por conta de outrem com 20,51%, como se pode observar no gráfico 4.

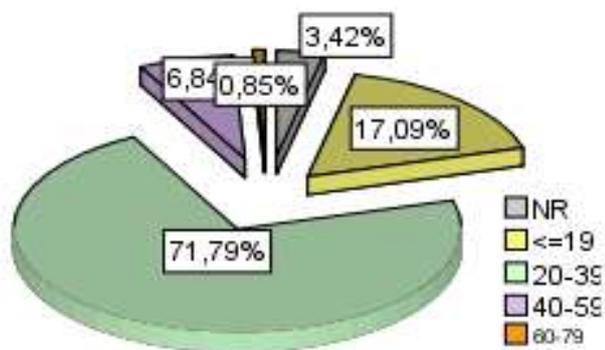


gráfico 3: distribuição dos inquiridos por faixa etária

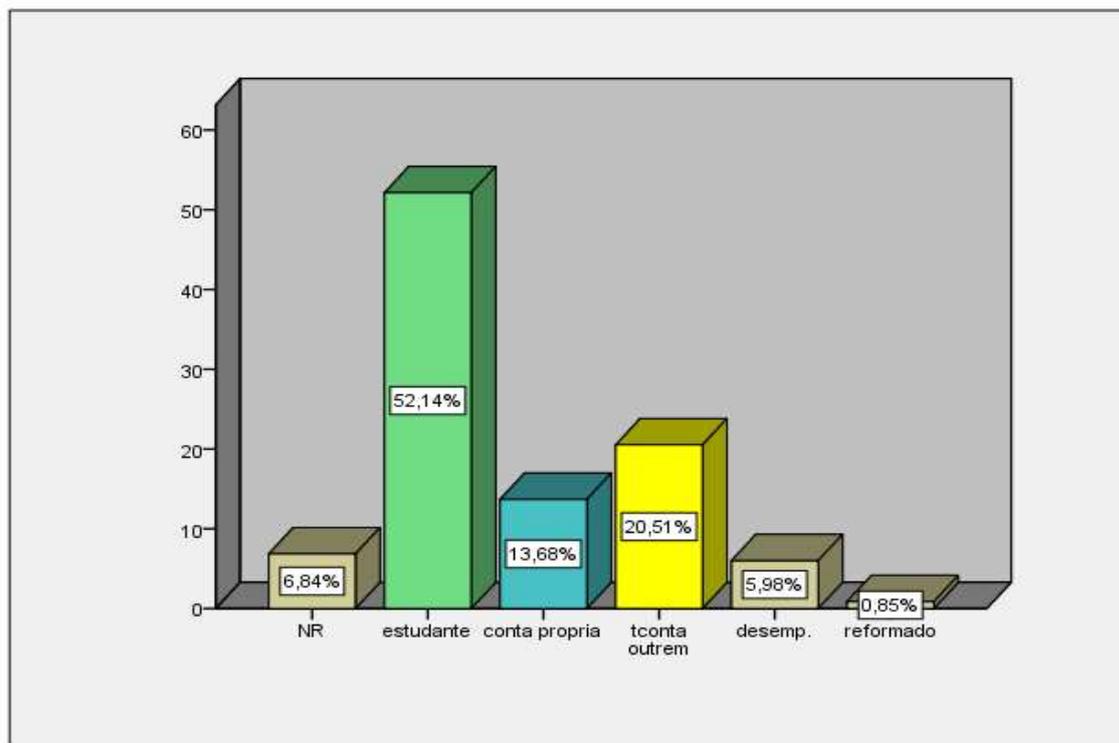


gráfico 4: distribuição dos inquiridos por condição perante o emprego

As habilitações literárias merecem destaque nesta análise. Esta questão obrigou-nos a aplicar questionários com assistência para a maioria dos inquiridos. Verificou-se uma necessidade de esclarecimentos de várias questões e conceitos. Esta situação foi acautelada já no pré-teste, daí justificar-se a formação dos colaboradores antes da aplicação dos questionários. Encontramos uma situação em que 44,4% dos indivíduos tem o ensino secundário e 29,9% o ensino básico e primário acumulativo. Durante o inquérito verificaram-se muitas situações de incompreensões. Esta situação obrigou a que cada questionário levasse em média 11,3 minutos a ser respondido. O gráfico 5 esclarece-nos sobre isso. Embora a taxa dos inquiridos sem estudos seja muito baixa, verificou-se muita dificuldade na compreensão das perguntas e muitos afirmam terem deixado os estudos há muito tempo.

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

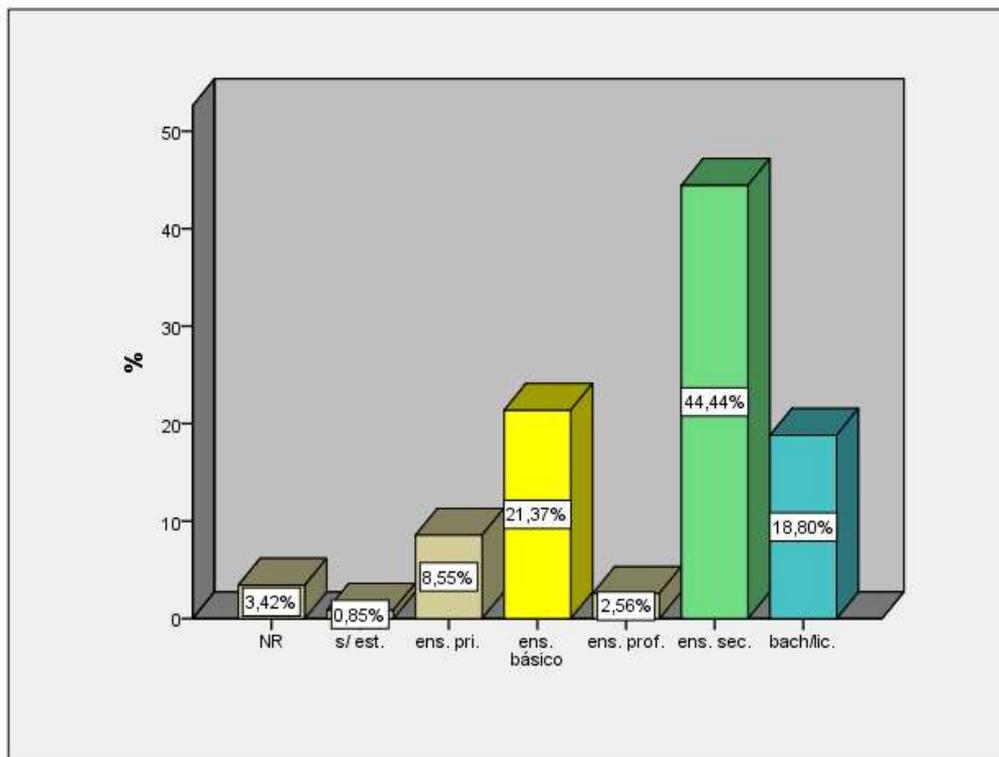


gráfico 5: distribuição dos inquiridos por habilitações literárias

6.1.2 Interação residentes - turistas

Na variável relativa ao tempo de vivência em Malanje, 41% dos inquiridos afirma que vive há 10 ou menos anos. Contudo, entre a faixa 10 a 29 anos de vivência encontramos 39,74% acumulado (gráfico 6). Essa margem assegura-nos de alguns aspetos a obter, que exigem algum tempo de permanência no território. Mas também, é conveniente levar em consideração que a província foi um dos palcos violentos da guerra que só terminou em 2002. Verificaram-se fugas de populações para outras províncias e principalmente para a capital Luanda. A maioria dos inquiridos residem nos espaços em análise, contudo trabalham nos centros. O inverso também acontece, principalmente com trabalhadores administrativos e ligados à agropecuária.

A interação da comunidade com os turistas/visitantes, por um lado é nítida, atingindo 65% de respostas positivas (gráfico 7). Por outro lado, quando questionados sobre o tipo de interação mantida, encontramos um número considerável de inquiridos que não responderam à questão. São 39 casos correspondendo a 33,3%. Depois predomina a interação do tipo prestação de informações com 29,9%. A priori ajuizava-se que as transações comerciais atingissem maiores franjas, porém, esse tipo de interação ficou pelos 9,4% (gráfico 8). O importante neste âmbito é a interação que acontece entre a comunidade e os visitantes, independentemente da tipologia de interação, pois, sendo o turismo um fenómeno social implica que haja interações através de comportamentos dos agentes da interação, quer através de compras, quer através de solicitações de informações. Este aspeto é importante no quadro de uma sociologia do turismo, atenta que está às múltiplas formas de interação entre turistas e residentes. A sociologia é uma ciência que pretende “compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e seus efeitos” (Weber 1991, p.3), citado por (Marujo, 2005, p. 28) . Ainda para sustentar a ideia weberiana “[s]e a ação social tem como referência o comportamento dos outros, então, a interação turista-anfitrião é um fenómeno social” (Marujo, 2005, p. 28). Utilizando o exemplo que se enquadra no caso em estudo, a autora assegura que a simples compra de um objeto de artesanato para recordação por parte do turista envolve a opinião do vendedor (Marujo, 2005).

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

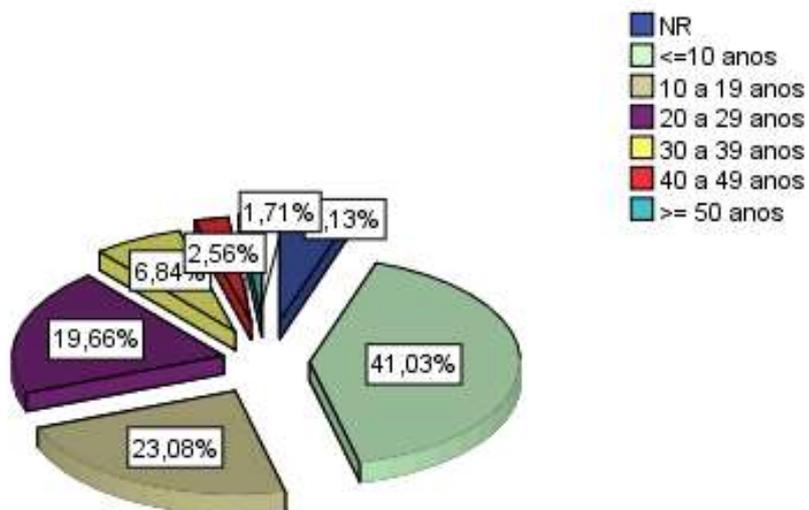


gráfico 6: distribuição dos inquiridos por tempo de vivência em Malanje

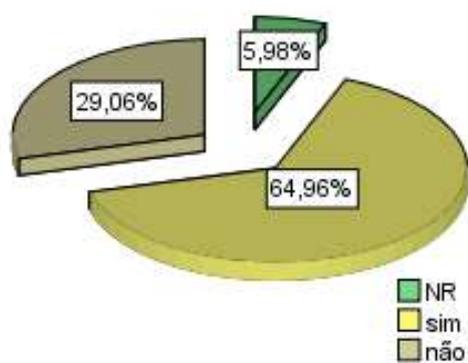


gráfico 7: distribuição dos inquiridos por interação com visitantes

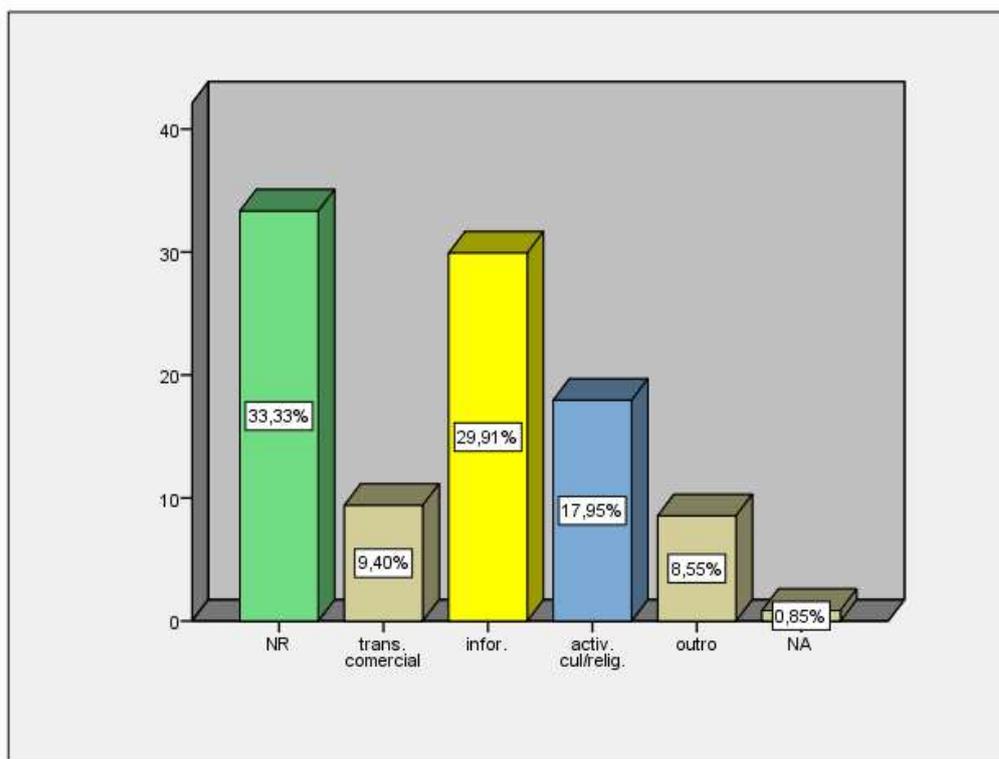


gráfico 8: distribuição dos inquiridos por tipologia de interação com visitantes

Dos vários aspetos que os inquiridos afirmaram abordar durante a interação, aproximadamente 24% afirmaram que durante a interação que estabelecem com os turistas/visitantes referem principalmente aspetos culturais. Temas relacionados com a vida quotidiana ficam pelos 23% e os aspetos históricos atingem 33,33%. Com maior percentagem aparecem as informações acerca dos atrativos e lugares turísticos (quadro 1). Cingem-se a obtenção de informações de localizações geográficas dos atrativos. Por outro lado, conforme os informantes, muitas vezes a interação dá-se no sentido da procura da casa dos Sobas (autoridades tradicionais). Por um lado, os relatos de histórias e, por outro, para a apresentação de ritos culturais aquando das visitas às aldeias⁷⁷.

⁷⁷ As NR (não responde) corresponde às percentagens dos inquiridos que não escolheram as respetivas variáveis como aspetos abordados durante a interação comunidade versus turistas. Estes dados, de certa forma denunciam a inexistência de um tema ou assunto específico que se aborda durante a interação, mas sim, uma a diversidade dos assuntos

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

	Sim	NR
Cultura	23,93%	76,07%
Vida quotidiana	23,08%	76,92%
Atrativos e lugares turísticos	35,04%	64,96%
Aspetos históricos	33,33%	66,67%

Quadro 1: distribuição dos inquiridos por aspetos abordados na interação

Fonte: Questionários/Malanje (2017/18)

Quanto à envolvimento das pessoas no sector turístico “pouco envolvido” e “nada envolvido” atingem os 66,7%. A situação parece ilustrar um turismo pouco participativo. “A comunidade local vê o turismo a passar ao lado”, afirma um dos informantes⁷⁸. As fronteiras que se estabelecem entre os turistas/visitantes e a comunidade local ferem a possibilidade de desenvolver muitos campos de aproximação humana. O gráfico 9, abaixo, ilustra esta negatividade. A política nacional de turismo de Angola⁷⁹ afirma assegurar o envolvimento das comunidades locais e garantir o desenvolvimento sustentável do sector e delas próprias, contudo, ficou claro que a comunidade não sente esse envolvimento o suficiente.

⁷⁸ Nota de campo em 24 de novembro de 2017

⁷⁹ Instrumento legislativo do turismo de Angola

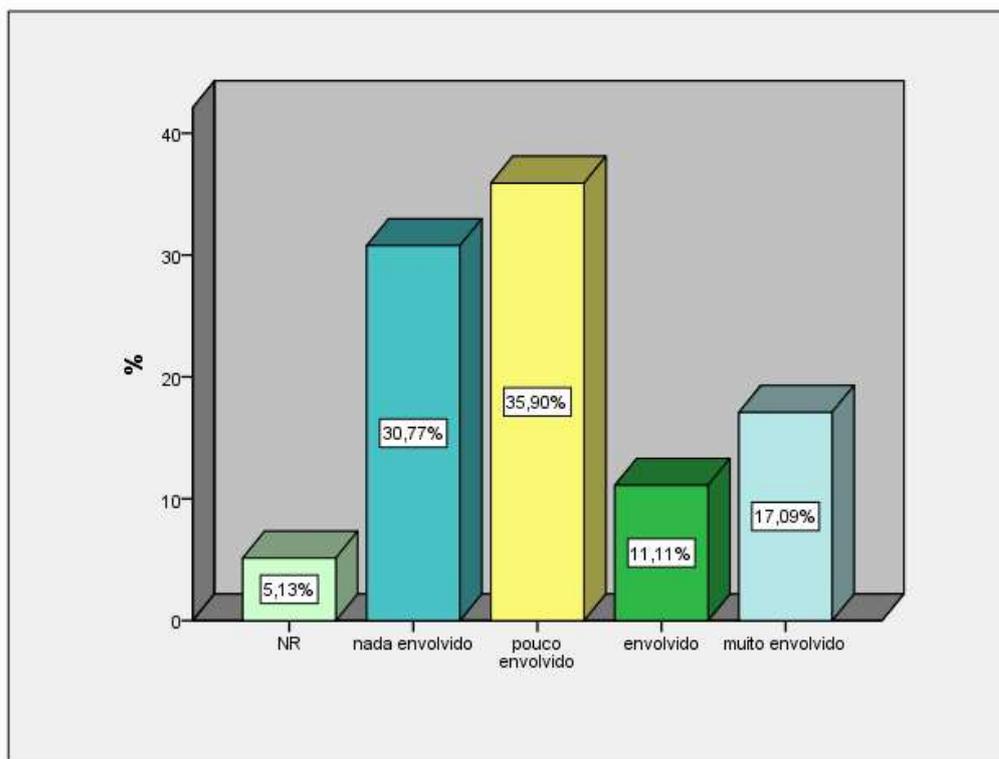


gráfico 9: distribuição dos inquiridos por envolvimento da comunidade no turismo

6.1.3 Lugares e identidade

Os aspetos que os malanjinhas consideram importantes para a construção dos lugares turísticos com maior ênfase são a paisagem e natureza, com 58,12% de escolha; de seguida dão destaque à história com 44,44% e à cultura com 35,9%. O quadro 2 é ilustrativo. Relacionando esta com a pergunta seguinte, faz sentido a escolha, visto o peso que as Quedas de Calandula obtiveram no total (gráfico 10). Trata-se efetivamente de um espaço com potencial da paisagem e natureza enorme, para além de outras funções que o lugar fornece, ligados à agricultura e criação de gado. O destaque para paisagem e natureza não acontece de uma forma isolada ou exclusivamente remetida aos aspetos físicos. Toda a envolvente também resulta num âmbito social indissociável da natureza. “Numa alusão lefebvriana, natureza e sociedade fazem parte de um processo que ganha a forma de um todo produtivo, de uma unidade permanente (Santos J. M., 2017, p. 203). Por sua vez, a gastronomia e as personalidades acabam por obter uma escolha reduzida

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

somando 26,5%. Assegura-se que as personalidades acabam por estar incluídas nos aspetos históricos para a construção dos lugares turísticos. Santos (2006) já destacara a importância que a natureza e as paisagens malanjinhas possuem para a comunidade.

	Sim	NR
Paisagem e natureza	58,12%	41,88%
Cultura	35,9%	64,1%
História	44,44%	56,56%
Gastronomia	8,55%	91,45%
Personalidades	17,95%	82,05%

Quadro 2: distribuição dos inquiridos por aspetos que consideram na CLT de Malanje

Fonte: Questionários/Malanje (2017/18)

No que concerne à escolha de lugares que mais identificam Malanje e o seu povo destacam-se as Quedas de Calandula, com 88,9%. Num segundo patamar aparece a escolha do Pungo Andongo com o peso de 76,9%. Em terceira posição está o parque de Cangandala, (Santuário da Palanca Negra Gigante), com 42,7% da escolha em primeira opção (gráfico 10). A percentagem dos que não escolheram Parque de Cangandala é considerável, atingindo 57,2%. Esta situação parece estar relacionada com as interdições de visitas e o facto de a época das chuvas impedir o avistamento dos animais que geram maior atração, confidenciou um dos inquiridos⁸⁰ (gráficos 10, 11 e 12).

Os lugares escolhidos como espaços de identidade de Malanje e dos malanjinhas constituem também destaques em várias revistas e guias turísticos de Angola. Especificamente, o guia turístico de Angola, edição 2014/2015 apresenta imagens de Palanca Negra gigante, do centro da cidade, das pedras negras de Pungo Andongo e das Quedas de Calandula (pp. 167-173). Ainda os rápidos do Kwanza tiveram 15,4% de

⁸⁰ Nota de campo em 23 de novembro de 2017

escolha. Os restantes atrativos constantes no inquérito não obtiveram senão percentagens residuais.

Quando se levantam questões relacionadas com a identidade torna-se mais complexa a escolha de um lugar em detrimento do outro. As respostas parecem conter em si a referência não apenas a um espaço físico, mas também a toda uma teia de relações sociais nele estabelecidos e também um sentido de pertença. Como refere Mela, “A construção da identidade, porém, não se situa no vazio, mas num contexto social e espacial preciso do que faz parte a cidade, com símbolos que lhe estão ligados (Mela, 1999, p. 145). O autor reforça a ideia, esclarecendo com o exemplo de que ser oriundo de uma cidade ou viver nela, ou em algum dos seus bairros, significa relacionar-se com um conjunto de símbolos que representam termos iniludíveis para a construção da identidade pessoal. Vale ainda a ideia de que o indivíduo deve contar com os tais termos, assim que se torna consciente do facto de que os outros usarão esses termos para o identificar (Mela, 1999). Este ponto de vista pode ser alicerçado ainda com a ideia de Finuras:

Quando se fala da identidade não nos devemos referir a uma espécie de essência com a qual os indivíduos nascem, nem a um conjunto de disposições internas que permanecem fundamentalmente iguais durante toda a vida, independentemente do meio social onde os seres humanos se encontrem, mas sim um processo de construção no qual os indivíduos se vão definindo a si próprios em estreita interação simbólica com outros indivíduos e com o ambiente, numa palavra, com o contexto espaço-temporal onde estão inseridos (Finuras, 2012, p. 199).

Através do sentido que os autores dão à identidade e observando os espaços escolhidos pelos malanjinjos, verifica-se uma escolha com uma visão genérica. Envolve as paisagens e natureza, isto é, a componente física, histórica, o quotidiano, as vivências, e a cultura, de modo que a identidade não pode ser vista em unidades ou fragmentos da comunidade.

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

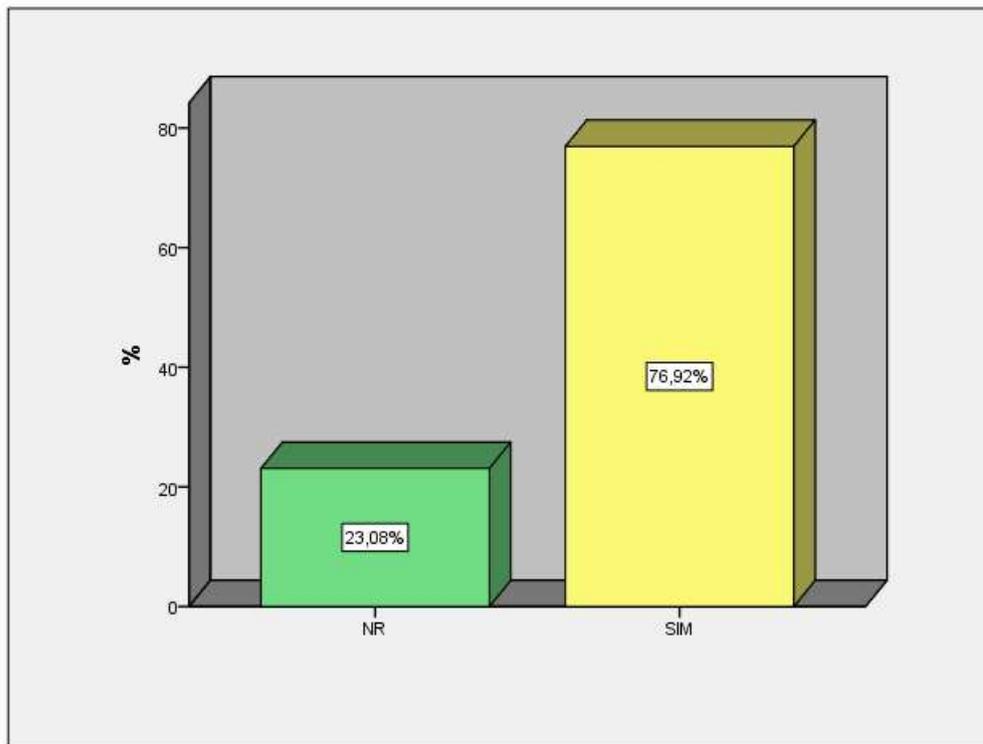


gráfico 10: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Pedras de Pungo Andongo

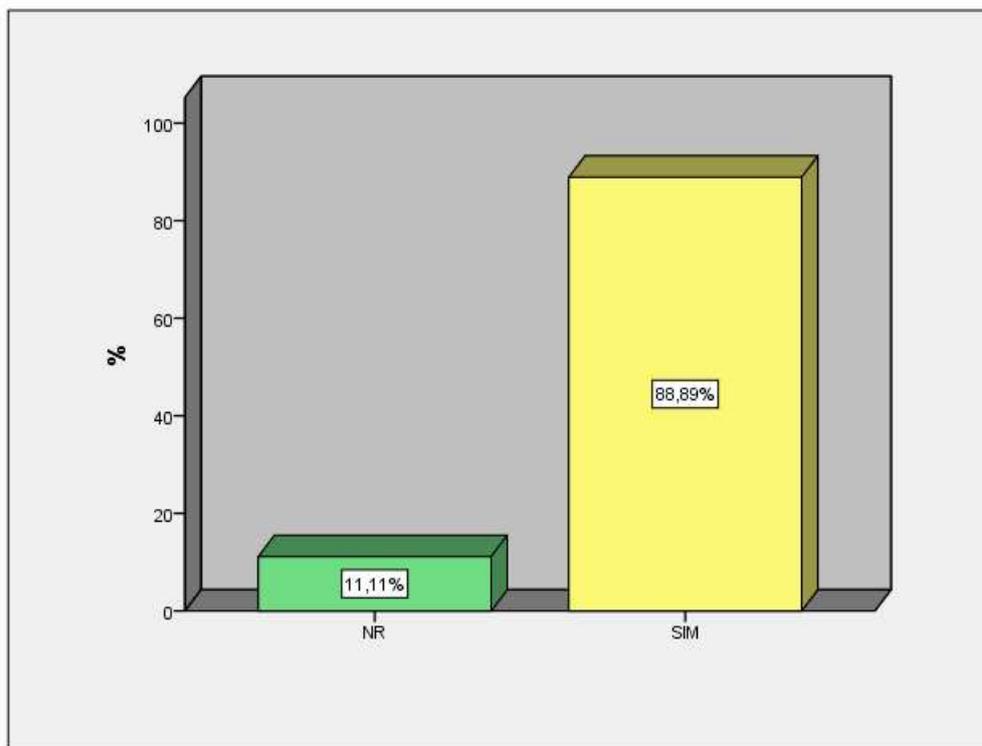


gráfico 11: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Quedas de Calandula Malanje

Com alguma especificidade pode-se frisar que o governo local, apostando primeiramente num turismo doméstico criou quatro polos turísticos, onde sobressai Calandula. Destacam-se o Polo turístico do Futungo de Belas com uma dimensão de 517 hectares, no município de Belas, província de Luanda; Polo turístico de Kalandula com dimensão de 2000 hectares, no município de Kalandula, província de Malanje; o polo turístico de Cabo Ledo, município de kissama, Luanda com dimensão de 2000 hectares e o polo turístico da Bacia do Okavango com dimensão de 12.000 hectares, no município de Dirico, província de Cuando Cubango (Minhotur, 2013).

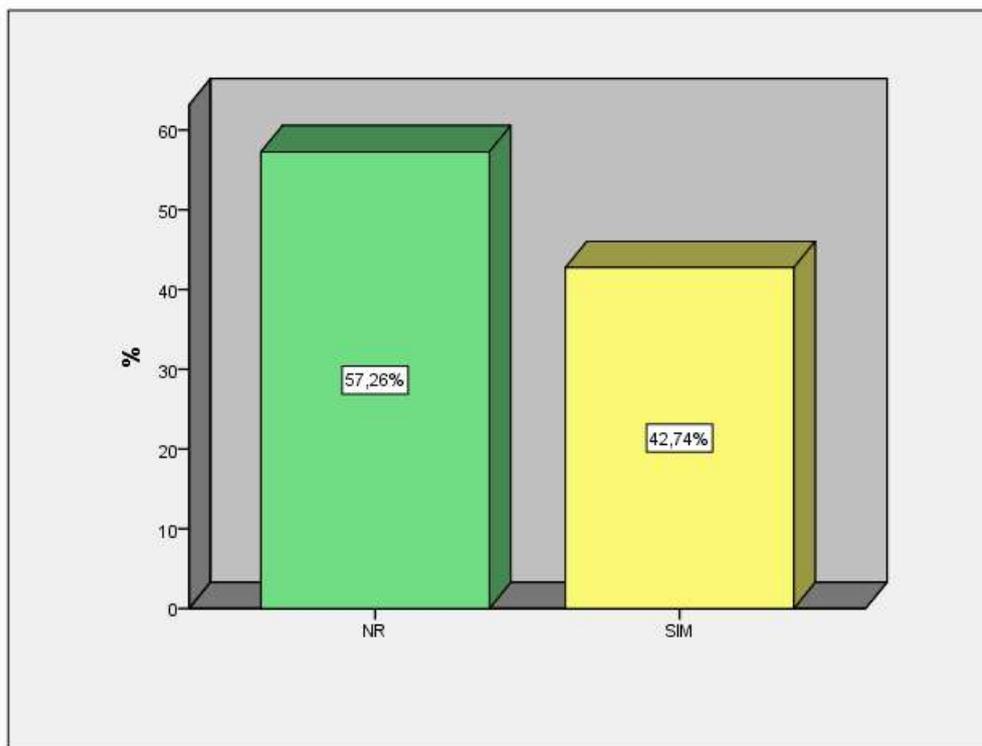


gráfico 12: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Parque de Cangandala

A questão seguinte deixa perceber que a escolha da paisagem como sector de promoção de Malanje como destino turístico apresenta 33,3% na opinião dos inquiridos, enquanto os restantes sectores não chegam a 20%. Observa-se uma diversidade de opiniões, o que por um lado apresenta diversidades e, por outro, assinala as singularidades dos espaços. Os inquiridos tendem a responder consoante a envolvente da sua área de atuação, embora, todos reconhecem os potenciais naturais que a província possui (gráfico 13).

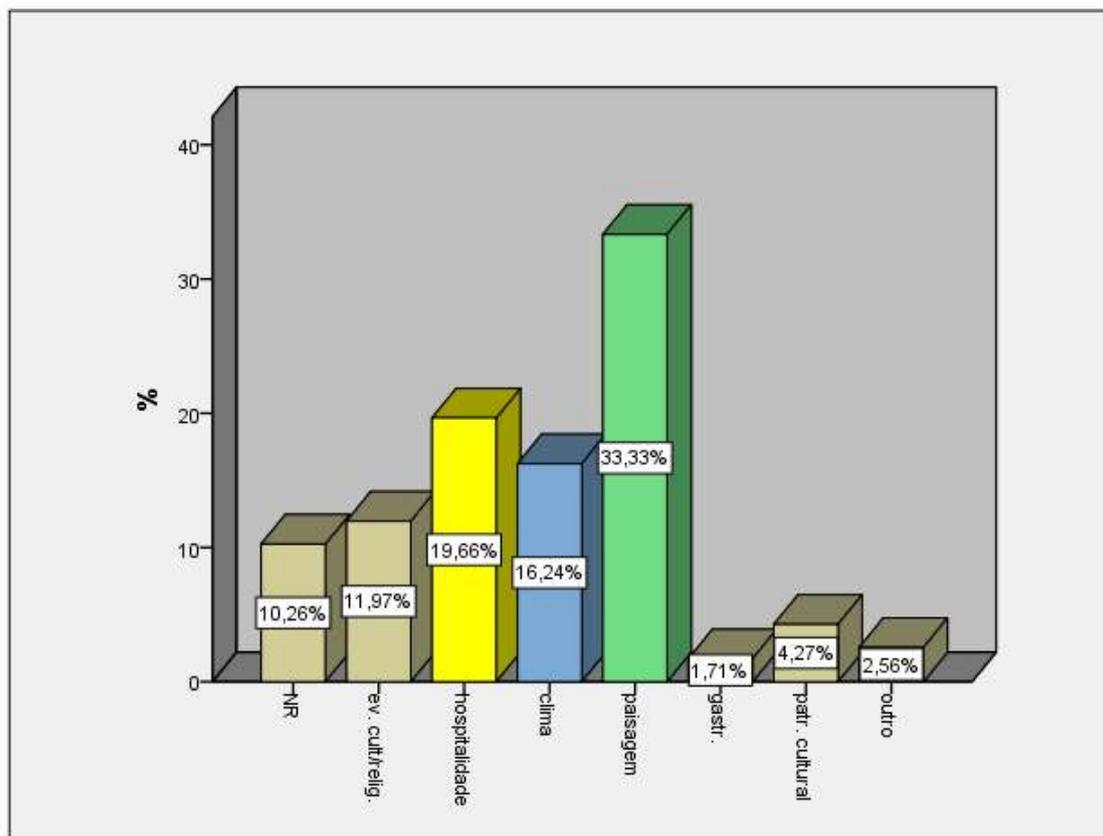


gráfico 13: distribuição dos inquiridos por atração que promove Malanje como DT

Para além das várias funções que os espaços assumem no quotidiano, a comunidade malanjina vê os lugares turísticos como um lugar familiar e afetivo (45,3%) e lugar de evasão e diversão (31,6%). Assim, as ligações a esses espaços são vistas como algo que ultrapassa a materialidade e o físico. A deslocação da comunidade a estes lugares é insignificante no que concerne a venda/comércio, atingindo somente 6,8% (gráfico 14).

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

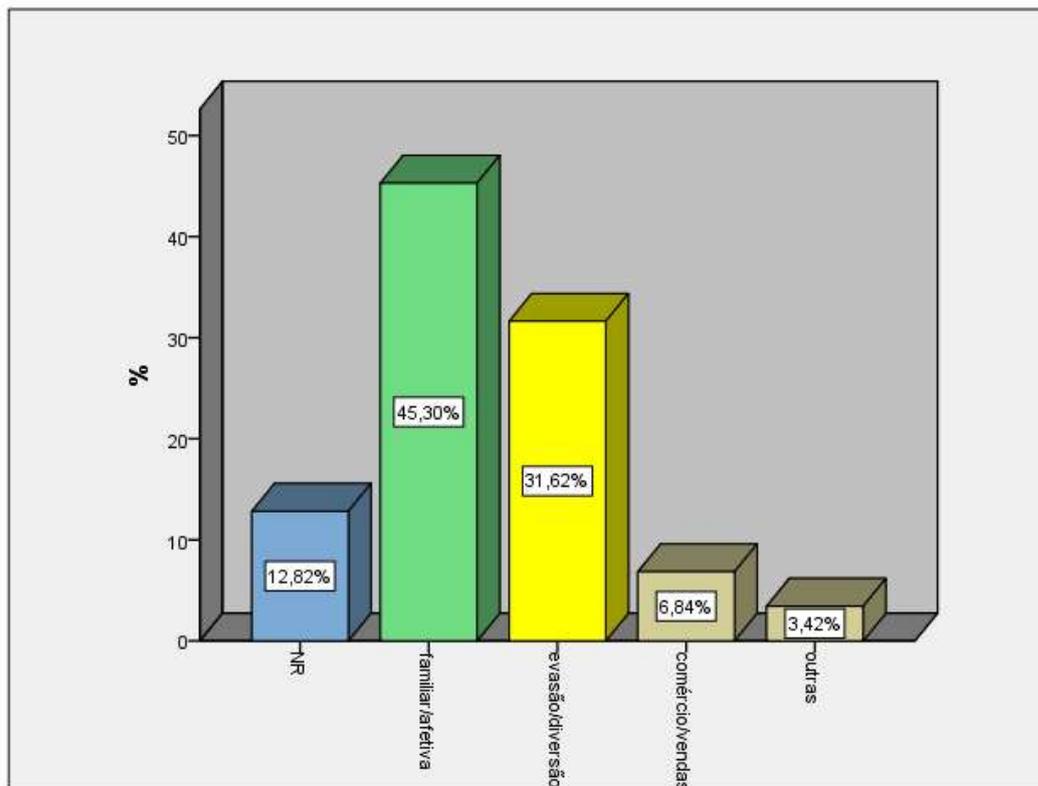


gráfico 14: distribuição dos inquiridos por tipologia de ligação da comunidade aos LT

6.1.4 Memória dos lugares, histórias de Malanje e figuras lendárias

	Sim	NR
Época da colonização	18,8%	81,20%
Época da independência	36,52%	63,48%
Época da paz	51,30%	48,7%

Quadro 3: distribuição dos inquiridos por fases importantes na CRSLT de Malanje

Fonte: Questionários/Malanje (2017/18)

O país viveu várias e diferentes fases. Um pouco mais de metade da comunidade anfitriã vê a fase da paz ou pós – conflitos internos (a partir de 2002), como um momento estruturante para a construção dos lugares turísticos (51,3%), em consonância, aliás, com uma percepção mais alargada por parte da sociedade angolana. Como referem Esperança & Nhulivali (2019), “(...) com o alcance da paz e estabilidade, o país já deu alguns sinais do desenvolvimento do turismo (...)” (Esperança & Nhulivali, 2019, p. 74). A fase pós-independência é reconhecida como momento estruturante por 36,5% dos inquiridos e a fase da colonização é a que recebe menor peso, com apenas 18,8% dos inquiridos a assinalarem esta opção (quadro 3). A leitura deste quadro é interessante na medida em que reforça a ideia segundo a qual o tempo da colonização é visto como momento de destruição cultural e da identidade angolana de uma forma genérica. Para além dos acessos vedados aos lugares, hoje ditos turísticos, havia muito controle por parte dos colonos. Basta verificar que muitos lugares de lazer e diversão na altura eram frequentados exclusivamente pelos *brancos*. A obra de Lito Martin (2013) ilustra várias fotografias, onde, justamente, se esconde a *cidade africana* (Santos E. S., 2006).

A memória e identidade constituem conceitos-chave neste trabalho. Quando instados a responder sobre a importância da *memória coletiva* para a construção dos lugares turísticos, a comunidade inquirida aponta com uma percentagem de 45 para muito importante e 26,5 para importante. Os dois valores somados atestam o peso que a comunidade atribui à cultura, história e memória na legitimação de práticas culturais,

ensinamentos e vida quotidiana que se foi solidificando ao longo das gerações. Muitos afirmam que “foi assim que o meu pai me ensinou”, “ou o meu avô” ou até o “N’gola Kiluangi fazia assim⁸¹” (gráfico 15). Na justificativa da escolha sobressai o papel desempenhado pelo passado, ou seja, a história 40,17 % e 33,3% remete para a imagem da comunidade de uma forma geral (gráfico 16). A memória, a história e a identidade parecem assim inextricavelmente entrelaçadas. A escolha dos malanjininos não ocorre dentro de um vazio, traduz um conservar da história do seu povo alicerçado nos antepassados, partilhando a ideia que “um povo que não guarda as suas histórias, as suas memórias, o seu património, não sabe quem realmente é (Santos J. M., 2017, p. 15).” Como o autor refere, “tais rememorações estão inscritas no seu património cultural que deve ser preservado, restaurado, contado, cantado, de tal maneira que possa despertar nos indivíduos uma ideia de valor efetivo para a construção da sua história”. (Santos J. M., 2017)

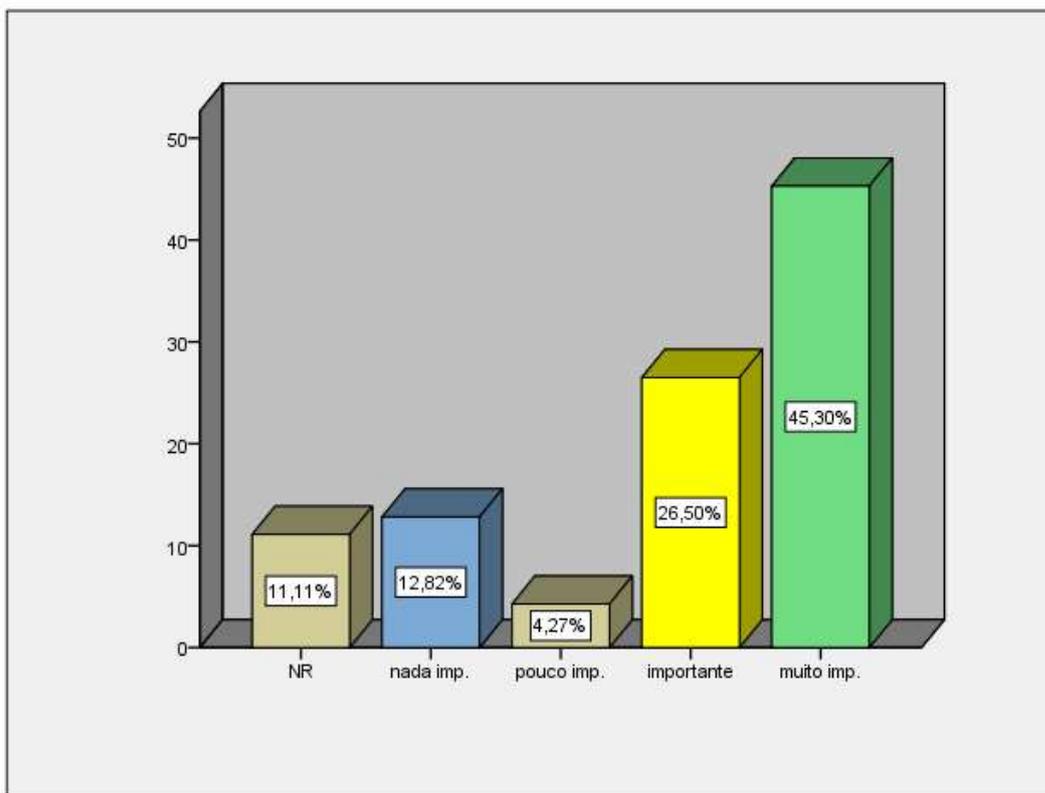


gráfico 15: distribuição dos inquiridos por importância da Memória coletiva na CLT

⁸¹ Nota de campo de novembro 2017

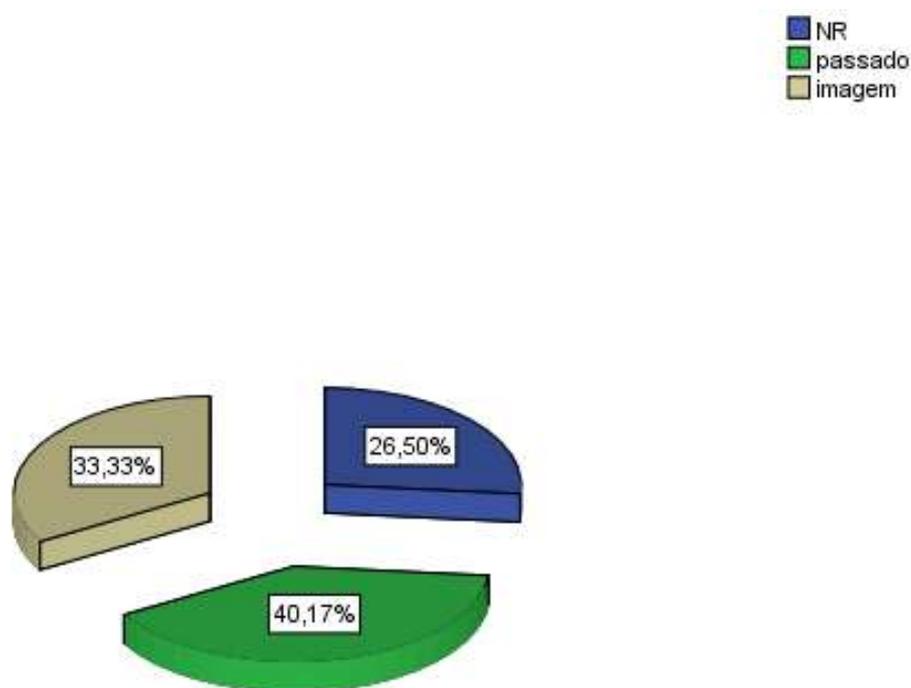


gráfico 16: distribuição dos inquiridos por justificativa da importância da Memória coletiva na CLT

No que diz respeito às figuras históricas e lendárias, o destaque dos inquiridos é notável, não só pelas respostas aos questionários, mas sobretudo pelos relatos de história para que remetem. 78% dos inquiridos reconhece-lhe um papel importante ou muito importante (gráfico 17). Acresce que nas conversas complementares aos inquiridos, o nome e as ações das figuras históricas e lendárias foram frequentemente trazidas à tona. Em muitos casos percebe-se uma clara afirmação de uma qualquer ligação familiar, nem que seja pelo facto de pertencerem ao mesmo território que os antepassados referidos. Os nomes tradicionais africanos traduzem essa ligação com os antepassados e como que atestam a sua origem. Nem sempre os inquiridos se referem especificamente a uma personalidade ou figura lendária. Por vezes remetem para determinadas famílias, parentes ou ainda para os naturais ou residentes de uma determinada localidade. Em todo o caso, e conforme o destaque, “há um processo dialético entre a identificação a uma colectividade de parentes mortos e vivos, à terra, à linhagem, e a identidade individual

pela descendência. Ao dizer-se filho de um tal, o indivíduo Kongo estabelece a sua diferença em relação aos outros membros da coletividade (Gonçalves, 2005, p. 143). Esta evidência denota o entendimento transversal em torno da cultura. A este propósito, Bumba de Castro utiliza a Constituição da República Angolana de 2010 para argumentar que “o seu preâmbulo⁸² invoca a memória dos antepassados e apela a sabedoria das lições de história comum dos angolanos, das suas raízes seculares e das culturas que enriquecem a unidade do país” (Castro, 2019, p. 77). Para além das figuras de destaque da história de Angola, as personalidades mais comuns e os próprios antepassados são também tidos como referências para a edificação das sociedades atuais, ao ponto de isso ser reconhecido na própria constituição da república.

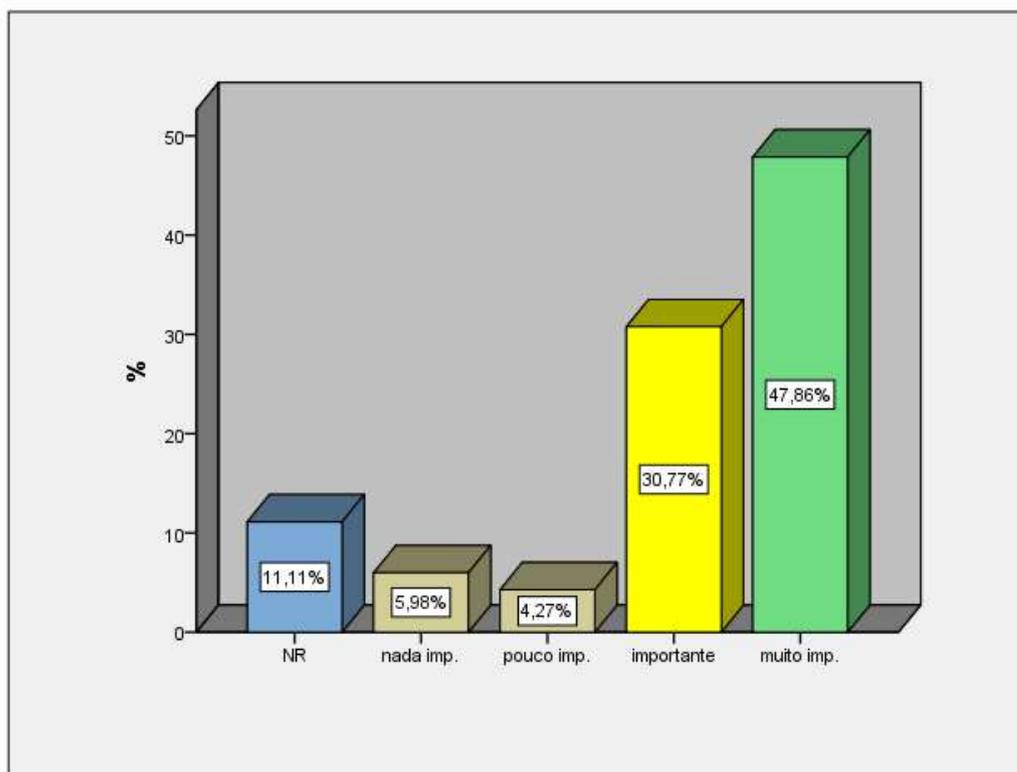


gráfico 17: distribuição dos inquiridos por importância das Figuras históricas e lendárias

⁸² Da Constituição da República de Angola de 2010.

6.1.5 A importância da construção dos lugares turísticos na perspetiva da comunidade segundo os papéis de: turistas/visitantes, comunidade, agentes turísticos e media

	Nada imp.	Pouco imp.	Importante	Muito imp.	Não resp.	Total
Turistas/visit	2,56%	6,84%	31,62%	34,19%	24,79%	100%
Comunidade	0,85%	11,97%	29,06%	35,04%	23,08%	100%
Agentes Turístico	3,42%	10,26%	28,21%	32,48%	25,64%	100%
Media	2,56%	6,84%	26,50%	41,88%	22,22%	100%

Quadro 4: distribuição dos inquiridos por grau de importância dos papéis de várias áreas na CLT

Fonte: questionários/Malanje 2017/18

Na opinião dos inquiridos, são sobretudo os turistas/visitantes, mas também a comunidade, os que mais contribuem para a construção de determinados lugares como turísticos, com valores que ultrapassam os 60% quando considerados os pontos da escala importante e muito importante (quadro 4). Conclui-se assim que a comunidade está ciente do papel e importância destas duas categorias de atores para a construção dos lugares turísticos. Vejamos algumas das justificações avançadas pelos inquiridos a respeito: “é necessário que haja visitas para despertar outras pessoas a visitar incluindo o interior das províncias”; “nós devemos ajudar a manter os nossos espaços agradáveis para atrações dos turistas e passar a ser um destino turístico⁸³”. O fluxo das visitas aos lugares por parte dos turistas e conseqüentemente a publicitação através das imagens dos espaços nas redes sociais, nos canais do *youtube*, nas páginas personalizadas constituem também chamariz para os lugares em destaque. O *marketing* que os turistas fazem “boca-a-boca” também influencia o fluxo nos lugares. Outro setor que a comunidade elege como central para a construção e solidificação dos lugares turísticos são os agentes do turismo (28,2% importante e 32,4% muito importante, quadro 4). A influência dos media é notável, como bem explicitam as respostas dos inquiridos: 47 casos correspondendo a 26,5% para

⁸³ Informações complementares aquando da aplicação dos inquéritos em novembro 2017

importante e muito importante com 31 casos correspondendo a 41,8%. Ora, com um peso total de 67,3% (quadro 4), é necessário perceber a importância real que os media têm na construção dos lugares turísticos. Algumas informações obtidas aquando da recolha dos dados complementam as respostas obtidas, concretamente fazendo comparações com reportagens que aparecem na TV sobre lugares com potencial turístico considerado igual ou menor que o de Malanje, mas ainda assim com projeção a nível internacional. “*Vemos a baía de Luanda, o Miradouro da lua, o Caboledo e a ilha do Mussulo estão sempre a aparecer na televisão e com muitos estrangeiros a visitar*”, complementa um inquirido.

Baseado nas informações da Organização Mundial de Turismo (OMT) (2005), os media com o avanço das tecnologias de informações e comunicações alterariam sobremaneira todo o processo do turismo, desde a procura do local de destino até a efetivação da viagem. “A televisão e a rádio por satélite, os telemóveis e a internet revelar-se-ão como meios de comunicação cuja penetração se intensificará de forma espetacular e sustentada nos mercados do mundo inteiro” (Silva, 2013, p. 203). Se os media têm um papel fundamental na divulgação e promoção dos lugares turísticos, podemos também encontrar o lado menos positivo, relacionado com um eventual desfasamento entre a imagem do lugar que é transmitida e o que realmente é o lugar. Como adverte Wearing, “[o] espaço de viagem contemporâneo é um espaço que é criado muito mais pelas imagens, representações e formas globais de comunicação tecnológica do que pela dimensão física” (Wearing, 2010, p. 126). Com isto não queremos pôr de lado a real importância que os media e a comunicação de um modo geral assume na divulgação dos lugares. Na verdade, “[n]esta sociedade de consumo ou de informação, em que o turismo assume uma importância incontestável, a comunicação tem um papel fundamental na divulgação dos destinos turísticos. É através dela que muitos lugares dão a conhecer as suas atrações turísticas, as suas singularidades ou a sua identidade cultural (Marujo N. , 2012, p. 54). Assim, a importância que a comunidade reconhece aos media na construção dos lugares turísticos parece fazer sentido, sobretudo por comparação com a experiência de outros destinos que são normalmente projetados através da comunicação e não raro com o apoio, directo ou indirecto, dos agentes turísticos.

6.1.6 Satisfação com diversos sectores

	Muito insat.	Insatisfeito	Nem Sat/nem Insat.	Satisfeito	Muito Satisf.	NR	Total
Gastronomia	3,4%	8,5%	7,7%	52,1%	14,5%	13,7%	100%
Natureza paisagem	2,6%	2,6%	8,5%	49,6%	25,6%	11,1%	100%
Lazer/ Recreação	3,4%	18,8%	13,7%	38,5%	12%	13,7%	100%
Hospitalidade	1,7%	13,7%	15,4%	39,3%	39,3%	13,7%	100%
Artesanato	0%	12%	23,1%	33,3%	9,4%	22,2%	100%
Interação comunidade	2,6%	10,3%	17,1%	41%	10,3%	18,8%	100%
Ativ. Cult. e religiosos	1,7%	5,1%	9,4%	55,6%	12,8%	15,4%	100%

Quadro 5: distribuição dos inquiridos por grau de satisfação com diversos setores

Fonte: questionários/Malanje 2017/18

Quando questionados sobre a satisfação de vários aspetos da província, os inquiridos deram maior peso à satisfação com a gastronomia (52,1%) e natureza/paisagem (49,5%) (quadro 5). Estas variáveis destacam-se a par de outras que assumem também alguma relevância, nomeadamente a satisfação com as atividades culturais e religiosas (55,6% satisfeito e muito satisfeito 12,8%). Nos lugares turísticos em apreço, a prática das atividades religiosas é também frequente, incluindo por exemplo encontros de legionários, grupos de jovens, escuteiros, coros das igrejas. Igualmente, atividades de grupos de ideologias políticas foram também observadas aquando das várias deslocções ao terreno. A natureza/paisagem apresenta também uma percentagem elevada, destacando-se o seu valor na escolha por parte da comunidade. Destacar também a

satisfação com a hospitalidade com valores positivos a aproximar dos 80%, a interação com aproximadamente 50%, bem como lazer e recreação, embora esta dimensão com valores bastante inferiores, a rondar os 22%. Quanto ao artesanato, encontramos valores de satisfação abaixo dos 50%, o que parece ilustrar uma fraca aposta em artesanato de qualidade. Como investigador-observador foi possível observar algumas exposições em espaços pouco adequados, em conjunto com outros produtos, nomeadamente vestuários e alimentos e alguns quadros a serem vendidos nas proximidades de alguns supermercados.

6.1.7 Interferência do turismo na vida da comunidade

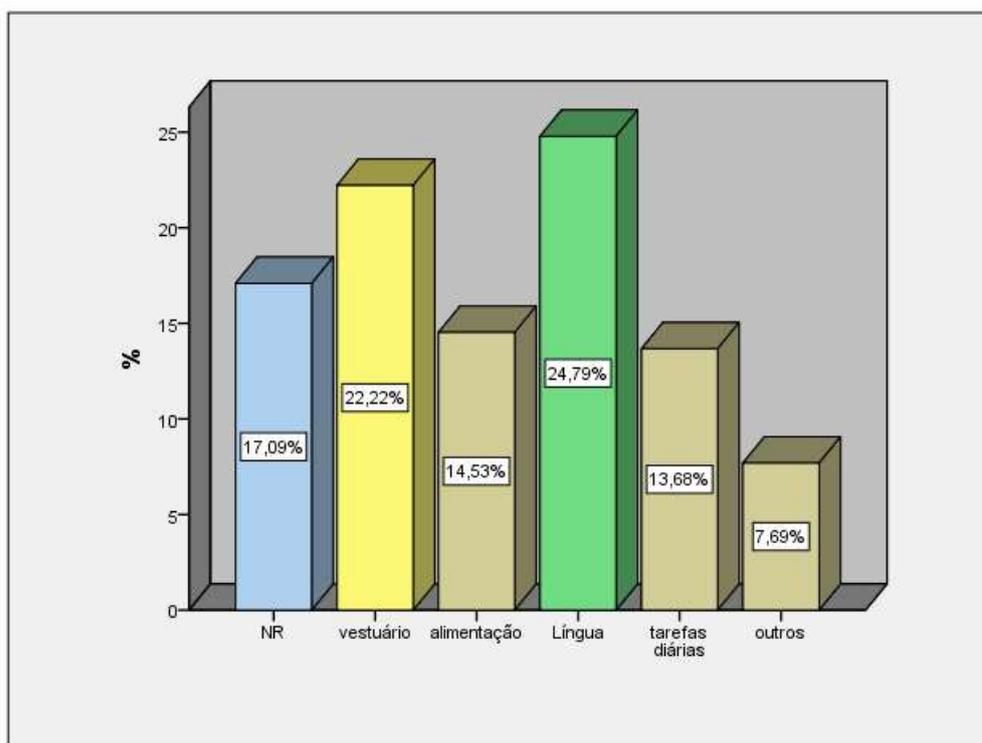


gráfico 18: distribuição dos inquiridos por interferência do turismo na vida da comunidade

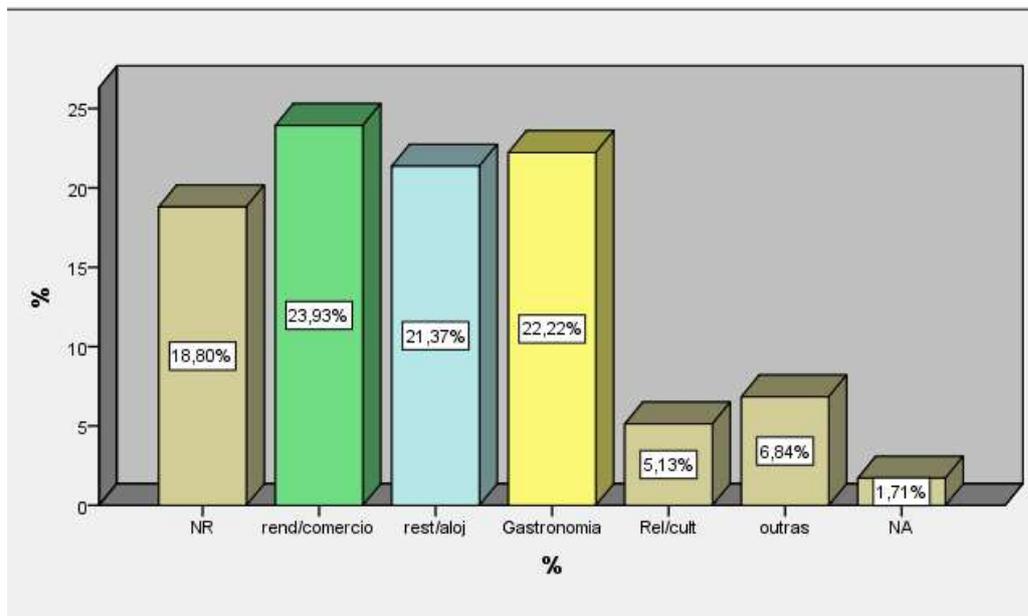


gráfico 19: distribuição dos inquiridos por Influência do turismo no quotidiano

O impacto do turismo nos locais onde estas atividades acontecem são notáveis. Tanto os positivos como os negativos. Alguns destes aspetos sobressaíram nas respostas ao questionário. Desde logo, destaque para a influência do turismo no vestuário (22,2%), alimentação (14,5%) e língua (24,8%) (gráfico 18). Alguns informantes referiram que frequentaram formações para corresponder às necessidades dos visitantes estrangeiros, embora destaquem que, aquando das visitas, quase sempre os visitantes estão acompanhados de nacionais que fazem a mediação cultural que se impõe em face do comércio. Os fotógrafos e os *garçons* conhecem algumas palavras relacionadas com a vida profissional. O fluxo turístico, por sua vez, parece ter mais peso no rendimento/comércio local (23,9%), restauração e alojamento (18,8%) e gastronomia (22,2%) (gráfico 19). Um determinado território que se transforma para adaptar à procura turística está sujeito a alterações dos modos de vida das comunidades recetoras. Estas alterações podem ter impactos que tendem a ser vistas como benéficas ou prejudiciais para as comunidades. Deste modo, “podem surgir desvantagens sociais, a presença de um grande número dos turistas encoraja o consumo e os padrões de comportamento que são frequentemente impróprios para os habitantes locais” (Foster, 1992, pp. 32-33). Se para a comunidade local os comportamentos são alterados, não é indiferente o comportamento dos visitantes. O estilo de vida que os turistas adaptam enquanto tal, não corresponde ao

seu quotidiano no lugar de residência. Alguns autores, como Florence Deprest (2004), são mais radicais quando se referem aos comportamentos nos lugares turísticos: “Magia, Santidade, Génio do lugar, é tudo isto que o turismo de massa destrói. É certo que se vilipendia o mercado, isto é, os agentes económicos, vendilhões do templo, que impõem a obrigação de um percurso, de um discurso, de uma carapaça simbólica” (Deprest, 2004, p. 29). De certa forma, o autor mostra a perda da originalidade dos discursos, dos lugares e das histórias que são adaptados ao que atrai o turista. A rematar, afirma que “a essência do lugar deixa de aparecer, o sistema turístico só produz contrafações, organiza a barbárie turística” (Deprest, 2004, p. 29).

A interação entre turistas e comunidade anfitrião é inevitável. Nestes espaços os contactos podem ser produzidos pela simples solicitação de informações, como também por negociações, transações ou até por conflitos de choques culturais. Instados os residentes a pronunciarem-se sobre as principais atividades que os turistas/visitantes desenvolvem nos lugares turísticos, dão destaque às fotografias (48,7%) e compras (29,06%). A participação em atividades da comunidade é quase inexistente, representando apenas 1,7%, o mesmo que as refeições (gráfico 20). De facto, no terreno percebe-se uma certa fronteira entre os turistas e a comunidade. Por um lado, a chegada dos turistas, quase sempre brancos, é frequentemente acompanhada da presença de crianças que os circundam a pedir algum presente. As expressões usadas pelas crianças assemelham-se a algo como “*queres ser meu amigo?*”. Na verdade, esta “amizade” está longe de uma interação mais duradoura, empática ou pessoal. Ao invés, traduz-se na solicitação de bens alimentícios ou quaisquer objetos que ali possam ser considerados “de valor”. Inclusive, os grupos de visitantes estrangeiros quase sempre chegam acompanhados de nacionais (e.g. motoristas, guias intérpretes ou seguranças), que bloqueiam as interações. Segundo informação recolhida junto dos inquiridores locais, os visitantes asiáticos evitam o contato visual fora do endogrupo. Aquando do trabalho de campo, foi possível observar que estes grupos chegavam inclusivamente a alterar os percursos antes estabelecidos ou chamavam os motoristas que se encarregavam de afastar os inquiridores dos potenciais inquiridos.

Sabemos que as influências e interferências do turismo nos diversos setores da vida da comunidade entram no quadro de estudo de uma sociologia do turismo.

Adicionalmente, o mesmo acontece com os impactos e as mudanças que o turismo provoca. De facto, “durante o desenvolvimento do turismo os valores sociais e as práticas culturais muitas vezes sofrem adaptações que correspondem ao interesse dos turistas e a estrutura social da comunidade recetora sofre mudanças que resultam de fenómenos migratórios (Santos 2009), citado por (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 24). Várias mudanças que ocorrem são positivas, mas é necessário ter em consideração que podem existir alterações negativas a vários níveis dentro de uma determinada comunidade. Os autores mencionados (Esperança & Nhulilivali, 2019) abordam a questão dos impactos e versam sobre a consolidação dos benefícios do turismo provenientes das vendas dos produtos locais e da imagem do destino na comunidade anfitriã, com destaque para o “desenvolvimento de uma forma de consciência social voltada para a valorização da cultura e artes tradicionais, assim como dos recursos naturais e da produção local. No ponto de vista dos autores verifica-se considerável contribuição para a proteção e valorização das tradições, costumes e heranças” (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 29). Perspetivado de um lado menos positivo, os autores citam Crosby (1996) para sublinhar que as relações sociais que são estabelecidas entre os turistas e a comunidade “provocam a desculturação do destino, e em muitos casos fazem desaparecer a cultura da comunidade recetora e provocam a adaptação das culturas ‘indígenas’ a costumes ocidentais (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 30).

Um outro aspeto que a comunidade frisa sofrer alterações em face do turismo é a língua. A necessidade de comunicação e aproximação aos turistas implica aprender línguas diferentes. Broughan e Butler (1977), citado por (Esperança & Nhulilivali, 2019) argumentam que o turismo proporciona vários tipos de desvios, destacando o uso da língua. A propósito das mudanças na vida quotidiana, Boissevain (1979) “observou que o desenvolvimento do turismo produz mudanças na divisão diária de tempo entre trabalho e lazer para os trabalhadores na indústria, afetando desta forma a vida da família” (Esperança & Nhulilivali, 2019, p. 33). Esses impactos provocados pela atividade turística já foram debatidos em diversos fóruns, de modo que é possível tentar agir sobre eles, minimizando os impactos negativos. Atendendo à declaração de Manilla em 1997, a OMT criou a carta que realça os efeitos sociais do turismo. Este documento frisa:

A medida que el turismo se desarrolle, causará inevitablemente cambios en las comunidades y economías receptoras. No es realista esperar otra

cosa, sobre todo en las comunidades donde las llegadas de turistas han aumentado con rapidez, o donde la proporción de turistas en relación con la población local es alta. Otros factores, como el grado de urbanización de la comunidad receptora o la fuerza de las normas culturales y sociales de la población local influyen también en los efectos que puede producir el turismo en una zona. El turismo es un agente de cambio; la escala de los movimientos de visitantes, los efectos interculturales y las oportunidades comerciales que llegan con él afectan por fuerza a las comunidades (Organización Mundial del Turismo, 1997, p. 12).

As interferências do turismo nas comunidades anfitriãs são inevitáveis. Podem acontecer com alguma celeridade em alguns aspetos e noutros de forma mais lenta e quase impercetível. A comunidade pode, por exemplo, alterar o seu comportamento imitando moda, comportamento e formas de agir dos turistas. Como refere a Carta, *“estos cambios suelen entenderse como procedentes de un efecto de imitación, es decir, que las comunidades receptoras imitan y adoptan características de comportamiento y de otro tipo que no son propias de su cultura.* (Organización Mundial del Turismo, 1997, p. 13). Quando as mudanças ocorrem de forma mais lenta, a perceção do fenómeno pode acontecer quando a comunidade já se encontra mergulhada em práticas pertencentes aos visitantes e de certa forma generalizadas. Assegura a OMT, *“Estos cambios no ocurren con rapidez, sino que aparecen progressivamente con el tiempo; no siempre son fáciles de seguir y, con frecuencia, sólo se reconocen cuando ya están arraigado”* (1997, p.13). A atividade pode provocar várias mudanças e alterações do quotidiano, principalmente nos adolescentes e jovens que muitas vezes mudam a rotina, de modo a acompanhar os turistas, como guias intérpretes. Esta situação também foi frisada pelas autoridades tradicionais nas entrevistas que realizámos, ao ponto de afirmarem que os mais jovens já não querem saber, por exemplo, dos trabalhos do campo.

Por outro lado, as alterações podem contribuir para apoio a iniciativas culturais, preservação do património local, formação de pessoal local em línguas estrangeiras, na hotelaria e restauração, aumento das relações culturais e conhecimento de outros lugares, outros povos e outras comunidades, promoção dos valores culturais locais, organização de eventos e até financiamento de investimentos na recuperação e na manutenção do património histórico. Do ponto de vista mais negativista, atendendo às mudanças, é possível constatar situações de adulteração de expressões culturais locais tidas como genuínas, aparecimento de sentimentos de xenofobia, comercialização do património,

excesso de comercialização e importação de elementos culturais estranhos. No quadro social mais amplo, é também possível encontrar expressões de perda da coesão social, alteração no equilíbrio demográfico, confronto com os turistas através de atitudes negativas, ruturas familiares, ruturas nos valores comunitários, atitude de indulgência perante comportamentos exóticos pelos turistas, sentimento de intrusão e polarização à volta do turismo.

O gráfico 20 ilustra as várias atividades que os turistas/visitantes realizam durante as suas atividades. Destas, destaque para as fotografias, com 48,72% das respostas e compras (29,06%). Concernente às refeições e participação na vida diária da comunidade, os respondentes são claros e apresentam dados inferiores a 5% acumulativos (gráfico 20).

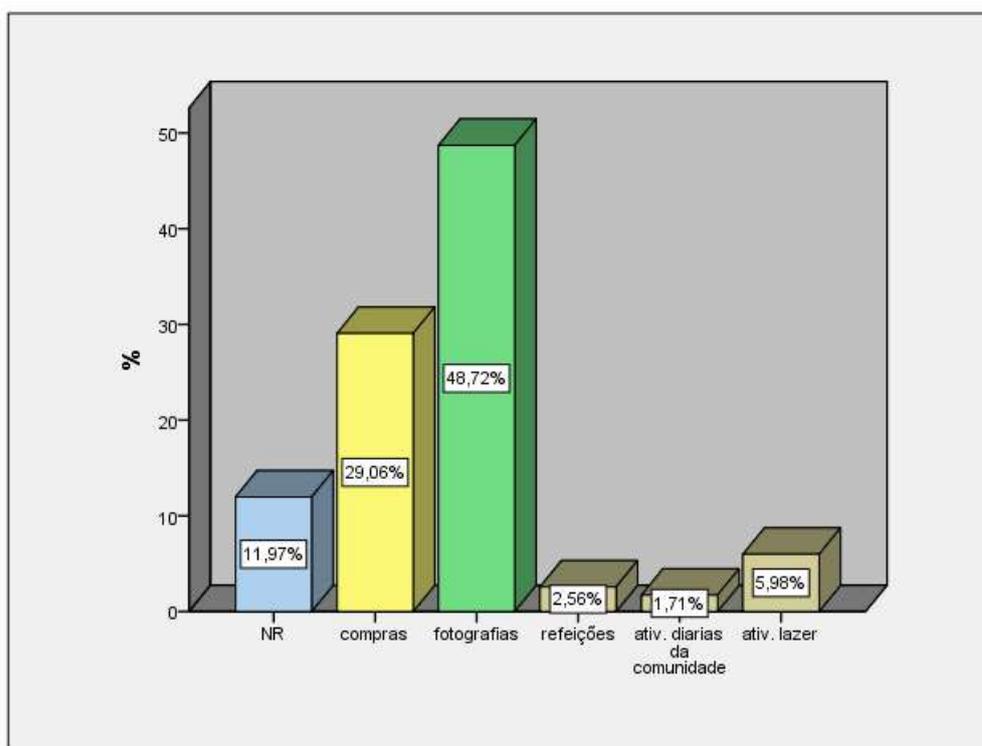


gráfico 20: distribuição dos inquiridos por atividades que os turistas/visitantes realizam nos lugares turísticos

No quadro das alterações sociais e culturais que a atividade turística provoca, foi colocada a questão referente a traços culturais que resistiram e permanecem perante a

ação do turismo. Os inquiridos assumem que a atividade turística influencia a cultura e o quotidiano deles de múltiplas formas. Ao mesmo tempo, destacam algumas práticas que conseguem resistir à pressão turística, dando relevância à dança e à música. São eleitos com 26,5% o quê?, seguido de Marimba, 11,9%.⁸⁴ A questão da dança, para além da escolha durante a aplicação dos questionários, os inquiridos fazem demonstrações através do “Jingar”.⁸⁵ O kizomba e o semba sobressaem. Quanto ao uso de marimba, a figura em si é sempre recordada como um instrumento tradicional, que sempre existiu na cultura dos malanjinós (gráfico 21). Apesar das interferências do turismo na vida da população e apesar do dinamismo das culturas existem traços, conforme os inquiridos, que permanecem, pois, “as características culturais, apesar do seu carácter dinâmico, têm sua base fundamentada na memória de um povo, conferindo uma lembrança pessoal e podendo também ser construídas por uma sociedade a partir de imagens e símbolos do quotidiano e do passado” (Madeira, 2018, pp. 92-93). A cultura imaterial de uma sociedade constitui um fator de atração turística para muitos consumidores, pois, a imaterialidade constitui um dos meios de preservação das culturas. Ela é também uma forma de a comunidade preservar os seus hábitos e costumes perante o processo da globalização. A este propósito, a poesia do Agostinho Neto, “Havemos de voltar” está presente em muitas atividades culturais e científicas citadas.⁸⁶

Em quase todas as atividades políticas, sociais e culturais verificamos a presença de homens que tocam o instrumento musical Marimba. Estas situações ajudam a compreender a escolha dos inquiridos e o papel deste instrumento para a construção de Malanje enquanto destino e lugar turístico. Já a poesia de Agostinho Neto refere a marimba:

Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar
Às nossas terras
vermelhas do café
brancas do algodão

⁸⁴ A poesia do Doutor Agostinho Neto, “Havemos de voltar” faz a ligação a estes aspetos culturais.

⁸⁵ Balançar o corpo ao ritmo da música. Refere a genica natural que o angolano possui para dançar.

⁸⁶ Realizou-se o 1º Simpósio de Gestão de Turismo – *Gestão em Turismo, novos mercados, novas oportunidades* em 2014, em Malanje, organizado pela Universidade Lueji A’nkonde, em que um dos temas apresentados é a *Pós Colonialidade literária em ‘Havemos de voltar’, de Agostinho Neto – Da marimba ao Kissanje; da Palanca às quedas de Kalandula*, demonstra, para além das atrações dos lugares, os artefactos da cultura, com destaque para Marimba.

verdes dos milherais
havemos de voltar
Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar
Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar
À frescura da mulembá
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar
À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar
Havemos de voltar
à Angola libertada
Angola independente.
(Agostinho Neto)

São vários os artistas que durante os seus espetáculos também usam o referido instrumento. A Marimba é um instrumento musical tradicional utilizado em Angola, “construído, de forma empírica, por pessoas de algumas regiões da província de Malanje, mais concretamente, pelos povos ambundos. O instrumento é constituído por cabaças, que são semeadas no campo pelos fabricantes e que, para além de serem utilizadas na construção da Marimba, são também utilizadas como recipientes de água ou, ainda, recipientes para conservação da garapa, bebida tradicional angolana feita com farelo de milho. Utilizam-se também troncos secos do cafeeiro, madeira especial chamada caiongo ou muhula, cordas feitas com pele de animal (corsa ou seixa) e pregos” (Osório, Matos, Soares, & Catarino, 2017).⁸⁷ Atualmente, verifica-se uma política de recuperação do uso deste instrumento, pois a Marimba é considerada tradição cultural musical da província de Malanje.

Antônio Miguel Bande, instrumentista local (Malanje), afirmou que a construção de uma marimba leva de três a quatro meses a concluir, devido ao processo de queima de algumas madeiras. O mais difícil na construção deste instrumento parece ser a procura das madeiras específicas à sua construção, nomeadamente a madeira Muhula, a madeira Caiongo, a madeira Tacula e a madeira Mussuco. Outrora, as cabaças que constituem a Marimba eram semeadas pelos próprios construtores (Osório, Matos, Soares, & Catarino, 2017, p. 9). A importância das marimbas permanece, como aliás atesta a sua presença em

⁸⁷ In <http://www.redalyc.org/jatsRepo/2740/274048277002/274048277002.pdf>

praticamente todas as atividades oficiais, festas, receções, entre outras atividades. Estão associadas ao espírito dos ancestrais, principalmente o Ngola Kilwanji. Por isso, não é de estranhar que praticamente todos os inquiridos refiram este instrumento musical. Inclusivamente, “Foram considerados pela tradição as marimbas de Ngola Kilwanji” (Santos E. S., 2006, p. 280) e nos momentos oficiais, como é o caso da eleição do *mwenxi’i*⁸⁸ e na sua condução ao palácio canta-se ao som da marimba. A sua invenção também está ligada a nobreza. Conforme lembra o historiador supracitado, “[a]s omnipresentes marimbas, guardiãs da *malunda*, segundo as tradições teriam sido uma invenção de Kingwangwa, irmão de Ngola Kilwanji Kya Samba”, para conferir um certo brilho às suas intervenções enquanto figura política.

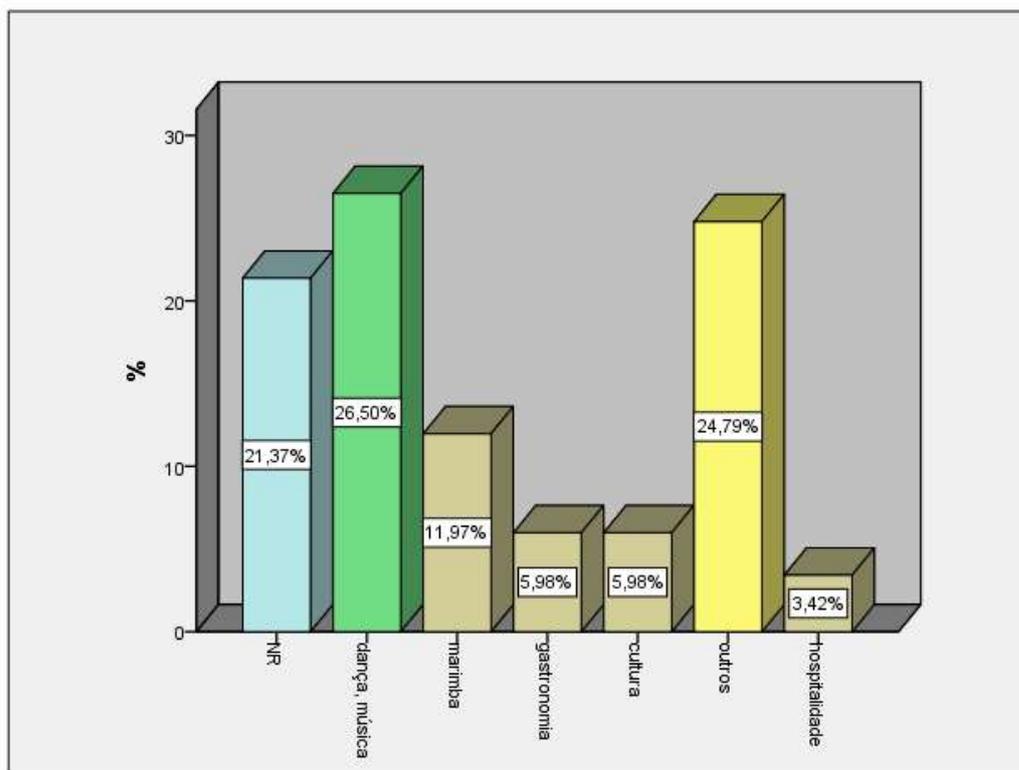


gráfico 21: distribuição dos inquiridos por traços culturais que resistiram a influência do turismo

⁸⁸ Chefe ou líder. Refere-se à nomeação dos sobas

6.2 Análise de dados obtidos através do questionário aplicado aos turistas/visitantes

Os questionários destinados aos turistas e visitantes genericamente visavam perceber a perceção destes relativamente aos lugares turísticos de Malanje e as relações que ocorrem nesses lugares. Verificar como percebem essa construção, tendo em conta a história, a cultura e o quotidiano das pessoas é o propósito desta seção.

6.2.1 Caracterização sociodemográfica dos turistas e visitantes inquiridos

No que concerne à caracterização dos inquiridos, destacamos as questões relacionados com o sexo, a situação conjugal, a faixa etária, as profissões e as habilitações literárias.

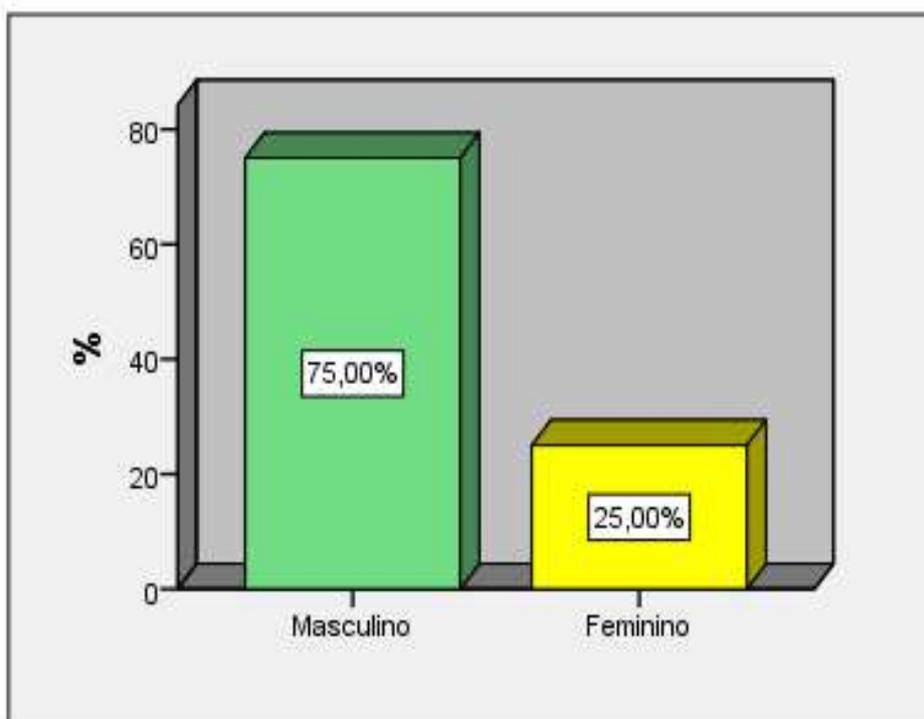


gráfico 22: distribuição dos inquiridos por sexo

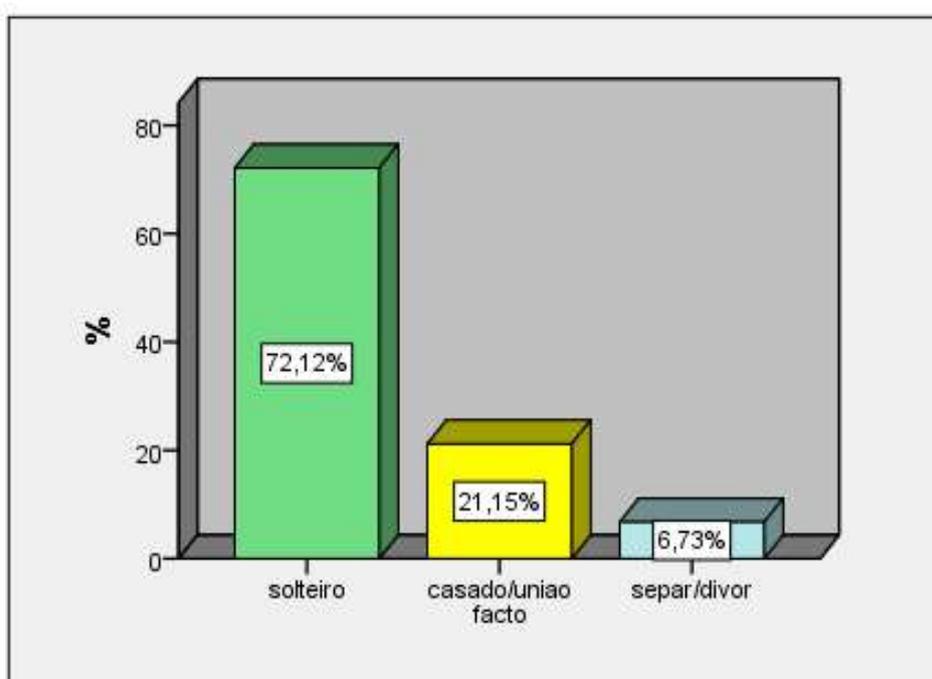


gráfico 23: distribuição dos inquiridos por situação conjugal

Nas questões de caracterização, destacamos a predominância de turistas e visitantes do sexo masculino. Conforme ilustra o gráfico 22, 75% dos respondentes são do sexo masculino. Não apenas existe uma prevalência de homens que visitam a província, mas também, manifestamente, denota-se mais abertura dos homens a responderem os questionários. No que diz respeito à situação conjugal, os solteiros constituem 72,12% dos respondentes, enquanto a percentagem dos casados/unidos de facto é de 21,15% (gráfico 23).

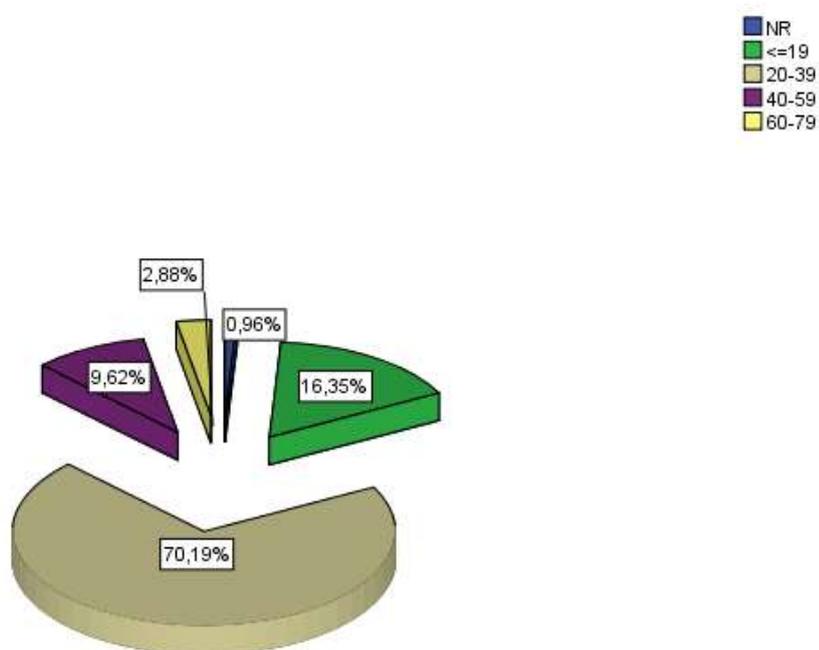


gráfico 24: distribuição dos inquiridos por faixa etária

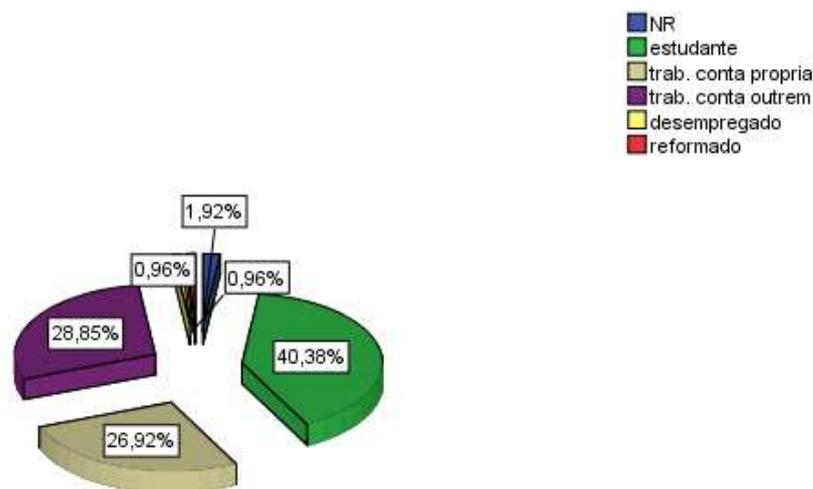


gráfico 25: distribuição dos inquiridos por ocupação

O gráfico 24 mostra que a faixa etária mais representativa é dos 20-39 anos, o que perfaz 73 casos correspondendo a 70,2% dos inquiridos. De certa forma os inquiridos apresentam-se como pertencendo a uma faixa etária jovem, à semelhança dos respondentes por parte da comunidade. O conjunto de inquiridos inclui turistas internacionais e nacionais. Não constituiu objetivo deste trabalho diferenciá-los. Verifica-se também que quanto às motivações, alguns visitantes estão integrados em atividades de natureza religiosa, outros de ideologias políticas. De referir que estes últimos foram de modo geral pouco recetivos aos inquiridores, alegando não ter autorização superior para responder aos questionários. A nível de ocupação, os inquiridos apresentam-se na sua maioria como estudantes (40,38%), trabalhadores por conta de outrem (28,85%) e trabalhadores por conta própria (26,92%) (gráfico 25).

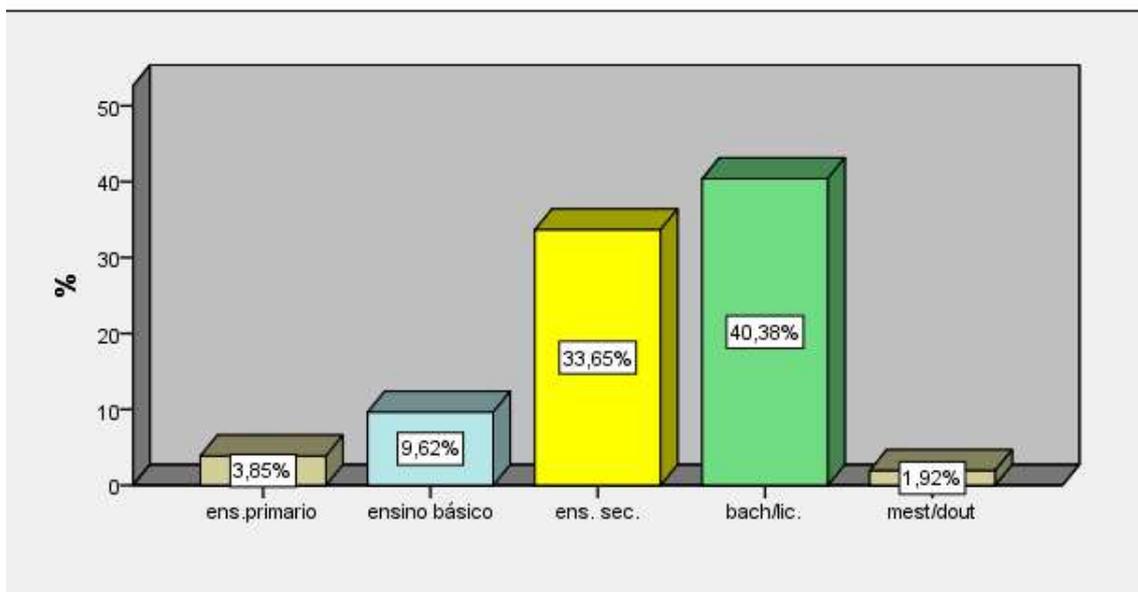


gráfico 26: distribuição dos inquiridos por habilitações literárias

O gráfico 26 ilustra a distribuição dos inquiridos por habilitações literárias. Verifica-se uma predominância de visitantes com bacharelato/licenciatura (40,38%), logo seguidos dos que possuem o ensino secundário (33,65%). Fazendo uma comparação com os inquiridos da comunidade, verificamos que aí a predominância é dos que possuem o ensino secundário (44,44%), seguido do ensino básico com 21,37% do total (gráfico 5). De uma forma geral, os turistas e visitantes apresentam níveis mais altos de habilitações literárias quando comparados com a comunidade anfitriã.

6.2.2 Visita a Malanje e interação

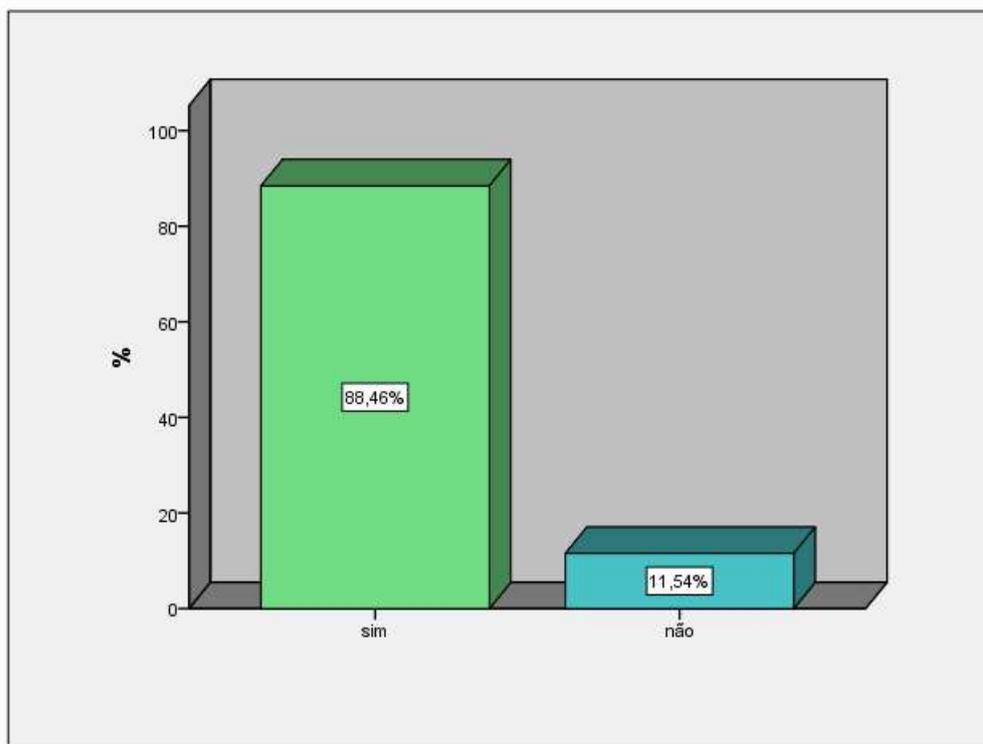


gráfico 27: distribuição dos inquiridos por vez de visita a Malanje

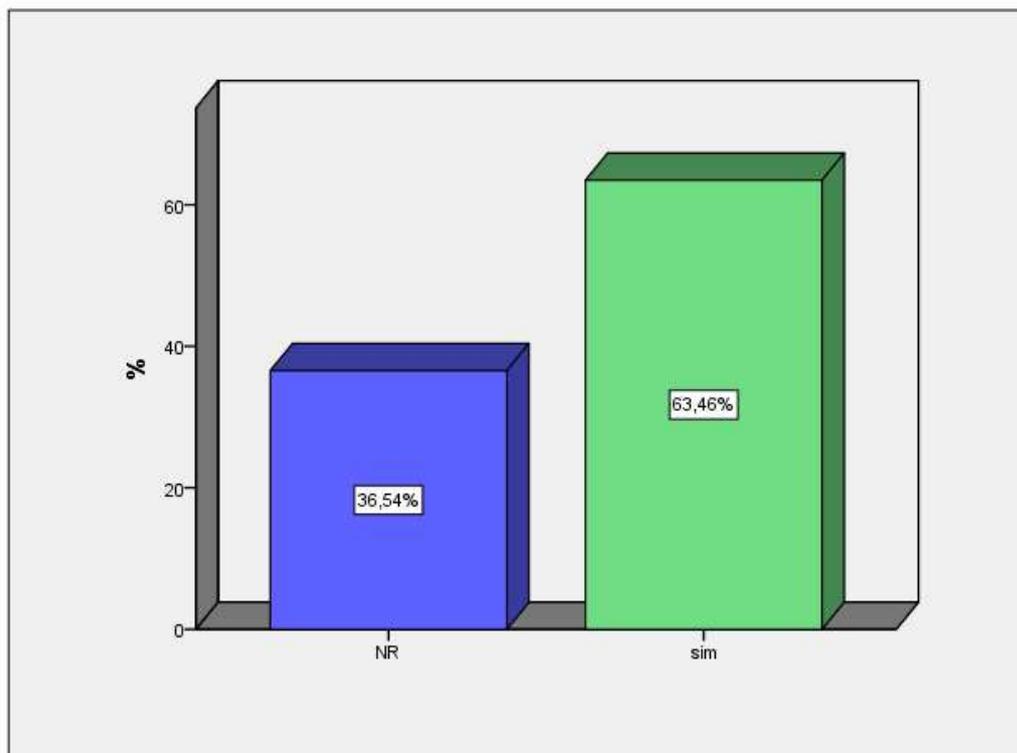


gráfico 28: distribuição dos inquiridos por escolha de motivação de visita a Malanje - património

Dos 104 inquiridos, aproximadamente 90% visitaram Malanje pela primeira vez (gráfico 27). Apesar disso, alguns afirmaram conhecer histórias sobre a província. Esta taxa elevada dos que visitaram Malanje pela primeira vez influenciou a resposta a algumas questões que pressupunham mais conhecimentos prévios. Ainda assim, os inquiridos foram capazes de identificar as imagens de marca da província, nomeadamente a *Palanca Negra Gigante*, *Quedas de Calandula*, *As Pedras de Pungo Andongo*, a *N'jinga*, *N'gola*, as *cachoeiras* e as *várias quedas de água existentes na província*.

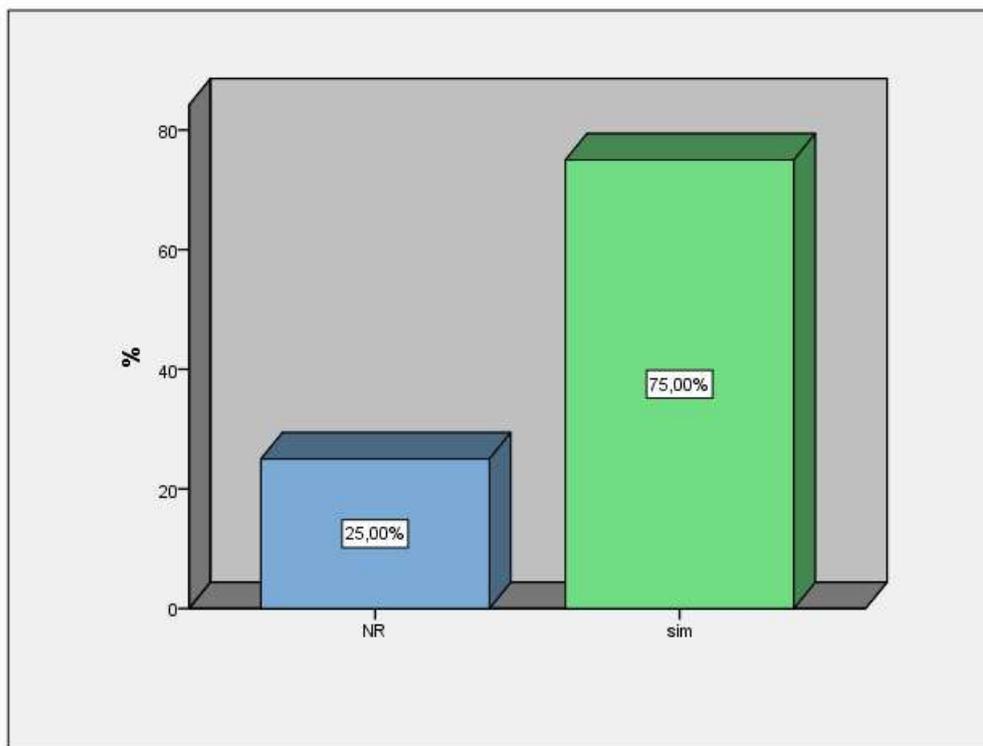


gráfico 29: distribuição dos inquiridos por escolha de motivação de visita a Malanje - paisagem

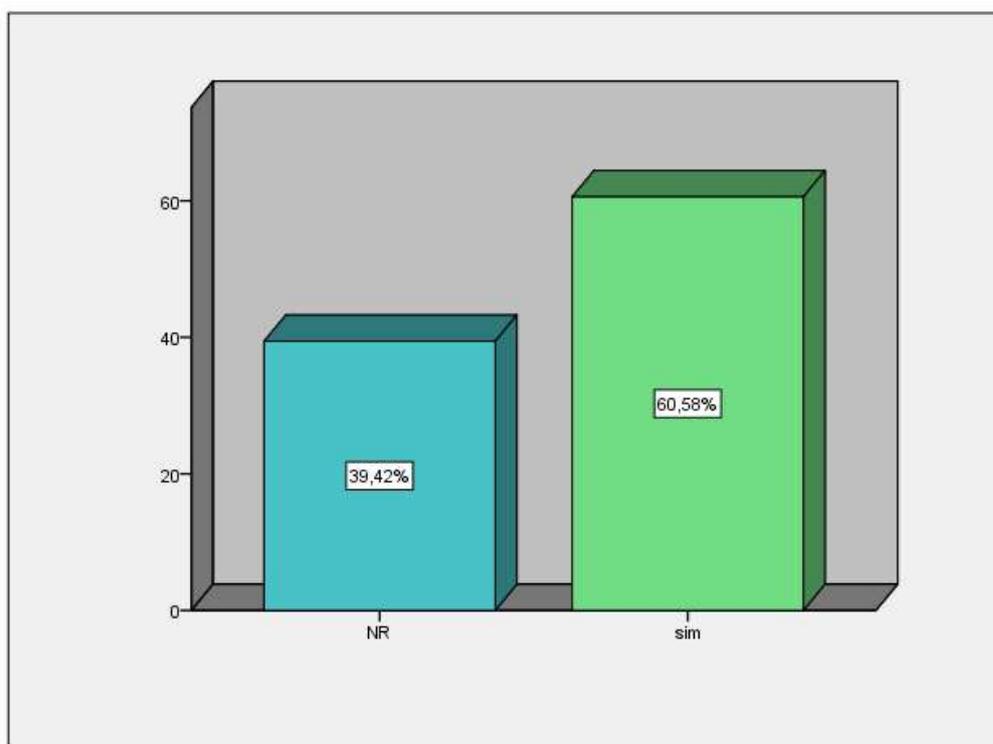


gráfico 30: distribuição dos inquiridos por escolha de motivação de visita a Malanje - curiosidade

Entre os visitantes, encontramos motivações diferentes para a deslocação à província de Malanje. Não obstante, duas motivações sobressaem: a paisagem (75%) e o património cultural (63,5%) (gráficos 28 e 29). Estas escolhas por parte dos inquiridos vão ao encontro dos potenciais turísticos da região, quando antes questionados os visitantes acerca da escolha dos lugares que mais identificam Malanje e o seu povo. De referir ainda a “curiosidade” como motivação suficientemente importante para justificar a deslocação (60,58%, gráfico 30).

A questão da interação entre *guest and hosts* é primordial para o turismo e as relações sociais, contudo os moldes em que ocorre varia grandemente. Atendendo ao gráfico 31, observa-se que os visitantes pontuam interação a 75%, enquanto a comunidade situa a 64,9% (gráfico 7). Por outro lado, aceita-se um grau elevado de interação, todavia, trata-se sobretudo de uma interação no sentido de obter informações acerca de Malanje, (29,8%). Destaque ainda para as transações comerciais como móbil de interação (26,9%, gráfico 32). Em suma, a interação referida aparenta ser apenas no domínio do contacto superficial, com o propósito de obter informações avulsas acerca dos lugares e, eventualmente, da venda de bens ou da aquisição de serviços.

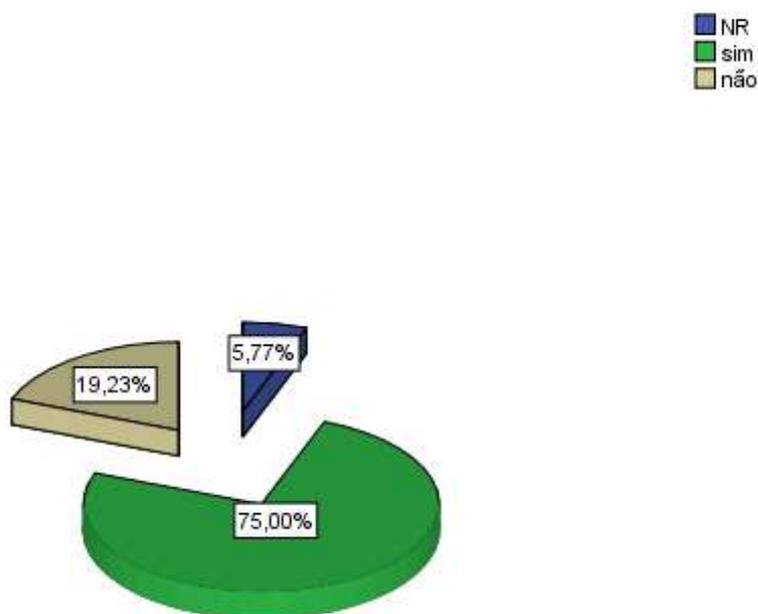


gráfico 31: distribuição dos inquiridos por interação com a comunidade

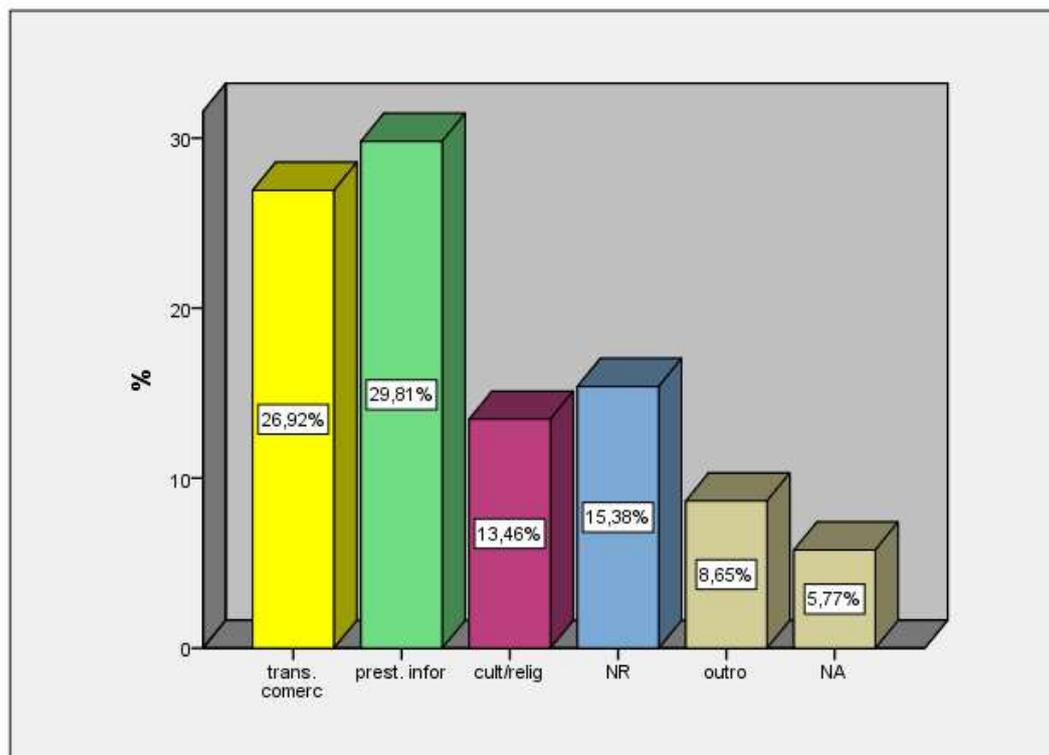


gráfico 32: distribuição dos inquiridos por tipologia de interação

	SIM	NR
Aspetos históricos	70,19%	29,81%
Atrativos e lugares turísticos	15,38	84,62%
Vida quotidiana	14,42%	85,58%
Cultura	65,38%	34,62%

Quadro 6: distribuição dos inquiridos por aspetos de abordagem

Fonte: questionários/Malanje 2017/18

A interação acontece quando os visitantes pretendem obter informações acerca da história de Malanje (70,19%) e aspetos culturais vários (65,38%). De referir a predominância e diferença das escolhas de história e cultura em relação a outros itens. Uma análise mais atenta dos dados relativos à comunidade (quadro 1), deixa perceber que

os atrativos e lugares turísticos e os aspetos históricos sobressaem na escolha, embora com percentagens inferiores, próximas dos 35%.

71,1% dos inquiridos refere que a comunidade é “nada envolvida” e “pouco envolvida” com a comunidade de turistas e visitante. A leitura do gráfico 33 sugere inclusivamente que a envolvência na atividade turística é quase inexistente. A comunidade, por sua vez, somou 66,7% para “nada envolvido” e “pouco envolvido” (gráfico 9). Estas escolhas vão ao encontro das respostas obtidas através das entrevistas concedidas pelas autoridades tradicionais de que adiante daremos conta.

Em concreto, as formas de envolvimento entre as duas comunidades recaem na sua maioria nos negócios/venda, principalmente nos lugares onde se encontram os turistas e anfitriões (35,5%, gráfico 34).

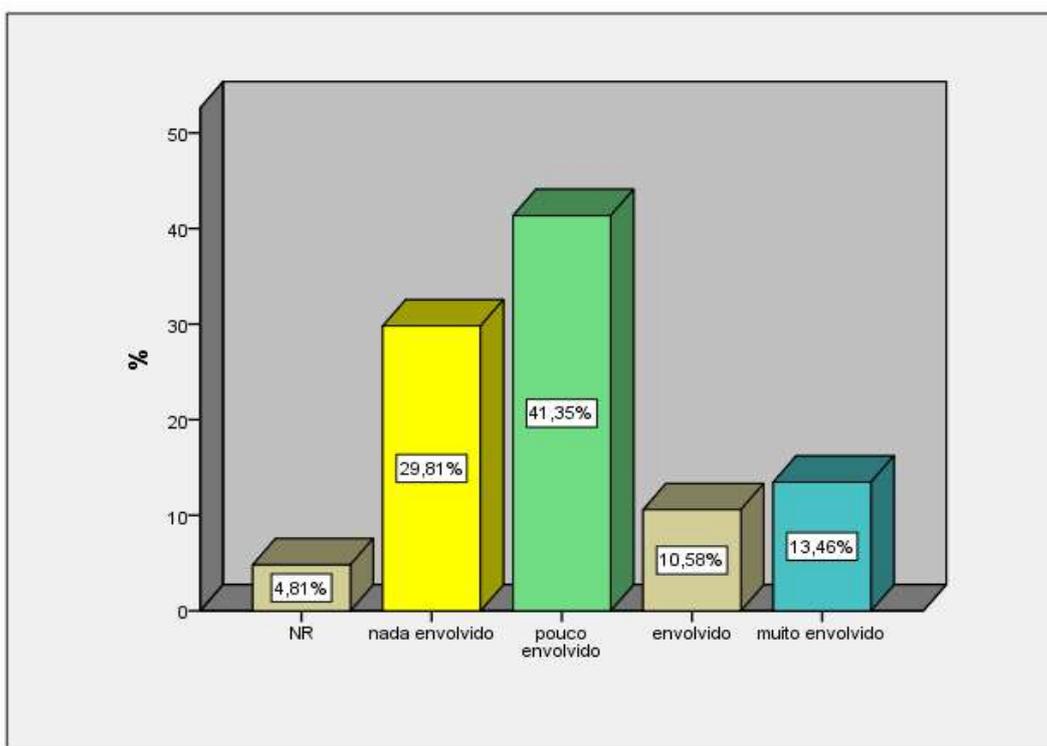


gráfico 33: distribuição dos inquiridos por percepção da envolvência da comunidade no turismo

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

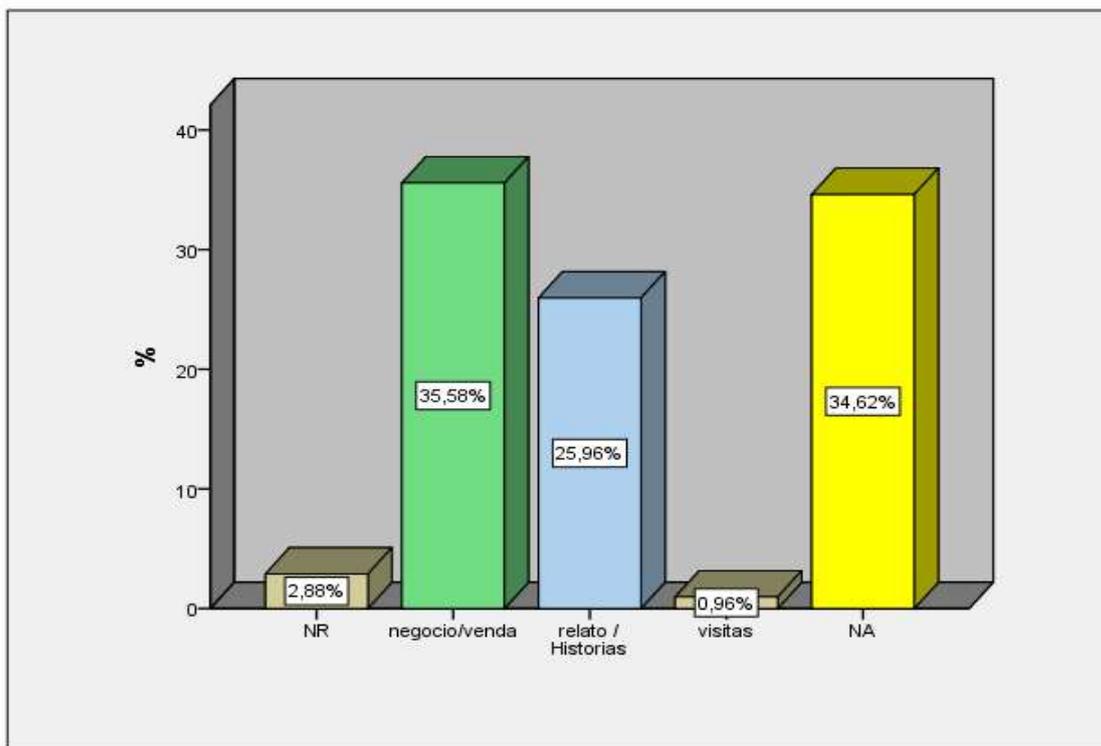


gráfico 34: distribuição dos inquiridos por formas de envolvimento da comunidade no turismo

6.2.3 Lugares e identidade malanjina

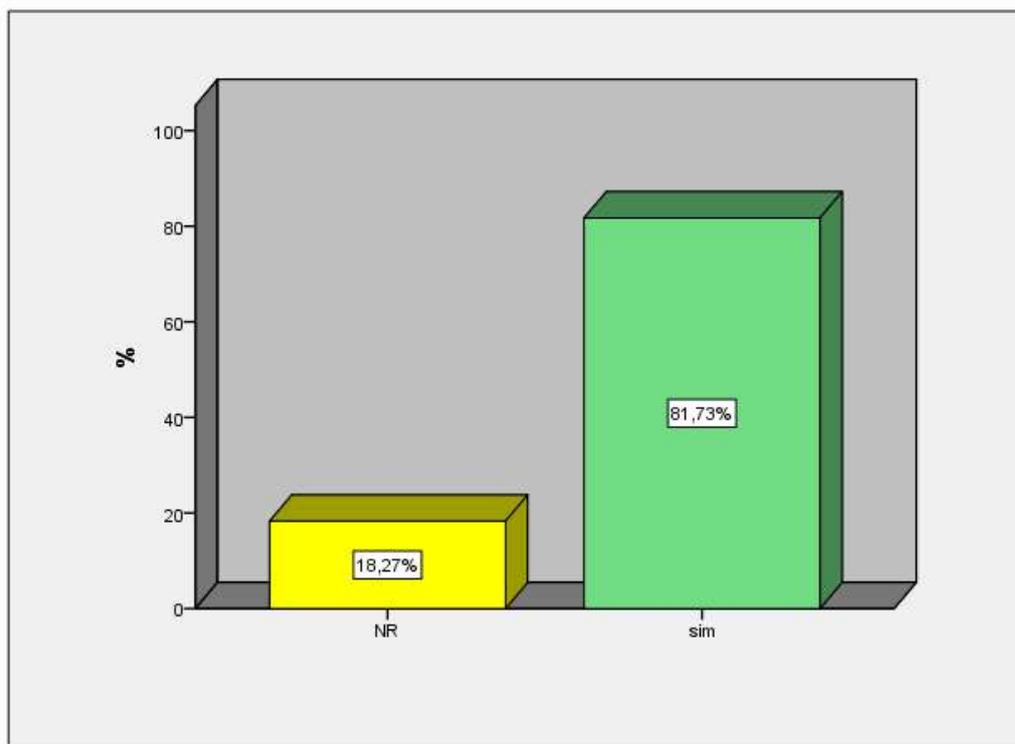


gráfico 35: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Quedas de Calandula

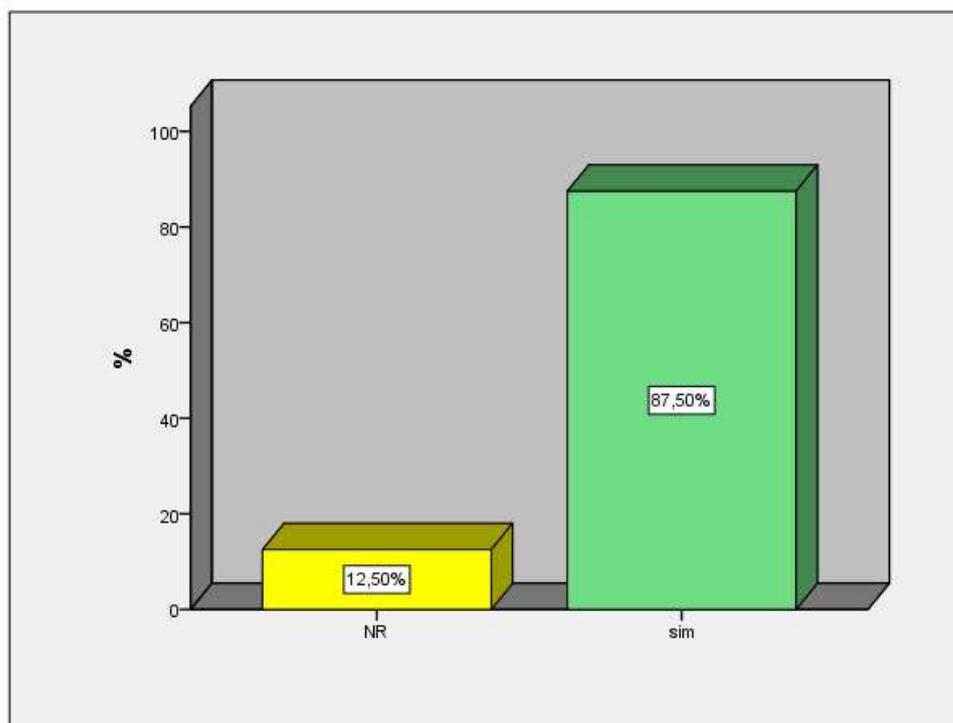


gráfico 36: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Pedras de Pungo Andongo

Os gráficos 35, 36 e 37 indicam as escolhas dos inquiridos quando foram questionados sobre os lugares que, em sua opinião, mais identificam Malanje e o seu povo. Numa grelha de 11 potenciais lugares, pretendeu-se aferir os três lugares turísticos mais conhecidos.⁸⁹ As Quedas de Calandula afiguram-se como o lugar que mais identificam Malanje e o malanjino segundo os inquiridos, nomeadamente 87,5% numa amostra de 104 inquiridos. Segue-se as Pedras do Pungo Andongo com 81,7% e por último o Parque de Cangandala com 67,3%. As respostas dos inquiridos da comunidade são semelhantes com as dos turistas, com uma amplitude de aproximadamente 10%, salvo os resultados sobre Parque de Cangandala, apontado por 42,74% (gráfico 11,12 e 13).

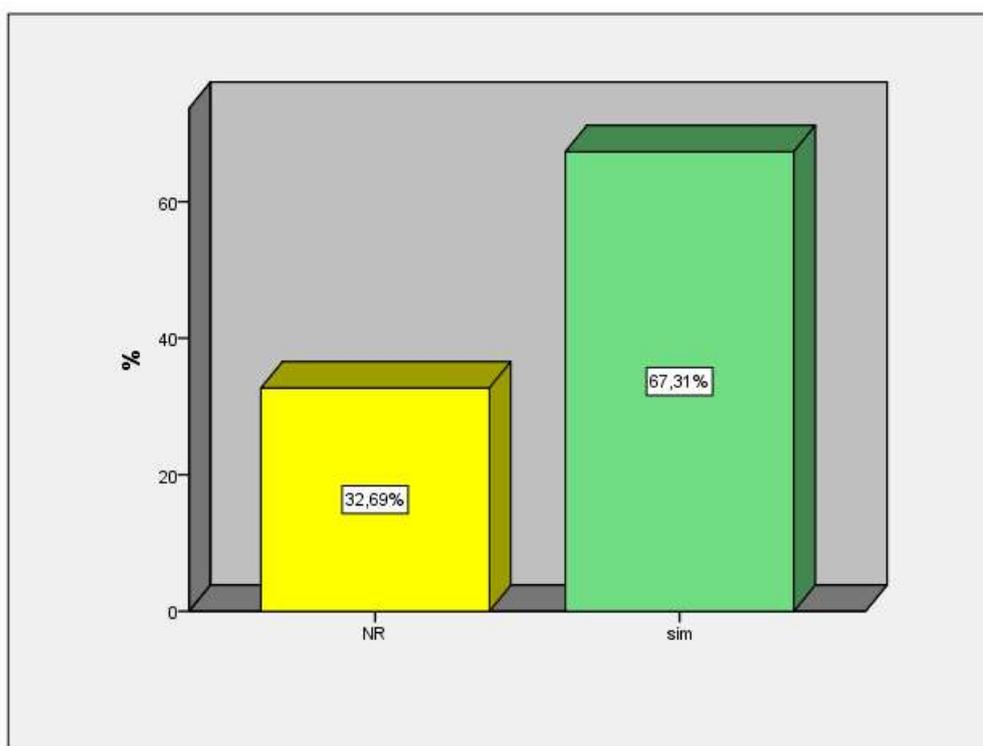


gráfico 37: distribuição dos inquiridos por lugares de identidade de Malanje e seu povo - Parque de Cangandala

⁸⁹ De referir que os 11 lugares foram selecionados consoante o fluxo de visitas e vários relatórios consultados sobre as atrações da província.

6.2.4 Lugares, memórias, atividades e figuras lendárias

	Sim	NR
Paisagem e natureza	71,2%	28,8%
Cultura	74%	26%
História	75%	25%
Gastronomia	11,5%	88,5%
Personalidades	37,5%	62,5%

Quadro 7: distribuição dos inquiridos por aspetos importantes na CLT de Malanje

Fonte: questionários/Malanje 2017/18

Analisando as respostas sobre os aspetos considerados importantes para a construção dos lugares turísticos, os intervenientes dão maior peso aos aspetos históricos (75%), seguido dos aspetos culturais (74%) e os aspetos de paisagem e natureza (71,2%) (gráfico 47, 48 e 49).⁹⁰ Daqui se conclui que para os inquiridos, o turismo se constrói principalmente sobre a égide da cultura e da história. Esta constatação vai ao encontro de um movimento maior segundo o qual os turistas que outrora tinham como foco os destinos “praia & sol” demarcam-se progressivamente no sentido de conhecer os lugares, mais suas histórias; pretendem conhecer e vivenciar as culturas do diferente, do exótico e o autêntico.

Relativamente à paisagem e natureza, estas constituem por excelência a envolvente do histórico e cultural. Para além do espaço físico, constitui também o território onde ocorrem as ações do quotidiano da comunidade. De realçar que os espaços da paisagem natureza se encontram embuídos de crenças e mitos. Verifica-se também o respeito pelas forças da natureza, conforme frisa um dos informantes nas entrevistas complementares: “*não se pode comer mais do que uma tipologia de frutos que se*

⁹⁰ A comunidade local também elege como principais os mesmos três aspetos, contudo dão menos percentagens.

encontram nas hortas das Pedras Negras de Pungo Andongo⁹¹. Ora, tendo em conta as escolhas dos turistas, verificamos que há também um certo respeito pelas informações e crenças que a comunidade passa durante a interação que acontece entre os dois atores. A ligação que os turistas/visitantes sentem relativamente aos lugares turísticos é diversificada consoante a motivação ou o perfil de cada um. Questionados sobre este assunto, os inquiridos partilham da mesma opinião que os residentes (gráfico 15), nomeadamente que os lugares lhes são familiares e afetivos (50,96%), seguidos da diversão (25,9%). Os lugares turísticos visitados proporcionam sentimentos junto dos visitantes, não apenas um carácter de diversão, mas sim espaços de interiorização. A envolvente assume papel cativador, junto com as histórias que se contam de modo a atrair e conquistar através das emoções (gráfico 38).

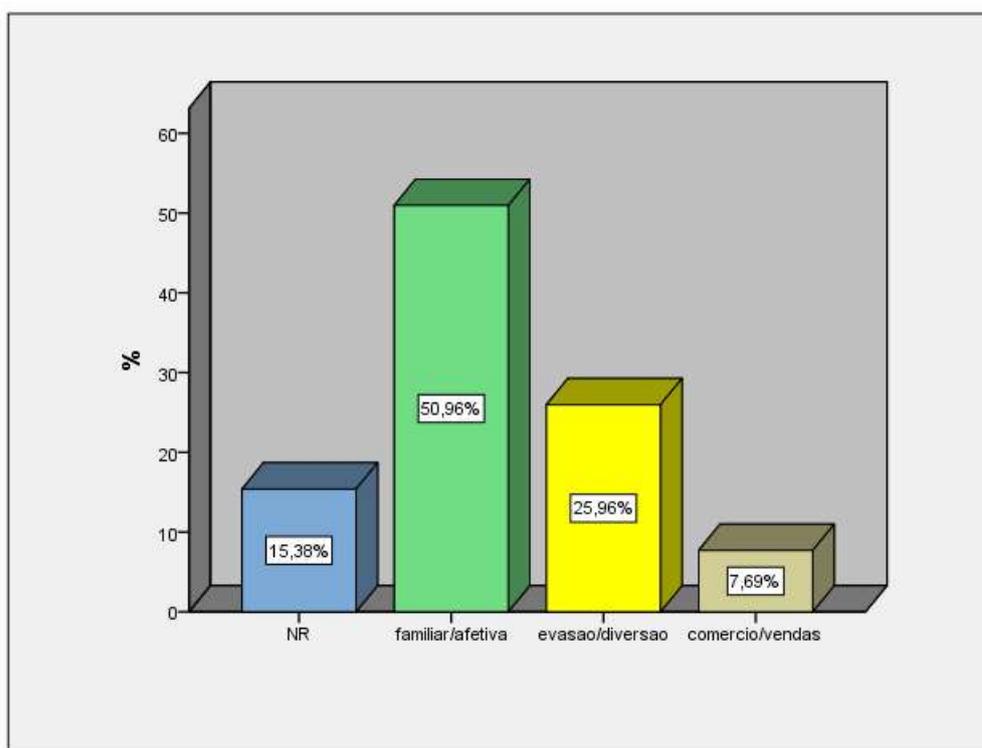


gráfico 38: distribuição dos inquiridos por tipologia de ligações a LT

⁹¹ Informações colhidas em novembro 2017. No percurso interno das Pedras Negras de Pungo Andongo pode-se verificar a existência de árvores de frutos, legumes entre outros cultivos. Os tais quitutes da terra. Toda a população sabe das regras para o consumo das frutas no local.

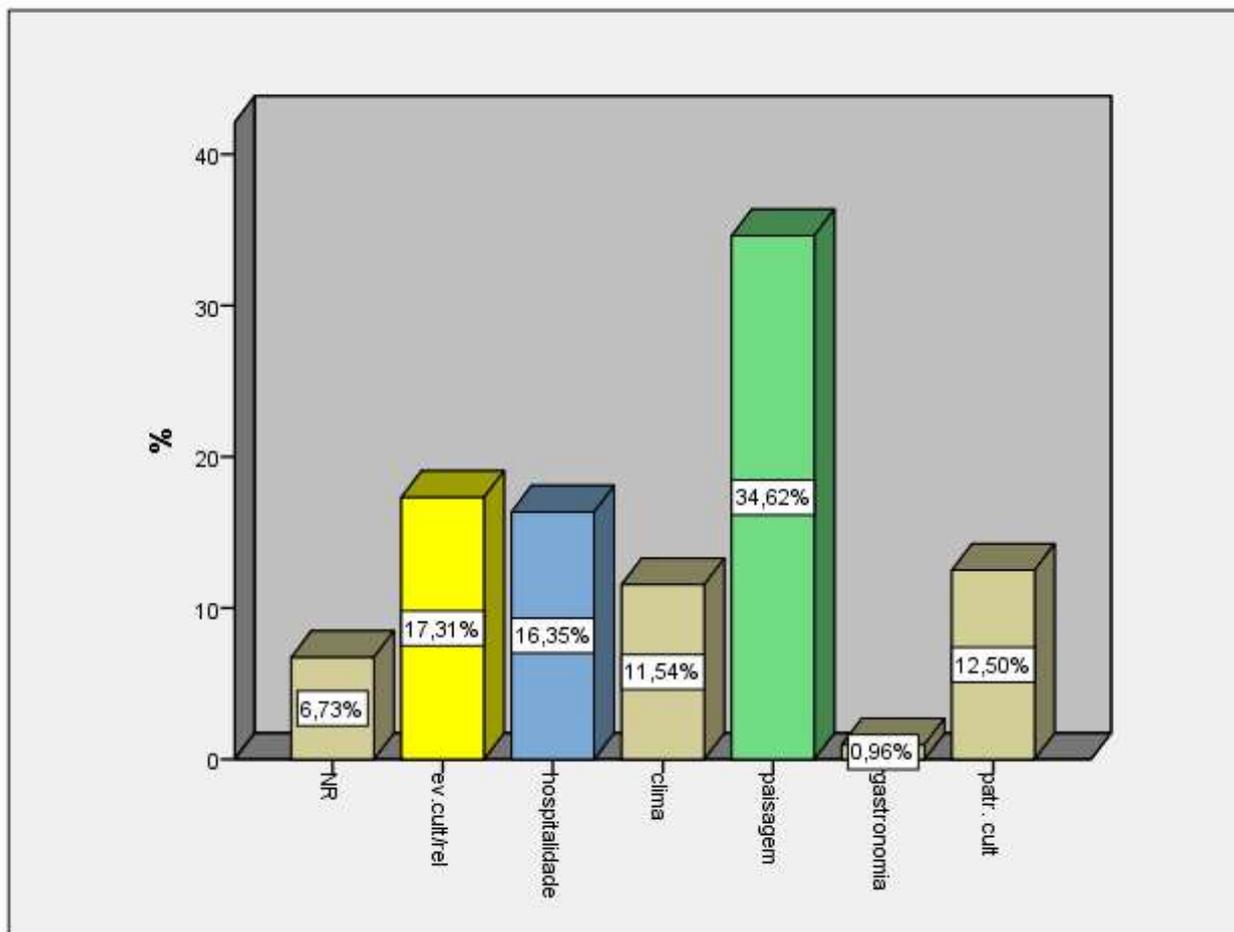


gráfico 39: Distribuição dos inquiridos por atração que promove Malanje como DT

Referente às atrações que promovem Malanje como destino turístico (DT), o destaque principal dos turistas recai sobre a paisagem (34,62%), seguido de eventos culturais (17,31%) e hospitalidade (16,35%, gráfico 39). Se observarmos o gráfico 17, referente às respostas da comunidade, encontramos a paisagem também em destaque, logo seguida da hospitalidade e do clima. Os restantes itens têm pesos pouco expressivos em ambas as populações em estudo.

O quadro 8 diz respeito aos valores atribuídos por parte dos inquiridos quando questionados acerca das fases importantes na construção da realidade social dos lugares turísticos. A época da paz, ou seja, o pós-conflito (2002) constitui um marco decisivo, tanto para a população como para os visitantes (76%). Já as épocas da colonização e independência ficam pelos 22,1% e 26% respetivamente. O quadro 3 reúne as respostas dos inquiridos da comunidade, sendo possível aí verificar a mesma tendência dos dados.

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

	Sim	NR
Época da colonização	22,1%	77,9%
Época da independência	26%	74%
Época da paz	76%	24%

Quadro 8: distribuição dos inquiridos por fases importantes na CRSLT de Malanje

Fonte: questionários/Malanje 2017/18

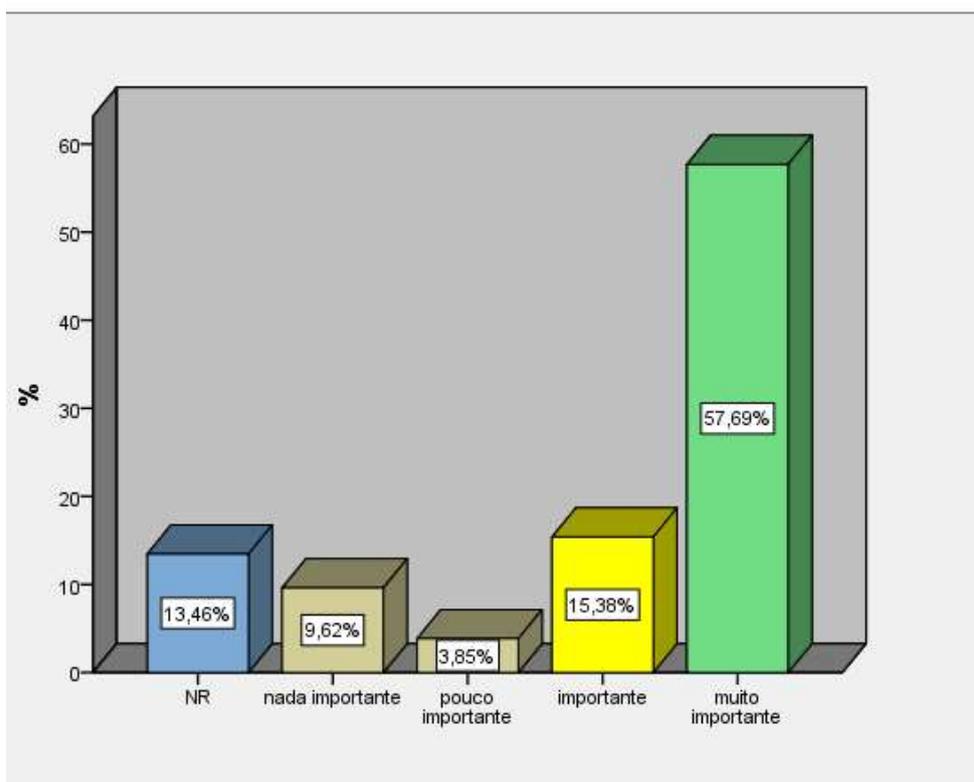


gráfico 40: distribuição dos inquiridos por importância da memória coletiva na CLT

Respeitante à importância da memória coletiva na construção dos lugares turísticos, os turistas/visitantes são claros ao assumirem tal como “muito importante” (57,6%) e “importante” (15,4%, gráfico 40). A noção generalizada acerca das vivências e culturas parece ter mais expressão quando se enquadra na memória coletiva, mais que na individual. Esta memória acompanha gerações e de modo quase impercetível, encontra-se inscrita nas práticas do quotidiano, com referência aos antepassados. As

figuras lendárias da província são testemunho disto mesmo, tal qual relatadas pelos malanjinjos.

Aquando da questão sobre a importância dessas figuras históricas e lendárias na construção dos lugares turísticos, os turistas também assinalam a sua importância, nomeadamente considerando-as “muito importante” (50%) e importante (28,8%, gráfico 41). Os destaques para os turistas cingem-se à figura da Rainha Njinga e com menor peso Ngola Kiluanje.⁹² Concernente às respostas da comunidade, encontram-se valores aproximados, de modo que as figuras históricas e lendárias possuem destaque na construção dos lugares turísticos (gráfico 19).

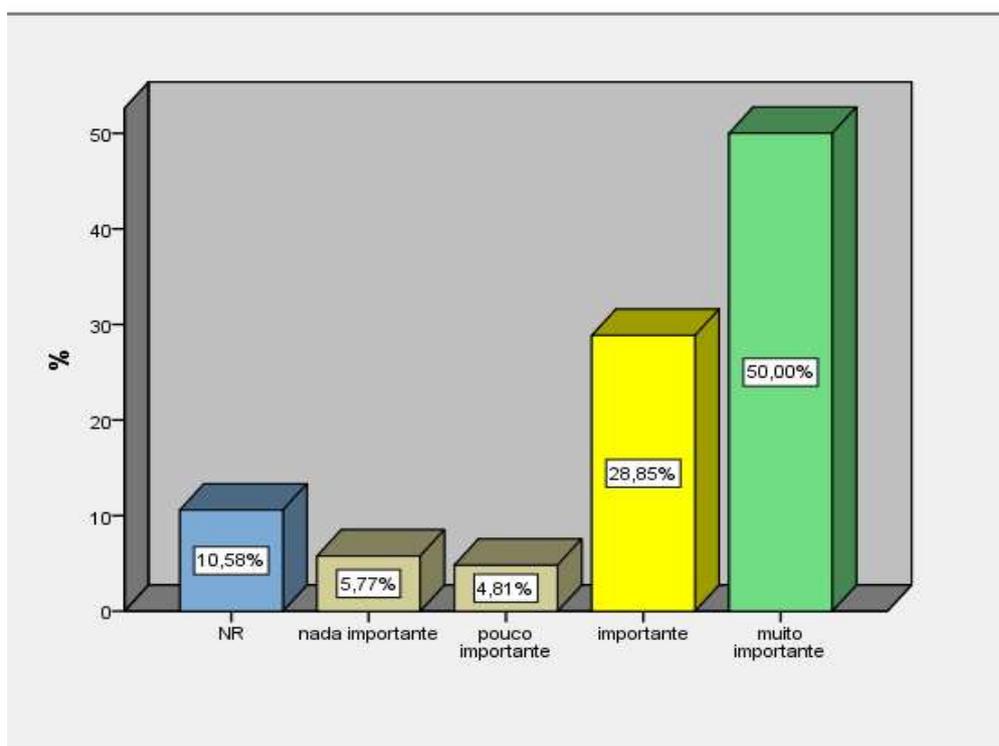


gráfico 41: distribuição dos inquiridos por importância a figuras históricas e lendárias na CLT

⁹² Assemelha-se ao peso que a comunidade atribui.

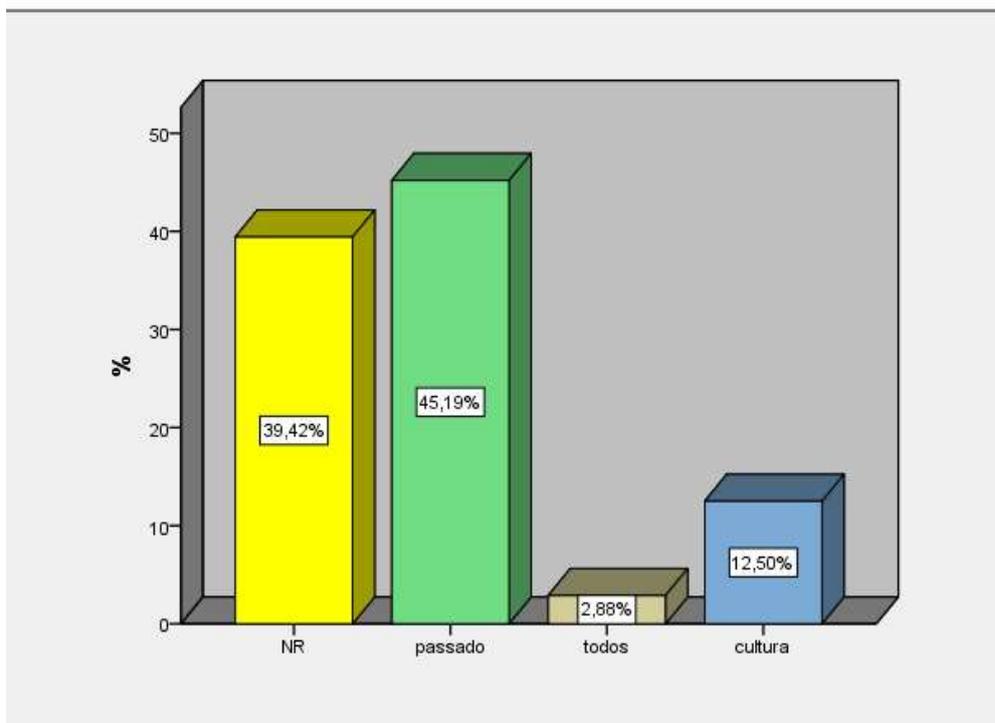


gráfico 42: distribuição dos inquiridos por justificativa da importância a figuras históricas e lendárias na CLT

Os destaques para que o gráfico 42 alude resultam de uma pergunta aberta em que os inquiridos apontavam a justificativa da escolha de figuras históricas e lendárias como importantes na CLT. Assumem o passado (45,19%), e a cultura (12,50%) como principais justificativas na referida escolha. De certa forma, encontramos coerência nas justificações apresentadas, dado os relatos das histórias e dos feitos heroicos dos antepassados. De notar que o peso das não respostas é aqui considerável (39,42). Na verdade, muitos inquiridos não souberam/queriam apresentar alguma justificativa, afirmando que as figuras históricas e lendárias de um determinado país constituem bases para a procura turística, nomeadamente os seus feitos, os espaços onde viviam ou a referência às batalhas travadas.

6.2.5 Construção dos lugares e importância atribuída em diferentes setores

	Nada imp.	Pouco imp.	Importante	Muito imp.	Não resp.	Total
Turistas/visit	0%	8,7%	32,7%	43,3%	15,4%	100%
Comunidade	8,7%	8,7%	32,7%	33,7%	16,3%	100%
Agentes Turístico	10,6%	3,8%	28,8%	40,4%	16,3%	100%
Media	4,8%	5,8%	23,1%	50%	16,3%	100%

Quadro 9: distribuição dos inquiridos por grau de importância dos papéis de várias áreas na CLT

Fonte: questionários/Malanje 2017/18

Para perceber a importância que os turistas/visitantes atribuem a estas quatro áreas na construção dos lugares turísticos recolhemos as informações onde a maior fatia do “mais importante” recai sobre o papel dos media na construção dos lugares turísticos, com 50%, seguido dos próprios turistas com 43,3%. Contudo, é de observar que ao levar em conta a escala “muito importante” e “importante” de forma acumulada, temos percentagens bastante elevadas, dando conta justamente da importância de todos os setores para a construção dos lugares turísticos nas perspetivas dos turistas/visitantes: turistas (76%), comunidade (66,4%), media (73%) e agentes do turismo (68,4%, quadro 9).⁹³ Os meios de comunicação têm a capacidade de influenciar a escolha de lugares como o destino das viagens e também podem denegrir a imagem de lugares, aspeto de que tanto os turistas como a comunidade parecem estar cientes.

Focando a análise na perspetiva da comunidade, os quatro sectores assumem papéis complementares, não só pela atividade turística, mas também no sentido de pertença e no orgulho que a própria comunidade sente relativamente às atrações. Torna-se, pois, imperativo destacar o papel dos vários setores para potenciar a memória dos respetivos lugares, associando sempre o turismo à comunidade.

⁹³ A comunidade também ilustrou esta importância, embora com algum descrédito, daí dando pesos inferiores. O quadro 4 ilustra todos os dados dos inquiridos por parte da comunidade.

6.2.6 Satisfação com vários setores: gastronomia, lazer, paisagem/natureza, hospitalidade, artesanato, interação com comunidade e atividades culturais/religiosas

	Muito insat.	Insatisfeito	Nem Sat/nem Insat.	Satisfeito	Muito Satisf.	NR	Total
Gastronomia	1%	8,7%	16,3%	38,5%	26%	9,6%	100%
Natureza paisagem	0%	0%	6,7%	43,3%	41,3%	8,7%	100%
Lazer/ Recreação	3,8%	21,2%	32,7%	29,8%	2,9%	9,6%	100%
Hospitalidade	1,9%	8,7%	18,3%	45,2%	16,3%	9,6%	100%
Artesanato	3,8%	16,3%	22,1%	30,8%	12,5%	14,4%	100%
Interação comunidade	1,9%	12,5%	23,1%	37,5%	14,4%	10,6%	100%
Ativ. Cult. e religiosos	0%	7,7%	27,9%	39,4%	16,3%	8,7%	100%

Quadro 10: distribuição dos inquiridos por grau de satisfação com várias áreas

Fonte: questionários/Malanje 2017/18

No que se refere à satisfação em relação a vários aspetos, destacamos dois aspetos considerados especialmente pertinentes para o trabalho em curso. A paisagem/natureza colhe 43,3% “satisfeito” e 41,3% “muito satisfeito” (quadro 10). Este aspeto foi também bastante enfatizado pela comunidade (quadro 5). Referindo a interação dos turistas/visitantes com a comunidade, encontramos uma percentagem de insatisfeito (acumulado), muito próximo dos insatisfeitos e dos que não respondem. Nos lugares da pesquisa, a interação dá-se na sua maioria quando há necessidade de obter algumas informações ou aquando de pequenas compras/vendas. Todavia, verificou-se também que

existem situações em que os turistas se interessaram nas histórias contadas e/ou recrutaram crianças para serem guias turísticos e intérpretes.

6.2.7 Interferência do turismo na vida da comunidade

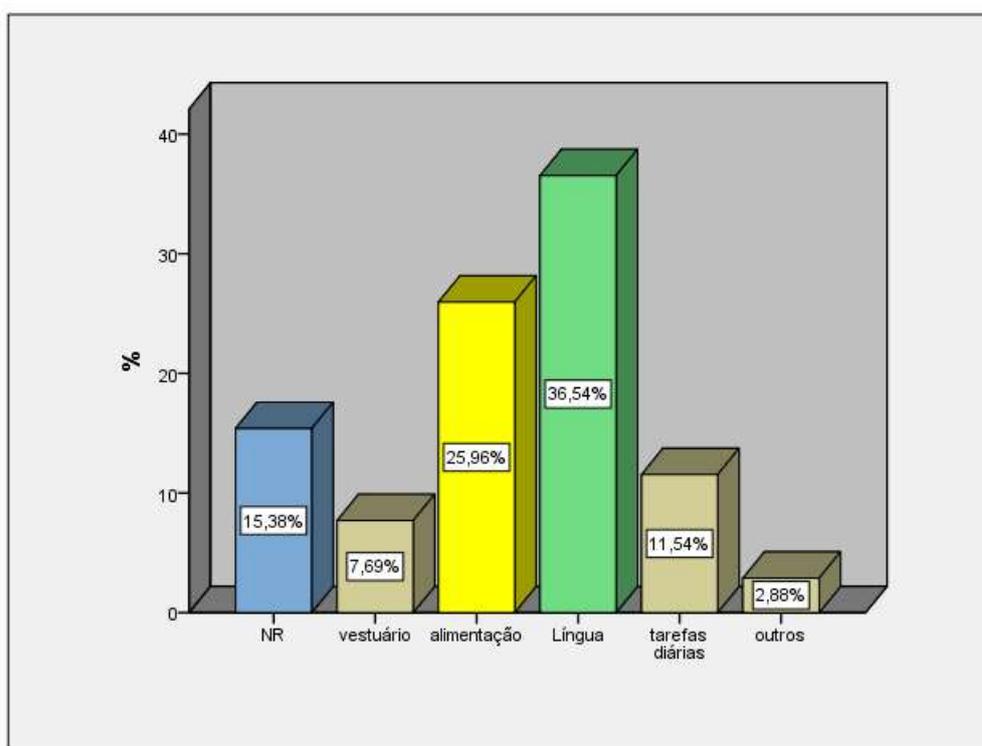


gráfico 43: distribuição dos inquiridos por setores de interferência do turismo

No entender dos turistas/visitantes, a interferência da comunidade no turismo dá-se principalmente ao nível da língua (36,5%) e alimentação (26%, gráfico 43). Nas informações complementares à pergunta levantada, denota-se uma preocupação de alguns residentes, principalmente os jovens, para tentar falar inglês ou francês. Da observação direta foi possível concluir que efetivamente isso acontece, principalmente quando se pretende vender algum objeto ou no caso dos fotógrafos que se encontravam próximos dos lugares em destaque. Comparando com as respostas dos inquiridos por parte da comunidade podemos verificar que a interferência na língua representa 24,7% e o vestuário vem em segunda posição com 22,2% (gráfico 18). A este respeito, uma visão negativista é apresentada por Deprest (2004), no que se refere ao comportamento dos

turistas, caracterizada como uma “multidão indiferente que vagueia, corpos amontoados incapazes de compreender esta espécie de santidade (Deprest, 2004, p. 29).”

Quando inquiridos sobre a influência do fluxo turístico nas comunidades, os turistas/visitantes destacam o setor da restauração/alojamento (38,4%), rendimento/comércio local (21,1%) e gastronomia (16,35%, (gráfico 44). Referir que boa parte de transação referente a gastronomia é realizada na base da informalidade. Por este motivo separamos a gastronomia de alojamento/restauração. Focando nas respostas dos anfitriões acerca do mesmo assunto, encontramos rendimento/comércio local com percentagem inferior (23,9%) e o mesmo com relação à gastronomia (22,2%). No que diz respeito às atividades religiosas e culturais, a percentagem permanece abaixo dos 10% em ambas as amostras. Apesar disso, os comportamentos religiosos parecem bastante controlados socialmente.⁹⁴

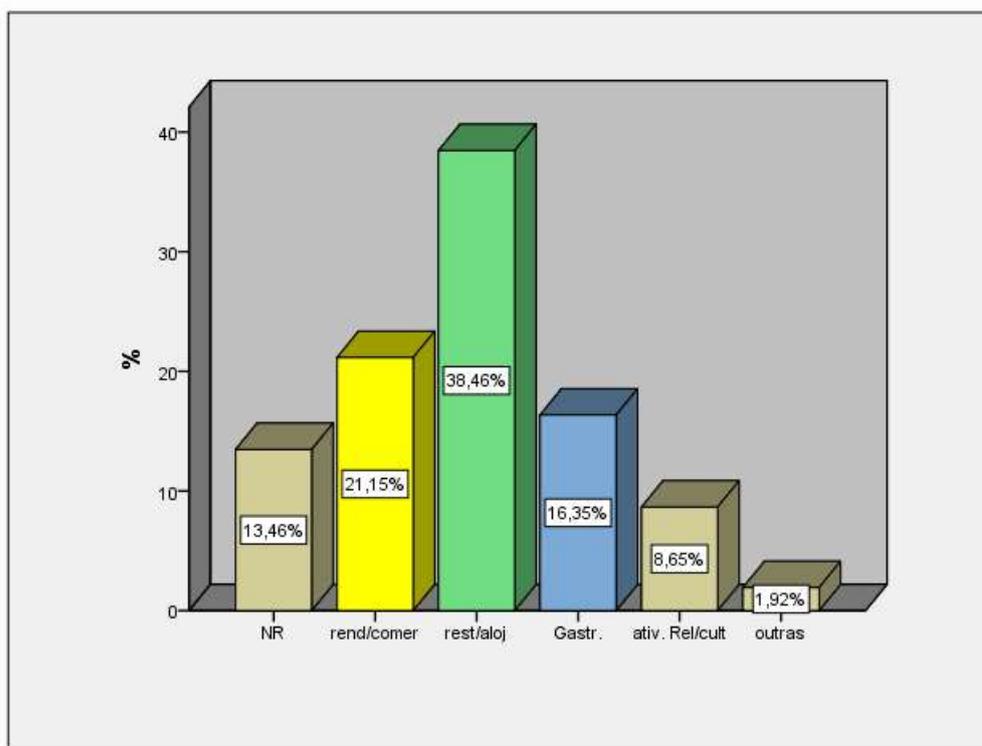


gráfico 44: distribuição dos inquiridos por influência do turismo na comunidade

⁹⁴ Num dos domingos frequentei a eucaristia na igreja católica. Tanto uma das minhas colaboradoras, quanto dois visitantes que entraram na igreja foram abordadas por senhoras dizendo que não estavam vestidas de forma adequada para entrarem “na casa do Senhor”. Deram-lhas panos (praticamente todas as senhoras na igreja usam), para colocar em volta da cintura e só depois entrarem. Estavam vestidas com calças *jeans* “normais”, para mim.

6.2.8 Resistência cultural e recomendações relativamente a Malanje

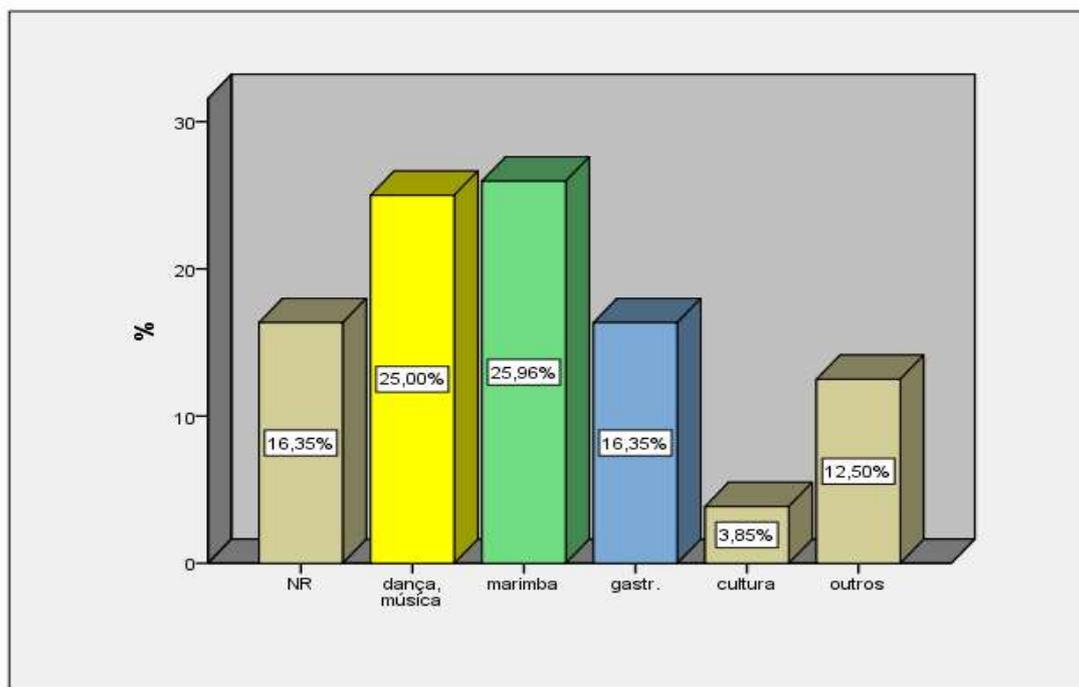


gráfico 45: distribuição dos inquiridos por traços culturais de resistência cultural

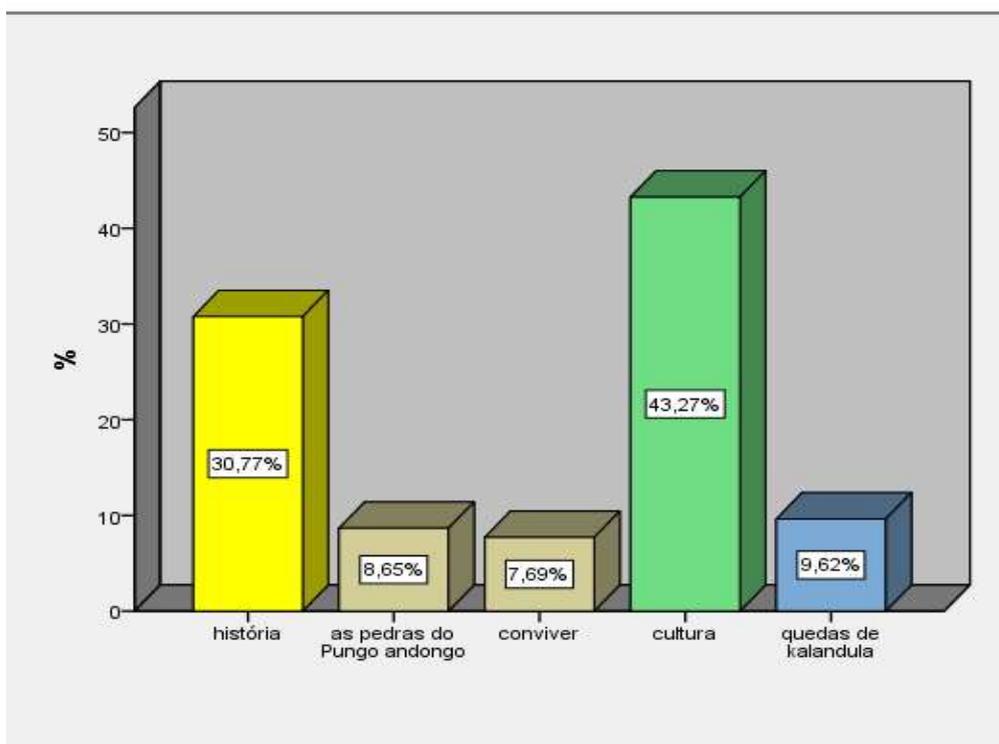


gráfico 46: Distribuição dos inquiridos por recomendações de Malanje

Quando questionados sobre alguns traços culturais que resistem à atividade turística, mantendo-se “autênticos”, os inquiridos destacaram a marimba (25,96%), dança/música (25%) e a gastronomia (16,35%, gráfico 45). Tratando-se de uma pergunta aberta, percebemos claramente que estas escolhas estão dentro do “guarda-chuva” cultura. Fazendo uma comparação com as respostas obtidas na amostra da comunidade, conclui-se que as escolhas permanecem idênticas, oscilando com pouca amplitude a nível de percentagem, salvo a escolha de “outros” com peso de 24,79%.⁹⁵

Na última questão lançada os inquiridos deviam responder sobre o que recomendariam às pessoas quando visitassem Malanje. De entre as respostas, destaque para a cultura (43,3%) e história (30,8%, gráfico 46). Denota-se o foco dos visitantes em consonância com a visão dos “novos turistas”, que já não se preocupam só com os lugares a visitar, mas sim com a história e a cultura dos povos. Como refere Fernando, “[a] motivação pela cultura e estudo também pode ser amplamente satisfeita, seja qual for o âmbito da investigação: biologia, arqueologia, história, etc” (Fernando, 2015, p. 201). As percepções da importância das duas áreas eleitas, interligadas por excelência, envolvem tanto a comunidade como os visitantes.

⁹⁵ Para os inquiridos da comunidade deve-se observar o gráfico 23.

6.3 Análise de dados obtidos através das entrevistas aplicadas às autoridades tradicionais

O inquérito por entrevista inicialmente planeado para as autoridades tradicionais e autoridades públicas foi afinal aplicado somente às autoridades tradicionais. Apesar da pré-disposição e muita colaboração por parte dos executivos locais, não se efetivaram as disponibilidades inicialmente demonstradas para a realização das entrevistas pelo conjunto de razões já antes expostas. À medida que decorriam os encontros e a recolha de dados através dos inquéritos por questionário apercebemo-nos que, apesar disso, tínhamos acesso a fontes ricas de informação, as quais vão nitidamente ao encontro do objeto de estudo. Por um lado, as autoridades tradicionais têm reconhecimento formal como líderes das comunidades, tanto pela comunidade em si mesma, como pela administração. Por outro lado, as autoridades tradicionais vivem no seio das comunidades. Partilham os mesmos problemas, as mesmas vivências, os mesmos costumes e as mesmas dificuldades. Os valores vivenciados no seio da comunidade e recebidos das gerações anteriores chegam às autoridades tradicionais e às comunidades que lideram não através de ensinamentos formais, mas sim sob a forma de vivências do quotidiano com os elementos das referidas comunidades, o que justifica uma aproximação com os propósitos de recolha de informação afim.

As entrevistas foram aplicadas unicamente pelo investigador, dada a complexidade do trabalho prevista, o que se veio a confirmar perante os entrevistados. A todos foram aplicadas as mesmas questões, que careceram de explicações, esclarecimentos e enquadramentos a fim de obter respostas que correspondessem aos objetivos do trabalho e procurando minimizar os enviesamentos na obtenção de respostas. O desvio em relação ao foco foi constante, daí o entrevistador ter de re-centralizar sempre que necessário. A duração média das entrevistas foi de 33 minutos. Três dos entrevistados aceitaram a gravação de áudio, quanto aos restantes, as informações foram registadas por escrito.

Focando nas respostas dos 5 entrevistados,⁹⁶ podemos perceber os diversos pontos de vistas dos inquiridos.⁹⁷ A primeira pergunta incidia de forma directa sobre a construção da sociedade malanjina. As respostas foram aparentemente vagas, embora com sentido e significados importantes e latentes. Referem ser *uma sociedade construída pelo trabalho dos homens e sociedade de paz desde os tempos dos nossos antepassados*. Estas respostas remetem para a ideia do trabalho em comunidade na agricultura e relacionados com a criação de gado, destacando a harmonia e solidariedade interna na comunidade. O respeito pelos antepassados é ilustrado nas respostas. Verifica-se a referência por parte de todos os respondentes aos ensinamentos dos antepassados. Há também uma linhagem que se identifica e relaciona a sociedade atual aos anteriores através de nomes de heróis, nomeadamente o Kiluangi e o Reino do Ndongo.

A segunda questão abordava as fases da construção da realidade social malanjina. As respostas não deixam dúvidas com o destaque para o período da paz, ou seja, o pós-conflito (2002). A divagação nesta pergunta foi marcante, pois, os entrevistados pretendiam contar as suas experiências, dos amigos e/ou dos familiares. Um dos entrevistados afirmou: *durante a guerra era muito difícil. Com a paz as coisas estão e melhorar. Também antes da chegada dos portugueses estávamos bem*. Os respondentes referem-se sempre ao período do colonialismo e ao pós-independência como momentos muito difíceis. Destacam o acordo de paz como momentos chave para a viragem do cenário, com o aumento de visita dos turistas desde então. Um dos entrevistados afirma que: *antes era muito complicado. Havia dias que ficávamos presos dentro das nossas casas por 15 dias. Até a água acaba, comida... tempos difíceis*. No que se refere à pergunta a nível cultural, nomeadamente sobre que traços marcam a construção dos lugares turísticos da província, as autoridades tradicionais destacam principalmente as pessoas, as músicas e as histórias como distinção para a construção dos lugares turísticos de Malanje. A presença do instrumento *marimba* constitui também destaque nas respostas dos inquiridos, tanto da comunidade como dos visitantes. A gastronomia tem também destaque assumido e verifica-se nos lugares inclusos na investigação venda de produtos

⁹⁶ Esclarecer que um dos Sobas só autorizou a entrevista conjuntamente com o Regedor. Outro soba de outro município também respondeu às entrevistas na presença de uma funcionária da administração municipal. Respeitando os princípios éticos da investigação o investigador aceitou. As respostas de ambos eram em forma de complementaridade e esclarecimentos.

⁹⁷ Cf. A totalidade das respostas no apêndice D.

alimentares confeccionados, com a exceção da localidade de Pungo Andongo que os produtos vendidos ou oferecidos estão relacionados com produtos de cultivo unicamente (legumes e frutos locais). Igualmente, as atividades religiosas são marcantes dos lugares em análise na opinião dos entrevistados. Em todos os espaços, durante as várias idas ao terreno, sempre o investigador constatava a presença ativa de grupos religiosos de várias. Destacar, por isso, a religiosidade em todos os momentos, todos os espaços e em todas as práticas do quotidiano é imperioso. Desde crianças com apenas três anos aos mais idosos, todos parecem vivenciar interna e externamente as práticas religiosas.

A questão seguinte, para além de se referir às recordações/histórias/memórias que sobreviveram a várias gerações malanjinas, também se refere às que perderam, solicitando justificações para tal. Na sua globalidade, as respostas remetem às histórias dos antepassados, às batalhas que a Njinga e Ngola Kiluange travaram, às autoridades tradicionais e à marimba como memórias que sobreviveram às gerações. Como refere um dos entrevistados: “as histórias dos nossos antepassados, as lutas dos nossos heróis, todas as crianças e adultos sabem e contam o que aconteceu” (informante 1). Contrapondo esta pergunta destacam-se as respostas relativamente às memórias que desapareceram. Os mais velhos⁹⁸ destacaram o modo como os antepassados faziam as coisas, referindo que muitos jovens de agora não querem saber da cultura. No que concerne ao campo, destacaram também os cultivos do algodão na província, lembrando a importância da Cotonang. Adicionalmente, destacaram a fauna, com relevo para o parque onde vive o animal que identifica o país: *muitos animais que existiam no Parque de Cangandala e muitas frutas que existiam no Pungo Andongo sumiram. Os colonos destruíram muitas coisas, vinham muitos caçadores estrangeiros. As ligações aos antepassados são salientadas de novo com a seguinte afirmação: antes íamos ao rio com milho e deitávamos para os nossos antepassados que descansam debaixo da terra. Os antepassados não perecem com a morte. Há sempre momentos e práticas com destaque para eles, com respeito e reverência.*

A quinta questão dá realce à influência do turismo na construção da sociedade malanjina, solicitando uma visão tanto do passado quanto hodierna. Primeiramente, há

⁹⁸ Na sociedade angolana quando se refere aos mais velhos não significa idoso ou inválido. Refere antes a uma pessoa com experiências e dotados de conhecimentos. A expressão mais velho emana o respeito.

um destaque para a época de colonialismo, onde somente a classe dominante podia circular pelos lugares com atrativos turísticos. Quanto às influências propriamente dita, informaram que muitos turistas vêm ouvir as histórias da província, onde existe alguma interação. Destacam-se a influência na vida dos fotógrafos, das crianças e jovens que fazem papéis de guias-intérpretes aos visitantes e recebem em troca disso alguns valores monetários. A autoridade tradicional é chamada pela administração para relatar as histórias da província e pouco mais. Pondo de lado esses pontos, os respondentes afirmam *sentirem-se à margem da realidade turismo*. Esta convicção parece juntar-se às respostas da comunidade que pouco sentem o pulsar do turismo⁹⁹.

A sexta questão incidia de modo particular sobre os atrativos primordiais da província de Malanje. As respostas obtidas vão ao encontro das recolhidas nos inquéritos por questionário antes aplicados. Genericamente, um dos respondentes (informante 2) afirma “os lugares das nossas culturas.” As quedas com destaque nos questionários surgem também aqui referidas: as quedas de Calandula, do Milando e de Musseleji. No Parque a Palanca Negra Gigante e os rápidos do kwanza são referenciados no município da Cangandala como atrativos primordiais da província. Em mais uma questão os heróis antepassados são trazidos à tona para mostrar a sacralidade que os associa nos túmulos que são imbuídos de simbolismos, poderes e rituais, “os túmulos dos nossos reis”, como afirma um dos sobas (informante 1). O espaço da Baixa de Cassangi é escolhido como um dos atrativos principais. A justificação vem pela importância histórica do acontecimento. Para além da identificação física do espaço em si, a imaterialidade faz com que seja escolhido por via das histórias do combate e suas consequências, conforme visto anteriormente.

Que planos para a província de modo a preservar a identidade e a cultura? Perante a sétima pergunta os respondentes destacaram o desconhecimento dos planos do governo com a finalidade de preservar a identidade e a cultura. Ao mesmo tempo, reconhecem que é necessário valorizar a cultura, as histórias e sobretudo os ensinamentos dos antepassados. É nítida que a preservação passa pelos ensinamentos recebidos dos antecessores. A esse propósito referenciam Malanje com as Quedas de Calandula, uma das 7 maravilhas naturais de Angola, assim como o plano para o Pólo de Calandula como

⁹⁹ A questão 12 do guião será mais esclarecedora deste ponto de vista das autoridades tradicionais.

planos existentes, mas a autoridade tradicional não tem pormenores dos planos. Um dos inquiridos (informante 3), respondeu que: “não dá para prever, pois o futuro ainda não chegou” destacando as incertezas do homem perante o futuro ainda desconhecido e, aparentemente não antecipado.

Na questão oitava foi levantada a seguinte pergunta: como vê a continuidade da construção social de Malanje tendo em conta o crescimento da atividade turística? Servia esta pergunta para perceber a perspetiva das autoridades tradicionais tendo em consideração a aposta no turismo como “novo petróleo de Angola¹⁰⁰”. As respostas sobressaem primeiramente com destaque para a necessidade de haver contrapartidas para a comunidade, bem como a possibilidade de os produtos do campo entrarem no circuito turístico, de modo a poder ser a comunidade a produzir e disponibilizar os seus produtos para o mercado, e assim sentirem-se participativos na atividade. Perspetivam a necessidade de construção de hotéis, restaurantes e bares. Perspetivam também cada vez mais o desligar dos jovens dos trabalhos agrícolas para passarem os dias nos lugares turísticos. Considerando na íntegra as respostas de dois sobas (informantes 1 e 2), *o turismo é bom. Nós queremos mais visitas, mas está a mudar muitos jovens, que já querem falar a língua dos turistas, passam os dias nos lugares que os turistas estão e não querem trabalhar nas lavras*; e: “o turismo é bom se quando vêm e deixam alguma coisa para ajudar-nos a manter a tradição.” Estas duas transcrições mostram algumas influências a serem perspetivadas pelas autoridades tradicionais, tendo em conta o que se vive no presente momento na província. Igualmente, começa-se a perceber os interesses dos jovens para novos desafios do mercado e novas oportunidades de trabalho, embora a maioria como *free-lancer*.

Formulada a questão se consideram haver alguma interação entre a comunidade e os visitantes e em que circunstâncias acontece essa interação no caso das respostas serem afirmativas, os inquiridos apresentaram as seguintes explicações: interação no momento dos relatos de histórias e no comércio das “mamãs¹⁰¹”, a interação com os guias e com

¹⁰⁰ <https://www.voaportugues.com/a/turismo--o-novo-petr%C3%B3leo-de-angola-/4961206.html> - a visão do governo de Angola, perante a crise do petróleo, no evento Angola Presidential Golf day em Maio 2019.

¹⁰¹ A maioria das culturas dos países africanos as senhoras, mais velhas são respeitadas como mães por toda a sociedade. É comum referir às mães que vendem. O laço de parentesco não significa que tem que ter ligações consanguíneas.

fotógrafos, a interação nos trabalhos tradicionais convocados pela administração e algumas festas que os visitantes participam. Estas respostas de uma forma genérica apresentam os momentos que corporizam as interações entre a comunidade, nomeadamente os seus representantes. Relevo para as respostas de dois sobas que mostram algumas insatisfações perante essa possibilidade de interação:

Quando formos convocados estamos juntos; muitos outros vêm e não sabemos. Quando for necessário os trabalhos tradicionais e histórias aí somos chamados. Um segundo informante refere: *há interação, mas muito pouco. Às vezes mandam os guias fazer compras e falar com as pessoas. Muitas vezes nem nos avisam da vinda deles.* Mergulhando um pouco nos ensinamentos dos costumes, as autoridades tradicionais assumem um papel muito importante na comunidade. A esse respeito, um dos respondentes disse que alguns visitantes pretendem nadar nos rios e acabam por afogar ou até mesmo que existem casos de mortes por desrespeitar as tradições. Reza a tradição que os estrangeiros que pretendam visitar alguns lugares nos municípios, que pretendam banhar ou atravessar os rios devem pedir permissão e bênção perante os sobas, que por suas vezes tem os seus rituais para o efeito.

A questão dez pretendia saber como analisam as autoridades a interferência da colonização na construção da realidade social malanjina. Dado que desde a fase das entrevistas exploratórias as conversas avançavam sempre para o tema da colonização, justificou-se fazer uma ligação entre momentos da colonização e a interferência na construção da realidade social. Da pergunta, os respondentes foram buscar alguns episódios que, à primeira vista, não aparentam fazer muita ligação, mas que depois convergem. Falam, nomeadamente, do desaparecimento de muitas famílias que até hoje não se sabe os paradeiros e destacaram a tentativa de se acabar com as línguas nacionais e as culturas dos nativos. Referem também a melhor organização, mais respeito, embora algumas restrições de circulações. Igualmente, salvaguardam que após o colonialismo também viveram momentos muito difíceis. Analisando as respostas tendo em consideração que a pergunta pretende averiguar a interferência do colonialismo na construção da realidade malanjina faz sentido quando mostram a tentativa de erradicar as línguas nacionais de modo a unificar a comunicação. A língua constitui uma das principais características de uma cultura e o enfraquecimento das famílias e/ou

comunidades através do desaparecimento dos líderes são fatores que afetam a construção linear da sociedade. A introdução em forma de imposição e a proibição dos nativos falarem entre eles em línguas nacionais interferem na estruturação das sociedades. Constituíram fatores de fragmentação das culturas, fruto dessas medidas. Por ser essa implementação imposta contra a vontade dos nativos, muitos não aderiram. Nas províncias mais recônditas (Bié), encontramos uma comunidade que não fala nem percebe o português¹⁰².

A décima primeira questão levantada realça quais as figuras históricas e lendárias da província que considera mais importante na construção dos lugares turísticos. As respostas a este questionamento, para além de trazerem os nomes por unanimidade, sempre traz acoplados as histórias, lendas e mitos dos grandes nomes da província: Brilham N'gola kiluange, Kiluange e rainha Njinga da Matamba¹⁰³ e, de uma forma geral, os N'dongos. Tanto os visitantes como a comunidade local comungam das mesmas ideias acerca dos heróis históricos e lendários associados à província. Associado a cada herói encontramos os grandes feitos para que a comunidade hoje os assuma como referências. A forma como são relatados os acontecimentos, impossíveis de realizar pelos homens vem carregada de convicções e certezas.¹⁰⁴ Não adianta buscar justificações palpáveis dos trabalhos dos grandes heróis. Estes trabalhos transcendem o materialismo, as forças dos heróis lendários são sobrenaturais. As deslocações ao Pungo Andongo têm como obrigatoriedade a visita às pegadas da Rainha Njinga e N'gola Kiluangi aquando das suas fugas, dado a perseguição dos portugueses, conforme relatam os nativos. Os informantes são claros na busca de linhagem que unem a comunidade às grandes figuras. A título de exemplo, todos afirmaram ser descendentes do Kiluangi. O parentesco é exibido, mesmo quando se refere a dezenas de gerações. Assim, “[o] parentesco torna-se, pois, perpétuo, no sentido em que, por exemplo, os primos longínquos são tratados de irmãos porque são

¹⁰² Informações observadas numa viagem de lazer a 3 de novembro 2012; posteriormente confirmado em outubro de 2016.

¹⁰³ Recordar que a Njinga recebeu vários nomes e adjetivos consoante os povos e momentos.

¹⁰⁴ Na fase da entrevista exploratória, um nativo de Pungo Andongo contava a história das Pedras Negras, em que o Kiluangi conseguiu coloca-los em 24 horas, o investigador estava acompanhado de pessoas das áreas de biologia, que por sua vez começou a explicar a possível formação daquelas pedras, justificando a erosão/chuva/sol, fez com que o nativo ficasse colérico desmentindo-os.

genealogicamente descendentes de antepassados que eram irmãos e dos quais são sucessores (Gonçalves, 2005, p. 58).

Na última questão pretendemos aferir até que ponto os planos para os lugares turísticos de Malanje têm em consideração a inclusão social. Esta pergunta interliga à sétima questão que diz respeito aos planos existentes de modo a preservar a identidade e cultura malanjina. A atual preocupação com a inclusão social nos planos, dado assumirmos a província com vocação turística, bem como o governo tendo sido criado o Pólo de Calandula. As respostas não são animadoras. Ei-las em forma de síntese: *Desconhecimento de planos de Turismo para a província;* “*Só o governo conhece os planos;*” “Quando há alguma visita somos chamados a representar e vestir os nossos fatos”; “Estado deve fazer algo para que os estrangeiros possam oferecer algumas coisas”; os benefícios recaem só para os turistas.” As respostas denotam certas insatisfações por parte das autoridades tradicionais frutos das promessas aquando da proposta das belezas naturais da província serem apresentadas para as 7 maravilhas naturais de Angola. Ao longo das entrevistas este assunto sempre foi sempre trazido à tona.

Noutro âmbito, as autoridades tradicionais, conjuntamente com as comunidades que representam, parecem insatisfeitas com o impacto do turismo na região e os planos tardam a serem implementados. As pesquisas decorreram nos períodos críticos da crise do petróleo e das divisas, e as insatisfações eram generalizadas. Algumas palavras das autoridades (todos os informantes), traduzem essa insatisfação: *Não conheço os planos que existem e quando das 7 maravilhas naturais de Angola até vieram visitar-nos, dizendo que se Kalandula ganhasse os sobas iriam receber alguma coisa, ..., mas nunca mais apareceram.* Afirmam ainda que: *não há respeito dos meninos e meninas nas quedas.* Esta última transcrição mostra a preocupação com os comportamentos dos jovens junto das quedas, onde a autoridade tradicional pense ser necessário, nos planos do governo para o turismo, ter em conta procedimentos a colmatar os tais desrespeitos referidos pelos sobas.

CONCLUSÃO

Estudar a construção sociocultural da realidade social dos lugares turísticos conduziu-nos a estudar memória e identidade na província de Malanje (Angola). Nesta conclusão refletimos de modo particular sobre a relação entre os pressupostos teórico-metodológicos de que partimos e os resultados alcançados, sintetizamos as limitações da investigação e abrimos caminho para investigações futuras.

Uma reflexão sobre os pressupostos teórico-metodológicos e os resultados alcançados

O trabalho assumiu como lugares turísticos três municípios da província de Malanje: Kalandula, Pungo Andongo e Cangandala. Esta escolha não se deu por mero acaso; antes, foi fruto de uma observação preliminar de dados afins e entrevistas exploratórias, que proporcionaram informações diversas sobre o fluxo de visitas, bem como as atividades da comunidade malanjina. A investigação avançou com o propósito de analisar e compreender, em perspectiva sociológica, o processo de construção sociocultural de lugares turísticos, e associado a este, visou os seguintes objetivos específicos: compreender o lugar da memória e da identidade no processo de construção sociocultural da realidade social de um “lugar turístico” e compreender o lugar da memória na construção sociocultural de “lugares turísticos” e, simultaneamente, da identidade sociocultural dos indivíduos e dos espaços a eles associados.

Refletido nos objetivos percebemos que a construção da realidade social é mais complexa do que a simples observação da história e dos costumes de um povo ou comunidade. No caso da comunidade malanjina foi necessário olhar ao passado, mas também ao presente, à história, à geografia, analisar memórias e compreender o seu papel na construção das identidades locais. De uma forma genérica, a construção sociocultural de um povo não se baseia somente nos grandes feitos da comunidade ou nos grandes heróis. É a vivência, o dia-a-dia ou o quotidiano das pessoas “comuns” que fazem a construção sociocultural da realidade social, em conjunto com acontecimentos de maior destaque. Ao longo de gerações a formação e desenvolvimento das sociedades vai

moldando o homem ao ponto de padronizar as suas práticas, servindo de modelos para próximas gerações. Os ancestrais assumem um papel fundamental nessa construção ao passar os conhecimentos de geração em geração. Ensinaamentos estes, embora podendo sofrer alterações dado a influência temporal, tecnológica e até espacial, que conservam certos traços que mantêm o vínculo com o passado. Para um povo que sofre influências de vários outros povos, que tem marcado nos anais do tempo a história da escravatura, colonialismo, guerra civil e crise económica, o papel dos *mais velhos* constitui um marco indelével para a perpetuação dos costumes que estão na base da construção da realidade social.

A sociologia do quotidiano assume nesta análise uma importância acrescida. Situação com a qual outrora a Sociologia pouco estava preocupada, pois os estudos recaíam sobre as grandes histórias, as grandes civilizações, as grandes guerras e ilustres personalidades. Progressivamente, abriu-se espaço para olhar aos acontecimentos da quotidianidade na sociedade. Conforme citámos, para observar *o que se passa quando nada passa*. A sociedade malanjina, e não só, é constituída por uma diversidade de práticas sociais assumidas como referência e diferenciadoras de outras comunidades. Estando inserida no continente africano, a imaterialidade assume um papel fundamental na construção da sociedade. Olhar ao património imaterial obriga a mergulhar nas histórias desde o Reino do Kongo até à formação de Angola. A realidade de Malanje se encontra escondida no seu próprio nome e na sua origem. O nome que apresenta mais do que uma versão, traduz a história e origem de uma comunidade associada à agricultura, às pedras junto aos rios e até na referência aos homens, para combater os invasores. Nesta linha também encontramos uma construção baseada na força da mulher, do seu trabalho e no papel que ela assume na sociedade malanjina, perante os homens.

A sociedade se encontra alicerçada nas suas lendas e mitos que foram passadas por várias gerações pela oralidade. São riquezas e patrimónios imateriais incomensuráveis, que, muitas vezes perdem o sentido quando se busca a justificação objetiva e imediata dos acontecimentos. Prova disso são os trabalhos no município de Pungo Andongo. Uma sociedade firmada na interação com diversos povos (de outros países, de outras províncias e com os visitantes) proporciona o contato de diferentes culturas e diferentes ideologias, o que faz com que os impactos das interações, dos

contatos e choques culturais sejam intensos e comuns. A história da província e do país de uma forma geral é baseada na interação e, por conseguinte, na aculturação, embora essa aculturação em vários aspetos tenha sido forçada, donde resultaram aliás vários conflitos. Por outro lado, essa interação acontece nas diferentes tribos e origens que compõem o *puzzle* social da comunidade. Prestemos atenção às diversas línguas das diversas províncias que carregam em cada palavra a cultura de cada povo. Também os nomes dos povos (nomes com origens nacionais) e os nomes tradicionais que na quase totalidade constituem marcos da cultura malanjina e angolana.

A memória e identidade são conceitos fundamentais deste trabalho. Os objetivos e a pergunta da investigação conduziram-nos a inquirir tanto a população como os visitantes para uma melhor perceção do enquadramento na construção sociocultural da realidade social. A revisão da literatura destacou o conceito de memória coletiva, o qual foi especialmente importante na análise do material empírico. Mesmo as práticas individuais submetem-se aos desígnios do coletivo. Esta memória coletiva é nitidamente vista nas histórias contadas pelos “mais velhos” e repetida pelos mais novos. Como exemplo, o respeito que os kandengues¹⁰⁵ têm pelas histórias, pelos ensinamentos tradicionais, pelas regras que regem a utilização de determinados espaços considerados sagrados e/ou banhos nos rios ilustra uma passagem de testemunho que rege toda a comunidade.

Associado de forma inextricável ao conceito memória, surge o conceito de identidade. No caso em apreço, um conjunto de elementos parece singularizar o povo malanjino. Muitas expressões e pressupostos sobre os malanjinos são ouvidos, mas, mesmo que pejorativo os identifica como tais. Essa identidade é vista na forma como eles se apresentam, mostrando a linhagem (filhos de Ndongo), entre outras referências. É uma linhagem tida como real em que os inquiridos frequentemente se identificam numa linhagem desde Ngola kilwangi aos filhos Rainha Njinga Mbande e Ngola Mbande. A autoridade tradicional assume de antemão a linhagem que o identifica. Todavia, quando essa autoridade apresenta a linhagem, não se refere somente à sua pessoa, mas como que dá voz a todos os malanjinos, todos que fazem parte do território.

¹⁰⁵ Significa miúdos, crianças.

Discutimos nesta tese como os espaços denominados de lugares turísticos só fazem sentido se deixarem de ser simples espaços e passarem a ser territórios. Dentro do território movimentam-se vários espaços e estabelecem-se relações entre os atores que fazem parte de determinados territórios. Para além das relações entre autores (comunidade/visitantes), no território existem relações entre os membros da própria comunidade. É nesta relação que assenta a realidade social, pois é o quotidiano dos residentes. Independentemente das relações que são estabelecidas com os visitantes, a vida continua, os costumes e hábitos vivem e convivem. Não obstante, assumimos ao longo do trabalho que o fluxo das visitas pode alterar a vida dentro dos territórios, pois, verifica-se uma necessidade de adaptação à realidade imposta pelos visitantes. As respostas dos inquiridos são as provas das mudanças provocadas pela atividade turística nos lugares turísticos, recaem sobre as línguas, restauração e atividades ligadas aos pequenos negócios.

Nos territórios malanjinos vigora o direito positivo, mas também o direito costumeiro. Existem regras que a própria cultura gere no seio social. Basta pensarmos que um visitante, para banhar nos rios devem ter permissão da autoridade tradicional, mas também as bênçãos que no plano imaterial legitimam essa prática. Aquando da aplicação do questionário em Cangandala, mesmo com autorização da administração fomos confrontados pelo Soba da região que não tinha conhecimento de que iríamos aplicar inquéritos. Tendo em conta a realidade dos lugares, verificamos que a realidade social é construída sobre a pedra da quotidianidade dos residentes e das suas atividades. É construída sobre as relações estabelecidas entre os membros dentro dos territórios aos quais estão confinados.

A interação no território malanjino é fortemente estruturada em torno da agricultura e comércio. Desde os primeiros momentos de encontro entre os brancos e negros que o comércio constitui o principal elo. Os contactos e as rotas comerciais proporcionaram o contacto entre diferentes tribos que fazem parte da província de Malanje ou outros que faziam percurso pelo território malanjino. A produção e as trocas comerciais estão na base da estruturação desse povo. A atividade comercial fez com que Malanje crescesse e assumisse o papel que antes era da Baixa de Kassangi. Mesmo estando o homem branco e negro separados física e territorialmente, o comércio constituiu

o ponto de contacto, a aceitação e a negociação entre os dois grupos. Hoje, os quitutes da terra¹⁰⁶ que se encontram espalhados pelos mercados, praças e ao longo das vias da província constituem sustento dos malanjinos desde os tempos remotos.

Quanto à agricultura, esta é visível e confirmada pelos inquiridos, mas também pelas vendas nos lugares turísticos. Nos diálogos estabelecidos percebemos a importância que assumem nas práticas agrícolas salvaguardando os ensinamentos dos mais velhos. Igualmente, nas Pedras do Pungo Andongo vigora a agricultura. Por estar muito isolado, as pessoas que lá vivem oferecem aos visitantes e vendem os produtos que cultivam. A importância da agricultura é transmitida também através das ofertas durante as cerimónias religiosas (missas nas igrejas católica). Nas festas e outros eventos como pedidos¹⁰⁷ ou casamentos os pratos que são confeccionados são oriundos das terras ou dos rios. Embora a cidade africana e europeia se tenha formado de modo distinto e distanciado, havia sempre um espaço comum que se materializava a partir das relações comerciais.

A realidade social malanjina é também construída sobre conflitos e resistências. Começando por falar da escravatura, todo o processo de comercialização e ladinização dos escravos e posteriormente o colonialismo, constituem marcos estruturantes da construção sociocultural da realidade na província em causa. Estes conflitos não se referem somente à questão do branco/negro, mas sim, internamente também. O povo malanjino, à semelhança de outros povos angolanos, viveu momentos conturbados que marcaram as suas existências e continuam vincadas no dia-a-dia. Repare-se que muitas expressões utilizadas pelas pessoas no quotidiano assemelham aos dos militares ou códigos utilizados nas guerras. Em 2014, numa viagem feita à província de Huambo e Bié com docentes portugueses, ao chegar numa praça encontramos algumas senhoras que ao ver uma dezena de portugueses se dirigiram a mim separadamente e perguntaram: “o colono voltou de novo?!”

Hoje, em Malanje encontramos uma sociedade que se desenvolveu, por centenas de anos na resistência, trabalho forçado, muitos conflitos e revoltas. De certa forma, este percurso que marcou gerações seguidas constitui uma resposta às condições desumanas que o povo malanjino sofreu. Mais recentemente verificamos a fábrica do algodão

¹⁰⁶ Produtos oriundos do cultivo dos campos. São considerados a identidade das gastronomias locais.

¹⁰⁷ Refere-se ao casamento tradicional

Cotonang que contribuiu para o desenvolvimento da região com a criação de muitos empregos, produção e exportação do algodão. Porém, trata-se de uma realidade contraditória, já que, aí descobrimos condições desumanas no labor, nalguns casos a inexistência de remunerações. Esta situação provocou acentuada revolta, conhecida como a Batalha da Baixa de Kassangi, considerada, conforme vimos atrás, o prenúncio da luta da libertação. Para além desta libertação que se refere à colonização, temos o caso da guerra civil que só terminou em 2002 e durante a qual o povo viveu momentos de conflitos acérrimos que de certa forma viria a marcar, direta ou indiretamente, todos os angolanos. Em particular, Malanje foi território de grandes conflitos durante a guerra civil. Ao contar episódios do passado, quase sempre a conversa inicia-se: - *No tempo da guerra*” – um marco cronológico, mas também vivo nos dias de hoje por Malanje, pois, por outro lado há sempre o comentário – *Estamos fartos de guerra. Guerra nunca mais.*

A sociedade malanjina constrói-se também na cultura religiosa, central para a sua organização social. Antes da chegada dos portugueses predominavam nos lugares turísticos os cultos ligados às divindades africanas. Os rios e as florestas possuíam forças divinas. Falamos do politeísmo. O colonialismo trouxe o Cristianismo para o país e no caso particular da região em destaque, trouxe ideias “novas” de monoteísmo, culto dos santos, entre outros traços da cultura ocidental. Revelaram-se momentos de resistências e atritos, mas, conforme o batismo da rainha Njinga na fé católica como D. Ana de Sousa atesta, provocou mudanças excessivas na estruturação da sociedade. Conveniente destacar que a entrada do cristianismo não foi pacífica. Houve obrigatoriedade por parte da autoridade (D. Ana de Sousa), para com o seu povo de os habitantes se converterem ao cristianismo. O homem branco era apresentado como a imagem e os ensinamentos do Deus. Hoje, verifica-se uma diversidade de crenças religiosas e abertura a muitas igrejas, seitas e profissões religiosas. Ainda assim, não se admite a estruturação da sociedade malanjina à margem de uma dimensão religiosa. A título de exemplo, nos finais de semana é visível a movimentação na cidade, por via das pessoas que se encaminham para as atividades religiosas. No Pungo Andongo e em Kalandula os passeios e retiros religiosos são de extrema importância e levam a muitas visitas, acampamentos de muitos e diferentes grupos de crenças religiosas.

É também em volta às figuras lendárias da província que se encontra fixa a construção da realidade sociocultural dos malanjinos. Verifica-se uma procura de afirmação através da linhagem. Esta linhagem ganha maior visibilidade quando sobressaem os nomes de Ngola Kilwangi e Rainha Njinga. As referências às lendas e histórias associadas à rainha mostraram claramente a muralha de uma identidade afinçada nas bravuras e feitos da Njinga. Várias pessoas com nome de Njinga fazem questão de se afirmar por essa via. As memórias destas figuras são memórias coletivas. Mais velhos, adultos, jovens e crianças, todos parecem testemunham esta verdade ao relatar as histórias e insistir na sua linhagem, mesmo que fictícia. Quem vive nos lugares em consideração apresenta-se muitas vezes como herdeiros da realeza. As referências prendem-se tanto com a figura da Njinga, como do irmão Ngola Mbande, que tem um papel muito importante para os inquiridos, pois foi ele quem assumiu o reinado após a morte do pai.

A Palanca Negra Gigante constitui um dos maiores atrativos do país e da província, contudo, os destaques são menores, comparando com outros lugares e/ou atrativos. Por um lado, o parque Natural de Cangandala, onde se situa o Santuário de Palanca Negra Gigante encontra-se interdito a visitas. A informação dada refere a manutenção do parque, mas parece haver uma certa indefinição sobre se a jurisdição do parque pertence efetivamente à Província ou se está na dependência central/nacional. Apesar destas circunstâncias, a Palanca Negra Gigante não contribui apenas para construir a identidade do malanjino, mas estende-se à identidade angolana como um todo. Disto mesmo dá conta a observação atenta da equipa de futebol nacional ou dos aviões da TAAG, cujos símbolos são palanca negra gigante. Para além de constituir estes símbolos, constitui também uma espécie única, daí o interesse de biólogos, cientistas e estudiosos que em conjunto têm contribuído para despertar nos residentes o orgulho e sentido de pertença ao território que é também o ecossistema deste animal.

A construção da realidade social nos territórios de Pungo Andongo, Kalandula e Cangandala é, pois, mais complexa do que a simples sobreposição cronológica de acontecimentos. Envolve muitas dimensões vividas e imaginadas, daí transparecendo as diferenças e as singularidades que completam o todo do *puzzle*. A realidade social é heterogénea, multidimensional e estrutura-se nas interações de diferentes atores que se movimentam nos palcos socioculturais. Esta movimentação é aproveitada no seu todo e não

somente os acontecimentos com maior destaque, e /ou de figuras de destaque. O quotidiano assume a função primordial de sedimentar as práticas ao ponto de servirem de modelos para gerações futuras.

Limitações da investigação

Todas as pesquisas apresentam limitações. Desde logo, a escolha do tema a estudar implica assumir certas limitações e adversidades que constituem problemas práticos da investigação. Fazer investigação sobre Angola, em Angola, à partida constitui um desafio. A estrutura do país e a época em que decorreu a investigação começaram por ser os impedimentos centrais para o trabalho. Nomeadamente, podemos destacar os fatores que favoreceram as limitações da investigação como a desconfiança generalizada perante os investigadores, o que constituiu uma barreira importante, nem sempre ultrapassada a fim de permitir a concretização do trabalho de pesquisa tal qual fora planeado. De certa forma, a quebra destas barreiras na sociedade angolana não se faz com simples apresentação do investigador e dos objetivos do trabalho. As ligações com pessoas da região ou descendentes constituem os meios mais aconselhados e, sobretudo, eficazes, para a facilitação e a aproximação ao campo. Por outro lado, as indicações de personalidades com patentes superiores ou pertencentes ao governo constituem vias importantes de acesso.

As dificuldades no acesso às obras literárias ou a inexistência de obras em quantidade que permitisse uma consulta mais livre e prolongada no tempo proporcionou entraves consideráveis no trabalho de investigação. Quanto à pesquisa documental, a deficiente facilitação no acesso aos documentos oficiais constituiu também um significativo entrave à prossecução do trabalho. Por outro lado, o distanciamento entre a área residencial dos investigadores e o campo em estudo com mais de 500km, aglomerando as condições climatéricas e vias de acesso em mau estado de conservação e /ou em reparação determinaram atrasos nos trabalhos de recolha de dados e trabalho de campo.

Numa sociedade extremamente militarizada, com pouco mais de uma década de paz, a aproximação das eleições presidenciais constituiu um fator de desconfiança

acrescida, interdição deliberada de acesso a alguns lugares, inclusive a apreensão e confiscação de materiais de recolha de dados. De modo transversal, verificou-se pouca sensibilidade por parte das autoridades para a investigação em curso e também pouco sentido de compromisso perante os acordos firmados em encontros e reuniões agendadas.

Caminhos para investigações futuras

Nem os fenómenos sociais se encontram totalmente isolados nem, tão pouco, existem trabalhos de investigação totalmente acabados. Durante a pesquisa, várias áreas e temas contíguos foram surgindo como especialmente profícuos para análise posterior. Embora alguns tenham sido abordados por força das ligações aos conceitos centrais, outros foram tratados com relativa superficialidade abrindo, ainda assim, novos horizontes para as investigações futuras. Destacam-se as áreas do planeamento turístico da província de Malanje, de modo a conhecer em pormenor a importância dos planos na estruturação da sociedade malanjina no que concerne à cultura, tanto no que diz respeito ao passado quanto ao futuro. Outro tema interessante a explorar diz respeito à problemática dos mestiços no mercado do trabalho angolano e as suas posições sociais. A cor da pele constitui sem dúvida um dos aspetos diferenciadores na sociedade malanjina. Estudar esta dimensão no quadro maior das desigualdades sociais em turismo parece constituir-se como uma interessante avenida de investigação. Os impactos da introdução do cristianismo na (des)estruturação social de Angola afigura-se igualmente como um dos aspetos a serem abordados em trabalhos futuros. A literatura refere que a introdução do Cristianismo nas sociedades africanas provocou mudanças profundas, perdas e ganhos de novas identidades no seio das comunidades, ainda assim, faltam estudos que nesta área permitam uma melhor avaliação da questão e, ao mesmo tempo, explorar a relação entre religião e desenvolvimento turístico. Afigura-se ainda de importância extrema desenvolver estudos aprofundados sobre o turismo de memórias e turismo genealógico, seus circuitos e impactos em contexto Angolano. Este constitui cada vez mais um nicho de procura por parte dos turistas, com destaque para os oriundos do Canadá e EUA, mas também de Portugal.

Como cremos que este trabalho patenteia, estudar para compreender a sociedade africana implica, da parte do investigador, atender tanto à literatura existente, quanto à tradição oral; ouvir os atores que fazem o presente e planeiam o futuro, mas também atender ao legado dos ancestrais como pilares da construção da sociedade; por fim, ouvir as narrativas do presente e buscar inspiração nos mitos e lendas do passado. Somente deste modo poderemos “desmistificar as esfinges”. Este é o móbil que nos conduziu no passado e inspira para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

Actos 2, 4.-6. (s.d.).

al, A. N. (s.d.). *Dança Congo: o ritual sagrado de uma tradição milenar*.

Alberto, E. P. (2014). Angola: Povos e cultura. Em G. Cabuço, *Identidade cultural, identidade nacional*. Luanda: Ministério da Cultura.

Aron, R. (2015). *As etapas do pensamento sociológico* (10ª ed.). (M. S. Pereira, Trad.) Portugal: D. Quixote.

Baert, P., & Silva, F. C. (2014). *Teoria Social Contemporânea*. Lisboa: Mundos sociais.

Balandier, G. (2014). *Sociologia da África Negra - Dinâmica da mudanças sociais na África Central*. (N. traçada, Trad.) Luanda: edições Mulemba & Pedagogo.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barreto, M. (2007). *Processos de revitalização urbana, lazer e turismo*. Santa Catarina, Blumenau: Fundação Universidade Regional de Blumenau.

Basu, P. (1 de Março de 2004). My Own Island Home: The Orkney Homecoming. (Sage, Ed.) *Journal of Material Culture*, 9, pp. 27-42. Obtido em 12 de outubro de 2018, de <https://doi.org/10.1177/1359183504041088>

Batisde, R. (1979). *A aculturação literária*. (R. V. Souza, Trad.) Paris: Cujas, Leprochain et lointain.

Bauman, Z. (2005). *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Z. (2008). *La sociedad sitiada*. Espanha: Fondo de cultura economica.

Beck, U., Giddens, A., & Lash, S. (1994). *Reflexive modernizatio - Politics, tradition an aesthetics in modern social order*. Stanford - California: Stanford university press.

- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Beni, M. C. (2001). *Análise estrutural do turismo* (6ª ed.). São Paulo: Senac.
- Berger, P., & Luckmann, T. (2010). *A construção da realidade social – um livro sobre a sociologia do conhecimento* (3ª ed.). Lisboa: Dinalivro.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade, lembranças de velhos* (3 ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Brandão, C. (1990). *Identidade e etnia: Construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, C. (1990). *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- Brannen, J. (1992). *Mixing Methods: Qualitative and Quantitative Research*. Universidade de Michigan: Avebury.
- Bryman, A., & Cramer, D. (1992). *Análise de dados em ciências sociais: introdução às técnicas utilizando o SPSS*. Oeiras: Celta Editora.
- Burke, P. (2000). *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Candau, J. (2013). *Antropologia da memória*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Carlos, A. F. (1996). *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia de Investigação - Guia para autoaprendizagem* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, H. A. (1890). *Expedição Portuguesa a Muatianvua 1884 - 1888*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e terra.
- Castells, M. (2008). *O poder da identidade* (6 ed.). São Paulo: Paz e Terra.

- Castro, B. d. (2019). *Património Cultural e a reabilitação urbana. Um caminho para o desenvolvimento do turismo em cidades históricas. A especificidade do Dondo*. Lisboa: Lisbon international press.
- Castro, F. F. (2012). *A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz*. Brasil: ciências sociais, Unidinos.
- Cipriano, S. k. (2014). As identidades esculturais, regionais e nacionais, as identidades esculturais face a construção da unidade nacional. Em G. Cabuço, *Identidade cultural, identidade nacional*. Luanda: Ministério da Cultura.
- Cohen, E. (2001). The sociology of tourism: approaches, issues, and findings. Em Y. APOSTOLOPOULOS, S. LEIVADI, & A. YIANNAKIS, *The sociology of tourism. Theoretical and empirical investigations*. (pp. 51-71). London and New York: Routledge.
- Cook, S. D., & Reichardt, S. C. (1986). *Qualitative and Quantitative Methods in Evaluation*. In *Reproduced in Spanish in Métodos Cualitativos y Cuantitativos en Investigación Evaluativa*. Madrid: Ediciones Morata.
- Costa, R. (2013). Alea Iacta Est! O lugar do tratamento e análise de dados nos estudos em turismo. Em N. Marujo, *Os Estudos de Turismo na Universidade de Évora: Ensino e Investigação* (pp. 33–42). Évora: Departamento de Sociologia/ECS/Universidade de Évora: . Obtido em 17 de maio de 2018
- Costa, R. (2015). Em busca das raízes: turismo genealógico e a comodificação da memória e identidade familiar. *I Congresso da AILP, XII CONLAB: Desafios às Ciências Sociais em Língua Portuguesa, 25 anos depois, GT81: Imaginar P*. Lisboa. Obtido em 7 de Outubro de 2018, de <http://www.conlab-ailpesh.com/>
- Creswell, J. (2007). *Projecto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Cristo, C. (2006). Como as estradas rasgam culturas: a Ribeira Grande de Monforte. Em Vários, *Actas das Jornadas do Departamento de Sociologia* (pp. 75-87). Évora: DSUE; CISA Augusto da Silva.

- Cristovão, C. (2014). Em *Identidades locais: da (des) construção à necessidade de afirmação*. Em G. Cabuço, *Identidade cultural, identidade nacional*. Luanda: Ministério da Cultura.
- Cruz, R. d. (2002). *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Contexto.
- Damba, A. (28 de Setembro de 2016). *Portal do Uíge e da cultura kongo*. Obtido em 12 de Fevereiro de 2018, de Wizi-Kongo.com: <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/kimpa-vita-a-profetisa-do-reino-do-kongo/>
- Deffacci, F. A. (Dezembro de 2012). Cotidiano e pós-modernidade: novos rumos da teoria social. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, pp. 41-54. doi:<http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>
- Deprest, F. (2004). *Inquérito sobre o turismo de massa - A ecologia face ao território*. (C. A. Brito, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget.
- Dias, R. (2003). *Sociologia do Turismo*. São Paulo: Atlas S.A.
- Duarte, J. B. (2008). Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. *Revista Lusófona de Educação*, 11, pp. 113-132. Obtido em 18 de Novembro de 2018, de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349/34911875008>
- Durkheim, É. (1994). *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Icone.
- Durkheim, É. (1998). *As Regras do Método Sociológico*. Portugal: Presença.
- Durkheim, É. (1999). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- ELTA - Empresas de Lista telefónicas de Angola. (2014). *Angola - Guia turístico*. Angola: Unitel .
- Esperança, E., & Nhulilivali, N. (2019). *Sociologia do Turismo em Angola*. Portugal: Silabas&desafios.
- Fernando, M. (2015). *O Turismo em Angola - o caso específico da planificação do Mussulo*. Luanda: Mayamba.

- Ferreira, J. C. (2013). *Sociologia*. Lisboa: Escolar editora.
- Fidel, R. (1992). *The case Study Method: a Case Study*. Englewood, CO: Libraries Unlimited.
- Figueiredo, S. L., & Rushmann, D. V. (2004). *Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas*. NCN-Novos Cadernos NAEA.
- Finuras, P. (2012). *Humanus - Pessoas iguais, culturas diferentes* (2ª ed.). Lisboa: Sílabo.
- Fortuna, C., & Peixoto, P. (2002). A recriação e reprodução das representações no processo de transformações das paisagens urbanas de algumas cidades portuguesas. Em C. Fortuna, & A. S. Silva, *Projecto e circunstâncias: culturas urbanas em Portugal*. Porto: Afrontamento.
- Foster, D. (1992). *Viagens e Turismo - Manual de Gestão*. (T. L. Castro, Ed., & T. Pinto, Trad.) Mem Martins, Portugal: CETOP.
- Fowler, S. (2003). *Tracing Your First War Ancestors (Genealogia)*. Paperback.
- Freire, P. (1984). *Cartas à Guiné Bissau: registos de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Fundação Ajuda a igreja que sofre e Comissão Episcopal de Migrações e Turismo. (2002). *Migrações - mensagens de João paulo II*. Águeda: CEMT.
- Giddens, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, A. (2003). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, A. (2013). *Sociologia* (9 ed.). (A. F. al., Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gieryn, T. (Agosto de 2000). A Space for Place in Sociology. *Annual Review of Sociology*, 26, pp. 463-496. doi:<https://doi.org/10.1146/annurev.soc.26.1.463>
- Gonçalves, A. C. (2005). *A história revisitada do Kongo e de Angola*. Lisboa: Estampa.
- Grawitz, M. (1974). *Méthodes des sciences sociales* (2ª ed.). Paris: Dalloz.

- Guba, E., & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. Em Denzin, & Lincoln, *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Halbwachs, M. (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Halbwachs, M. (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Hall, S. (1996). Em S. Hall, & P. d. Gay, *Question of Cultural Identity*. London: Sage.
- Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade* (10ª ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª ed.). (T. T. Silva, & G. L. Louro, Trans.) Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2006). *A Identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed.* (11 ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Herculano Alves (coord.). (2000). *Bíblia Sagrada*. Lisboa; Fátima: Difusora bíblica .
- Honwana, L. B. (2013). Nacionalismo africano – memórias e desafios. Em A. Nascimento, & A. Rocha, *Em torno dos nacionalismos em África* (p. Cap. IV). Moçambique: Alcance.
- Jacques, M. (2006). *Identidade e trabalho*. Porto Alegre: UFRGS.
- Jedlowski, P. (2001). *Memory and sociology: Themes and issues*. Time & Society.
- Jorge, J. (Escritor), & Graciano, S. (Realizador). (2013). *Njinga, Rainha de Angola* [Filme].
- Kamabaya, M. (2007). *Os heróis da Baixa de Kasanji*. Luanda: Nzila.

- Knafou, R. (1996). Turismo e Território. Por uma abordagem científica do turismo. Em A. Rodrigues, *Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques* (pp. 62-74). São Paulo: Hucitec.
- Kotler, P., & Armstrong, G. (1998). *Princípios de marketing*. (6ª, Ed.) Brasil: Prentice hall.
- Krippendorff, K. (2013). *Content Analysis. An Introduction to Its Methodology* (3ª ed.). California CA: Sage Publications.
- Lahire, B. (2003). *O homem plural - As molas da acção*. Brasil: Instituto Piaget.
- Lefebvre, H. (1991). *Production of Space*. Cambridge: Blackwell publishers.
- Lefebvre, H. (1974). *La production de l'espace*. Paris: Anthropos.
- Leite, A. C. (2012). Memórias da cidade intangível. Em M. João, *A matéria do património – memórias e identidades* (pp. 23-27). Lisboa.
- Léssard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas* (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Lienhard, M. (2005). *O Mar e o Mato – História da Escravidão*. Luanda: Kilombelombe.
- Madeira, J. P. (2018). *Nação e identidade - a singularidade de Cabo Verde*. Cabo Verde: Pedro Cardoso livraria.
- Marques, A. P. (2010). Da construção do espaço à construção do território. *Fluxos e Riscos : Revista de Estudos Sociais*, pp. 77-88. Obtido em 12 de junho de 2017
- Martin, L. (2013). *Malanje - o tempo e a memória*. Braga: Publito.
- Martin, L. (2014). *Malanje - suas gentes*. Lisboa: vigaprintes Chiado.
- Marujo, M. N. (2005). A Sociologia e o Turismo. Em F. R. (orgs.), *Sociologia em diálogo* (2) (p. 28). Évora: Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, CISA "Augusto da Silva".
- Marujo, M. N., & Cravidão, F. (2012). Revista de turismo y património cultural. *Turismo e Lugares: Uma visão Geográfica, in Pasos, 10*, pp. 281-288.

- Marujo, M. N., & Cravidão, F. (2012). Turismo e Lugares: uma perspectiva geográfica. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. ISSN 1695-7121.
- Marujo, N. (2012). Comunicação, destinos turísticos e formação superior. Em S. P. (edições), *Portugal - destino a Comunicar. A comunicação no Turismo português* (pp. 54-66). Lisboa: ISCSP.
- Mata, I. (2014). *A Rainha Nzinga Mbandi: história, Memória e Mito*. Lisboa: Colibri.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2016). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: revista de educação - Inovação, Investigação em Educação*, 2, pp. 49-65. doi:10.34620/eduser.v2i2.24
- Mela, A. (1999). *A sociologia das cidades*. (E. Saló, Trad.) Lisboa: Estampa.
- Mela, A. (1999). *A Sociologia das cidades*. (E. Saló, Trad.) Lisboa: Estampa.
- Minhotur. (2013). *Plano director do turismo de Angola*. Luanda: Pm Media.
- Moreira, E., & Hespanhol, R. (2007). O lugar como uma construção social, *Revista de formação*, *Formação*, 2, pp. 48-60. doi: <https://doi.org/10.33081/formacao.v2i14.645>
- Morigi, V. J. (2015). Memória, representações sociais e cultura imaterial. *Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, 8. doi:<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4833>
- Nash, C. (2002). *Genealogical Identities. Environment and Planning* (Vol. 20(1)).
- Oliveira, S., & Montenegro, L. (2012). *Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivencia cotidiana*. Brasil: caderno EBAPE.BR.
- Organización Mundial del Turismo. (1997). *Los efectos sociales del turismo*. Manila: OMT.
- Osório, N., Matos, M. N., Soares, A. A., & Catarino, P. (2017). Etnomatemática da Marimba: instrumento etnográfico da província de Malanje em Angola. (U. d. Nariño, Ed.) *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, 10, pp. 1-16. doi:2011-5474

- Padrós, E. S. (Junho de 2001). Usos da memória e do esquecimento na história. (P. UFSM, Ed.) *Letras*, 0, pp. 79-95. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/2176148511826>
- Pais, J. M. (Junho de 1993). Na rota do Quotidiano, 106 – 110. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 37, pp. 106-110. Obtido em Maio de 2019, de https://www.researchgate.net/publication/282666571_Sociologia_da_Vida_Quotidiana_Teorias_Metodos_e_Estudos_de_CasoThe_Sociology_of_Everyday_Life_and_Theories_Methods_and_Case_Studies
- Pais, J. M. (2002). *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa: ICS.
- Pantoja, S. (12 de Março de 2010). O ensino da história africana: metodologias e mitos: o estudo de caso da rainha Nzinga Mbandi., *Ensino de História Africana*, pp. 315-328. Obtido em 09 de Maio de 2017, de http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/8175/1/ARTIGO_EnsinoHistoriaAfricana.pdf
- Parreira, A. (2003). *Breve cronologia da história de Angola*. Luanda: Nzila.
- Parsons, T. (1969). *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Pioneira.
- Parsons, T. (1982). *El Sistema Social*. Madrid: Alianza.
- Peixoto, C. B. (2015). *Ser, não ser, voltar a ser ou tornar-se? : uma reflexão sobre a (re)inserção social dos angolanos de ascendência portuguesa à luz dos estudos pós-coloniais*. Coimbra. Obtido em 18 de setembro de 2017, de WWW: <http://hdl.handle.net/10316/28147>
- Pequenino, S., Sapalo, B. D., & Santos, A. B. (2014). A cultura e a sociedade: elementos identitários da nação. Em G. Cabuço, *Identidade cultural, identidade nacional*. Luanda: Ministério da Cultura.
- Peralta, E. (2007). *Abordagens teórica ao estudo da memória social: uma resenha crítica, Arquivos da Memória*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia portuguesa.
- Pinto, A. O. (2017). *História de Angola - Da pré-história ao início do século XX*. Lisboa: Mercado de letras.

- Pollak, M. (1989). *Memória, esquecimento e silêncio* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Estudos Históricos.
- Pollak, M. (1992). *Memória e identidade social* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Estudos Históricos.
- Pollak, M. (1992). *Memória, esquecimento e silêncio*. São Paulo: Cpdoc/FGV.
- Punch, K. F. (1998). *Introduction to Social Research Quantitative and Qualitative Approaches*. London: Sage.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ray, N. M., & McCain, G. (2012). Personal Identity and Nostalgia for the Distant Land of the Past: Legacy Tourism. *International Business & Economics*, 11 ISS:9, 977-989. Obtido em 04 de Setembro de 2020, de http://works.bepress.com/nina_ray/15
- Revel, J. (1989). *A invenção da sociedade*. Lisboa: Difel.
- Richards, G. (2007). *RICHARDS, G. (2007): "Cultural tourism: global and local perspectives*. New York and London: Haworth Hospitality Press.
- Rodrigues, A. B. (1997). *Turismo e Espaço. Rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: HUCITEC.
- Roegiers, J. D. (1999). *Metodologia de recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Roegiers, X., & Ketele, J.-M. D. (1998). *Metodologia da Recolha de Dados-Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Santos, C. A., & Yan, G. (24 de February de 2010). Genealogical Tourism: A Phenomenological Examination. *Journal of Travel Research*, 56-67. doi:10.1177/0047287509332308
- Santos, E. S. (2006). *A cidade de Malanje na história de Angola (dos finais do século XIX até 1975)*. Luanda: Nzila.

Santos, J. M. (2017). *Património e turismo - o poder da narrativa*. Lisboa: Colibri.

Santos, J. M. (2017). *Património e Turismo, o poder da narrativa*. Lisboa: Colibri.

Santos, M. S. (1999). *ANPOCS Teoria da Memória, Teoria da Modernidade*, . Rio de Janeiro.

Santos, M. S. (Agosto de 1999). Teoria da Memória, Teoria da Modernidade. *ANPOCS*.
Obtido em 12 de Março de 2016, de
<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/23-encontro-anual-da-anpocs/gt-21/gt19-17/5020-msantos-teoria/file>

Santos, N., Moreira, C., & Silveira, L. (2018). Turismo Genealógico em Coimbra. Diversificação da oferta turística e qualificação territorial: Proposta de uma rota da cultura judaica. *8º Congresso Luso-brasileiro para o planeamento urbano, regional, integrado e sustentável (Pluris)*. Coimbra: Pluris.

Schutz, A. (1987). *Le chercheur et le quotidien*. Paris: Méridiens klinck sieck.

Selltiz, C. (1965). *Métodos de Pesquisa das Relações Sociais*. Brasil: Herder.

Sharma, K. (2004). *Tourism and regional development*. New Delhi: Sarup&sons.

Silva, A. S., & Pinto, J. M. (2009). *Metodologia das ciências sociais* (15ª ed.). Lisboa: Afrontamento.

Silva, S. (2013). *Turismo Interno - Uma visão integrada*. Lisboa: LIDEL.

Silva, T. T. (s/d). *A produção social da identidade e da diferença*. .

Simmel, G. (1986). *Sociología: estudios sobre las formas de socialización* (Vol. 2). Madrid: Alianza.

Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

Sodré, M. (2002). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petropolis: Vozes.

- Sousa, B. d. (2008). A Memória como Elemento de Construção de uma Identidade. Em UFG (Ed.), *I Congresso Nacional e II Regional de História da UFG*. Jataí. Obtido de [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(10\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(10).pdf)
- Souza, L. (2001). O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. Em I. Castro, P. Gomes, & R. Corrêa, *Geografia: conceitos e temas* (pp. 77-116). Rio de Janeiro: Bertrand.
- Stake, R. E. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks: Sage.
- Thomas, A. (MCMLXIV). “*Diário de viagem do presidente Américo Thomas às províncias de Angola e São Tomé e Príncipe - 1963*. agência geral de ultramar – lisboa.
- Touraine, A. (1970). *A sociedade pós-industrial*. Lisboa: Moraes Editores. Lisboa: Moraes.
- Touraine, A. (2009). *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- Vieira, J. M. (2007). *Planeamento e ordenamento territorial do turismo - uma perspectiva estratégica*. Lisboa-São Paulo: Verbo.
- Wearing, S. S. (2010). *Tourist cultures: identity, place and traveller*. Sage publications.
- Weber, M. (1966). *The city*. New York: Free Press.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Em T. Tadeu, & 2ª (Ed.), *Identidade e diferença: uma identificação teórica e conceitual*. Petrópolis: RJ vozes.
- WTO. (13 de Julho de 2019). *Global Code of Ethics for Tourism (GCET)*. Obtido de World Tourism Organization: <http://ethics.unwto.org/en/content/global-code-ethics-tourism>
- Yambo, F. X. (2010). Pertinência e prioridades no estudo dos locais de memória como contributo à história de Angola. Em António Pedro Sousa Marques, *Da Construção do Espaço à Construção do Território* (pp. 75-88). Angola: Fluxos & Riscos.

Yin, R. (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Zerquera, J. (2011). *Angola, Conhecer o Território*. Luanda: Livraria mensagem.

Webgrafia e revistas

- António Sousa Ribeiro, «Memória, identidade e representação: Os limites da teoria e a construção do testemunho», *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 88 | 2010, colocado online no dia 01 Outubro 2012, criado a 30 Setembro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/1689> ; DOI : 10.4000/rccs.1689 – acedido em 15 de Junho 2019

- Carneiro, Cândido, (2017). *1º Passeio turístico à Pausada do Duque de Bragança* in https://www.google.cv/search?tbm=isch&sa=1&ei=ITncW_WzL8mTgAa5xJ3wBw&q=quedas+do+duque+de+bragan%C3%A7a&oq=quedas+do+duque+de+bragan%C3%A7a&gs_l=img.3..0i30k1.1004748.1013145.0.1013300.50.20.0.14.14.0.338.2848.0j8j2j3.13.0....0...1c.1.64.img..25.24.2384...0j0i67k1j0i5i30k1j0i24k1.0.ddlbsVzWxH8#imgrc=H5cz00j6QhqHpM: consultado a 25 de Julho de 2018

- Costa, Mateus da (2013), *Línguas Nacionais de Angola*, in http://matdacosta.blogspot.com/p/artigos_9501.html Acesso a 07 de Janeiro de 2019, 10h51.

- Dussel, Finocchio & Gojman, (1997), in Padrós, Enrique Serra (2001) *Usos da memória e do esquecimento na História*, in <http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num4/ass02/pag01.html>, consultado a 29/01/2016

- Edmundo, Francisco (2014) *Sobre a aprendizagem das línguas nacionais, em Angola* in https://www.google.pt/search?q=mapa+etnico+de+angola&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=NOlbsHCnRgtY9M%253A%252C4Wr6ayCkKxcRsM%252C_&usg=AI4_-kSqNQZn6qDCmgvo7PRIU6LGDkh0Dw&sa=X&ved=2ahUKEwjT1vuN_c7eAhXxyYUKHUb9CwUQ9QEwBHoECAAQDA#imgrc=NOlbsHCnRgtY9M: consultado a 20 de julho de 2018

- Ferreira, Suelda de, Albuquerque, (2008), *A identidade no processo de construção da nova identidade*, in <http://www.ceg.ul.pt/fich/2/artigorevistainterlegerer.pdf>, consultado em 09/11/2015

[7a&gs_l=img.3..0i30k1.1004748.1013145.0.1013300.50.20.0.14.14.0.338.2848.0j8j2j3.13.0....0...1c.1.64.img..25.24.2384...0j0i67k1j0i5i30k1j0i24k1.0.ddlbsVzWxH8#imgrc=hZ9kbJmpcWEKMM](https://www.google.com/search?img_src=1&img_30k1.1004748.1013145.0.1013300.50.20.0.14.14.0.338.2848.0j8j2j3.13.0....0...1c.1.64.img..25.24.2384...0j0i67k1j0i5i30k1j0i24k1.0.ddlbsVzWxH8#imgrc=hZ9kbJmpcWEKMM): consultado a 22 de Setembro de 2018

- Santos L. J. (2014), Angola elegeu as suas 7 Maravilhas Naturais, in http://fugas.publico.pt/Noticias/333890_angola-elegeu-as-suas-7-maravilhas-naturais

- Sapo Viajar (2013), *Palanca Negra Gigante* in https://www.google.cv/search?tbm=isch&sa=1&ei=JBDXW9rvBZK6kwWq2ID4Cg&q=palanca+negra+gigante&oq=palanca&gs_l=img.1.2.0110.37227645.37235012.0.37238325.35.16.0.0.0.236.1828.0j10j1.11.0....0...1c.1.64.img..26.7.1225...0i67k1.0.X-nLkS6sRKw#imgrc=VXtD1ahNSLv3WM: consultado a 25 de Setembro de 2018

Sousa, Bertone de Oliveira, (2008) *A Memória como Elemento de Construção de uma Identidade*, in [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(10\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(10).pdf), consultado a 26.11.2015.

- Tadeu, Tomaz (s.d.). *A produção social da identidade e da diferença* in https://www.researchgate.net/publication/266277059_A_producao_social_da_identidade_e_da_diferenca, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, consultado a 20 de Outubro de 2018

- "The Universal Geography"; by Élisée Reclus, Edited by A.H. Keane, Published by J.S. Virtue & Co., London [Universal Geography] (1885) "*Black Stones*" of Pungo Ndongo – in https://www.google.cv/search?q=Black-Rocks-at-Pungo-Andongo.-Black-Stones.-Angola-1885-old-antique-map-chart-267161-p&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=wej_sWmrJzpxyM%253A%252CHy2_48nvOvNSOM%252C_&usg=AI4_kStHqsvrpltxke6tqrAuv8JLIDbog&sa=X&ved=2ahUKEwjy3rXI5aveAhUuzIUKHX4-B44Q9QEwAHoECAMQBA#imgrc=wej_sWmrJzpxyM: consultado a 12 de Setembro de 2018

- TPA1 (2014), *Texturas* in <http://tpa.sapo.ao/programacao/tpa1/detalhe/texturas> Acesso a 02 de Janeiro 2019, 11h05.

- UNESDOC, (2014)., *Njinga A Mbande: Rainha do Ndongo e do Matamba*, UNESCO Digital Library in <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002309/230931por.pdf> - consultado em 16 de Setembro 2018

- Wikimapia, (s.d.) *Pedras Negras de Pungo Andongo* – in https://www.google.com/search?biw=1366&bih=608&tbm=isch&sa=1&ei=ejbHW4HAIcyCgAarore4DQ&q=pungo+andongo&oq=pungo+andongo&gs_l=img.3...361927.366801.0.366944.35.14.0.0.0.0.0.0.0.0.0....0...1c.1.64.img..35.0.0....0.VBLg_grPMel#imgrc=Ip0w8rutXJj0WM: consultado a 28 de Setembro de 2018

ANEXOS

ANEXO A – solicitação autorização ao governador da província

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)



UNIVERSIDADE METODISTA DE ANGOLA
CEIC – Centro de Estudos e Investigação Científica

PIC-UMA
PROGRAMA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA

Ao
Administrador de Malanje
Sua Excelência Dr. Norberto Dos Santos “Kwata Kanawa”

Luanda, 29 de Junho de 2017.

No âmbito das suas actividades académicas e científicas, declara-se, que o Prof. doutorando Samuel Varela é Docente efetivo na Universidade Metodista de Angola e no âmbito de estudos pós-graduados na Universidade de Évora, Doutoramento, está a desenvolver o projecto de investigação científica na província de Malanje, intitulado “**A construção da Realidade social nos lugares turísticos. Memórias e identidades na Província de Malanje**”.

Trata-se de um estudo de investigação que está a ser realizado no Centro de Estudos e Investigação Científica da UMA, no âmbito de numa parceria científica entre a Universidade de Évora com a Universidade Metodista de Angola.

Para a recolha de dados será utilizado o questionário em anexo. O questionário respeita ao anonimato e às questões éticas de uma forma generalizada.

Com essas considerações, solicitamos a sua Excelência **Dr. Kwata Kanawa** a autorização para a recolha de dados com base no formulário supracitado.

Agradecemos antecipadamente a vossa atenção.

“Sem mais, subscrevemo-nos com elevada estima.

Vice-Reitor-Área Científica
Director do CEIC-UMA
Prof. Doutor Luciano Júlio Chingui



**UNIVERSIDADE METODISTA
DE ANGOLA**

Luciano Júlio Chingui
Vice Reitor

Anexo B – Declaração da autorização da direção provincial



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO PROVINCIAL DE MALANJE
DIRECÇÃO PROVINCIAL DO COMÉRCIO, TURISMO E HOTELARIA

DECLARAÇÃO

Eu, *José Domingos André*, Director Provincial do Comércio, Turismo e Hotelaria, em Malanje, declaro que está devidamente autorizado o Senhor **Samuel Varela Spinola**, Docente da Universidade Metodista de Angola, para efeito académico a contactar às Administrações Municipais de Cacuso, Calandula e Cangandala, para recolha de dados no âmbito do cumprimento das tarefas de pesquisa científica sob o tema: **A Construção da Realidade Social nos Lugares Turísticos, Memórias e Identidade na Província de Malanje**”.

E, para constar mandei passar a presente declaração que vai por mim devidamente assinada e autenticada com tinta á óleo em uso nesta Direcção Provincial.

MALANJE AOS 28 DE AGOSTO DE 2017.

O DIRECTOR PROVINCIAL,
JOSÉ DOMINGOS ANDRÉ



A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)



A QUEM POSSA INTERESSAR

Ex.mos(as) Senhores(as),

As abaixo assinadas, Professoras na Universidade de Évora (Portugal), confirmam que Samuel Varela Spínola é aluno do Programa de Doutoramento em Sociologia nesta Universidade e encontra-se a elaborar uma tese de doutoramento, sob nossa orientação, intitulada "A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)". Neste sentido, solicitamos e agradecemos da parte de V. Ex.ª toda a colaboração possível para a concretização do referido estudo.

Universidade de Évora, 6 de Junho de 2017

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
Rosalina Pisco Costa
Professora Auxiliar
Universidade de Évora

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
Maria Noémia Mendes
Professora Auxiliar
Universidade de Évora

APÊNDICES

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)



O presente inquérito, destinado à comunidade malanjina, insere-se no âmbito de estudos pós-graduados na Universidade de Évora, especificamente Doutoramento. Dá corpo ao trabalho de investigação que está sendo desenvolvido na província de Malanje, intitulado “A construção da Realidade social nos lugares turísticos. Memórias e identidades na Província de Malanje”. O questionário respeita ao anonimato e às questões éticas de uma forma generalizada. Garantimos que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a privacidade.

Os nossos agradecimentos pela sua colaboração!

A – QUESTÕES DE CARACTERIZAÇÃO

1 – Sexo

- 1) Masculino
2) Feminino

2 – Situação conjugal

- 1) Solteiro
2) Casado/união de facto
3) Separado/Divorciado
4) Viúvo

3 – Faixa etária (idade)

- 1) ≤ 19
2) 20-39
3) 40-59
4) 60-79
5) ≥ 80

4 - Em relação a sua Profissão:

- 1) Estudante
2) Trabalhador por conta própria
3) Trabalhador por conta de outrem
4) Desempregado/a
5) Reformado

5 - Habilitações Literárias

- 1) Sem estudos
2) Ensino Primário
3) Ensino Básico
4) Ensino profissional
5) Ensino Secundário
6) Bacharelato/Licenciatura
7) Mestrado/Doutoramento

B . EM RELAÇÃO À PROVÍNCIA DE MALANJE

6 – Há quanto tempo vive em Malanje?

- 1) ≤ 10 anos
2) 10 a 19 anos
3) 20 a 29 anos
4) 30 a 39 anos
5) 40 a 49 anos
6) ≥ 50 anos

7 – Alguma vez já interagiu/estabeleceu contacto com os visitantes?

- 1) Sim
2) Não (passa para a pergunta 8)

7.1- Se respondeu sim, indique que tipo de contacto ou interacção?

- 1) transação Comercial
2) Prestação de Informações
3) Participação conjunta em actividades culturais e/ou religiosas
4) Outro. Qual?

7.2 – No contacto com os visitantes que aspectos usualmente abordam acerca da província?

- 1) história
2) Atrativos/lugares turísticos da província
3) Vida quotidiana dos malanjinos
4) Cultura
5) Outros. Quais

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)



8 – Como considera o seu envolvimento na actividade turística da província?

- 1) Nada envolvido _____
 2) Pouco envolvido _____
 3) Envolvido _____
 4) Muito envolvido _____

8.1 – Se respondeu 'Pouco envolvido', 'Envolvido' ou 'Muito Envolvido', de que forma é que se envolve?

9 – Dos lugares no quadro abaixo indica, na sua opinião ordenando de 1 a 3 os lugares que mais identifica Malanje e o seu povo.

Lugares			
Pedra de pungo-a-ndongo		Reserva do Milando	
Quedas de Kalandula		Quedas do luando	
Quedas de Musselegi		Ilhas do kwanza	
Quedas do bem Casados		Rápidas do kwanza	
Mirante de Kabatuquila		Parque Nacional de Cangandala	
Túmulo da rainha Njinga			

10 – Que aspectos considera importantes na construção dos lugares turísticos de Malanje?

- 1) História _____
 2) Cultura _____
 3) paisagem/natureza _____
 4) Gastronomia _____
 5) personalidades _____
 6) Outros (quais) _____

11 - Na sua opinião qual é a principal atracção que promove a Malanje como potencial destino turístico de Angola?

- 1) Eventos culturais e religiosos _____
 2) Hospitalidade _____
 3) Clima _____
 4) Paisagem _____
 5) Gastronomia _____
 6) Património Cultural _____
 7) Outro. Qual? _____
 8) N.S./N.R. _____

12 - Que tipo de ligação estabelece relativamente aos lugares turísticos da província?

- 1) ligação familiar/afetiva _____
 2) Lugar de evasão/diversão _____
 3) Lugar de comércio/vendas _____
 4) outras. Quais _____

13 – Identifica duas fases da construção da realidade social nos lugares turísticos na província que considera mais importante.

- 1) Época da colonização _____
 2) Independência _____
 3) Acordo de paz _____
 4) Atualmente _____
 5) Outro _____

14 - Que importância atribui à memória colectiva na construção dos lugares turísticos?

- 1) Nada importante _____
 2) Pouco importante _____
 3) Importante _____
 4) Muito importante _____

14.1 – Justifique a sua escolha _____

15 – É do seu conhecimento caso de pessoas que regressaram a Malanje com o intuito de reviver o passado?

- 1) Sim _____
 2) Não (passa a pergunta 16) _____

15.1 Em que actividades/eventos participaram durante a estadia?

- 1) Visita a famílias _____
 2) passeio pelas ruas e casas _____
 3) actividades culturais/religiosas _____
 4) visita a atrativos turísticos _____
 5) outros (quais) _____

16 – Que traços/aspectos da província já ouviu falar pelos "mais velhos" que não chegou a conhecer? _____

17 - Que imagens guarda antes do alcance da paz em relação ao fluxo de visitas nos lugares turísticos de Malanje?

- 1) Lugares usado só pelos nacionais _____
 2) Lugares com poucas visitas _____
 3) Lugares de atividades diárias _____
 4) Lugares com muitas visitas _____
 5) lugares abandonados _____

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)



18 - Que importância atribui às figuras históricas e lendárias da província na construção dos lugares turísticos?

- 1) Nada importante.....
- 2) Pouco importante.....
- 3) Importante.....
- 4) Muito importante.....

18.1 Justifica a sua escolha _____

19 - Das questões seguintes preencha as colunas laterais atribuindo valores conforme a indicação da escala: 1- Nada importante, 2 - Pouco importante, 3 - Importante, 4 - Muito importante, 5 - NS/NR

Nº S	QUESTÕES	RESP/ESC
19.1	Qual o grau da importância que atribui aos turistas/visitantes na construção dos lugares turísticos de Malanje?	
19.2	Qual o grau da importância que atribui a comunidade local na construção dos lugares turísticos de Malanje?	
19.3	Qual o grau da importância que atribui aos agentes do turismo na construção dos lugares turísticos de Malanje?	
19.4	Qual o grau da importância que atribui aos media na construção dos lugares turísticos de Malanje?	

23 - Que atividades os turistas/visitantes desenvolvem nos lugares turísticos?

- 1) Compras.....
- 2) Fotografias.....
- 3) Refeições.....
- 4) Participação em atividades diárias da comunidade.....
- 5) Participação em atividades de lazer.....

6) Outras. Quais _____

20 - Qual é o seu grau de satisfação sobre os atrativos da província de Malanje?

	Muito Insatisfeito (1)	Insatisfeito (2)	Nem satisfeito Nem insatisfeito (3)	Satisfeito (4)	Muito Satisfeito (5)	N.S./N.R. (6)
1)Gastronomia						
2)Actividades de lazer/recreação						
3)Aspectos naturais da paisagem						
4)Hospitalidade						
5)Artesanato						
6) Interação com a comunidade						
7)Actividades culturais e religiosas						

21 - Na sua opinião em que sectores da sua vida nota que houve maior interferência do turismo?

- 1) Vestuário.....
- 2) Alimentação.....
- 3) Língua.....
- 4) Tarefas diárias.....
- 5) Outros.....
- 6) Nenhum.....

22 - Qual é a influência do fluxo turístico nas suas actividades quotidianas?

- 1) Rendimento.....
- 2) Restauração/alojamento.....
- 3) Comércio local.....
- 4) Gastronomia.....
- 5) Atividades religiosas e culturais.....
- 6) Outras. Quais _____

24 - Indica 3 traços culturais considera que resistiram à influência das actividades turísticas?

1) _____; 2) _____;

3) _____

Apêndice B – Guião de inquérito aos turistas/visitantes

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)



O presente inquérito destinado aos turistas/visitantes, insere-se no âmbito de estudos pós-graduados na Universidade de Évora, especificamente Doutoramento. Dá corpo ao trabalho de investigação que está sendo desenvolvido na província de Malanje, intitulado: “**A construção da Realidade social nos lugares turísticos. Memórias e identidades na Província de Malanje**”. O questionário respeita ao anonimato e às questões éticas de uma forma generalizada.

Garantimos que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a privacidade.

A – QUESTÕES DE CARACTERIZAÇÃO

1 – Sexo

- 1) Masculino
2) Feminino

2 – Situação conjugal

- 1) Solteiro
2) Casado/união de facto
3) Separado/Divorciado
4) Viúvo

3 – Faixa etária (idade)

- 1) ≤19
2) 20-39
3) 40-59
4) 60-79
5) ≥ 80

4 - Em relação a sua Profissão:

- 1) Estudante
2) Trabalhador por conta própria
3) Trabalhador por conta de outrem
4) Desempregado/a
5) Reformado

5 - Habilitações Literárias

- 1) Sem estudos
2) Ensino Primário
3) Ensino Básico
4) Ensino profissional
5) Ensino Secundário
6) Bacharelato/Licenciatura
7) Mestrado/Doutoramento

B . EM RELAÇÃO À PROVÍNCIA DE MALANJE

6 – É a primeira vez que visita Malanje?

- 1) Sim
2) Não

7 - Quais foram as três principais motivações que o trouxe a visitar a Malanje?

- 1) Curiosidade
2) Património cultural
3) Paisagem
4) Eventos Culturais e actividades de Lazer
5) Visitar Familiares/Amigos
6) Motivos profissionais (Congressos, negócios)
7) Motivos religiosos
8) Clima
9) Outro. Qual?
10) N.S./N.R.

8 - Quanto tempo pretende ficar em Malanje?

- 1) Menos de uma semana
2) Uma semana
3) Duas semanas
4) Mais de duas semanas

9 – Alguma vez já interagiu/estabeleceu contacto com a comunidade malanjina?

- 1) Sim
2) Não (passa para a pergunta 10)

9.1- Se respondeu sim, indique que tipo de contacto ou interacção?

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)



- 1) transação Comercial
- 2) Prestação de Informações
- 3) Participação conjunta em actividades culturais e/ou religiosas
- 4) Outro. Qual? _____

9.2 – No contacto com os visitantes que aspectos usualmente abordam acerca da província?

- 1) história _____
- 2) Atrativos/lugares turísticos da província _____
- 3) Vida quotidiana dos malanjinjos _____
- 4) Cultura _____
- 5) Outros. Quais _____

10 – Como considera o envolvimento da comunidade na actividade turística da província?

- 1) Nada envolvido _____
- 2) Pouco envolvido _____
- 3) Envolvido _____
- 4) Muito envolvido _____

10.1 – Se respondeu 'Pouco envolvido', 'Envolvido' ou 'Muito Envolvido', de que forma é que se envolve? _____

11– Dos lugares no quadro abaixo indica, na sua opinião ordenando de 1 a 3 os lugares que mais identifica Malanje e o seu povo.

Lugares			
Pedra de pungo-a-ndongo		Reserva do Milando	
Quedas de Kalandula		Quedas do luando	
Quedas de Musselegi		Ilhas do kwanza	
Quedas do bem Casados		Rápidas do kwanza	
Mirante de Kabatuquila		Parque Nacional de Cangandala	
Túmulo da rainha Njinga			

12 – Que aspectos considera importantes na construção dos lugares turísticos de Malanje?

- 1) História _____
- 2) Cultura _____
- 3) paisagem/natureza _____
- 4) Gastronomia _____
- 5) personalidades _____
- 6) Outros (quais) _____

13 - Na sua opinião qual é a principal atracção que promove a Malanje como potencial destino turístico de Angola?

- 1) Eventos culturais e religiosos _____
- 2) Hospitalidade _____
- 3) Clima _____
- 4) Paisagem _____
- 5) Gastronomia _____
- 6) Património Cultural _____
- 7) Outro. Qual? _____
- 8) N.S./N.R _____

14 - Que tipo de ligação estabelece relativamente aos lugares turísticos da província?

- 1) ligação familiar/afetiva _____
- 2) Lugar de evasão/diversão _____
- 3) Lugar de comércio/vendas _____
- 4) outras. Quais _____

15 – Identifica duas fases da construção da realidade social nos lugares turísticos na província que considera mais importante.

- 1) Época da colonização _____
- 2) Independência _____
- 3) Acordo de paz _____
- 4) Atualmente _____
- 5) 5) Outro _____

16 - Que importância atribui à memória colectiva na construção dos lugares turísticos?

- 1) Nada importante _____
- 2) Pouco importante _____
- 3) Importante _____
- 4) Muito importante _____

16.1 – Justifique a sua escolha _____

17 – É do seu conhecimento caso de pessoas que regressaram a Malanje com o intuito de reviver o passado?

- 1) Sim _____
- 2) Não (passa a pergunta 18) _____

17.1 - Em que actividades/eventos participaram durante a estadia?

- 1) Visita a famílias _____
- 2) passeio pelas ruas e casas _____
- 3) actividades culturais/religiosas _____
- 4) visita a atrativos turísticos _____

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)



5) = outros (quais) _____

18 - Que traços/aspectos da província já ouviu falar pelos "mais velhos" que não chegou a conhecer? _____

19 - Que imagens guarda antes do alcance da paz em relação ao fluxo de visitas nos lugares turísticos de Malanje?

- 1) Lugares usado só pelos nacionais _____
- 2) Lugares com poucas visitas _____
- 3) Lugares de atividades diárias _____
- 4) Lugares com muitas visitas _____
- 5) lugares abandonados _____

20 - Que importância atribui às figuras históricas e lendárias da província na construção dos lugares turísticos?

- 1) Nada importante _____
- 2) Pouco importante _____
- 3) Importante _____
- 4) Muito importante _____

20.1 Justifica a sua escolha _____

21 - Das questões seguintes preencha as colunas laterais atribuindo valores conforme a indicação da escala: 1- Nada importante, 2 - Pouco importante, 3 - Importante, 4 - Muito importante, 5 - NS/NR

Nº S	QUESTÕES	RESP/ESC
21. 1	Qual o grau da importância que atribui aos turistas/visitantes na construção dos lugares turísticos de Malanje?	
21. 2	Qual o grau da importância que atribui a comunidade local na construção dos lugares turísticos de Malanje?	
21. 3	Qual o grau da importância que atribui aos agentes do turismo na construção dos lugares turísticos de Malanje?	
21. 4	Qual o grau da importância que atribui aos media na construção dos lugares turísticos de Malanje?	

27 - Que aspectos recomendaria para quem pretenda visitar Malanje? _____

22 - Qual é o seu grau de satisfação sobre os atrativos da província de Malanje?

	Muito Insatisfeito (1)	Insatisfeito (2)	Nem satisfeito Nem insatisfeito (3)	Satisfeito (4)	Muito Satisfeito (5)	N.S./N.R. (6)
1)Gastronomia						
2)Actividades de lazer/recreação						
3)Aspectos naturais da paisagem						
4)Hospitalidade						
5)Artesanato						
6) Interação com a comunidade						
7)Actividades culturais e religiosas						

23 - Na sua opinião em que sectores da vida da comunidade verificam-se maior interferência do turismo?

- 1) Vestuário _____
- 2) Alimentação _____
- 3) Língua _____
- 4) Tarefas diárias _____
- 5) Outros _____
- 6) Nenhum _____

24 - Qual é a influência do fluxo turístico nas actividades da comunidade com maior ênfase?

- 1) Rendimento _____
- 2) Restauração/alojamento _____
- 3) Comércio local _____
- 4) Gastronomia _____
- 5) Atividades religiosas e culturais _____
- 6) Outras. Quais _____

25 - Indica 3 traços culturais considera que resistiram à influência das actividades turísticas?

1) _____; 2) _____; 3) _____

26- Pensa voltar à Malanje?

- 1) Sim _____
- 2) Não _____
- 3) Talvez _____
- 4) N.S./N.R. _____



O presente inquérito insere-se no âmbito de estudos pós-graduados na Universidade de Évora, especificamente Doutoramento. Dá corpo ao trabalho de investigação que está sendo desenvolvido na província de Malanje, intitulado **“A construção da Realidade social nos lugares turísticos. Memórias e identidades na Província de Malanje”**. A entrevista respeita ao anonimato e às questões éticas de uma forma generalizada.

Garantimos que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para a elaboração da tese, e serão tratados de forma sigilosa para preservar a privacidade.

Os nossos agradecimentos pela sua colaboração!

GUIÃO DE ENTREVISTA

Autoridades tradicionais (Sobas e regedores)

1. Como considera a construção da sociedade malanjina?
2. Realça as fases da construção da realidade social malanjina.
3. A nível cultural que traços marcam a construção dos lugares turísticos da província?
4. Que recordações/histórias/memórias sobreviveram a várias gerações malanjinhas?
 - a. Quais se perderam e porquê?
5. Como considera a influência do turismo na construção da sociedade malanjina? (antes e actualmente).
6. Quais são os atractivos primordiais da província?
7. Que planos para a província de modo a preservar a identidade e a cultura?
8. Como vê a continuidade da construção social de Malanje tendo em conta o crescimento da atividade turística?
9. Considera haver alguma interação entre a comunidade e os visitantes? Em que circunstâncias?
10. Como analisa a interferência da colonização na construção da realidade social malanjina?
11. Quais as figuras históricas e lendárias da província considera mais importante na construção dos lugares turísticos?
12. Que planos para os lugares turísticos de Malanje a nível da inclusão social?

Discente: Samuel Varela

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

Nº	QUESTÕES	RESPOSTAS
1	Como considera a construção da sociedade malanjina?	É uma sociedade construída pelo trabalho dos homens
2	Realça as fases da construção da realidade social malanjina.	As fases são a época do colono e o período da paz
3	A nível cultural que traços marcam a construção dos lugares turísticos da província?	São as pessoas, as nossas músicas e as histórias
4	Que recordações/histórias/memórias sobreviveram a várias gerações malanjinas?	As histórias dos nossos antepassados
4 ^a	Quais se perderam e porquê?	O modo como os nossos antepassados faziam as coisas; os jovens de agora não querem saber da cultura
5	Como considera a influência do turismo na construção da sociedade malanjina? (antes e actualmente).	No tempo dos colonos só eles podiam ir a lugares bonitos e seus amigos; agora podemos circular. Muitos turistas vem ouvir as nossas histórias
6	Quais são os atractivos primordiais da província?	Os lugares das nossas culturas, as quedas de Calandula, Palanca Negra Gigante, As pedras do Pungo Andongo, os túmulos dos nossos reis
7	Que planos para a província de modo a preservar a identidade e a cultura?	Não conheço planos do governo, mas agora Malanje é das 7 maravilhas de Angola
8	Como vê a continuidade da construção social de Malanje tendo em conta o crescimento da atividade turística?	O turismo é bom, mas eles têm que deixar alguma coisa para nós; devem apoiar-nos. Quando vem ouvir as histórias devem pagar

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

9	Considera haver alguma interação entre a comunidade e os visitantes? Em que circunstâncias?	Sim. Há quando nós contamos as histórias, as mamás que vendem
10	Como analisa a interferência da colonização na construção da realidade social malanjina?	Fizeram muitas coisas; desapareceram muitos familiares até hoje.
11	Quais as figuras históricas e lendárias da província considera mais importante na construção dos lugares turísticos?	N'gola kiluange, Kiluange, rainha Njinga
12	Que planos para os lugares turísticos de Malanje a nível da inclusão social?	Não conheço nenhum plano. Quando há alguma visita somos chamados a representar e vestir os nossos fatos

INFORMANTE 2, SOBA 2

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

Nº	Questões	RESPOSTAS
1	Como considera a construção da sociedade malanjina?	Sociedade de paz desde os tempos dos nossos antepassados
2	Realça as fases da construção da realidade social malanjina.	Durante a guerra era muito difícil. Com a paz as coisas estão e melhorar. Também antes da chegada dos portugueses estávamos bem.
3	A nível cultural que traços marcam a construção dos lugares turísticos da província?	Marimba, as comidas que são vendidas junto desses lugares, as atividades das nossas igrejas
4	Que recordações/histórias/memórias sobreviveram a várias gerações malanjinhas?	As batalhas que a Njinga e Ngola Kiluange tiveram com os portugueses
4 ^a	Quais se perderam e porquê?	Há muitas coisas que desapareceram. Os nossos campos de algodões; muitos animais que existiam no Parque de Cangandala; muitas frutas que existiam no Pungo andongo. Os colonos destruíram muitas coisas. Os nossos jovens já não querem saber as nossas histórias
5	Como considera a influência do turismo na construção da sociedade malanjina? (antes e actualmente).	O turismo é bom, mas sinceramente nós não sentimos nada. Vem e vão. Visitam alguns lugares, no máximo passeiam nos barcos pelo rio. Mais nada.
6	Quais são os atractivos primordiais da província?	As quedas de calandula, pedras de pungo andongo, palanca negra, quedas do milando, rápidos do kwanza
7	Que planos para a província de modo a preservar a identidade e a cultura?	Não sei se há planos, mas fala-se muito de Pólo de Calandula. Espero que venha a ser importante.
8	Como vê a continuidade da construção social de Malanje tendo em conta o crescimento da atividade turística?	O turismo é bom e acredito que venha a contribuir para a nossa província com a construção de mais hotéis e mais vendas dos nossos produtos do campo

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

9	Considera haver alguma interação entre a comunidade e os visitantes? Em que circunstâncias?	Alguns turistas vem e andam com os guias. Outros compram alguns produtos nossos. Tiram fotografias.
10	Como analisa a interferência da colonização na construção da realidade social malanjina?	Foi um momento difícil. Nós nem podíamos falar nada, mas também depois deles saírem foram momentos complicados.
11	Quais as figuras históricas e lendárias da província considera mais importante na construção dos lugares turísticos?	Kiluanje e Njinga
12	Que planos para os lugares turísticos de Malanje a nível da inclusão social?	Estamos a espera para ver quais os benefícios podemos ter.

INFORMANTES 3, SOBA 3 e SOBA 4

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

Nº	Questões	RESPOSTAS
1	Como considera a construção da sociedade malanjina?	Sociedade construída com a força dos antepassados; seguimos os ensinamentos do Kiluangi
2	Realça as fases da construção da realidade social malanjina.	Depois da paz trouxe muitas visitas
3	A nível cultural que traços marcam a construção dos lugares turísticos da província?	Em relação às frutas só podia se comer uma tipologia.
4	Que recordações/histórias/memórias sobreviveram a várias gerações malanjinas?	As histórias dos nossos antepassados, as lutas dos nossos heróis. Todos, crianças e adultos sabem e contam o que aconteceu...
4 ^a	Quais se perderam e porquê?	-----
5	Como considera a influência do turismo na construção da sociedade malanjina? (antes e actualmente).	Sempre houve visitas. Mesmo no tempo colonial, mas eram sempre brancos ou então os governadores de outras províncias
6	Quais são os atractivos primordiais da província?	Kalandula e Pungo Andongo

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

7	Que planos para a província de modo a preservar a identidade e a cultura?	Não sei. Sinceramente só se fala das 7 maravilhas, mas na prática está tudo igual
8	Como vê a continuidade da construção social de Malanje tendo em conta o crescimento da atividade turística?	O turismo é bom. Nós queremos mais visitas. Mas está a mudar muitos jovens. Já querem falar a língua dos turistas, passam os dias nos lugares que os turistas estão e não querem trabalhar nas lavras.
9	Considera haver alguma interação entre a comunidade e os visitantes? Em que circunstâncias?	Sim, há interação. Mas não oferecem nada. Vão as quedas Kalandula, musselegi, quedas de luando. Passam 3 a 4 dias aqui.
10	Como analisa a interferência da colonização na construção da realidade social malanjina?	Havia muitos brancos também, mas havia respeito.
11	Quais as figuras históricas e lendárias da província considera mais importante na construção dos lugares turísticos?	Rainha Njinga, N'gola kiluange, Matamba; As televisões, os jornalistas vêm sempre aqui. Falta-nos luz e água.
12	Que planos para os lugares turísticos de Malanje a nível	Bar e hotéis. Não há respeito dos meninos e meninas nas quedas. Não conhece os planos que existem. 7maravilhas até vieram visitar-nos. Disseram que se Kalandula

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

	da inclusão social?	ganhasse os sobas iriam receber alguma coisa... mas nunca mais apareceram.
--	---------------------	--

INFORMANTE 4 REGEDOR

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

Nº	Questões	RESPOSTAS
1	Como considera a construção da sociedade malanjina?	Somos descendentes do reino de Ndongo, corajosos e lutadores
2	Realça as fases da construção da realidade social malanjina.	Acordo de paz; com independência ainda foi muito complicado.
3	A nível cultural que traços marcam a construção dos lugares turísticos da província?	Marimba, a nossa alimentação...
4	Que recordações/histórias/memórias sobreviveram a várias gerações malanjinas?	Autoridades tradicionais. Marimba. Nós não aceitamos coisas novas dos mais jovens aqui.
4 ^a	Quais se perderam e porquê?	Antes íamos ao rio com milho e deitávamos para os nossos antepassados que descansam debaixo da terra.
5	Como considera a influência do turismo na construção da sociedade malanjina? (antes e actualmente).	Nós pouco sentimos o turismo. Vem e vão. Podem comprar alguma coisa e tirar fotografias. As crianças é que vão lá estar com eles, servir de guias... até aprendem as palavras nas línguas deles
6	Quais são os atractivos primordiais da província?	1 e 2 – quedas de Kalandula, Pedras negras e Baixa de Cassangi, Cangandala, Palanca, quedas de musseleji

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

7	Que planos para a província de modo a preservar a identidade e a cultura?	Não dá pra prever, pois o futuro ainda não chegou.
8	Como vê a continuidade da construção social de Malanje tendo em conta o crescimento da atividade turística?	Vai ser bom. Vai trazer mais investimentos, hotéis e restaurantes
9	Considera haver alguma interação entre a comunidade e os visitantes? Em que circunstâncias?	1 – ligação a partir da administração; há envolvimento qdo nos comunicam das visitas; participam em festas conjuntamente. 2 – qdo formos convocados estamos juntos; mtos vem e não sabemos. Qdo é necessário trabalhos tradicionais, histórias aí somos chamados
10	Como analisa a interferência da colonização na construção da realidade social malanjina?	A colonização mudou muita coisa. As ruas estavam melhor organizadas, mas também nem podíamos circular em todas as partes
11	Quais as figuras históricas e lendárias da província considera mais importante na construção dos lugares turísticos?	Ngola kiuange, Njinga n'bandi; N'dongos. Tem que se conhecer as imagens; - importante vinda de turistas; vivem experiências; há encontros com jovens, guias. Queremos estrangeiros que vem de longe e contruam fábricas, para embelezar os municípios.
12	Que planos para os lugares turísticos de Malanje a nível	2 - Só temos promessas do estado. Não há desenvolvimento; tem que ser remunerado;

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

	da inclusão social?	1 – Estado deve fazer algo para que os estrangeiros possam oferecer algumas coisas. Os benefícios recaem só para os turistas. - só o governo conhece os planos.
--	---------------------	--

INFORMANTE 5 – SOBA 5

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

Nº	Questões	RESPOSTAS
1	Como considera a construção da sociedade malanjina?	É um povo que sempre trabalhou a terra. Agricultores e criadores de gado.
2	Realça as fases da construção da realidade social malanjina.	Depois da paz. Antes era muito complicado. Havia dias que ficávamos presos dentro da nossa casa por 15 dias. Até a água acaba, comida... tempos difíceis
3	A nível cultural que traços marcam a construção dos lugares turísticos da província?	As nossas danças, marimba, a nossa comida
4	Que recordações/histórias/memórias sobreviveram a várias gerações malanjinas?	As histórias dos nossos guerreiros.
4 ^a	Quais se perderam e porquê?	-----
5	Como considera a influência do turismo na construção da sociedade malanjina? (antes e actualmente).	Só visitas aos lugares e paisagens. Quando vem grupo somos chamados para contar histórias do nosso povo
6	Quais são os atractivos primordiais da província?	As quedas de Calandula, Pedras do Pungo Andongo, a Palanca Negra Gigante, Quedas de Musselegi

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

7	Que planos para a província de modo a preservar a identidade e a cultura?	Tem que valorizar a nossa cultura, as nossas histórias. Os ensinamentos dos nossos antepassados
8	Como vê a continuidade da construção social de Malanje tendo em conta o crescimento da atividade turística?	O turismo é bom se quando vem deixam alguma coisa ajuda-nos para mantermos a tradição.
9	Considera haver alguma interação entre a comunidade e os visitantes? Em que circunstâncias?	Há interação, mas muito pouco. Às vezes mandam os guias fazer compras e falar com as pessoas. Muitas vezes nem nos avisam da vinda deles.
10	Como analisa a interferência da colonização na construção da realidade social malanjina?	A chegada do colono queria acabar com as nossas línguas nacionais e as nossas culturas... nem podíamos comunicar nas nossas línguas
11	Quais as figuras históricas e lendárias da província considera mais importante na construção dos lugares turísticos?	N'gola Kiluange e Rainha Njinga
12	Que planos para os lugares turísticos de Malanje a nível	Não conheço. Só quando há visitas dos governos é que nos chamam.

A construção sociocultural dos lugares turísticos. Memória e identidade na província de Malanje (Angola)

	da inclusão social?	
--	---------------------	--

